

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA – INMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – PPGEduMat

LILIAN OLIVEIRA DANIEL

MÚLTIPLOS CENÁRIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO  
GROSSO DO SUL A PARTIR DE NARRATIVAS DE PROFESSORES DE  
MATEMÁTICA

CAMPO GRANDE /MS

2022

LILIAN OLIVEIRA DANIEL

MÚLTIPLOS CENÁRIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO  
GROSSO DO SUL A PARTIR DE NARRATIVAS DE PROFESSORES DE  
MATEMÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Regina Mariano da Silva

CAMPO GRANDE /MS

2022

LILIAN OLIVEIRA DANIEL

MÚLTIPLOS CENÁRIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO  
GROSSO DO SUL A PARTIR DE NARRATIVAS DE PROFESSORES DE  
MATEMÁTICA

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestra em Educação Matemática, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Regina Mariano da Silva

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Antônio Vicente Marafioti Garnica  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

CAMPO GRANDE /MS

2022

## AGRADECIMENTOS

Esta escrita da dissertação faz parte de uma construção coletiva. Muitas pessoas atravessaram meu caminho, umas em poucos momentos, outras em vários. No meu eu de hoje tenho um pouco de muitos e muito de poucos. Chegar até aqui nesse lugar, contando uma história da qual eu acredito e faço parte, é a realização de algo que há tempos eu almejava. Agradeço a todos os meus amigos, dentre eles um muito em especial. Encontrar o Gerson no meu primeiro dia de aula na UFMS foi atestar a validade de um passaporte de amizade para a vida toda. Minha família são o porto de paz, segurança e amor. Os amo incondicionalmente. Meus professores são aqueles que me inspiram na busca das metas, por meio de exemplos ou até mesmo de contra exemplos, me inspiram em cada empreitada. Carla Regina, minha orientadora, que mesmo em anos de pandemia, de orientação a distância, de desafios por ter visto em mim uma orientanda professora e nada acadêmica acreditou em mim. Dela recebi as doses de conselhos necessárias, o silêncio que me fez escutar melhor o que o caminho me apontava, a orientação para trilhar minha formação. Agradeço aos professores de Matemática da EJA que participaram desta pesquisa, com eles vivenciei narrativamente suas histórias e os visitei, mesmo que remotamente; pude ver suas escolas, suas práticas, sua EJA. Eles compartilharam as suas experiências educativas comigo, e me fizeram participar do seu cotidiano, e das suas memórias. Agradeço a todas as pessoas que trabalharam e trabalham na educação, especialmente com a educação de jovens, adultos e idosos que, de alguma forma, estiveram presentes nessa caminhada da vida. A todos que foram meus alunos, que me ensinaram e, ainda me ensinam o que é trabalhar na educação, e com a educação. Ser professora foi um dos melhores sins da minha vida; certamente faria tudo outra vez.

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente de repente nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele.

(Paulo Freire, 2020)

## RESUMO

O que pode a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul? Neste trabalho, produzimos uma história da Educação de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul, do ponto de vista dos professores de Matemática da modalidade. Com essa questão de pesquisa investigamos múltiplos cenários das escolas da EJA no estado e conversamos com 12 professores que lecionaram na modalidade no ano de 2020, em 12 municípios distintos. Buscamos evidenciar as particularidades, os desafios, a realidade, o cotidiano da escola da EJA. Pautamos a pesquisa na produção de narrativas tendo como metodologia a História Oral. Uma metodologia democrática, que motiva o diálogo e a colaboração dos sujeitos, valorizando as experiências, memórias, identidades e subjetividades. As narrativas dos professores direcionaram nosso olhar para como essa escola tão própria opera, para seu modo de organização, para aquilo que também pode acontecer no entre, subvertendo algumas regras propostas pelas normatizações, performando táticas mobilizadas por professores em suas atividades profissionais diárias. Os professores nos contaram sobre as relações intergeracionais, as marcações do tempo na escola, a juvenização dos estudantes da modalidade, as aulas de Matemática, os Processos de Exclusão, os saberes das experiências e a relação existente entre a oferta de cursos da EJA e Exames de Certificação. Ao olhar para as narrativas notamos que a escola se constitui meio a singularidades determinadas por características econômicas, sociais e culturais de cada região, produzindo tantas EJAs nos diferentes lugares do estado. Entendemos que as discussões não se encerram com a escrita da dissertação, visto que muitas perguntas ficaram ainda em suspensão, e continuamos perguntando: o que podem outras histórias da Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul?

**Palavras-chave:** História Oral. Historiografia. Educação de Jovens e Adultos. Formação de Professores de Matemática

## **ABSTRACT**

What can Youth and Adult Education in Mato Grosso do Sul do? In this work, we produce a history of the Education of Youths and Adults of Mato Grosso do Sul, from the point of view of the Mathematics teachers of the modality. With this research question, we investigated scenarios of 12 EJA schools in the state and talked with 12 teachers from 12 different municipalities. We seek to highlight the particularities, the challenges, the reality, the daily life of the EJA school. Our research has been based on the production of narratives using Oral History as a methodology. A democratic methodology that motivates the dialogue and collaboration of the subjects, valuing the experiences, memories, identities and subjectivities. We produced interviews with Mathematics teachers who taught at EJA in 2020. The teachers' narratives directed our gaze to how this very own school operates, to its mode of organization, to what can also happen in between, subverting some rules proposed by the norms, performing strategies and tactics mobilized by teachers in their daily professional activities. Teachers told us about intergenerational relationships, time at school, the youthfulness of students in the modality, Mathematics classes, Exclusion Processes, knowledge from experiences and the relationship between the offer of EJA courses and Exams. of Certification. When looking at the narratives, we noticed that the school is constituted through singularities determined by economic, social and cultural characteristics of each region, producing so many EJAs in different places in the state. We understand that the discussions did not end with this research, that many questions were suspended and that we still need to keep asking: what can other stories of Youth and Adult Education in Mato Grosso do Sul do?

**Keywords:** Oral History. Historiography. Formation of Mathematics Teachers

## LISTA DE SIGLAS

ABE Associação Brasileira de Educação  
AJA Avanço do Jovem na Aprendizagem  
ANE Alunos com Necessidades Especiais  
APC – Atividade Pedagógica de Curso  
BNCC Base Nacional Comum Curricular  
BNTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações  
CAAEE Certificado de Apresentação de Apreciação Ética  
CABC - Cruzada da Ação Básica Cristã  
CEAA Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos  
CEB Câmara de Educação Básica  
CEE/MS Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul  
CEEP Centro de Educação Profissional  
CEUC Centro Universitário de Corumbá  
CF Constituição Federal  
CNBB Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CNE Conselho Nacional de Educação  
CONFINTEA Conferência Internacional de Educação de Adultos  
COVID Corona Virus Disease  
CRE Coordenadoria Regional de Educação  
EaD Educação a Distância  
EDUCAR Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos.  
EE Escola Estadual  
EJA Educação de Jovens e Adultos  
ENCCEJA Exame Nacional de Certificação das Competências da Educação de Jovens e Adultos  
ENEM Exame Nacional do Ensino Médio  
ENOM Escola Novo Mundo  
GHOEM Grupo de História Oral e Educação Matemática  
HEMEP Grupo de História da Educação Matemática em Pesquisa  
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INMA Instituto de Matemática  
JGP Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho  
LDBEN Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
MCP Movimento de Cultura Popular  
MEB Movimento de Educação Básica  
MEC Ministério da Educação e Cultura  
MG Minas Gerais  
MNCA Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo  
MOBRAL Movimento Brasileiro de Alfabetização  
MOC Movimento de Organização Curricular  
MOVA Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos  
MS Mato Grosso do Sul  
NAE Núcleo de Alfabetização Escolar  
NEJA Núcleo de Educação de Jovens e Adultos  
ONU Organização das Nações Unidas Organização das Nações Unidas  
PBA Programa Brasil Alfabetizado  
PDV Plano de Demissão Voluntária  
PET Programa de Educação Tutorial  
PIBID Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência  
PNA Política Nacional de Alfabetização  
PNAA Programa Nacional de Alfabetização de Adultos  
PNE Plano Nacional de Educação  
PPGEduMat Programa de Pós Graduação em Educação Matemática  
PROFMAT Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional  
PROJOVEM Programa Nacional de Inclusão de Jovens  
REEMS Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul  
SEA Serviço de Educação de Adultos  
SED MS Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul  
SEEA Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo  
SESI Serviço Social da Indústria  
SIMTED Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação  
SIRENA Sistema Nacional de Radiofusão Educativa Nacional  
TCLE Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UFMS Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMS/CPTL Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus Três Lagoas

UNE União Nacional dos Estudantes

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP Universidade Estadual Paulista

UNOESTE Universidade do Oeste Paulista de Presidente Prudente

USAID U.S. Agency for International Development

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de Municípios, escolas e professores entrevistados (na ordem das CREs) .....	42
Quadro 2 – Relação das entrevistas (ordem que elas foram realizadas) .....	68

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – COORDENADORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO MS .....	37
Figura 2 – Mapa da localização das escolas que fazem parte da pesquisa .....	38
Figura 3 – ANASTÁCIO MS – CRE 1 .....	64
Figura 4 – RIBAS DO RIO PARDO MS – CRE2 .....	86
Figura 5 – SETE QUEDAS MS – CRE8 .....	98
Figura 6 – LADÁRIO MS – CRE3 .....	105
Figura 7 – CORONEL SAPUCAIA MS – CRE4 .....	120
Figura 8 – BATAYPORÃ MS – CRE9.....	132
Figura 9 – TRÊS LAGOAS MS – CRE12.....	143
Figura 10 – DOURADOS MS - CRE5 .....	151
Figura 11 – COXIM MS – CRE4 .....	157
Figura 12 – BONITO MS – CRE7 .....	172
Figura 13 – PARANAÍBA MS – CRE10 .....	181
Figura 14 – CAMPO GRANDE MS CAPITAL .....	188

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	14
1. MOVIMENTOS DE PRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA .....	23
1.1 História Oral .....	30
1.2 Escolhas Metodológicas .....	36
1.3 A Pandemia .....	42
2. UM BREVE PANORAMA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS .....	44
3. NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO GROSSO DO SUL .....	62
3.1 Professor Moacir Nunes da Silva Junior .....	63
3.2 Professor Maurício Soares de Magalhães .....	85
3.3 Professora Nadir Maria de Moura .....	97
3.4 Professora Lucreciana Alves de Souza Santos .....	104
3.5 Professor Adriano Franca Mariano .....	119
3.6 Professor Anderson José Borges Claro .....	131
3.7 Professor José Paulo Rodrigues .....	142
3.8 Professora Regiane Bussolo Barbosa .....	151
3.9 Professora Mônica Angélica Frares .....	157
3.10 Professora Patrícia Roberta Martins Ferreira .....	172
3.11 Professora Camila Cristina Mendes da Silva .....	181
3.12 Professor Alan Pereira Manoel .....	188
4. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO GROSSO DO SUL: HISTÓRIA DO COTIDIANO ESCOLAR .....	210
5. O QUE PODEM OUTRAS HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS? .....	250
REFERÊNCIAS .....	254
APÊNDICE .....	262
Roteiro de Entrevista .....	262
Carta de autorização .....	264
Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	265
Carta aos entrevistados .....	269
ANEXOS .....	270

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*É preciso que nosso corpo, que socialmente vai se tornando atuante, consciente, falante, leitor e “escritor” se aproprie criticamente de sua forma de vir sendo que faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se (FREIRE, 2001, p. 267).*

Filha da Ione e professora da Educação de Jovens e Adultos. Esse é meu lugar de fala. Quero começar esta dissertação contando de onde vim, quem eu sou, e onde estou. Justifico aqui minha inspiração para pesquisar sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Nasci, me criei e tive minha primeira formação no interior de Minas Gerais<sup>1</sup>, lugar de grandes quintais, pés de couve misturado em jardins floridos, pão de queijo com linguiça na mesa do almoço junto com arroz, frango e tutu de feijão. Lugar daquele cafezinho demorado, acompanhado de muita prosa. Lá ainda mora minha mãe.

Meu núcleo familiar é predominantemente feminino. Avó: viúva (em memória) e mãe de três mulheres. Minha mãe: viúva e mãe de duas mulheres. Tias: mães de mulheres. Para minha avó, nascida nos anos 1920, a escola não foi algo possível, principalmente por ser pobre e mulher. Para minha mãe e suas irmãs, nascidas nos anos 1940 e 1950, o mundo escolar também não era uma possibilidade, viviam na invisibilidade; filhas de uma viúva que foi artista circense, cantora, trapezista, vendedora de doces no picadeiro. Vó Dica era uma mulher à frente do seu tempo, queria sempre mais, buscava subverter as regras e padrões da época, queria igualdade. Analfabeta de escola com sabedoria de mundo. Ela lia o mundo mas não lia a palavra (FREIRE, 2017). Sobretudo, sabia que a escola era a única forma de emancipação, de sair daquela condição de pobreza e faltas. Lutou pela educação das três filhas, porque sabia que assim elas poderiam interrogar o mundo. Queria que elas estudassem, e por isso conseguiu bolsas de estudos para as filhas batendo às portas dos políticos da época. Deixou de herança, uma vida escrita em diários (mesmo sem ter ido à escola, escrevia diariamente suas histórias) revelados após sua morte. Falou neles sobre sua vida de mulher, mãe, viúva, artista, sobrevivente da pobreza, que não se conformava com os moldes que a sociedade lhe configurava.

---

<sup>1</sup> “O mineiro é velhíssimo, é um ser reflexivo, com segundos propósitos e enrolada natureza. É uma gente imaginosa, pois que muito resistente à monotonia. E boa — porque considera este mundo como uma faisqueira, onde todos têm lugar para garimpar. Mas nunca é inocente. O mineiro traz mais individualidade que personalidade. Acha que o importante é ser, e não parecer, não aceitando cavaleiro por argueiro nem cobrindo os fatos com aparatos. Sabe que “agitar-se não é agir””(GUIMARÃES ROSA, 1957).

Minha mãe conseguiu cursar o ensino elementar até a sexta série em uma escola particular com bolsa de estudos. Ao ser reprovada, perdeu a vaga. Depois disso, começou a trabalhar, se casou e teve duas filhas. Para ela, a escola era algo que criava possibilidades para mudar a condição social e econômica de uma pessoa. Costureira, sem completar seus estudos, focou nos estudos das filhas e batalhou para criar condições para que as filhas estudassem. Quando ficou viúva, aos 69 anos, voltou para a escola de jovens, adultos e idosos. Ela acredita na possibilidade da *educação ao longo da vida*<sup>2</sup>. Ione, mulher, viúva, mãe de duas filhas, após a viuvez retornou à sala de aula. No decorrer da sua vida adulta frequentou várias vezes essa escola, mas era a todo tempo *expulsa*<sup>3</sup> dela. A escola a abandonava, teve muitas dificuldades. Aos 69 anos voltou para as salas de aula da EJA enfrentando todos os dias os bancos escolares, em uma escola distante da sua casa, indo a pé, ou, às vezes, de carona. Concluiu a educação básica em 2019.

Em 2020 entrou para a faculdade de Pedagogia (será Pedagoga em 2023, com 74 anos). Ela quer realizar um sonho, se formar assim como suas duas filhas e a neta. Para ela, uma trajetória difícil, estudar na sua idade exige mais sacrifícios. Ela enfrenta as limitações da idade, as vistas cansadas, vivencia conflitos geracionais, sente dificuldades de adaptação às novas tecnologias. É um corpo frágil no meio dessa maquinaria que existe para moldar corpos jovens. Ela escreve poesias, lê Cecília Meirelles e quer ser uma professora de jovens e adultos.

A persistência da Dona Ione me inspira, me movimenta. Por ela tenho admiração e orgulho. Com sua força de vontade; não aceitou os discursos que ecoavam reforçando à ela que velho não pode estudar. Como ela, reconheço tantas Iones na EJA, algumas superaram seus problemas e concluíram seus estudos, outras ficaram pelo caminho, expulsas da escola. Por essas outras Iones, precisamos continuar lutando pela educação de qualidade, reparadora, equalizadora e emancipadora, debatendo, estudando educação. Vejo tantas Iones espalhadas pelo Brasil. Mulheres, viúvas, idosas, negras, pobres, nas batalhas diárias, no trabalho, na maternidade, no ônibus, no desemprego, nos subempregos, na vida, nas salas da EJA ou sonhando em voltar para a escola.

A Educação de Jovens e Adultos pode ser uma possibilidade, como foi para minha mãe. Um recomeço. A educação deve ser reconhecida, conforme o Parecer 11/2000, como um

---

<sup>2</sup> Para Gadotti, a educação ao longo da vida é uma educação voltada para a participação, para a cidadania, não um conceito neutro.

<sup>3</sup> No texto *Reinventar a Educação é Inverter Prioridades: o lugar da educação de adultos como política pública*, Moacir Gadotti e Sônia Couto (2018), trazem uma discussão sobre o termo “evasão”. De acordo com os autores, quando o trabalhador evade, esse ato carrega características próprias. Esse estudante não pode ser culpado por não ter estado na escola na “idade própria”. Esse termo evasão é substituído por Freire, pelo termo “expulsão”.

serviço público de *direito de todos e dever do Estado, que tem a obrigação de interferir no campo das desigualdades e, com maior razão no caso brasileiro, no terreno das hierarquias sociais, por meio das políticas públicas* (BRASIL, 2000).

Sou professora da EJA desde 2001. Comecei a lecionar em uma escola<sup>4</sup> no interior de Mato Grosso do Sul. Um lugar novo, meu primeiro emprego. Eu estava a 1.100 Km distante da minha cidade natal, Campo Belo, MG, dos meus amigos, da minha família, de minhas referências de vida. Estava longe dos meus pais, mas eu sabia que naquele lugar eu poderia ser uma professora. A escola tinha sido recém-inaugurada, e muitas pessoas voltaram a estudar por causa da oferta da EJA no município. As salas ficaram lotadas, tínhamos muitos desafios pela frente. Naquele lugar tratávamos de coisas para além da Matemática, por ali se passavam muitas histórias de vida, sonhos, desafios, superação, dificuldades. Tínhamos em um mesmo lugar diferentes histórias, experiências, havia encontros de pessoas e mundos.

Com a EJA aprendi e aprendo todos os dias; nela me formo. Nessa escola, há uma complexidade, onde o movimento de aprender a ser professor atravessa o contexto diário. Ao olhar para a professora que fui me tornando e que a cada dia se formava ao estar na escola, busco trazer um pouco da *formação inventiva* para meu cotidiano, pois “se formar não é apenas dar forma, mas, muitas vezes, envolve também estratégias de desmanchamento de certas formas e políticas cognitivas cristalizadas, para dar lugar a outros modos de relação com o mundo, com as pessoas e consigo mesmo (DIAS, 2011, p.270). Essa formação professora com o que Dias (2011) diz ser uma *formação inventiva*, pode ser entendida “não é um conjunto de regras para serem aplicadas, nem um saber pronto para ser transmitido” (p.285). Uma ideia de formação sem uma receita geral e nem com um conceito globalizante a seguir. Nela há sim deslocamentos, entre formas e forças. Como uma prática, e não como uma aquisição de saber e de transmissão de informação, se fundamentando na experiência presente, sempre provisória.

É nessa modalidade que tenho vivenciado a escola, as salas de aula, as práticas educativas, a minha trajetória profissional na educação. As histórias da EJA se misturaram à minha, e/ou mudaram a minha história, porque essa experiência se tornou também minha vida. “A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros” (LARROSA, 2020, p. 43). Sou uma professora da EJA, atravessada pelo saber da experiência que me faz ser e me torna a pessoa que conta/experimenta/produz/compartilha/vive esta pesquisa.

---

<sup>4</sup> Escola Estadual Chico Mendes, em Água Clara, MS.

E foi, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) que senti, naquele momento, que iniciaria algo novo que me motivava. Era uma possibilidade de fazer novos amigos, de me relacionar com outros professores, adquirir outras leituras e ter em minha vida coisas que até então eu não imaginava que um dia iria encontrar. Eu estava em outro lugar, um local onde há tempos eu tinha deixado de estar, a Universidade.

Ao entrar em contato com a Carla, minha orientadora, falamos sobre as possibilidades de investigação, mas interrogar a EJA era o que fazia sentido, me movimentava em estar de volta à Universidade e investir na minha formação. E foi nessa direção, que após muitos diálogos e leituras, decidimos o objetivo da pesquisa: produzir uma história sobre a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul, e perguntar: “o que pode a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul?”. Convidamos a participar desta investigação 12 professores de Matemática, 13 por termos incluído as vivências da autora desta dissertação, que lecionavam ou que lecionaram na Educação de Jovens e Adultos no estado, e baseado em suas narrativas contamos uma história sobre “como” a EJA tem sido produzida neste estado, suas particularidades, seus desafios, sua realidade, seu cotidiano, em uma escola tão própria.

Quero acrescentar aqui que, enquanto pesquisadora, não acredito na neutralidade da escrita de um texto e nem pretendo, usando as palavras de Veiga-Neto (2014), escamotear meu discurso ao não usar minha fala na primeira pessoa do singular. Nessa direção, justifico aqui que pretendo, no decorrer desta escrita, utilizar o pronome pessoal na primeira pessoa do plural, pois ao usá-lo digo que não produzi uma pesquisa solo. Reafirmo que acredito no poder da coletividade na investigação, e que como pesquisadora optante pela metodologia História Oral, valorizo o trabalho em grupo em detrimento de produções individuais. Desejo relatar a participação do meu grupo de pesquisa nesta investigação, que esteve e ainda está sempre presente na minha rotina semanal, contribuindo com leituras, discussões, palavras de apoio e incentivo, discutindo movimentos das pesquisas. Também desejo valorizar as vastas horas de conversa com minha orientadora, que com seu olhar crítico, pontual, assertivo, contribui em cada diálogo, fomentando novas possibilidades, direções, tomadas de decisões. E não menos importante, ao utilizar o pronome nós, coloco no texto a contribuição dos professores entrevistados, que colaboraram para o construir e o reconstruir desta dissertação. Acredito que após encontrar com o outro, e discutir com ele, não somos mais o que éramos antes.

## **ESTABELECENDO ALGUNS DIÁLOGOS**

Nesses encontros, busquei por trabalhos que contribuíram para delimitar o nosso campo de pesquisa. Em um desses levantamentos, realizamos pesquisas bibliográficas sobre essa modalidade no banco de dados da biblioteca digital Brasileira Nacional de Teses e Dissertações (BNTD). A primeira pesquisa feita nesta base, com modo de pesquisa entre aspas as palavras “Educação de Jovens e Adultos” e “Mato Grosso do Sul”, apontou apenas cinco trabalhos referentes ao tema: 2 (duas) teses específicas sobre escolas inseridas em prisões - uma realidade diferente do meu objeto de estudo - e 3 (três) dissertações, sendo uma delas com título “Interdições e contradições na política de inclusão de jovens e adultos com deficiência no estado de Mato Grosso do Sul”, outra intitulada “Educação Física na Educação de Jovens e Adultos: percursos formativos e profissionais de professores” e a terceira “Matemática na educação do campo”, sendo que essas 3 (três) dissertações não abordam a Educação de Jovens e Adultos urbana e nenhuma delas discute os projetos da Educação de Jovens e Adultos Urbano.

Continuando a busca em bancos de dados de pesquisas realizadas no Estado de Mato Grosso do Sul, modalidade Educação de Jovens e Adultos, acessamos a plataforma de registro de pesquisas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e, encontramos neste ambiente 2 (duas) dissertações referentes a este tema. São elas: Silva (2016) “A simplificação do conhecimento no ensino de filosofia no Projeto EJA III em Mato Grosso do Sul (2013-2014): análise de um instrumento de trabalho do professor”, que tem como foco o conhecimento transmitido por meio do manual didático “Filosofando: Introdução à Filosofia” utilizado no ensino de filosofia no Projeto EJA III em uma escola do município de Coxim/MS durante os anos de 2013 e 2014; e a dissertação de Cordoval (2020) nominada Projovem Urbano: instrumentos didáticos em análise (2008 – 2018), que analisa os manuais didáticos do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano, com foco nos conteúdos de Ciências Humanas/Eixo estruturante Juventude e Trabalho, com perspectiva no papel que cumprem na relação educativa. Entretanto, as duas dissertações focam em projetos específicos da modalidade, a primeira olha para o ensino de filosofia no Projeto EJA III (um projeto autorizado pela Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul em 2013, e que fica em operação de 2013 a 2016) e a segunda trata sobre o Projeto Projovem Urbano (um projeto Federal operacionalizado com recursos da União, em algumas escolas da Rede Estadual de Ensino), evidenciando os estudos dos instrumentos didáticos dos componentes específicos. Apesar de terem um foco diferente do aqui localizado, esses trabalhos nos ajudam a olhar para projetos da EJA que foram operacionalizados em Mato Grosso do Sul e suas especialidades. A dissertação

de Silva (2016), retrata sobre Projeto EJA III, que antecedeu, juntamente com o projeto EJA IV, o projeto Conectando Saberes, atualmente ofertado pela Rede Estadual de Ensino (REE). Amparamos focar nos seus estudos sobre as características específicas de tal projeto, que segundo o autor, tinha como principal diferencial a flexibilização do tempo do estudante dentro da escola. Nesse projeto, o estudante tinha condições de escolher quantos componentes curriculares/disciplinas ia cursar simultaneamente, desde que os horários fossem compatíveis. Era uma inovação na escola da EJA na REE. Um projeto com mais flexibilidade, onde o estudante tinha autonomia de fazer escolhas, até cumprir todo o currículo que compunha a etapa em curso (fundamental ou médio). Outra especificidade, citada por Silva (2016), era a matrícula disponibilizada durante todo o ano, desde que houvesse vagas, e a carga horária do estudante, composta por Atendimento Coletivo e Personalizado, ambos de caráter obrigatório e pelo Atendimento Direcionado, caso houvesse necessidade. O autor fez críticas sobre a forma de operacionalização do projeto, atestando que a oferta dos conteúdos era operacionalizado de forma fragmentada e simplificada.

Cordoal (2020), analisa o Projeto Projovem Urbano, que apesar de ter sido um projeto operacionalizado com recursos federais, perpassou pelas escolas estaduais de Mato Grosso do Sul. Olhamos para seus apontamentos acerca da necessidade da EJA ter no seu corpo docente profissionais habilitados para atuarem na modalidade. Para o autor, suas pesquisas direcionam a atenção de que a modalidade necessita de um corpo docente que considere as especificidades dos jovens, adultos e idosos contribuindo para uma formação que lhes possa ser socialmente relevante. Ele propõe, nas análises do trabalho, a adoção de medidas pontuais e a construção de um sistema nacional de formação de professores da EJA. Alguns dos entrevistados nesta pesquisa pontuam algo parecido, quando perguntados sobre a formação de professores para atuar na EJA. Nesse sentido, se faz necessário, que os cursos de licenciaturas integrem as várias discussões pertinentes à modalidade em seus currículos, além de políticas e formação continuada dos professores. Esse autor propõe ampliar as redes de discussão sobre a EJA, rompendo processos de contratação de docentes para atuarem sem preparo para lidar com as particularidades dos estudantes.

A pesquisa de Rodrigues (2015) perpassa por uma escola da EJA no município de Paranaíba, em Mato Grosso do Sul - Escola Estadual José Garcia Leal (onde uma das entrevistadas desta pesquisa de mestrado é professora de Matemática). O autor analisa como se deflagra o processo de exclusão escolar de alunos da Educação de Jovens e Adultos em uma escola do interior de Mato Grosso do Sul, escutando 11 estudantes. No ano da pesquisa, as

escolas da Rede começam a operacionalizar o projeto pedagógico de curso da EJA urbana - EJA III. Fica evidente nas falas dos depoentes os desafios da transição desses projetos.

Com esse autor olhamos para os processos de exclusão escolar e quais os mecanismos de exclusão na Educação de Jovens e Adultos. Ele evidencia alguns mitos “como uma intenção histórica naturalizada, uma verdade despolitizada” (RODRIGUES, 2015, p.50) que são produzidos pela sociedade. E contribui nas discussões desta dissertação ao sinalizar suas reflexões para os *Processos de Exclusão*, que perpassam também a escola que oferta cursos da Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul.

A intenção de discutir esses mitos é partir de experiências locais e buscar alcances mais gerais. Esse autor procura fazer um exercício de olhar sobre as práticas comumente usadas nas aulas da Matemática Escolar e mostra como elas podem contribuir para a normalização e exclusão do indivíduo. Rodrigues coloca à mesa temas como: a organização curricular; o modelo da escola como instituição disciplinar nos tempos atuais; a necessidade de normalização dos indivíduos para que caibam nos padrões “normais” modelados à sociedade; os mitos de uma escola inclusiva que produz exclusões de estudantes que não tiveram a oportunidade de estudar na idade adequada; a supervalorização de um diploma como se somente ele fosse capaz de gerar sucesso e produzir melhores condições de vida, um mito que inferioriza as profissões que não requerem esse tipo de escolarização. Ele discute como a sociedade e a escola cristalizam determinadas verdades, normaliza os indivíduos, automatiza atividades em um círculo vicioso de poder-saber. Um texto que nos permite pensar em como as relações de poder vão sendo produzidas e imbricadas na sociedade para efetivar o controle dos indivíduos.

Olhamos ainda para o que tem sido produzido sobre a EJA nos grupos GHOEM – Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática e HEMEP – História da Educação Matemática em Pesquisa, onde encontramos a tese intitulada *O ensino de Matemática na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (Betim, Minas Gerais, 1988-2007)* de autoria da Ana Rafaela Correia Ferreira. Essa pesquisa apresenta compreensões sobre a Educação de Pessoas Jovens e Adultas e o ensino de Matemática em cursos oferecidos pela Rede Pública Municipal de Educação de Betim (Minas Gerais) no período de 1988 a 2007. A autora traz compreensões de 17 pessoas que atuaram no curso trazendo percepções, crenças, padrões de comportamento e estratégias sobre o ensinar e aprender Matemática em cursos do segundo segmento do Ensino Fundamental, na modalidade Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA). A tese nos conta uma história possível dos diferentes cursos ofertados pela modalidade na Rede Municipal de Betim/MG. Aborda temas que se aproximam com nossa pesquisa como aspectos da formação

dos educadores e suas compreensões sobre os cursos da EJA, sobre os estudantes, o ensino de Matemática, estratégias pedagógicas e práticas avaliativas. Há uma discussão sobre a visão compensatória da EJA, que ainda traz concepções do ensino supletivo para a modalidade e uma percepção de que não é possível oferecer uma educação de qualidade, continuando assim contribuindo para uma visão de inferioridade em relação ao ensino regular. A autora discute o perfil do estudante da EJA, que trazem consigo aos espaços escolares suas vivências, suas dificuldades, mas também esperanças e possibilidades, o movimento de *rejuvenilização* do seu público e as concepções no que concerne a Matemática, dentre elas, uma tendência de afirmação da universalidade e da onipresença da disciplina, uma apropriação de um discurso dominante no senso comum.

Ampliando a busca no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, usando os descritores “História Oral” e “Educação de Jovens e Adultos”, alguns trabalhos foram encontrados. Dentre eles, uma dissertação de Jensen (2008) que traz uma discussão sobre a influência da história de vida e da formação acadêmica nas práticas escolares dos educadores da Educação de Jovens e Adultos. Essa autora faz uma opção por escutar três educadores de jovens e adultos, registrando suas “memórias da prática” termo que assim nomina. Ela relata sobre as dificuldades, apresentadas nas entrevistas dos professores, em relação a formação específica para a modalidade, resultando muitas vezes em uma transposição inadequada do modelo de escola consagrado no ensino fundamental de crianças e adolescentes. Considera que a problemática relacionada à educação de jovens e adultos merece compor o currículo de formação básica de todos os educadores.

Diante desses resultados, reforçamos a conjectura de que já se produziu até os dias de hoje poucas pesquisas referentes a EJA em Mato Grosso do Sul. Encontramos nessas bases apenas o trabalho de Rodrigues (2015) que investiga Educação Matemática na Educação de Jovens e Adultos em uma escola da EJA (urbana) no estado. Não encontramos trabalhos com olhar para professores de Matemática nesta modalidade, e muito menos trabalhos acadêmicos pesquisando sobre o Projeto Conectando Saberes – EJA urbana.

Realizando a imersão em leituras, e considerando inquietações que nos acompanharam, construímos o problema desta pesquisa: o que pode a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul? E a partir da realidade de professores de Matemática da EJA, produzimos uma história da Educação de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, que apresentaremos a seguir. Inicialmente trazemos uma discussão sobre o que nos inspirou a produzir a pesquisa e algumas

produções acadêmicas que discutem a educação de jovens e adultos. Em seguida falamos sobre a metodologia de pesquisa, justificando nossa opção pela História Oral, apresentando os modos como a utilizamos e a compreendemos, e como ela se mostrou nas diferentes fases dos trabalhos, desde a busca pelo tema de pesquisa, até a produção dos dados.

No segundo capítulo, achamos importante trazer uma discussão sobre a trajetória histórica da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, discutimos alguns eventos, marcos e ações educativas relevantes para um melhor entendimento do nosso contexto de pesquisa.

No terceiro capítulo, trazemos as doze textualizações das entrevistas, acompanhadas de uma apresentação de cada entrevistado, dos locais de onde eles falam e das negociações para a realização de cada entrevista e textualização.

No quarto capítulo, olhamos para as narrativas. Buscamos dialogar com as singularidades de cada narrativa e como o que os entrevistados nos queriam dizer. Fabricando uma nova narrativa, contando uma história sobre a modalidade em Mato Grosso do Sul.

No quinto capítulo apresentamos algumas de nossas compreensões sobre “como” a EJA tem sido produzida neste estado, suas particularidades, seus desafios, sua realidade, seu cotidiano. Também trazemos possibilidades de novos caminhos investigativos sinalizados por esta pesquisa. Em seguida, listamos as referências utilizadas.

## 1. MOVIMENTOS DE PRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

É no sentido genealógico de produzir uma história da sala de aula, que Dussel e Caruso (2003), em *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*, produzem uma escrita olhando para o movimento da construção da sala de aula, nos inspirando a um fazer historiográfico que se rebela a noções de progresso, linearidade, e que busca construir uma história com perspectiva crítica.

A genealogia parte de um problema ou conceito atual e elabora um “mapa” — não dos antepassados, mas sim das lutas e dos conflitos que configuraram o problema tal como o conhecemos hoje. Os materiais históricos (fontes, escritos de época, análises históricas) não são revisados com um interesse meramente erudito (“para aprender mais”), e sim com o objetivo de compreender como se criaram as condições que configuram o presente (DUSSEL e CARUSO, 2003, p.33 - 34).

Esses autores investigam o espaço sala de aula tão conhecido por todos nós, “todos passamos por ela, e, como professores atuais ou futuros, continuaremos a fazê-lo, e não apenas uma vez; pelo contrário, estivemos e estamos na sala de aula pelo menos quatro horas por dia, cinco dias por semana, nove meses por ano, durante muitos anos” (DUSSEL; CARUSO, 2003, p.29). Nesse movimento, eles propõem olhar para o surgimento e a consolidação da sala de aula como espaço educativo privilegiado, identificando as continuidades e as inovações nesse trajeto, e a lógica de sua estruturação. Uma genealogia que aspira perceber o movimento da escola como algo nada natural, como uma instituição disciplinadora, mas também como parte das lutas e dos conflitos, tudo isso parece formar o que se configura como sala de aula nos dias de hoje.

A genealogia nos permite escutar a história prestando atenção em seus acasos, traçando caminhos disruptivos e heterogêneos. Atestando que “a história não tem ‘sentido’, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas” (FOUCAULT, 1998, p.6). Não nos preocupamos com o método científico como uma abordagem unívoca, porque optamos em produzir a história onde os fatos não aparecem como fatos, como na tradição positivista, mas sim, como acidentes que requerem interpretação parcial e que recortam acontecimentos. Ao contar uma história, frente a uma proposta genealógica, importam as singularidades dos acontecimentos. O historiador promove uma escuta prestando atenção as discontinuidades, um trabalho minucioso, detalhista e documental. “Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua “origem”,

negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos” (FOUCAULT, 1998, p.14).

A genealogia não é um novo método que nos libertará e que finalmente, chegaremos com ela, à verdade. Uma vez que não é um outro método disponível que nos permite resultados diferentes. O que se articula nesta perspectiva joga luz sobre o esquecido, o apagado, o silenciado, o aniquilado na história dominante; praticar uma desestabilização da dominância dos sistemas de pensamento, e procura mostrar como, ao procurar as origens de tudo, encontramos apenas cópias de cópias, pactuando com Nietzsche (GENEALOGIA e HISTÓRIA em Michel Foucault, 2019).

Indo ao encontro com a argumentação de Dussel e Caruso (2003), “a genealogia não implica que todas as perspectivas levem ao mesmo ponto, ou que não haja critérios para hierarquizá-las, ou para decidir qual nos parece mais “justa” ou “verdadeira”; apenas nos lembra que esta hierarquização ou decisão é um ato próprio” (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 35-36).

Acerca disso, ela também pode ser uma posição contrária à da história tradicional que pressupõe que o conhecimento é neutro e objetivo e que o historiador pode situar-se acima de seu tempo e de sua sociedade.

A história será "efetiva" na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar. Ela aprofundará aquilo sobre o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensa continuidade. E que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar (FOUCAULT, 1973, p.18).

Albuquerque Junior (2020) em uma *live* intitulada *O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia*, nos instiga a produzir uma escrita que sensibiliza, que traz os sujeitos outros a participar da pesquisa e produzir histórias inventadas sobre a EJA. Em outras palavras, o autor quer dizer que provocar o corte nas discussões historiográficas pode trazer os sentidos para as narrativas, permitindo àquele que lê provar no corpo a sensibilidade da história. O corte permite trazer à cena determinadas temáticas que não podem ser explicadas, porque o explicar leva a quase um justificar, e ao justificar a capacidade de corte, tiramos delas a possibilidade de ferir sensibilidades, de incomodar.

Indo ao encontro desse autor, determinados eventos na história jamais deveriam ser explicados, porque são inexplicáveis. Tais eventos poderiam ser narrados, contados para ferir quem lê, provocar incômodos, mexer com a sensibilidade e com a subjetividade; mobilizar e

mover o sentimento e o pensamento de quem lê ou escuta a história. A cultura ocidental costuma separar pensamento e sentimento como se fossem duas coisas distintas, entretanto, Michel Foucault coloca o corpo no centro da reflexão sobre o pensamento, porque o pensamento é produto de um corpo. Nós somos obrigados a pensar porque as questões do mundo atingem o nosso corpo, atingem os nossos órgãos, nossos sentidos, nossos olhos, nossos ouvidos. Ao ouvir somos chamados a atenção para produzir algo, para dizer algo e para construir um conceito de algo. O conceito nasce dessa vontade de dizer alguma coisa.

Albuquerque Júnior (2019), em outra produção intitulada *História: a arte de inventar o passado*, nos apresenta uma perspectiva historiográfica na direção do pensamento genealógico, onde explicita a construção de narrativas históricas no presente, possibilitando assim que haja uma desconstrução da imagem do passado que tenha sido produzida, institucionalizada e cristalizada. Diante disso, ele trata as produções históricas como invenções. “Invenção remete para uma abordagem do evento histórico que enfatiza a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a singularidade, além de que afirma o caráter subjetivo da produção histórica” (p.21). Uma construção que passa a interrogar o passado a partir do entendimento de sujeitos e objetos, de práticas discursivas do presente. Quando inventamos, narramos, e quando narramos, produzimos conceitos. E ao criar uma invenção, estamos relendo o passado a partir do presente. “O sujeito do conhecimento, em História, deixa de ser pensado como uma presença ausente, uma consciência plena que fala e vê sem a interferência de dimensões irracionais, afetivas, morais, ideológicas ou inconscientes” (p.22).

Ao historicizar a EJA em Mato Grosso do Sul intencionamos construir suas cenas, inventá-la e trazê-la para uma narrativa. Como propõe Albuquerque Junior (2019), o fato só começa a fazer sentido quando começa a ganhar contornos a ser contado, narrado e relatado. Nesse sentido, construímos uma linguagem da EJA em Mato Grosso do Sul, tornamos ela um relato, uma escritura, com suas particularidades, seus desafios, sua realidade. Ao “mesmo tempo, natureza, sociedade e discurso, pois é materialidade, relação social e de poder e produção de sentido” (p.31). Ao pensarmos como ele, escrevemos uma

História que não se passa somente no lugar da natureza, da coisa em si, do evento da matéria ou da realidade, nem se passa apenas do lado da representação, da cultura, da subjetividade, do sujeito, da ideia ou da narrativa, mas se passa entre elas, no ponto de encontro e na mediação entre elas, no lugar onde estas divisões ainda são indiscerníveis, onde estes elementos e variáveis se misturam. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019, p.31)

Historicizando, produzimos invenções com sujeitos da EJA “onde o que impera é o devir, o fluxo, que desmancha as formas estabelecidas de objetos e sujeitos, que mistura

aspectos que aparecem separados, classificados, ordenados após as práticas de análise levadas a cabo pela ciência” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019, p.32). Fabricamos uma história articulando e relacionando razões e sentimentos, matéria e sonho, tempos e espaços. Trazemos para o debate sensibilidades, afetos, experiências.

Ao trazer a experiência, deslocamos nosso encontro com as ideias de Jorge Larrosa (2020) que, em seu livro *Tremores: Escritos sobre experiência*, nos convida a explorar alguns sentidos que a palavra experiência pode criar. Ao saber da experiência que se movimenta distinto do saber científico e do saber da informação, sendo mediador entre conhecimento e vida humana, como algo que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida, e no modo como damos sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência, que não se trata da verdade de como são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido, do que nos acontece, estando ela ligada ao individual, ao singular, dentro da sua finitude. Assim, se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem sentido do que nos acontece, a experiência que se passa em cada um é um saber finito. Neste entendimento, “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal.” (LARROSA, 2020, p. 32).

Conforme sugere o autor, pensamos a experiência no campo pedagógico, olhando a educação de outro ponto de vista, do par experiência/sentido: “nem melhor, nem pior, de outra maneira” (LARROSA, 2020, p.38), explorando o que a palavra experiência nos permite pensar, dizer, fazer, no campo pedagógico. A partir da experiência reivindicá-la e fazê-la soar de outro modo. Não como experimento, nem como autoridade, não como ação, não como um conceito, não como um fetiche e, nem tampouco, usá-la no sentido irrestrito, evitando assim, que tudo se converta em experiência. Reivindicar a experiência para encontrar meios de trazer ao debate e à ciência a subjetividade, a incerteza, a provisoriade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida e fazer soar a palavra experiência.

Olhamos pedagogicamente para a escola, em especial para a EJA, como um processo em construção produzida em um movimento contínuo, sempre fazendo-se, nunca terminada. Inés Dussel (2020), em *Sobre a precariedade da escola*, tece considerações em seu texto publicado no livro *Elogios da Escola*, organizado por Jorge Larrosa, que nos ajuda a entender a escola como um lugar para além do espaço físico. Esse lugar não como um conjunto de tarefas que visam cumprir um currículo, mas como um composto de relações, de ações que tem a ver com certo tipo de trabalho do conhecimento.

Essa autora busca desmontar as críticas instaladas no senso comum sobre o que foi e é a escola, indo na direção contrária à crítica habitual a ela por sua rigidez e conservadorismo, desmontando esse pensamento da escola como uma instituição autoritária, que combina a obsolescência das suas formas e conteúdo. Ela nos aspira pensar acerca do seu caráter precário, instável, a pensá-la como algo sempre em construção, sempre a ponto de ser destruída. É exatamente nessa precariedade que se instaura possibilidades outras, rachaduras, buracos nos muros que tornam possível a produção de uma escola pedagógica.

Ela consagra praticar uma leitura diferente do que é a nossa escola – de educação de jovens e adultos, no caso de nossa pesquisa - e as suas condições de perdurar, analisando distintas versões possíveis de precarização. Indagar a escola da EJA, nos contextos das relações instáveis e em movimento, como uma instituição escolar que se sustenta e pode se estabilizar, ainda que seja por alguns momentos. Na instabilidade, ela ainda se mantém, ocupando espaços, e se permitindo produzir saberes.

Jan Masschelein e Maarten Simons (2021), *Em defesa da Escola*, compreendem que a escola implica em uma suspensão<sup>5</sup> de um tempo e de um espaço para profanar o saber instituído. Esses autores advogam a seu favor, no sentido que ela pode ser reinventada, em um tempo, que segundo eles, muitos a condenam. Nessa mesma direção, Inés Dussel (2018) argumenta que é exatamente esse caráter precário, instável e ainda por fazer que a faz com condições de perdurar e, em meio a tantas críticas antiescolares, vindas do senso comum, como “uma instituição autoritária e que combina a obsolescência das suas formas e conteúdos com a rigidez e a dificuldade de mudar” (DUSSEL, 2018, p. 87).

A escola inventada coloca todos os alunos em uma posição inicial equivalente, desconectados do tempo ocupado da família, tirados para fora da ordem social e econômica e trazidos para dentro de um tempo igualitário. A escola ‘cria’ o tempo livre para todos. É uma democratização do tempo livre. Com a invenção da escola, a sociedade oferece a oportunidade de um novo começo, uma renovação para o aluno.

Quando ocorre a suspensão, os requisitos, tarefas e funções que governam lugares e espaços específicos, tais como a família, o local de trabalho, o clube desportivo, o bar e o hospital, já não se aplicam. [...] A suspensão, tal como a entendemos aqui, significa (temporariamente) tornar algo inoperante, ou, em outras palavras, tirá-lo da produção, liberando-o, retirando-o de seu contexto normal. É um ato de desprivatização, isto é, desapropriação. Na escola, o tempo não é dedicado à produção, investimento, funcionalidade ou relaxamento. Pelo contrário, esses tipos de tempo são abandonados. De um modo geral, podemos dizer que o tempo escolar é o tempo tornado livre e não é tempo produtivo (MASSCHELEIN e SIMONS, 2021, p.32-33).

---

<sup>5</sup> Masschelein e Simons (2021) trazem o termo *suspensão* como tornar algo inoperante, ou tirá-lo da produção, do seu contexto normal. No sentido de uma *desapropriação*.

Com todas essas qualidades democráticas, a escola provoca medo e perturbação pelo que ela pode produzir, entretanto, ela também pode ser um espaço de criação, assumir uma voz própria, ser um entre, um espaço onde muitas coisas podem acontecer, desde a entrada do professor na sala de aula, o fechar da porta, o pedido de silêncio e de atenção. Um escola que pode, a partir dos sujeitos que a habitam, criar formas de escapar do enrijecido e cada vez mais forte ‘aparelho de Estado’<sup>6</sup>, buscando alisar espaços cada vez mais estriados. Tais termos, desenvolvidos na filosofia política dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017) - ‘aparelho de Estado’ e ‘espaços estriados’ – são versados no livro *Mil Platôs*, volume 5.

Ousamos pesquisar sobre a escola, com seus emaranhados de normas, regras, com suas redes complexas de organização, com um modelo de pensamento constituído, com sua forma de interioridade que tomamos habitualmente por modelo. Uma escola controlada por uma Constituição, por legislações, resoluções, deliberações, autorizações, políticas públicas, diretrizes curriculares, burocracias. Regida por um modelo no qual temos o hábito de pensar, por coisas que não são mais indagadas e que se constituem como verdadeiras. O aparelho de Estado é isso, o que se produz esse hábito. Um controle exercido por aquilo que passa a não ser mais questionado e que vira um modelo de pensamento constituído. Um modelo hegemônico que temos o hábito de pensar e que passa a não ser mais inquirido. O Estado é aquilo que age pelo ‘estriamento do espaço’.

Ao mesmo tempo e concomitante, opera a ‘máquina de guerra’ atuando pelo ‘alisamento do espaço’, em busca de escapar das normas, afim de desviar das regras e driblar a burocracia. Uma forma criativa de conjurar qual meio de subtrair o que está posto, pensar fora desse modelo hegemônico. Formas de encontrar nas políticas das relações cotidianas modos de subverter esse modelo de pensamento dominante. A ‘máquina de guerra’ atua tencionando aquilo que está posto, reagindo e criando possibilidades de subverter a ordem. Há nesses espaços, instituídos pelas regras, a criação de formas quase invisíveis para escapar ao acorrentamento proposto. São formas fabricadas no entre de operar o cotidiano, nas barganhas, nas embulhas, nas mudanças de direção. Pode ser um movimento, aquilo que está fora do jogo da formalidade, que atravessa os poros de forma imperceptível, que não enuncia, que metamorfosea, que escapa, que encontra possibilidades e brechas para operar.

---

<sup>6</sup> “A máquina de guerra e o aparelho de Estado constituem, deste modo, dois modos sociais e políticos de se relacionar com a terra, um nômade e o outro, sedentário, que pressupõem não por menos dois modos da filosofia pensar a terra, um imanente e o outro, transcendente, ambos colocados em questão com a geo-filosofia de Deleuze e Guattari em *Mil platôs*” (GOMES FERREIRA, 2021, p.368).

A ‘máquina de guerra’ age pelo ‘alisamento dos espaços’, pela liberação dos fluxos, criando um espaço de possibilidades, mesmo que invisíveis a olho nu. Um espaço que se converte quase de forma indistinta, que vai sendo produzido de forma inaudível, abafada, lenta, incerta. Movimentos, que na escola, não estão postos à mesa, mas que existem no mundo das relações, nas micropolíticas. ‘Espaço liso’ e ‘espaço estriado’ não são termos opostos entre si, de modo que, podem operar ao mesmo tempo, um dentro do outro.

Essa ação de tentar domar a escola é produzida por “uma lógica neoliberal que pode ser compreendida dentro das relações de poder e saber, mobilizadas pelos Estados como táticas eficientes de governo” (AMARIS-RUIDIAZ; MIARKA, 2020, p.208). Contrário a isso, há algo que sempre escapa ao que está posto, um movimento que cria novos “buracos nos muros” a ponto de, diante do estabelecido, resistirem a determinadas imposições de regras, abrindo-se a produção de rupturas. Buscamos nesta pesquisa, olhar para as possibilidades de invenção de sujeitos no interior dessa instituição. Mesmo sendo a escola uma instituição disciplinar, que funciona como um aparelho de estado, fragmentando e domesticando os corpos que adentram seus muros, existe espaço para a resistência?

D’Ambrósio e Lopes (2015) adotam o termo *insubordinação criativa* para discutir algumas práticas, que “desobedecem a ordem”, e que são praticadas por educadores matemáticos. No artigo *Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático*, elas tratam de algumas formas como professor assume o objetivo de “garantir a manutenção ou a melhoria do ensino e da aprendizagem em sua escola, havia tido a ética e o bom senso de adaptar ou modificar as diretrizes dessa política” (D’AMBRÓSIO; LOPES, 2015, p.3). O que precede a insubordinação criativa é a reflexão crítica, onde os sujeitos envolvidos com a escola problematizam as diretrizes estabelecidas pelas políticas públicas, pelo que perpassa à profissão docente, suas atribuições e seu papel na escola, além do lugar do estudante neste ambiente, e de tudo que o atravessa nessas situações específicas de exclusão vivenciadas, no caso dos estudantes desta pesquisa, na EJA. Buscar uma ruptura sobre o que está posto e se auto desafiar para superar os paradigmas previamente determinados é um ato de insubordinação, de subversão ao que está sobre a mesa.

Na perspectiva de olhar em direção às chamadas “burlas”, Michel de Certeau (2005) em *A invenção do cotidiano*, discute possibilidades de leituras da vida ordinária a partir dos conceitos de *estratégias e táticas*, chamadas por ele como *artes de fazer*. Ele chama de *estratégia* “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado” (p. 99). Um lugar de

querer e poder tão próprios. As *táticas* são movimentos. É um lugar visível ao outro “determinadas pela ausência de um próprio, [...] ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumenta a propriedade e prever saídas”. Ele traz, em sua obra, uma perspectiva de perceber o cotidiano escolar como “invenções cotidianas”, um deslocamento da atenção para um “não lugar”, aquele da criação anônima, gerada a partir do desvio de uso de produtos recebidos, e que reconhece os discursos táticos dos consumidores.

Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reproporiam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos e dos indivíduos presos agora nas redes da “vigilância”. Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores, no limite, a rede de uma antidisdisciplina (CERTEAU, 2005, p. 41-42)

Com esse autor, operamos problematizar as invenções de professores, professoras e estudantes, investigar as formas como interpretam as políticas educacionais, a maneira como criam uma lógica do cotidiano em movimentos que podem escapar das estratégias elaboradas. Essa postura se faz na direção de olhar os percursos que esses sujeitos são capazes de produzir na direção de uma escola pedagógica, resultando em uma história da EJA em Mato Grosso do Sul. Olhamos para essa escola que ocupa ora espaços estriados, ora cria novas possibilidades de alisamento ao que está proposto; que ora é uma escola suspensa sendo reinventada e ora uma escola condenada a seu fim; que é um conjunto de relações, de ações que tem a ver com certo tipo de trabalho do conhecimento, que parece estar a “beira de sua destruição, mas também em movimento, aberto, capaz de apresentar o mundo e de ajudar a criar novas montagens, imaginando outros futuros” (DUSSEL, 2020, p. 109).

Uma escola sempre habitada por sujeitos a saber da experiência, que ocupam os espaços escolares, que criam em suas *Artes de fazer* cotidiana táticas para sobreviver nesse lugar, onde tantas coisas acontecem. Um lugar nada homogêneo, em movimento, provisório Assim, produzimos uma História da Educação de Jovens e Adultos. Uma história inventada por tantos outros de nós, tantas vezes atravessados por múltiplas histórias e afetos.

## 1.1 História Oral

Nesses últimos 10 anos, o grupo HEMEP – Grupo História da Educação Matemática em pesquisa – tem pesquisado no campo da Educação Matemática usando a História Oral como prática metodológica em trajetória, onde procedimentos e problematizações têm sido retomadas, replicadas e recriadas. Os trabalhos do grupo têm se “deslocado entre uma historiografia dos acontecimentos com a produção de narrativas por meio da oralidade, uma política de narratividade que se evidencia nos jogos de linguagem e a prática de uma postura decolonial” (PINTO; SOUZA; SILVA, 2021, p.1). A partir deste entendimento, pesquisas históricas e também não-historiográficas têm sido realizadas, olhando para a escola e para a sala de aula de Matemática pela visão dos sujeitos que a habitam.

Em uma perspectiva de produzir uma investigação enquanto grupo, de fabricar pesquisas apostando num coletivo, mobilizamos a História Oral por a entendermos como uma metodologia democrática, que motiva o diálogo e a colaboração dos sujeitos, valorizando as experiências, memórias, identidades e subjetividades. Nas palavras de Silva e Fillos (2020),

A História Oral é um instrumento, portanto, que possibilita a criação de novas versões da história por meio de distintos narradores e essa finalidade propicia fazer da história uma atividade mais democrática, já que consiste em construir a história a partir das próprias palavras dos que vivenciaram e participaram de um determinado período e um dado evento (SILVA; FILLOS, 2020, p. 79)

Defendemos essa reflexão metodológica como elemento fundamental para a formação de pesquisadores e, produzimos com ela, ferramentas de luta política, nos posicionando de maneira contrária ao pensamento dominante, único, legítimo, olhando sob a perspectiva da mudança, do movimento, da incompletude, daquilo que não é fixo (GARNICA; SILVA, 2019; MARTINS SALANDIM; SILVA, 2019).

Especificamente nesta pesquisa, a História Oral nos possibilita constituir narrativas<sup>7</sup> em situações de entrevistas, deslocando o olhar e os questionamentos sobre a materialidade da escola para um olhar que busca percorrer as salas de aulas pela visão de professores. Propor essa problematização tem ainda como objetivo compreender o que pode a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul, buscando investigar o cotidiano, as práticas escolares e a formação dos professores. Ela nos permite inventar, transgredir as fronteiras da autoria individual, valorizar as memórias, gerar uma pesquisa para falar de coisas múltiplas, de uma escola contada por professores que vivenciam ou vivenciaram a prática educacional na Educação de Jovens e Adultos.

---

<sup>7</sup> Para nós “o narrado não é, e nem tem pretensão de ser, o registro “real” do passado. Entendemos a elaboração de uma narrativa histórica como uma produção, e como tal, ela tem um estatuto muito diferente da experiência vivida.” (SILVA; GARNICA, 2020, p. 159)

Buscamos considerar nesta pesquisa, vieses alternativos, histórias outras, uma multiplicidade<sup>8</sup> de versões que as narrativas nos permitem criar. E as criamos, como nos inspira Garnica (2004), não inferindo as histórias que fabricamos como única, mas concebendo a existência de versões outras que não as tidas como “reais”, “corretas”, “verdadeiras”. A História Oral nos permite uma “realidade complexa e multifacetada; e um mérito principal da História Oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista” (THOMPSON, 1992, p 25-26).

Antonio Vicente Marafioti Garnica, líder do Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM), um dos autores que mais tem produzido pesquisas em História Oral no campo da Educação Matemática no Brasil, defende a História Oral como uma metodologia que permite produzir ciência com uma perspectiva subjetiva da realidade das pessoas. Uma forma de valorizar o diferente, um modo de respeitar as versões que as pessoas contam a partir das suas experiências. Este autor explica, em sua participação na live intitulada História Oral e Educação Matemática (2021), que essa forma de fazer pesquisa permite dialogar com as realidades mais plurais possíveis, levando em consideração que as pessoas, professores, lugares e realidades são diferentes.

Quando Vicente Garnica é entrevistado por Silva (2020), ele ressalta a importância de nós pesquisadores, defendermos qual é a História Oral que produzimos, e trazer a público os pressupostos e princípios que nos orientam. Salientando o que é inegociável. Além do mais, os pressupostos devem ser explicitados nitidamente a fim de dizer qual História Oral praticamos, quais caminhos são concebidos com essa opção metodológica a qual usamos para dar sentido a nossas pesquisas. Para o autor, ao produzir fontes históricas não estamos produzindo um texto qualquer, estamos criando sentidos, fabricando intencionalmente fontes historiográficas; valorizando a oralidade criando fontes plausíveis para nossos trabalhos. Ainda acrescenta, para a História Oral as fontes orais são tão importantes quanto a escrita, e as outras fontes de pesquisa.

Em um de seus textos intitulado *Para uma concepção de História e Historiografia*, Garnica (2018), discute algo que fundamenta nossas formas metodológicas de pesquisar. Tanto ele, quanto seu grupo de pesquisa GOHEM (e também entendo que é condição que temos praticado enquanto grupo de pesquisa HEMEP), produzem histórias como “texto entrecortado, multiperspectival, variado”, onde a historiografia fluidifica-se em uma composição de relatos e

---

<sup>8</sup> De acordo com Dias (2011), multiplicidade como aquilo que não está na totalidade, como aquilo que se agencia na arte do e

narrativas, criando possibilidades, entrecruzando fontes, dialogando com outras áreas de conhecimento (GARNICA, 2018, n.p.).

A historiografia é “como um conjunto de esforços singulares de significações”, pois “não há mais a ilusão de que explicações científicas, teológicas, filosóficas dêem conta de todo o arsenal das experiências humanas”. As verdades, de acordo com esse método criativo de pesquisar qualitativamente, podem ser vistas sempre em perspectivas, interrogadas, inqueridas, ressignificadas, em um cenário de “configuração, formação e destituição” formando nossas próprias e nunca definitivas verdades nesse movimento de pesquisa. Nesse aspecto, “nossas atribuições de significados possíveis, defensáveis, plausíveis, que nos levem à formação dos hábitos de ação que se manifestem e nossas práticas” (GARNICA, 2018, n.p.).

De acordo com Silva e Fillos (2020), a História Oral carrega potencialidades para as pesquisas, ao trazer para as discussões as diversas visões de professores sobre sua função e prática; traz ainda, a possibilidade de mostrar as subjetividades de narradores que não são encontradas em documentos escritos; a constituição de fontes historiográficas a partir de narrativas; a apresentação de narrativas de envolvidos com a cultura escolar, no trabalho, permitindo aos leitores a compreensão e atribuição de significados outros para o que foi dito. Elas acrescentam que é por meio da História Oral que se exprime a confiabilidade das narrativas, criando textos escritos com essas histórias. Mas, além disso, permite o diálogo com fontes de outras naturezas que enriquecem o trabalho e sobretudo trazem questões concernentes à oralidade e memória.

Como tantos outros autores (BARALDI, 2003; ROLKOUKS, 2006; SILVA, 2006; MARTINS-SALANDIM, 2007; 2012; SOUZA, 2011; PINTO, 2013; FERNANDES, 2014; SILVA, 2015), vivenciamos uma pesquisa como uma possibilidade democrática e ecumênica em trajetória, uma historiografia pautada em narrativas como

discursos constituintes e não mera forma de comunicação de realidade preexistente”. A narrativa é, pois, discurso, forma originária vinculada à possibilidade de ser, e sua manifestação é um emaranhado de sensações e enunciados nos quais personagens circulam em meio a cenários perpassados por alguma temporalidade, seja a da cronologia, contínua e marcada, seja a da memória caótica e livre daqueles compassos preestabelecidos pela civilização (GARNICA, 2015, p.182)

A operação historiográfica que assumimos fazer, segue um conjunto de procedimentos e princípios, dentre eles: dialogar com fontes de diversas naturezas, exercitar a pluralidade de pontos de vista nos quais cada tema poderá ser tratado, construir um registro com responsabilidade e ética, compor uma narrativa com zelo se preocupando em aproximar ao máximo com o que entrevistado disse, se preocupar em produzir uma das histórias possíveis,

mas não a única e “verdadeira” (GARNICA, 2010). Ela mobiliza parâmetros qualitativos de investigação apoiando-se na oralidade, na produção de depoimentos que são analisadas, na constituição de fontes históricas como função precípua, na construção de novas narrativas. Conforme nos inspira Garnica (2011), defendemos outras maneiras específicas de fazer pesquisa quando optamos pelo método História Oral, que significa

(a) fazer surgirem questões de pesquisa, (b) buscar por informações e registrar memórias – narrativas – que nos permitam tratar dessas questões; (c) cuidar desses registros de forma ética e trabalhá-los segundo procedimentos específicos, tornando-os públicos ao final desse processo; (d) analisar o arsenal de dados segundo perspectivas teóricas em sintonia com alguns princípios previamente estabelecidos; e (e) procurar criar formas narrativas alternativas às usualmente vigentes no meio acadêmico constituindo os trabalhos produzidos nessa vertente mais como campos de experimentação que como arrazoados de certezas ( GARNICA, 2011, p. 80).

Ao optar por utilizar como fontes as entrevistas e a partir delas constituir narrativas, buscamos privilegiar aqueles que comumente não ocupam um papel de destaque na sociedade ou não têm na academia a participação ativa na produção da história. Nas palavras de Silva (2015, p. 27), acreditamos “produzir histórias (no plural, para enfatizar a não unicidade) que possam ser lidas, aceitas e validadas – por uma certa comunidade – como narrativas sobre determinado tema”. Nesta mesma direção, a composição de narrativas a partir de momentos de entrevistas nos possibilita a leitura de distintas histórias a partir de uma multiplicidade de perspectivas. “A subjetividade da entrevista – à qual, no passado, foi negada a prerrogativa de cientificidade –, posta a nu, serve para que a não neutralidade de pesquisador e depoentes fique explícita” (p.29)

A entrevista consiste em um dos principais meios de produção de dados na pesquisa acadêmica, como um jogo interlocutivo, uma arena de significados, um querer-saber algo, no qual “os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes (SILVEIRA, 2002, p. 137). Na concepção de Garnica (2007, p.33) a entrevista é “um momento em que se tenta ultrapassar a incomunicabilidade da experiência, quando detalhes, percepções e focos são reconstituídos e partilhados”.

Silva (2015), nos direciona para pensarmos as narrativas produzidas por meio de entrevistas, no sentido de que elas se constituem em mais uma história, e não “a” história verdadeira.

A realidade é produzida a partir daquilo que o sujeito vivenciou [...]. Ou seja, não construímos nossas histórias no vácuo. Vivemos em sociedade, e nossas narrativas são construídas ao acrescentarmos histórias de acontecimentos do passado visando

estabelecer certa continuidade no fluxo em que somos, ou ainda, de outro modo, remendamos e situamos o presente para que nos seja possível contar uma história (BRUNER, 1991). Desse modo, uma história nunca é “a” história, nunca é a narração do fato. Ao contrário, uma história é sempre composta de várias histórias, momentos, vivências, a partir dos quais é possível narrar (SILVA, 2015, p. 33).

Das fontes orais constituídas em momentos de entrevistas, quem decide como seus registros irão se tornar públicos é o depoente. Nas nossas pesquisas, optamos por ter como fonte o registro escrito, a partir da oralidade captada; a escrita como ponto de partida para a análise formal. O caminho a ser seguido após feitas as entrevistas é o da transcrição (ou de gravação) das mesmas e depois a textualização, que é um processo em que o pesquisador se lança sobre o depoimento de forma a organizar a escrita, um processo mais minucioso de organização.

De acordo com Garnica; Fernandes; Silva (2011, p. 236), após o registro da oralidade passamos à de gravação bruta, depois para a primeira textualização, e seguimos fazendo quantas textualizações necessárias afim de “apurar” o texto. Isso sempre em negociações com o depoente. De acordo com os autores, “não há regras para textualizar e essa operação depende fundamentalmente da sensibilidade e do estilo de redação do pesquisador”. Uma das disposições importantes é tentar manter o texto de uma forma que o depoente se reconheça, se veja no texto em sua forma de falar.

Uma das nossas preocupações enquanto pesquisadores dos grupos de pesquisas nos quais fazemos parte, é sobre a ética na pesquisa científica. Submetemos nossas pesquisas ao Conselho de Ética conforme as regras solicitadas por nossos programas de pós-graduação, mas queremos aqui defender que precisamos discutir que estas sejam reconfiguradas. É preciso Códigos de Ética que atendam as pesquisas que tratam das experiências, dos sujeitos outros, de formas que admitam diferenças e o singular. A dimensão ética de nossos trabalhos é fundamental, mas

Não é concebível, ainda que determinado pelos Códigos, que pesquisadores que lidam com temáticas da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) exijam de seus colaboradores, muitas vezes analfabetos, a concessão de direitos por meio de um documento escrito. Não é igualmente concebível que na Educação Indígena, em que muitas vezes os colaboradores não entendem a necessidade de uma legalidade instaurada pelo papel, exijam-se termos de cessão de direitos que, na oralidade, já foram concedidos, ou termos que ignoram o sentido coletivo em nome da autorização individual. Também é impensável que pesquisadores da Educação Inclusiva que possuam, por exemplo, colaboradores cegos, tenham que submeter os modos de apresentação de seus trabalhos aos padrões habituais, como normas da ABNT, que nem sempre são os ideais para recursos tecnológicos de conversão de textos escritos em áudios, recurso que garantiria aos próprios sujeitos da investigação acesso à publicidade da pesquisa ( FERNANDES; GARNICA, 2021, p. 13-14).

Nos apropriamos da discussão trazida por Fernandes e Garnica (2021, p. 11), onde eles protagonizam uma defesa de nossas pesquisas da experiência, nos chamando a olhar a

metodologia política no lugar de uma metodologia normativa. Nós, que nos colocamos dessa forma diversificada de pesquisar, de registrar e de autorizar dados, “devemos rever os manuais, as etiquetas, os protocolos, as palavras, os documentos exigidos pelo Direito e tantas outras formalidades das nossas pesquisas, e participar politicamente” (p.14). Devemos tratar nossas metodologias em um contexto político de inserção de novos sujeitos, cenários e conhecimentos, partindo da experiência e da problematização contínua, nos preocupando mais com aqueles que compartilham seus modos de vida, para que haja produção de um conhecimento coletivo.

## 1.2 Escolhas Metodológicas

Fabricamos esta pesquisa com professores de Matemática da Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul. Ao contar, recontar e reviver a investigação proposta produzimos conhecimentos, fazendo assim um ecoar que nos atravessa e nos permite fazer novas reflexões. A pergunta de pesquisa pode ser assim descrita: o que pode a Educação de Jovens e Adultos? Uma questão que busca mobilizar o olhar para as práticas, escolas, cotidianos da EJA, a partir das narrativas de professores de Matemática.

Após definidos, de modo geral, os princípios que norteariam a investigação, lançamo-nos à procura de possíveis depoentes. Desse modo, partimos em busca de: “quem, quais e quantos?”. Definimos, então, as pessoas que iriam explicar a realidade delas. Escolhemos professores de Matemática que, ao conversar com eles, nos contaram sobre suas experiências na Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul. Ouvimos esses professores, registramos realidades e aprendemos com eles. A princípio, buscávamos lançar olhares para um projeto específico da EJA nominado Projeto Conectando Saberes<sup>9</sup>, autorizado a operar nas escolas estaduais desde o ano de 2016. Para tanto, optamos por selecionar professores que estavam lecionando em 2020 no Projeto de Curso da EJA urbana<sup>10</sup>.

Escolhemos 12 professores de Matemática a partir do recorte geográfico operacionalizado pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Justificamos esse quantitativo, por serem 12 realidades distintas, distribuídas pelas 12 microrregiões de Mato

---

<sup>9</sup> A Resolução SED nº. 3.794, de 2/12/2020, que aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Educação de Jovens e Adultos – Conectando Saberes, para as etapas do ensino fundamental e do ensino médio, em escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. Publicada no D.O. n. 10.340 de 4/12/2020, p. 49. Projeto em vigência quando essa pesquisa estava sendo desenvolvida na EJA – Urbana.

<sup>10</sup> A Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul REE/MS oferta outros projetos da EJA, dentre eles a EJA Campo, EJA Prisional, EJA na EaD.

Grosso do Sul. As Coordenadorias Regionais de Educação<sup>11</sup> da Rede Estadual de Ensino MS (REE MS) foram criadas, a partir do Decreto nº 14.572 de 30 de setembro de 2016, pelo Governo Estadual, com objetivo a dar suporte às ações educacionais em todo o Estado. Podemos observar a configuração das CREs e dos respectivos municípios na figura 1, onde está exposto um mapa político geográfico do estado de Mato Grosso do Sul. Destacamos em cores as Coordenadorias Regionais de Educação, e os municípios escolhidos para a pesquisa estão identificados com hachuras.

Figura 1: COORDENADORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO MS

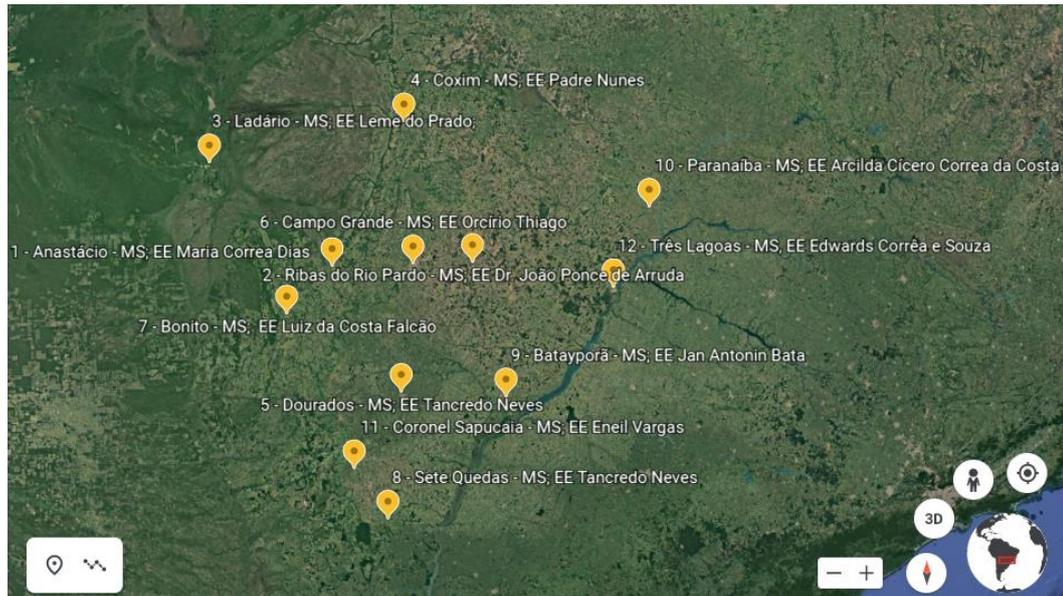


Fonte: Própria (inspirada SED/MS)

O mapa a seguir contribui para um outro olhar geográfico das posições de cada município, e da localização de cada escola que compõe a pesquisa.

<sup>11</sup> As Coordenadorias Regionais de Educação têm como finalidade, exercer em nível regional, o acompanhamento, o monitoramento e a supervisão das escolas da Rede Estadual de Ensino localizadas nos municípios sob sua jurisdição, oferecendo suporte administrativo, técnico e pedagógico para a viabilização das políticas educacionais da Secretaria de Estado de Educação (SED). Disponível em: Diário Oficial n. 9.305 de 13 de dezembro de 2016, Resolução/SED n. 3.146 de 12 de dezembro de 2016. Acesso em: 18 ago. 2021.

Figura 2 : Mapa da localização das escolas que fazem parte da pesquisa



Fonte: própria (Google Heath)

Os professores entrevistados moravam/moram em diferentes localidades. Muitos municípios fazem fronteiras com outros estados, como Três Lagoas (divisa com São Paulo), Paranaíba (divisa com Minas Gerais, São Paulo e Goiás), Batayporã (divisa com São Paulo e Paraná), Sete Quedas e Coronel Sapucaia (divisa com outro país, Paraguai), Ladário (próxima a divisa com a Bolívia). Outros com forte desenvolvimento turístico, como Bonito, Coxim e Anastácio; considerados polos regionais, como Dourados (a cidade mais populosa do interior de Mato Grosso do Sul), Ribas do Rio Pardo (hoje com uma construção da maior fábrica de celulose do mundo), e a capital, Campo Grande. Essas escolhas nos possibilitaram produzir uma pesquisa com singularidades de sujeitos, cenários e conhecimentos.

Após definir quais escolas e municípios seriam pesquisados, a próxima etapa da pesquisa foi entrar em contato com cada instituição, solicitar os nomes dos professores de Matemática da EJA e seus telefones. Depois disso, bastaria ligar para cada um dos possíveis entrevistado e marcar a entrevista. É importante salientar que nem todos os municípios do estado de MS ofertam a EJA, e por isso, foi necessário listar as localidades junto à Secretaria de Estado de Educação, que estavam autorizadas, em 2020, a ofertar a modalidade e, dentre essas, que tinham efetivamente turmas abertas. Nesse levantamento, constatamos que, no ano de 2020, dos 79 municípios de Mato Grosso do Sul, 57 ofertaram a EJA Urbana com o Projeto Pedagógico de Curso Conectando Saberes.

A relação das escolas, municípios e professores que participaram da pesquisa, de acordo com a ordem Coordenadorias Regionais de Educação, pode ser vista no quadro 1.

**Quadro 1** – Relação de Municípios, escolas e professores entrevistados (na ordem das CREs)

CRE	MUNICÍPIO	ESCOLA	PROFESSOR
1	Anastácio	EE Maria Correa Dias	Moacir
2	Ribas do Rio Pardo	EE Dr. João Ponce de Arruda	Maurício
3	Ladário	EE Leme do Prado	Lucreciana
4	Coxim	EE Padre Nunes	Mônica
5	Dourados	EE Tancredo Neves	Regiane
CG	Campo Grande	EE Orcírio Thiago	Alan
7	Bonito	EE Luiz da Costa Falcão	Patrícia
8	Sete Quedas	EE Tancredo Neves	Nadir
9	Batayporã	EE Jan Antonin Bata	Anderson
10	Paranaíba	EE José Garcia Leal	Camila
11	Coronel Sapucaia	EE Eneil Vargas	Adriano
12	Três Lagoas	EE Edwards Corrêa e Souza	JP

Fonte: Elaborado pela autora

Antes da realização das entrevistas, elaboramos um roteiro que foi enviado antecipadamente para cada entrevistado. Uma leitura do texto de Fernandes Sardi (2007), *Perguntas-Máquinas*, nos inspiraram nessa produção: como nós pesquisadores interrogamos o mundo? Como interrogamos o outro? Qual modo podemos perguntar criando potência para nossas pesquisas? Qual modo de estar com o outro e conversar com esse material que foi produzido? Se perguntarmos como crianças, também fará sentido para nós? Uma pergunta sem resposta, continua sendo uma pergunta? Aceitamos como resposta uma nova pergunta?

A partir de fichas temáticas, com algumas questões disparadoras para a entrevista, criamos um roteiro aberto, para tentar escutar ao máximo o entrevistado. Essa opção se deu, pois é dessa forma que entendemos que a pesquisa se constitui, em um espaço não fixado a priori, como uma investigação constituída no processo, e ter um roteiro pré-determinado poderia limitar as análises a serem feitas. Nesta direção, no decorrer das entrevistas, outras questões foram aparecendo, ou em alguns casos, o roteiro foi sendo deixado de lado e a conversa foi tomando outros rumos. De acordo com Garnica (2007), o pesquisador pode programar-se para refazer suas perguntas de uma entrevista para a outra, vendo o que mais se adequa para a próxima, complementando o roteiro à luz das informações que teve acesso.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma virtual, pelo aplicativo *Google Meet*, com a exceção da entrevista do professor Maurício pois, ao iniciar a conversa pelo aplicativo, uma chuva forte começou em Ribas do Rio Pardo, MS e a internet ficou muito instável. Essa entrevista, em específico, foi feita pelo aplicativo Whatsapp. As datas e os horários das

entrevistas foram definidas de comum acordo com os entrevistados. A princípio todas seriam realizadas em dezembro de 2020, mas como essa era uma época de muitas demandas da escola (fechamento de diários, provas de recuperação de aprendizagem, Conselhos de Classe), algumas entrevistas foram desmarcadas e remarcadas para janeiro e fevereiro de 2021.

Embora a intenção de pesquisa tenha sido explicada no momento da ligação, da marcação do encontro, ao ingressar na sala virtual fiz questão de me apresentar, explicar que aquela conversa faria parte de uma pesquisa de mestrado. Expliquei que aquela contribuição seria parte da pesquisa e da construção de uma história da EJA, e pedi a autorização para iniciar a gravação<sup>12</sup>. As entrevistas revelaram eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de acontecimentos que julgamos conhecer e podem lançar luz sobre áreas inexploradas da vida diária de classes não hegemônicas (PORTELLI, 1997).

De acordo com Muylaert et al (2014), há nas entrevistas uma importante característica colaborativa, visto que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participante. Elas consistem em um dos principais meios de produção de dados na pesquisa acadêmica, mas são os adjetivos dado a ela – estruturada, semi-estruturada, livre – que cria diferenças consideráveis no modo como ela é construída.

As entrevistas revelam-nos que esse momento de interlocução comporta vários vieses e serve como espaço para diferentes exercícios - uma entrevista é um espaço de troca, de atenção, de expectativas, de encontros - um espaço de novas possibilidades. “A entrevista não é um momento de mera narração descritiva de episódios” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.54), nas palavras de Silveira (2002), elas estão regadas de relações de poder e controle, onde desencadeiam diversas estratégias, deslocam variados interesses, um “terreno movediço entre o esperado e o inesperado, entre a repetição e a inovação” (SILVEIRA, 2002, p.124).

As gravações das entrevistas foram feitas pelo próprio aplicativo *Google Meet*, uma ferramenta que, para nós pesquisadores, em tempos de pandemia, foi sendo naturalizada. Na prática, as gravações aconteceram pelo próprio aplicativo e para prevenir alguma falha que pudesse ocasionar perdas nas gravações, uma outra opção de registro foi adotada e o gravador de voz do celular foi posicionado ao lado do computador. As gravações se constituíram como documento-base da pesquisa, e foram transformadas do documento oral para o texto escrito.

De posse dos relatos orais dos colaboradores, iniciamos o processo de transcrição das falas. O momento em que as falas e gestos dos entrevistados se passam para a forma escrita, a

---

<sup>12</sup> Uma apresentação detalhada de como cada entrevista ocorreu foi feita na textualização disponível no capítulo 3.

transcrição é “uma alteração do suporte da entrevista (seja ele magnético ou digital) para o papel, a fixação do diálogo por meio de caracteres gráficos” (GARNICA, 2007, p. 40). Uma ação humana, demorada, atenciosa, cuidadosa. As transcrições foram feitas uma a uma, com a preocupação de ser fiel a fala do entrevistado.

Após realização da transcrição, a próxima etapa da pesquisa foi a textualização, uma forma de organizar as transcrições e tornar a leitura do texto mais fluente. Nesta pesquisa, optamos por reorganizar os textos, trocando algumas falas de lugar para que os assuntos ficassem em uma ordem mais clara para o leitor, como uma forma de criação literária, valorizando as narrativas e possibilitando ao leitor um diálogo com o texto.

A textualização foi feita em forma de um texto, onde buscamos respeitar a fala do entrevistado, mas essencialmente alterar o estilo do que foi falado. Dessa forma, a textualização transforma a transcrição num texto corrido. Uma “eliminação de vícios de linguagem, a diluição das questões do momento da entrevista nas respostas permite uma maior fluência na apresentação das ideias colocadas pelo depoente, eliminando as fragmentações presentes na transcrição” (SOUZA, 2006, p. 95).

Após terminadas as textualizações das entrevistas, as enviamos a cada entrevistado por e-mail, para que estes pudessem validar as escritas, concordando ou não com o material produzido. Pedimos em cada e-mail, que as leituras das textualizações fossem feitas com cuidado, e ressaltávamos que o entrevistado estava livre para sugerir alterações, caso não concordasse com a escrita.

Os cuidados éticos perpassaram por todas as etapas da pesquisa, visto que desde o início, buscamos a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, seguindo os protocolos sugeridos, e com as assinaturas do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE e termo de Cessão. A pesquisa foi aprovada sob o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE 40558420.1.0000.0021. Na realização desta pesquisa, também houve uma preocupação ética com a gravação, transcrição e a textualização, seguida da devolução do texto editado para que o entrevistado autorizasse a publicação e a sua utilização na pesquisa. Nesse processo, enviamos para os e-mails dos entrevistados, a carta de cessão de direitos de uso, onde os depoentes legitimaram cada texto da textualização e autorizaram o pesquisador a utilizá-la, com seu nome verdadeiro. Essa devolução foi essencial para reforçar os compromissos feitos com os depoentes ao longo da pesquisa. Na carta de cessão, destacamos os procedimentos e objetivos, mostrando a responsabilidade em relação aos entrevistados.

A análise foi estruturada de modo que, ao olhar para as entrevistas dos professores de Matemática, produzimos uma história sobre a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul. Para a fase de análise foi preciso ler e reler as entrevistas, escutando o que cada um dos entrevistados tinha para contar. São histórias produzidas por cada um deles. Ao olhá-las, perguntávamos: “o que pode a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul”? As narrativas contaram sobre a flexibilização dos horários de entrada e de saída dos estudantes, as relações intergeracionais presentes na escola, as especificidades regionais que marcam a rotina escolar, as particularidades desse estudante da EJA como sujeitos de corpos e sentidos, o professor como um sujeito do saber da experiência, a formação do professor para a modalidade, processos de exclusão que permeiam as relações na escola, sobre a relação entre as escolas que ofertam cursos da EJA e os Exames certificadores.

Essas narrativas eram muito familiares à pesquisadora, visto que ela também é uma professora da Educação de Jovens e Adultos, que vivencia e vivenciou essa escola. Ao optar por fazer uma nova narrativa, e ali produzir uma história da EJA, resolvemos trazer um dia de aula, onde alguns personagens que por ali passaram que fizeram parte da escola da EJA vivida pela pesquisadora, entendendo que fazia sentido trazê-la como uma 13<sup>o</sup> participante da pesquisa. Esse dia na escola, iniciou com a chegada dos alunos e terminou com a escola já vazia após as 22h40min.

### **1.3 A Pandemia**

No início do ano de 2020, todas as nossas formas de nos relacionar com o outro tiveram que ser reinventadas. Uma pandemia em curso chamada COVID-19, provocada pelo vírus SARS-CoV-2, isolou pessoas, fechou escolas, provocou a adoção emergencial do ensino remoto, aumentou a evasão escolar, produziu prejuízos no progresso cognitivo e emocional dos estudantes, aumentou as desigualdades sociais. Algo que nossa geração não tinha presenciado. Sem aulas presenciais, nossas pesquisas foram feitas de forma diferente da usual, utilizando recursos digitais e operando de uma forma que antes não se pensava. Adaptação foi a ação que ganhou mais atenção, pois sem isso não faríamos esta pesquisa.

Foram nossos varais que ficaram cheios de máscaras. Nossos sorrisos ficaram escondidos pelas máscaras. Choramos, sentimos medo e ansiedade, adiamos projetos, perdemos pessoas queridas, trocamos a coletividade pela solidão. O uso do álcool 70% tornou-se um hábito e com ele também adquirimos o vício de lavar as mãos, e o medo de chegar perto do

outro. Os encontros foram proibidos, as trocas de conversas habituais que corriqueiramente faziam parte do dia-a-dia passaram a ser escassas. A pandemia provocou uma marca em tudo que está sendo produzido nos anos de 2020, 2021 e 2022. Ela modificou os hábitos, as formas de convivência, o ir e vir, os deslocamentos, as acessibilidades, os modos do mundo se organizar. A pandemia nos fez repensar e reprogramar o nosso modo de fazer pesquisa. Foi pelo motivo da pandemia que optamos fazer as entrevistas pelo aplicativo *Google Meet*.

As marcas também se fizeram quando um professor<sup>13</sup> entrevistado para esta pesquisa faleceu em decorrência da COVID, uma situação triste, inesperada. Não era para ser assim, Maurício era risonho, cheio de esperanças, estava se cuidando – ele fala isso na sua entrevista. O encontro com o Maurício foi no início de dezembro de 2020, ele disse que queria se vacinar logo para voltar para a escola, para sua vida normal, para as salas da EJA. Mas foi contaminado em março de 2021, antes mesmo de ler a textualização.

A pandemia venceu o Maurício. Ele foi contaminado em abril de 2021. Lutou para vencer a doença se tratando inicialmente em casa, mas foi internado. Faleceu em 28 de abril de 2021, no hospital em Campo Grande, MS. Ele não voltou mais para casa, não voltou para a escola, não voltou para sua família. Seu filho, que também era professor, também não voltou. Como Maurício foi contaminado. Como Maurício foi internado, intubado, sepultado. Muitas pessoas como eles se foram na pandemia e deixaram alguém que chora. Não são só números na estatística, Presidente! São seres que sentem, que amam, que choram. São amantes de alguém.

A vida do Maurício merece nosso pranto, nossa dor, nosso corte. Maurício era professor, pai, amigo, amor de alguém. Ele não foi vacinado. A vida do seu entorno foi desmontada. A vacina demorou a chegar e ele se foi. Agora vive em sua narrativa. Trazê-lo, contar suas experiências vivenciadas na sala de aula, e uma pouco da sua história é fazê-lo reviver em nós. Maurício deixa sua marca nesta pesquisa. Deixa na sua narrativa o seu movimento singular, único.

---

<sup>13</sup> Professor morre de COVID Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2021/professor-de-ribas-do-rio-pardo-morre-de-covid-19-e-familia-segue-internada-na-capital>. Acesso em: 15 set. 2021.

## 2. UM BREVE PANORAMA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

*Declaração de 1789: Os homens nascem e permanecem livres e iguais em seus direitos.*

O que pode a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul? Diante dessa pergunta entendemos ser necessário deslocar nossa discussão inicial para alguns acontecimentos de maior preponderância no cenário histórico brasileiro, no tocante da educação de adultos<sup>14</sup>, trazendo um pouco da constituição dessa modalidade de ensino, olhando para como essa escola vai se constituindo e se tornando a escola da EJA dos dias de hoje. Organizamos uma escrita a fim de situar o leitor espacialmente, esboçando um percurso histórico da EJA, trazendo alguns cenários da modalidade em Mato Grosso do Sul<sup>15</sup>, argumentando marcos históricos, normatizações e ações educativas desenvolvidas pelo/no estado. No cenário educacional, a educação de adultos foi sempre marcada por um conjunto múltiplo de processos e práticas formais e informais relacionadas aos procedimentos educativos diversos. Ao longo dos anos, se estabelece como parte integrante da história da educação no Brasil.

Foi com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e, com a reafirmação pela LDBEN 9394/96, que o direito a Educação se torna um dever do Estado, visando garantir a todos os cidadãos acesso à escolarização. A Carta Magna garantiu saúde e educação a todos, e declara, segundo o Art. 208, que a educação básica é um direito garantido a todos aqueles que não tiveram acesso a ela na idade própria. Essa Lei reconhece que o acesso à educação é um direito público subjetivo, incorpora como princípio que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. O Art. 208 foi alterado pela Emenda Constitucional Nº 59, de 11 de novembro de 2009, os Incisos I e VII passando a vigorar com as seguintes alterações:

---

<sup>14</sup> A EJA passa a ser nominada Educação de Jovens e Adultos e reconhecida como modalidade de educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, a partir da lei 9394/96, que passa a partir de tal a usufruir de uma especificidade própria. No caso destacado, nominamos a referência como educação de adultos por ser um termo usual no Brasil, antes da lei específica.

<sup>15</sup> O Mato Grosso do Sul é um estado brasileiro faz parte da região Centro-Oeste, junto com Goiás, Mato Grosso e também Distrito Federal. Ele faz divisa com dois países: Bolívia e Paraguai, e com outros estados brasileiros: Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e São Paulo. Ele é organizado por 79 municípios, distribuídos numa área de 358.158,7 km<sup>2</sup>, e de acordo com a estimativa do IBGE – 2021 têm uma população de aproximadamente 2.839.188 pessoas - a menor densidade demográfica do Brasil. A divisão do estado de Mato Grosso foi feita no mandato do presidente Ernesto Geisel, a partir da Lei Complementar nº 31 de 10 de outubro de 1977, e ao longo dos anos de sua história foram criados outros 24 municípios; sendo criado inicialmente, na parte sul da divisão, 55 municípios.

I – Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (BRASIL, 2009).

A Constituição traz a Educação como um direito de todos e como um dever do Estado e da família, interferindo nas políticas públicas voltadas para a educação básica; a partir dela a educação torna-se democrática, para todos, inclusive para o jovem, o adulto e o idoso. Após decretada a Lei foram aprovados os Pareceres CEB nº 4 em 29 de janeiro de 1988 - aprovando as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e o CEB nº 15 de 1º de junho de 1998 - instituindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, ampliando as discussões sobre como deliberar para a educação de adultos. Esse público específico adulto passa, após a Lei 9394/1996, a usufruir uma modalidade de educação com especificidade própria. No entanto, queremos percorrer um tempo anterior a esse referido pela Constituição de 1988, trazendo alguns cenários que antecederam essa Lei, discutindo o que a modalidade EJA tem enfrentado nos últimos anos. Não temos a pretensão de esgotar o tema, pois fazemos movimentos de olhar para um cenário amplo, plural, entendendo que essa discussão não se esgota em uma escrita de um texto.

Autores como (HADDAD, 2007; HADDAD & DI PIERRO, 2000; DI PIERRO, JOIA & RIBEIRO, 2001, PAIVA, 2015) contribuem teoricamente com discussões históricas, políticas, sociais e culturais sobre essa temática. Em um de seus artigos, “Escolarização de Jovens e Adultos”, Haddad e Di Pierro (2000) trazem uma visão panorâmica do tema ao longo dos cinco séculos da história da EJA no Brasil e inferem que o pensamento pedagógico e as políticas públicas de educação escolar de jovens e adultos adquiriram a identidade e feições próprias, que pensar o desenvolvimento das ações educativas com adultos no Brasil não é uma prática nova; e diversas ações pedagógicas já foram mobilizadas no Brasil desde o período colonial. Visto que naquele período, religiosos exerciam ações educativas missionárias com adultos utilizando a educação como ferramenta de cristianização e de imposição do domínio português, e para além de suas funções missionárias educativas sobre o evangelho, também doutrinavam comportamentos e ofícios necessários para lidar com a economia colonial. Nesse período, o processo de educação no Brasil já era marcado pelo classismo, que reduzia a oferta da educação às classes mais abastadas.

Nas palavras de Haddad e Di Pierro (2000), após o período colonial nota-se que poucas informações são encontradas na literatura sobre ações educativas no que se refere à educação

de adultos entre os anos de 1759 até 1824. Depois disso, há relatos sobre a educação no período do Brasil Imperial nos primeiros anos de 1800. Com a vinda da Família Real portuguesa, houve uma reorganização do sistema de ensino no Brasil, já que a nova estrutura aristocrática formada demandava por escolarização. Além disso, com a sociedade se tornando urbana, iniciou-se o processo de industrialização e a necessidade de preparar as pessoas para o trabalho.

Vanilda Paiva (2015), escreve em seu livro *História da Educação Popular no Brasil*, que a Independência do Brasil instituiu novos interesses em relação a educação, já que o acesso a instrução fomentava a participação de brasileiros nas atividades do Império. Nesta conjuntura, instalou-se uma Assembleia Constituinte, cujos membros foram delegados a discutir o problema do ensino, “havendo referências a criação de uma comissão para elaborar um plano de educação primária e um projeto de estímulo a brasileiros para a elaboração de um tratado completo de educação” (PAIVA, 2015, p. 71).

A partir da constituição Imperial de 1824 procurou-se dar um significado mais amplo para a educação, garantindo a todos os cidadãos a instrução primária. Haddad e Di Pierro (2000) escrevem que o direito nasceu com a norma constitucional de 1824, apesar de trazer uma inspiração iluminista em relação aos conceitos de cidadania.

No texto do Parecer<sup>16</sup> CNE/CEB 11/2000, que trata sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, evidencia a promulgação do decreto nº 7247 em 19 de abril de 1879. Esse marco legal de 1879, apresentado por Leôncio de Carvalho, tratava da reforma do ensino prevendo a criação de cursos para adultos analfabetos, livres ou libertos, do sexo masculino, com duas horas diárias de duração no verão e três no inverno, com as mesmas matérias do diurno. Foi instituído nessa Reforma também o auxílio a entidades privadas que criassem tais cursos. Esse decreto vem na direção indicativa de uma preocupação com os altos índices de analfabetismo, um período ainda escravocrata.

Em 1891, na Primeira República, uma nova Constituição foi instituída e, com ela, a exclusão do direito do voto do adulto. Nesse cenário, a maioria da população adulta era iletrada e, ignorar a massa analfabeta nas eleições significaria desprezar as reivindicações por direitos do povo economicamente excluído, das camadas populares, possibilitando eleger tão somente representantes dos interesses dominantes (BRAGA e MAZZEU, 2017). Nas palavras de Haddad e Di Pierro (2000), a Constituição de 1891:

Mais uma vez garantiu-se a formação das elites em detrimento de uma educação para as amplas camadas sociais marginalizadas, quando novamente as decisões relativas à

---

<sup>16</sup> Parecer, elaborado pelo Conselheiro do Conselho Nacional de Educação Carlos Roberto Jamil Curry, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

oferta de ensino elementar ficaram dependentes da fragilidade financeira das Províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam politicamente. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109).

Se na República o estatuto da cidadania passara a incluir a população negra, a Constituição de 1891 passa a marginalizar politicamente quase 80% da população adulta que era iletrada. Institui-se por lei a discriminação e a exclusão da pessoa analfabeta e a democracia reduzia-se à uma República dominada por poucos, um movimento contrário a evolução democrática (PAIVA, 2015).

Foi no período da Primeira República, nos idos de 1890, que inicia-se no país a história das Políticas de Certificação de Jovens e Adultos no Brasil, um exame chamado “Exame de Madureza” em consonância com o Decreto-Lei nº 981 de 08 de novembro do determinado ano. A partir desse Decreto-Lei, brasileiros com idade mínima de 16 anos, que não tiveram oportunidade de cursar formalmente o chamado “ensino regular” em uma instituição de ensino, tinham a chance de obter o título de bacharel por meio de uma prova escrita (correspondente ao final da educação básica nos dias atuais). Essa prova era oferecida anualmente aos que se inscreviam para obter a certificação, e após a aptidão comprovada, o candidato obtinha o direito de concorrer a cargos no serviço público, e a possibilidade de requerer um curso no ensino superior. Identificado como "um exame geral de admissão aos cursos superiores, no qual se averiguasse o grau de maturidade intelectual alcançado pelo adolescente" (HADDAD, 1987, p. 21), a aprovação no exame de madureza conferia direito a ingressar nos poucos cursos superiores existentes nessa época.

Os Exames de Madureza revelam um padrão de justificativa em relação a reparação de um dever do Estado, para com o direito não garantido dos cidadãos em terem acesso à escola; ao passo que legitimam-se como mecanismo de resposta às exigências da sociedade em relação ao processo de escolarização. O certificado emitido representava para parte dos que se candidatavam, naquele contexto, a não necessidade da busca pela escola (MACHADO; LAGO, 2020, p.1)

Com o início do século XX começou-se a culpar as pessoas analfabetas pela situação de subdesenvolvimento do Brasil e, em 1915, foi criada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo. Na Associação Brasileira de Educação (ABE), as discussões giravam em torno de uma luta contra o analfabetismo, com um discurso de que era necessário tornar a pessoa iletrada um ser produtivo que contribuísse para o desenvolvimento do país.

As ideias de difusão do ensino elementar tinham sido deixadas de lado, como também diminuía a intensidade das reivindicações em favor da instrução popular, abafadas pela consolidação do poder das oligarquias e da hegemonia do grupo agrário-comercial. Paiva (2015) relata que foi com a Primeira Guerra Mundial e as modificações impulsionados por ela,

que as discussões sobre os problemas educacionais volta ao cenário brasileiro, atribuindo à precária difusão do ensino a responsabilidade pelo analfabetismo no país.

É oportuno destacar, que neste cenário de movimentos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Revolução Russa (1917) e a Quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, chega ao Brasil um grande número de imigrantes italianos e alemães. Foi nesse período, que a produção cafeeira estava em expansão (1900-1930), e o desenvolvimento de outras atividades impulsionava a formação da camada “média” da sociedade. O que se pode discorrer é que este grupo de pessoas precisava se instruir para alçar cargos da administração pública e empregos qualificados no comércio e na administração privada. Tal situação nacional fez com que movimentos renovadores cobrassem do governo uma mudança (Haddad e Di Pierro, 2000). Desse modo,

[...] os precários índices de escolarização que nosso país mantinha, quando comparados aos de outros países da América Latina ou do resto do mundo, começavam a fazer da educação escolar uma preocupação permanente da população e das autoridades brasileiras. Essa inflexão no pensamento político-pedagógico ao final da Primeira República está associada aos processos de mudança social inerentes ao início da industrialização e à aceleração da urbanização no Brasil. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 110)

Um entusiasmo nacionalista emergiu no decorrer da Primeira Guerra Mundial provocando no Brasil, uma manifestação de debates e reivindicações educacionais. Se a crise mundial, decorrente da guerra, provocara de um lado o fechamento de fábricas, crescimento de estoques acumulados e a dispensa de operários de seus postos de trabalho, ela também provocou a aceleração da industrialização interna e aumento da produção para o atendimento da demanda interna.

A esse respeito, com a intensificação do nacionalismo, ressurgem os ideais republicanos e democráticos, aos quais se ligam aos anseios de universalização do ensino elementar e de ampliação das oportunidades educacionais para o povo. Compete frisar que isso acontece com o forte argumento de que os índices do analfabetismo estavam altos, desse modo o movimento de luta pela democratização da escola pública começa a se articular para exigir o direito ao acesso à educação a todos os cidadãos, comprometido com aspirações de que as composições do bloco de poder pudesse ser alterada (PAIVA, 2015).

Essa autora coloca em pauta que no final da Primeira República; delineiam-se particularidades da educação popular e das ideias pedagógicas que vão orientar sua evolução. Cabe aqui acrescentar que a luta pela Educação Popular no Brasil não partiu de iniciativas de grupos ligados ao campo (maior parte da população brasileira à época) e, nem pela base da sociedade, mas por setores mais progressistas. Paiva (2015), argumenta que o sistema de

dominação política em nada favorecia a expansão do ensino popular no Brasil e que havia um grande desinteresse pela instrução do povo devido à maioria das cidades do país guardar características rurais e suas administrações serem dominadas pelo poder dos donos da terra.

Um marco na reformulação do papel do Estado no Brasil, segundo Haddad e Di Pierro (2000), foi a Revolução de 1930. É oportuno focar, para essa discussão teórica, na perspectiva educacional. A nova Constituição apresenta um Plano Nacional de Educação, fixado, coordenado e fiscalizado pelo governo federal, determinando a competência da União, dos estados e municípios em matéria educacional. A Constituição “reafirmou o direito de todos e o dever do Estado para com a educação; estabeleceu uma série de medidas que vieram confirmar este movimento de cobrar do setor público a responsabilidade pela manutenção e pelo desenvolvimento da educação” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.14).

Cabe salientar que, após a Revolução de 1930, já era possível encontrar no Brasil movimentos sobre a educação de adultos, dentre eles o debate sobre a necessidade de aumentar a rede de ensino elementar. De acordo com Paiva (2015), entre os anos 1932 e 1937 as matrículas no ensino supletivo aumentaram, e neste contexto também aconteceu o surgimento das Universidades Populares vinculadas a instituições de ensino ou a biblioteca. Nesse mesmo período, especificamente em 1932, foi lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que conforme nos relata Paschoal Lemme (1988), foi um documento que representou um salto a respeito do pensamento educacional brasileiro, constituindo um ideal a que devem conformar-se os educandos.

De acordo com Haddad, Joia e Ribeiro (2001), nos anos 1940 e 1950, algumas iniciativas educacionais para a EJA surgiram nos níveis estadual e local e a educação de adultos veio a se firmar como um problema de política nacional. Nesse período houve a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário em 1942, do Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos, em 1947, a Campanha de Educação Rural iniciada em 1952 e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo em 1958, foram marcos legais que indicaram maior preocupação em oferecer os benefícios da escolarização a “amplas camadas da população até então excluídas da escola” (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001).

Para tanto, muitas coisas aconteceram no Brasil neste período, cabendo acrescentar que de 1 a 16 de novembro de 1945, foi convocada em Londres, a Conferência das Nações Unidas para a criação de uma organização educacional e cultural. No dia 16 de novembro, 37 países assinam a carta que estabelece a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Na conferência, Ellen Wilkinson, então simultaneamente Ministra

britânica da educação e presidente da Conferência geral, lê a recém-adotada Constituição (COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO, 2021). De acordo com Haddad e Di Pierro (2000), ao ser criada, a UNESCO apresentava ao mundo as desigualdades entre os países e alertava para o papel que deveria desempenhar a educação, em especial a educação de adultos, no processo de desenvolvimento de nações categorizadas como “atrasadas”.

Em 1947, criou-se o Serviço de Educação de Adultos (SEA) como serviço especial do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde, que tinha por finalidade a reorientação e coordenação geral dos trabalhos dos planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos. E uma campanha autorizada pela Portaria da Educação n.º. 57, na data de 30 de janeiro de 1947, que criava o Serviço de Educação de Adultos, subordinado ao Departamento Nacional de Educação. A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), de 1947 a 1963, foi coordenada por Lourenço Filho (1897-1970)<sup>17</sup> que, com sua experiência de professor da época, conseguiu estender o programa para as diversas regiões brasileiras (COSTA; ARAUJO, 2011).

A Campanha Nacional de Educação de Adultos apresentava como política governamental o entendimento que a educação de adultos era peça fundamental no enfrentamento ao problema do analfabetismo adulto. Sendo os dois objetivos principais que norteavam essa campanha: atender as recomendações da Organização das Nações Unidas (ONU) que alertavam para que os países se posicionassem em relação a educação de adultos; e aspirar a ampliação do número de eleitores, visto que o país passava por um momento de redemocratização (SOARES, 1996).

É no final dos anos 1950, nesse movimento capaz de modificar as iniciativas públicas, chamando a atenção para as causas sociais do analfabetismo e condicionando a sua eliminação ao desenvolvimento da sociedade, que Paulo Freire traz para o cenário a discussão do tema:

[...] A Educação de Adultos e as Populações Marginais: O Problema dos Mocambos”, apresentado no II Congresso Nacional de Educação de Adultos em julho de 1958, no Rio de Janeiro, que Paulo Freire firmou-se como educador progressista. Com uma linguagem muito peculiar e com uma filosofia da educação absolutamente renovadora, ele propunha, no relatório, que a educação de adultos das Zonas dos Mocambos existentes no Estado de Pernambuco teria de se fundamentar na consciência da realidade da cotidianidade vivida pelos alfabetizandos para jamais reduzir-se num simples conhecer de letras, palavras e frases. Afirmava também que só se faria um trabalho educativo para a democracia se o processo de alfabetização de adultos não fosse sobre – verticalmente – ou para – assistencialmente – mas com o homem, com os educandos e com a realidade [GADOTTI (Org.), 1996, p.35].

---

<sup>17</sup> Lourenço Filho foi considerado por Péricles Madureira de Pinho, ministro de Educação do governo de Vargas em 1953.

Essas ações ocorridas nas décadas de 1950 e 1960, constituíram o que ficou conhecido como “Educação Popular”, um importante movimento para a Educação de Jovens e Adultos. Compete frisar que as ações pedagógicas propostas por Paulo Freire foram baseadas no “diálogo como princípio educativo e a assunção, por parte dos educandos adultos, de seu papel de sujeitos de aprendizagem, de produção de cultura e de transformação do mundo” (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 60).

Paulo Freire criou uma nova concepção de alfabetização "como meio de democratização da cultura, como oportunidade de reflexão sobre o mundo e a posição e o lugar do homem nele" (SOARES, 1998, p. 100). Para ele, a educação não poderia ser vista apenas como ferramenta para a transmissão de conhecimentos e reprodução das relações de poder instituídas no capitalismo, como acontecia na Educação bancária (FREIRE, 1987), mas, como uma ação capaz de libertação e emancipação das pessoas. “Uma prática cultural libertadora deveria envolver um trabalho intelectual de reelaboração dos elementos ideológicos da tradição de um povo” (BRANDÃO, 2001, p. 28).

Freire passou a direcionar diversas experiências de educação de adultos, defendendo a ideia que, por intermédio da consciência crítica e da valorização dos saberes já adquiridos, os adultos poderiam ter autonomia para fazer suas próprias escolhas e se libertar de sua posição de oprimido. A esse respeito, “o paradigma pedagógico que então se gestava preconizava com centralidade o diálogo como princípio educativo e a assunção, por parte dos educandos adultos, de seu papel de sujeitos de aprendizagem, de produção de cultura e de transformação do mundo” (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 60).

De acordo com Gadotti (1996), o relatório apresentado no II Congresso de Educação de Adultos tornou-se um marco na compreensão pedagógica da época, um divisor de águas entre uma educação neutra, alienante e universalizante, essencialmente radicada no cotidiano político-existencial dos alfabetizandos e das alfabetizadas. “Um acontecimento que nos oferece a oportunidade de observar o início da transformação do pensamento pedagógico brasileiro, com o abandono do ‘otimismo pedagógico’ e a reintrodução da reflexão sobre o social na elaboração das ideias pedagógicas” (PAIVA, 2015, p. 238).

Foi nesse cenário que diversos trabalhos educacionais com adultos foram ganhando destaque e importância. Com a efervescência política e cultural do período, algumas experiências evoluíram no sentido de organização de grupos populares articulados a sindicatos e outros movimentos sociais, dentre elas: o Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1961; o Movimento de Cultura Popular do Recife, a partir

de 1961; os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da União Nacional dos Estudantes (UNE); a Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; o Movimento de Cultura Popular do Recife; e, em 1964, o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, que contou com a presença de Paulo Freire (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Foi no governo de Janio Quadros<sup>18</sup>, pelo decreto nº. 50.370, de 21 de março de 1961, a determinação para que o governo federal fornecesse recursos para a realização de um Movimento de Educação de Base, intermediada por emissoras católicas, com convênios com o MEC e outros órgãos da administração federal. Foi assinado um convênio entre o Ministério da Educação (MEC) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O Movimento de Educação de Base deveria executar um plano quinquenal (1961-1965), instalando inicialmente 15.000 escolas radiofônicas e expandindo-se nos anos subsequentes. No final dos anos de 1950, o Ministério da Educação e Saúde criou o Sirena – Sistema Nacional de Radiofusão Educativa Nacional (SILVA, 2012).

De acordo com Silva (2012), as emissoras de rádio disponibilizavam um horário para veiculação de programas educativos, que eram acompanhados de material didático. Os interessados em estudar recebiam uma Radiocartilha, elaborada no Rio de Janeiro e distribuída para todo o país. Neste período que vai do início de 1962 aos primeiros meses de 1963, o governo federal lançou dois programas consecutivos destinados à educação dos adultos: a Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo (MNCA) e o Programa de Emergência. O MNCA nunca chegou a ser implantado e o Programa de Emergência, criado pelo decreto nº. 51. 552, de 26 de setembro de 1962, ficou em execução apenas seis meses. Tanto a MNCA quanto o Programa de Emergência abrangiam os diversos problemas do ensino primário comum (difusão e melhoria qualitativa) e os problemas da educação dos adultos (SILVA, 2012).

Foi no início de 1964, que o Ministério da Educação organizou o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, coordenado por Freire. Neste mesmo ano, essas e outras experiências que estavam transformando os meios educacionais brasileiros foram violentamente reprimidas por ações do governo do ciclo militar. O movimento educacional emancipatório era considerado uma ameaça às forças controladoras do poder, “naquele momento, a multiplicação de programas de alfabetização de adultos, secundada pela organização política das massas, aparecia como algo especialmente ameaçador aos grupos direitistas” (PAIVA, 2015, p. 287). É

---

<sup>18</sup> Foi eleito presidente em 3 de outubro de 1960 para o mandato de 1961 a 1965.

neste ano de 1964, instaurada a Ditadura Militar<sup>19</sup>. O país começa a sofrer repressões por parte do governo em vários setores, entre eles, a educação. Os movimentos de educação de adultos foram então extintos permanecendo apenas o Movimento de Educação Básica (MEB) que se sujeitou a algumas transformações.

O golpe militar produziu uma ruptura política em função da qual os movimentos de educação e cultura populares foram reprimidos, também seus dirigentes perseguidos, e seus ideais, censurados. Além disso, o governo militar interrompeu o Programa Nacional de Alfabetização, seus dirigentes foram presos e os materiais apreendidos, e o Movimento de Base da CNBB acuado e impedido pela própria hierarquia católica de continuar seu movimento de luta. Também, as lideranças estudantis e os professores universitários tiveram seus direitos políticos cassados ou foram impedidos do exercício de suas funções. “A ruptura política ocorrida com o movimento de 64 tentou acabar com as práticas educativas que auxiliavam na explicitação dos interesses populares” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.113).

Em 1967, sob pressão internacional, o governo militar lança uma nova campanha para combater o analfabetismo: a Cruzada da Ação Básica Cristã (ABC). Reassumindo, o Ministério da Educação, a responsabilidade e o compromisso internacional de combater o analfabetismo e apoiar a alfabetização de adultos em 1966, elaborando o Plano Complementar e apoiando a Cruzada ABC, em colaboração com a USAID<sup>20</sup>.

A Cruzada ABC tinha interesse em treinar pessoas para atuar na educação de adultos e produzir material didático, e seu objetivo era dar ao semianalfabeto, além do grau de instrução primária, a capacidade de saber decidir por si e uma formação profissional, para que ele atingisse a autonomia econômica. A Cruzada ABC não alcançou os objetivos propostos, e os profissionais da educação no país recusaram a participar deste movimento, causando o seu fracasso (SILVA, 2012).

De acordo com Haddad e Di Pierro (2000), o objetivo da Cruzada ABC era dar resposta a um direito de cidadania cada vez mais identificado como legítimo, mediante as estratégias que atendessem também aos interesses hegemônicos do modelo sócio econômico implementado pelo regime militar.

No 31 de março de 1964, instalou-se no país uma nova ordem político-administrativa, que viria repercutir também no campo da educação, com destaque à Reforma do Ensino Superior, com a Lei nº. 5.540/68 e a do Ensino de 1º e 2º graus, Lei nº. 5.692/71. Neste contexto,

---

<sup>19</sup> A Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) foi um regime militar que durou 21 anos (1964-1985), estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime.

<sup>20</sup> A USAID é uma agência de desenvolvimento internacional.

também com o objetivo de criar condições que pudessem contribuir para ativar o processo de desenvolvimento no Brasil, seguindo a orientação da Unesco, foi promulgada a Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, instituindo o Movimento Brasileiro de Alfabetização. O projeto contemplava a favor dos projetos experimentais de alfabetização funcional educacional, e da priorização de projetos de jovens e adultos integrados ao desenvolvimento e “sucedeu à mobilização observada nos meses anteriores em relação ao problema da educação de jovens e adultos” (PAIVA, 2015, p. 320).

O MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), intencionava ocupar o espaço deixado pelos movimentos sociais reprimidos e pelas iniciativas governamentais que até então estavam suspensas. "Esse movimento estimulava o individualismo e a adaptação à vida moderna, enfatizando a responsabilidade pessoal pelo êxito ou fracasso e tentando afastar a possibilidade de resistência ao modelo instalado" (PEREIRA; PEREIRA, 2010, p. 78).

A criação do MOBREAL visava a busca de uma alternativa ao trabalho da Cruzada ABC, com o intuito de alfabetizar e promover a educação continuada. O foco era, além de promover a educação de analfabetos, cooperar com movimentos isolados de iniciativa privada, financiar e orientar tecnicamente cursos de 9 meses para analfabetos de 15 a 30 anos, priorizando os municípios de maiores possibilidades de desenvolvimento econômico (PAIVA, 2015).

Tendo em vista uma meta visionária de atender 11.400.000 de analfabetos entre 1968 e 1971, extinguindo o analfabetismo até 1975, o programa previa uma integração da alfabetização em programas mais amplos, de educação para a saúde, o trabalho, o lar, a religião, o civismo e a recreação, além da instalação de centros de integração social e cívica (SILVA, 2012). Mas, ganha destaque com a implementação dos Exames Supletivos e dos Centros de Estudos Supletivos de frequência não obrigatória. São também, neste cenário, constituídos os Centros de Estudos Supletivos<sup>21</sup> para atender aos trabalhadores que não podiam se adequar à rotina da escola regular, uma vez que já se encontravam no mercado de trabalho e, por isso, precisavam de outras alternativas de acesso à escolaridade (VARGAS, 1984).

O programa chegou a quase todos os municípios do Brasil, estruturado a partir da contribuição do MEC, das prefeituras e sociedade civil. Porém, foi no ano 1969, que o MOBREAL começa a distanciar da proposta inicial, e se configura como um programa que “por um lado, atendesse aos objetivos de dar uma resposta aos marginalizados do sistema escolar e,

---

<sup>21</sup> Os Centros de Estudos Supletivos ofereciam materiais didáticos e disponibilizavam aos alunos orientações de estudos. Os centros ofertavam a realizam a avaliação da aprendizagem dos alunos periodicamente (por disciplina e por módulo de ensino). Os alunos podiam realizar exames supletivos gerais e/ou ser aprovados em um ou mais componentes (HADDAD, 1999).

do outro, atendessem aos objetivos políticos dos governos militares' (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 114). Convém ressaltar que esse programa foi concebido para ser extinto depois que o problema do analfabetismo fosse resolvido, porém tinha baixa articulação com o sistema básico.

Um dos pontos de crítica ao MOBRAL era a sua organização pedagógica, destinando pouco tempo a alfabetização e critérios de avaliação de aprendizagem ineficientes, além de gerar baixa confiabilidade dos indicadores que produzia. Também cumpre indicar que, sendo a sua clientela pertencente a uma classe social desfavorecida, sem assistência nenhuma, o seu acesso ao projeto era por meio da escola, caso não participasse de associações da comunidade ou sindicatos. Uma condição social que dificultava o processo de ensino-aprendizagem (SILVA, 2012).

No ano de 1985 o MOBRAL foi extinto. O fracasso do programa veio com a liberação do regime militar, devido ao programa ter nascido do autoritarismo, e com ele foi “sepultada toda e qualquer esperança dos defensores do regime autoritário de pretender ter conduzido adequadamente a política de educação do país na década de 70 e metade da de 80”. A extinção do Mobral foi um dos objetivos do Programa do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, principalmente porque esses condenavam o seu percurso autoritário (PAIVA, 2015, p. 405).

Voltando aos idos de 1971, foi consolidada a Lei nº 5692 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que regulamentava as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Antes de sua aprovação, as ações políticas direcionadas ao ensino de estudantes jovens, adultos e idosos eram concentradas na alfabetização, sendo neste sentido, relevante considerar, que a LDB 5.692 estendeu a obrigatoriedade do ensino de quatro para oito anos unificando “ensino primário e ginásial”, criando o ensino de 1º grau. Neste contexto, essa legislação limitou a obrigatoriedade da oferta de ensino de 1º grau apenas às crianças de 7 a 14 anos.

Essa lei também incorporou os antigos "exames de madureza"<sup>22</sup>, alterando sua denominação para "exames supletivos" (HADDAD, 1987), e regulamentou a possibilidade da continuidade dos estudos para além do “ensino primário”. Neste sentido, a "a educação voltada para estudantes jovens e adultos mereceu um capítulo específico na legislação educacional”, onde dispôs as regras básicas para a oferta da educação supletiva. O capítulo IV dessa lei foi dedicado “a suplência – relativa à reposição de escolaridade -, o suprimento – relativa ao aperfeiçoamento ou atualização -, a aprendizagem e a qualificação – referentes à formação para o trabalho e profissionalização (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 62). Além disso, esta

---

<sup>22</sup> Nome do curso de educação de jovens e adultos – e também do exame final de aprovação do curso – que ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961.

lei trouxe a perspectiva da organização do ensino em várias modalidades: cursos supletivos, centros de estudo e do ensino a distância. A aprovação nesses exames certificaria para o ensino regular; sendo eles realizados por disciplina. Havia a possibilidade do candidato se inscrever em qualquer nível, podendo este se inscrever nos exames de segundo grau mesmo sem ter concluído o primeiro grau (HADDAD, 1987).

Algumas ações pedagógicas para a EJA foram relevantes nesse período, entre as décadas de 1970 a 1980, tais como a escolarização a distância via rádio ou televisão, muito comum na época dos exames supletivos. Ao olhar para essas ações, faz-se necessário trazer para esse debate as contribuições de Pinto (2013), que em sua tese nos propõe olhar para o Projeto Minerva<sup>23</sup>. Nas suas discussões, este autor nos propõe a entender esse projeto de uma forma múltipla, sob a perspectiva de cada indivíduo participante da pesquisa, suas maneiras diferentes, os entrevistados contam como cada um vivenciou o Projeto.

O Projeto Minerva foi uma experiência educativa via rádio, responsável por iniciativas de educação a distância no Brasil. A tese traz um olhar para esse Projeto, a partir de diversas entrevistas de pessoas que o vivenciaram. As aulas eram espaços alternativos para o funcionamento do radioposto, nome dado ao local onde alunos e monitores se reuniam, em média duas horas por dia, de segunda a sexta-feira, para ler os fascículos, fazer os trabalhos e ouvir os programas pelo rádio que se configuravam em: salas de aula, salões paroquiais, casas de voluntários, entre outros, mediadas por professores (PINTO, 2013). O Projeto Minerva, de abrangência nacional e veiculado pelo rádio após a Hora do Brasil, podia ser relacionado a um curso supletivo de primeiro e segundo graus. Um programa transmitido nacionalmente entre as 19 e 20 horas via rádio produzido pelo governo intercalava notícias, atrações artísticas e outras informações diversas. Através desse canal de diálogo, o presidente Getúlio Vargas<sup>24</sup> e o ministro do Trabalho realizavam discursos onde as demandas da classe trabalhadora eram debatidas e a aprovação de novas leis divulgada. Ele "atendeu aproximadamente 200 mil alunos cadastrados, além dos não cadastrados, que acompanhavam livremente as aulas" (PINTO, 2013, p. 5).

No início de 1986, com a função de dar continuidade ao MOBREAL, foi implantado no Brasil, a Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos - Fundação Educar.

---

<sup>23</sup> O governo militar criou um programa de ensino à distância chamado Projeto Minerva. O programa entrou no ar pela primeira vez no dia 4 de outubro de 1970. O objetivo era solucionar os problemas educacionais com a implantação de uma cadeia de rádio e televisão educativas para a massa, utilizando métodos e instrumentos não convencionais de ensino.

<sup>24</sup> A Era Vargas foi o período de quinze anos da história brasileira que se estendeu de 1930 a 1945 e no qual Getúlio Vargas era o presidente do país.

A Educar assumiu a responsabilidade de articular, em conjunto, o subsistema de ensino supletivo, a política nacional de educação de jovens e adultos, cabendo-lhe fomentar o atendimento nas séries iniciais do ensino de 1º grau, promover a formação e o aperfeiçoamento dos educadores, produzir material didático, supervisionar e avaliar as atividades. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 120).

Nesse processo de mudanças, no decorrer dos 1990, o governo de Fernando Collor de Mello<sup>25</sup> (1990-1992), encerrou as atividades do EDUCAR, e um Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania foi criado pelo MEC. Entre os movimentos que surgiam no início da década de 90, podemos destacar o Movimento de Alfabetização - MOVA<sup>26</sup>.

É oportuno apontar que, com a promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988, a educação foi declarada em seu Art. 205, como direito de todos e dever do Estado e da família, e no Art. 208, a garantia educação básica obrigatória e gratuita a todos, inclusive aos que a ela não tiveram acesso na idade própria. Sendo assim, oito anos depois de promulgada a Constituição Federal (CF), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/1996, determina que os sistemas de ensino assegurem cursos e exames educacionais apropriados aos interesses, às condições de vida e trabalho dos jovens e aos adultos. Essa lei também estabelece que o Plano Nacional de Educação seja elaborado em concordância com a Declaração Mundial de Educação para Todos (CURY, 2007).

Segundo a pesquisadora Maria Margarida Machado (2016), no ano de 1996 houve um movimento significativo de debates sobre a educação de adultos, mobilizado pela Unesco<sup>27</sup>, em preparação à V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA)<sup>28</sup>, que se realizou em 1997 em Hamburgo, na Alemanha. No Brasil, a elaboração deste diagnóstico foi coordenada pelo Ministério da Educação (MEC), que impulsionou a realização de encontros estaduais, regionais e um seminário nacional para discutir o tema. Para Joachim H. Knoll (2014), a CONFINTEA V levou a educação de adultos para o século XXI, havendo ali discussões que fizeram avançar o pensamento acadêmico, embora sem necessariamente inspirar a ação governamental. Na “Agenda para o Futuro” de 1997 constava uma vasta lista de temas

<sup>25</sup> Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente eleito pelo voto democrático, após 21 anos de ditadura militar. O ocupou o cargo de 32º Presidente da República do Brasil durante os anos de 1990 a 1992.

<sup>26</sup> Projeto de alfabetização destinado aos jovens e adultos acima de 15 anos, proposto pela primeira vez como uma política pública para a alfabetização de jovens e adultos na gestão de Paulo Freire, quando exerceu a função de Secretário Municipal de Educação do Município de São Paulo entre os anos de 1989 a 1992

<sup>27</sup> As cinco primeiras Conferências Internacionais da UNESCO de Educação de Adultos foram: Elsinore em 1949, Montreal em 1960, Tóquio em 1972, Paris em 1985 e Hamburgo em 1997.

<sup>28</sup> O livro intitulado *Educação de Adultos em Retrospectiva: 60 anos de CONFINTEA*, organizado por Timothy Denis Ireland e Carlos Humberto Spezia traz uma série de textos que tratam sobre as Conferências Internacionais da UNESCO de Educação de Adultos, trazendo discussões específicas sobre cada Conferência e suas contribuições. Quando tratam da V Conferência explicam que esta foi a mais visionária, e com uma quantidade de participantes excedendo a 1500 pessoas. A quinta Conferência Internacional terminou com dois documentos: a “Declaração de Hamburgo” e a “Agenda para o Futuro” (UNESCO, 1997).

para refletir o estado e as perspectivas da educação de adultos em todas as partes do mundo, sendo eles:

- Aprendizagem de adultos e democracia: os desafios do século XXI.
- Melhorar as condições e a qualidade da aprendizagem de adultos.
- Assegurar o direito universal à alfabetização e à educação básica.
- Aprendizagem de adultos, igualdade e equidade de gênero e empoderamento das mulheres.
- Aprendizagem de adultos e o instável mundo do trabalho.
- Aprendizagem de adultos em relação com o meio ambiente, a saúde e a população.
- Aprendizagem de adultos, cultura, meios de comunicação e novas tecnologias da informação.
- Aprendizagem de adultos para todos: os direitos e as aspirações de diferentes grupos.
- O aspecto econômico da aprendizagem de adultos.
- Aumentar a solidariedade e a cooperação internacional (KNOLL, 2014, p. 26)

Face ao exposto, o ano de 1996, foi certamente importante para a mobilização de discussões sobre as políticas da EJA no Brasil. Conforme nos relata Machado (2016), “todo esse contexto de 1996, é que, a partir dele, sujeitos históricos importantes na luta pela defesa da educação para todos se encontraram e passaram a unir esforços, a fim de buscar a concretização de políticas para o campo (MACHADO, 2016, p. 439-440).

Foi por meio da LDBEN, que a Educação de Jovens e Adultos se constitui como modalidade de ensino e através da resolução CNB/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Um marco legal que serviu de base para o Parecer CNE/CEB 11/2000, homologado em 07 de julho de 2000, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (BRASIL, 2000).

Em Mato Grosso do Sul, a Resolução SED /MS n<sup>o</sup> 1.410 de 17 de fevereiro de 2000, publicada no Diário Oficial n<sup>o</sup> 5206 de 18 de fevereiro de 2000, dispõe autorização de funcionamento dos Cursos Supletivos do Ensino Fundamental, na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, e fixando normas para a operacionalização nas Escolas da Rede Estadual de Ensino. A resolução estabelece uma organização curricular por componente, tendo uma organização modular denominados fases (3 fases para o ensino fundamental e 2 fases para o ensino médio).

A deliberação CEE/MS n<sup>o</sup> 6220 de 2001, fixa normas para Cursos de Educação de Jovens e Adultos e Exames Supletivos, prevendo as formas de organização para oferta da EJA na forma presencial, no caso específico somente através de Projetos. Essa deliberação alinha a oferta da EJA no estado conforme o disposto na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional n<sup>o</sup> 9394/96 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais referentes a esta modalidade de ensino.

No ano de 2001, a Lei 10.172 aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE), contemplando à EJA um capítulo próprio sob a rubrica de Modalidades de Ensino. No anos de 2003, o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva<sup>29</sup>, anuncia que a alfabetização de jovens e adultos seria prioridade do Governo Federal, criando assim uma Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo (SEEA); ficando estabelecido uma meta de alfabetizar jovens e adultos, prevendo superar as condições acordadas pelo Plano Nacional de Educação.

Nesse plano de governo, foi estabelecido o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), no qual o Ministério da Educação (MEC) contribuiria financeiramente com órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins de lucro afim de desenvolver ações de alfabetização. O Programa tinha, no início dele, característica de campanha, com ênfase no trabalho voluntário, prevendo erradicar o analfabetismo em 4 anos, tendo uma atuação sobre 20 milhões de pessoas. Para tanto, com a troca do Ministro da Educação, o programa foi reformulado, se reposicionando por não cumprir a meta de erradicação do analfabetismo no período previsto (STRELHOW, 2010).

De acordo com Cordoval (2020), nos idos dos anos 2005, um outro projeto ganhou destaque nas políticas para EJA, evidenciando iniciativas inerentes a educação profissional, por meio de iniciativas públicas e privadas. O Programa Nacional de Inclusão de Jovens e Adultos – Projovem, objetivava atender jovens com idade entre 18 a 29 anos, oportunizando para eles a conclusão da etapa do ensino fundamental por meio da modalidade de ensino EJA integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias. Esse projeto foi reformulado no ano de 2008, e operacionalizado até o ano de 2019.

Em Mato Grosso do Sul, em 15 de maio de 2009 foi homologado a Deliberação CEE/MS n<sup>o</sup> 9090, que estabelece as normas para Cursos de Educação de Jovens e Adultos e Exames Supletivos no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, revogando assim a Deliberação CEE/MS n<sup>o</sup> 6220. Essa Deliberação CEE/MS n<sup>o</sup> 9090 está em vigor ainda nos dias atuais, trazendo no corpo do seu texto sobre a organização da EJA no estado, carga horária, formas de oferta, formas de avaliação previstas, credenciamento e autorização de funcionamento, dos exames supletivos, entre outras disposições finais e transitórias.

Em âmbito nacional, a Resolução CNE/CEB n<sup>o</sup> 3, de 15 de junho de 2010 que Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração

---

<sup>29</sup> Luiz Inácio Lula da Silva foi o 35.º presidente do Brasil, tendo exercido o cargo de 1 de janeiro de 2003 a 1 de janeiro de 2011.

dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos Exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. A Resolução nº 01 de 28 de maio de 2021 Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A partir desses marcos legais a EJA vai ocupando os espaços, se assumindo como política pública. De acordo com Arroyo (2011), uma das condições dos movimentos que lutam pela EJA é se movimentar para mudar sua configuração supletiva, preventiva e moralizante. As metas 9 e 10<sup>30</sup> do Plano Nacional de Educação, tratam sobre a Educação de Jovens e Adultos, mas ela ainda vai se “enredando nessa estreiteza do reconhecimento do direito à educação. [...] E o embate para o reconhecimento da juventude e da vida adulta como um tempo específico do direito a educação está ainda muito distante de ser legitimado na sociedade e no Estado (ARROYO, 2011, p. 102).

As escolas que os professores entrevistados da pesquisa estavam lotados em 2020 ofertavam, e ainda ofertam, desde o ano de 2016, o projeto de curso nominado Conectando Saberes, na EJA urbana<sup>31</sup>. Projeto que começou a ser operacionalizado a partir de 02 de março de 2016, segundo a Resolução/SED nº 3.029 de 01 de março de 2016. Projeto que tem uma nova data de autorização, 01 de janeiro de 2017 de acordo com a Resolução/SED nº 3.122, de 07 de novembro de 2016. O projeto Conectando Saberes, em 07 de dezembro de 2020 é novamente autorizado conforme Resolução/SED nº 3794, de 02 de dezembro de 2020.

Na Rede Estadual de Ensino (REE) de Mato Grosso do Sul foram operacionalizados diversos projetos pedagógicos de curso na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA. Esses projetos ficaram vigentes nas escolas, ora em momentos distintos, ora concomitantes (quando um projeto ainda estava em fase de terminalidade e outro projeto entrava em autorizo, os estudantes matriculados no projeto encerrante terminavam de cursar a EJA naquele projeto que estava finalizando). Alguns professores entrevistados mencionaram sobre outros projetos da EJA, que não era o projeto vigente na data da pesquisa. E julgamos importante trazer algumas informações sobre os autorizos desses projetos, e suas datas de início de atividades.

---

<sup>30</sup> Meta 9 – Alfabetização da população com 15 anos ou mais / Erradicação do analfabetismo absoluto. Meta 10 – Educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional.

<sup>31</sup> A EJA em Mato Grosso do Sul é ofertada por projetos, que são organizados pelo perfil de estudantes dessa modalidade (urbana, do campo, das águas, ribeirinhos). Nessa pesquisa vamos olhar para a EJA urbana especificamente. Ela não tem essa nomenclatura definida, mas entendemos que a nomeando assim orientará melhor o leitor.

Em 27 de setembro de 2000 se instituiu a política de organização da Educação de Jovens e Adultos na Rede Estadual de Ensino via Resolução SED n<sup>o</sup> 1442. O Projeto EJA Experimental foi aprovado pela Deliberação CEE/MS n<sup>o</sup> 7923 de 08 de janeiro de 2005. A Deliberação CEE/MS N<sup>o</sup> 8165, de 24 de outubro de 2006, aprovou a alteração desse Projeto; em 29 de dezembro de 2009, a Resolução/SED N<sup>o</sup> 2.317, aprovou um novo Projeto Pedagógico, chamado EJA I- MS, que começou a ser operacionalizado a partir de 04 de janeiro de 2010. O EJA II, começou a ser operacionalizado a partir de primeiro de janeiro de 2012, autorizado pela Resolução/SED n<sup>o</sup> 2.498 de 13 de dezembro de 2011. OEJA III foi instituído a partir de primeiro de janeiro de 2013, conforme a Resolução/SED n<sup>o</sup> 2604 de 20 de dezembro de 2012. O EJA II Renovado passa a ser operacionalizado a partir 13 de março de 2015, de acordo com a Resolução/SED n<sup>o</sup> 2943 de 11 de março de 2015. O EJA IV, teve suas atividades iniciadas a partir 01 de fevereiro de 2016, seguindo a Resolução/SED n<sup>o</sup> 3.018 de 05 de fevereiro de 2016. Em seguida, no ano de 2016, na EJA urbana, o projeto Conectando Saberes passa a ser o projeto operacionalidade pela Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

### 3. NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO GROSSO DO SUL

Optamos por apresentar as textualizações das narrativas dos professores por ordem que elas foram realizadas.

Quadro 2: Relação das entrevistas (ordem que elas foram realizadas)

<b>Entrevistado</b>	<b>Data</b>	<b>Município</b>	<b>CRE</b>	<b>Duração</b>	<b>Escola</b>
Moacir	01/12/2020	Anastácio	01	1h48'	EE Maria Correa Dias
Maurício	04/12/2020	Ribas do Rio Pardo	02	1h13'	EE Drº João Ponce de Arruda
Nadir	14/12/2020	Sete Quedas	08	32'8"	EE 13 de Maio
Lucreciana	21/01/2021	Ladário	03	1h04'	EE Leme do Prado
Adriano	22/01/2021	Coronel Sapucaia	11	46'21"	EE Eneil Vargas
Anderson	22/01/2021	Batayporã	09	42'	EE Jan Antonin Bata
José Paulo	01/02/2021	Três Lagoas	12	29'	EE Edwards Corrêa e Souza
Regiane	15/02/2021	Dourados	05	27'33"	EE Tancredo Neves
Mônica	20/02/2021	Coxim	04	1h10'5"	EE Padre Nunes
Patrícia	22/02/2021	Bonito	07	46'	EE Luiz da Costa Falcao
Camila	23/02/2021	Paranaíba	10	38'	EE José Garcia Leal
Alan	26/02/2021	Campo Grande	CG	2h19'	EE Orcírio Thiago de Oliveira

Fonte: Elaborado pela autora

### 3.1 Professor Moacir Nunes da Silva Junior

*Sobre a formação específica para atuar na EJA, não há na Universidade e nem na formação dos professores uma diferenciação, não há uma diferenciação na formação específica para se trabalhar com a EJA ou com o ensino regular.*

A entrevista com o professor Moacir foi realizada no dia primeiro de dezembro de 2020, via Google Meet<sup>32</sup>, com duração de 1h48min. Ele é nascido em 07 de março de 1978, professor formado em Ciências com habilitação em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campus Aquidauana, MS. Se formou em 1999 e desde 2004 segue carreira docente como professor concursado efetivo da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Em 2020, esteve lotado como professor de Matemática da Educação de Jovens e Adultos - EJA na Escola Estadual Maria Correa Dias<sup>33</sup>, município de Anastácio, MS. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE1 Aquidauana, MS. Anastácio é um município localizado na Mesorregião dos Pantanais Sul-Mato-Grossenses e a Microrregião de Aquidauana, conecta-se com o município de Aquidauana através da Ponte da Amizade que cruza o Rio Aquidauana. Dista 136 Km da capital Campo Grande e tem uma população estimada de aproximadamente 25.000 habitantes.

O professor Moacir Nunes da Silva Junior foi o primeiro professor que fiz contato<sup>34</sup> para a realização das entrevistas para a pesquisa. O contato inicial foi na escola, falei com a diretora adjunta que prontamente me atendeu. Eu expliquei sobre a pesquisa, solicitei o nome e o telefone do professor de Matemática da Educação de Jovens e Adultos que estava dando aula em 2020. Ao falar com ele por telefone, me contou que estava afastado da escola naquele momento, tinha acabado de participar como candidato nas eleições municipais de 2020, e estava disposto a ser um dos depoentes da pesquisa. Ele já estava organizando seu retorno para a escola reassumindo assim as aulas da licença temporária, mas estava disposto a conversar. Marcamos a entrevista pelo aplicativo *Google Meet*, enviei o roteiro por *email* antecipadamente. A entrevista foi de forma virtual, como todas as demais dessa pesquisa, ele na casa dele e eu na minha, tempos de pandemia que me fizeram reorganizar a forma de fazer pesquisa e adaptar a situação imposta pela restrição dos contatos físicos. A conexão da internet estava boa, uma

---

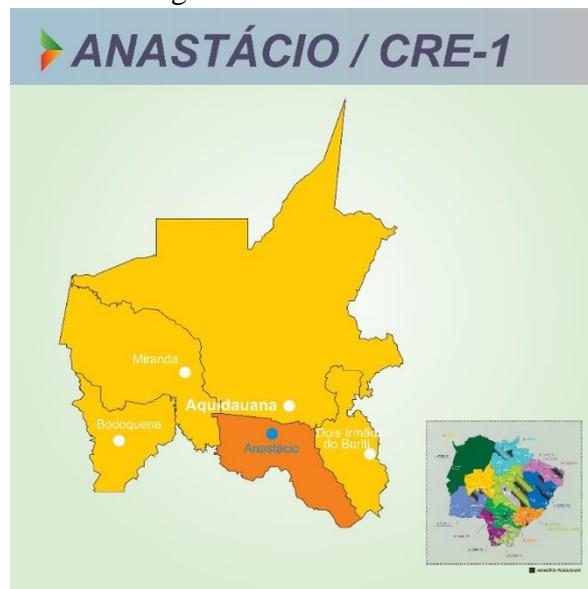
<sup>32</sup> Ferramenta de comunicação por meio de vídeo criado pelo *Google*.

<sup>33</sup> Escola pública estadual localizada no município de Anastácio, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: ensino fundamental I e II, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

<sup>34</sup> Optamos aqui falar na primeira pessoa do singular pelo motivo que os contatos e as entrevistas foram feitas por uma pesquisadora

conversa longa e sem interferência porque a pesquisa pelo aplicativo me permitiu uma marcação das entrevistas em horários que os depoentes estão tranquilos em casa. Ele pode me contou sobre sua história, sua trajetória, sobre a Educação de Jovens e Adultos em Anastácio, MS. Foi um relato longo, quase ininterrupto. Depois da entrevista fiz a transcrição, em seguida a textualização da nossa conversa, e depois de pronta encaminhei para o Moacir, que após estudar por longos dias o material me pediu para corrigir alguns detalhes me escreveu em uma mensagem pelo *whatsapp*: “ ficou bem descontraído, não tinha a real noção de como ficaria o texto. Ficou ótimo!”

Figura 3 – Anastácio MS



Fonte: SED/MS (adaptado)

### ***NARRATIVA DE MOACIR NUNES DA SILVA JUNIOR***

O ambiente escolar sempre foi a continuidade da minha casa. Meus pais eram professores. Minha mãe foi alfabetizadora durante trinta anos: Professora Maria de Lourdes. Ela trabalhou também em cursos preparatórios para vestibular, mas o foco dela era alfabetização nas séries iniciais da antiga primeira série. Foi alfabetizadora lá nos anos 1980, com aquelas primeiras séries numerosas, trinta, quarenta alunos, esse era o foco dela. Ela desempenhou também a função de diretora de escola, mas basicamente foi alfabetizadora durante trinta anos. Meu pai era professor de história: um sonhador. Um cara com uma dose enorme de utopia. Mas era muito fácil visualizar nele a concretização de ações, de sonhos, de valorização do ser

humano. Ele fez um curso antigo lá em Corumbá<sup>35</sup> de Estudos Sociais<sup>36</sup>, que habilitava tanto para a área de História quanto para Geografia. Tanto é que na época do concurso, anos 1980, ele podia tanto dar aula para História quanto para Geografia, nos dois níveis de ensino, primeiro e segundo grau. O que eu posso lhe falar dessa época? Muita luta com períodos enormes sem salário, sem reconhecimento, ficando às vezes um ano sem pagamento, isso na cidade de Corumbá, MS.

Eu sou nascido em Corumbá. Minha relação com a escola não vem só da minha vivência como aluno nos primeiros anos da vida escolar, mas também de ver o trabalho dos meus pais no dia a dia, no preenchimento de diários e nas pesquisas para a preparação da aula. Naquela época, nem se falava de uma maneira elaborada sobre o planejamento, o que fazia com que, muitas vezes, o professor desse aula sem planejar, sem aquela coisa engessada. O professor tinha o conhecimento, a habilidade do conteúdo, chegava e trabalhava. Ele sabia como era a sequência, a ementa curricular, chegava e dava a sua aula de acordo com aquele conteúdo. Você vê hoje uma preocupação muito grande com o planejamento, que é importante, mas neste ano planejamos tanto, veio a pandemia<sup>37</sup>, e tudo caiu por terra. O planejamento não ficou nem em segundo plano, ficou em terceiro, quarto, quinto, último plano. Então, você tem que refazer todo um processo.

Voltando nas minhas essências, naquelas partes iniciais da minha vida, vendo aquilo, aquele movimento do pai e da mãe e da rotina da escola, da cobrança e, de uma certa forma, a necessidade de obedecer um calendário. Rotina de estar atendendo alunos, eles faziam isso muito, muito tranquilos. Então, aquilo foi nutrindo todo o meu conhecimento que, de certa

---

<sup>35</sup> Corumbá é um município do estado de Mato Grosso do Sul. A cidade se desenvolveu no leito do rio Paraguai e é porta de entrada para o Pantanal. Possui o mais importante porto do estado de Mato Grosso do Sul e um dos mais importantes portos fluviais do Brasil e do mundo. Situada na margem direita do rio Paraguai e também na tríplice fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Bolívia, Corumbá uma cidade conhecida por sua diversidade cultural, com influências indígenas, sul-americanas (paraguaios, bolivianos), árabes, italianas e portuguesas, que se expressam na sua culinária e na sua música.

<sup>36</sup> Refere-se aos cursos que habilitavam professores para o ensino infantil e fundamental (1º grau) de duração menor que as chamadas licenciaturas plenas. As licenciaturas curtas surgiram no país a partir da Lei n. 5.692/71, em 1971, num contexto em que se passou a exigir uma formação rápida e generalista para atender a uma nova demanda de professores. Atualmente, a licenciatura curta não é mais permitida, de acordo com a Lei nº 9.394/96. Segundo o art. 1º, os cursos de licenciatura de curta duração previstos na Lei 5.692, de 1971, estão extintos pela Lei 9.394, de 1996, assegurados os direitos dos alunos. Apesar da lei que está em vigor, os professores já formados pela licenciatura curta, quando ainda era permitida, ainda conseguem exercer a função de professor.

<sup>37</sup> Pandemia provocada por um vírus chamado SARS-CoV-2. Esse vírus é uma terceira modalidade de infecção por coronavírus da classe SARS (com capacidade de transmissão entre humanos) que desencadeia uma doença infecciosa respiratória (a exemplo do SARS-CoV-1 e do MERS) que pode causar no ser humano, - dependendo da carga viral contraída e da capacidade individual do sistema imunológico -, desde um simples resfriado até complicações extremamente graves, como pneumonia, insuficiência respiratória e um conjunto de complicações inflamatórias que, transcendendo aos pulmões, pode atingir todos os órgãos do corpo, levando ao óbito.

forma, foi absorvido, adquirido. Naquela época<sup>38</sup> atrasava muito o salário, o normal era atrasar um mês, aí no outro mês saía um pouco do salário. As dificuldades eram muito grandes, e o salário bem menos do que é hoje. O poder de compra do salário do professor era bem menos do que é hoje. Você nunca ouvia falar que um professor tinha uma casa própria, que o professor tinha um carro próprio, que ele tinha moto, que ele tinha bens. Hoje, você tem, graças a Deus, por mais que seja financiado, você tem. Você tem uma casa, tem um carro. A minha infância foi nos anos oitenta, eu sou de 1978. Fazendo uma leitura do que se passava a nível de Brasil, você tinha as Diretas já<sup>39</sup>, abertura e saída da Ditadura Militar<sup>40</sup>, abertura da democracia, e o início do processo eleitoral<sup>41</sup>, em um modelo muito parecido com o que se tem hoje.

Então foi um período de muitas dificuldades, mas vivíamos de uma maneira muito alegre. De uma maneira muito alegre, colocando sempre a escola como uma continuidade da casa. A minha mãe falava que desde bebê, quando ela não tinha com quem deixar a criança, ela levava a gente para escola. Os diretores eram mais coniventes, permitiam. “Maria de Lourdes pode trazer aqui, pode deixar”, e alguns até falavam: “pode deixar que eu cuido para você”. Outros eram mais ‘caxias’, a gente usava esse termo, não permitiam ‘não pode trazer criança’. Mas a maioria sempre foi muito compreensível. Tivemos alegrias e decepções.

É interessante que eles foram para Corumbá, minha mãe era de Anastácio<sup>42</sup>, cidade onde eu moro, na época não se falava muito de Anastácio, falava-se mais de Aquidauana. Meu pai era de Aquidauana. Quando eles se casaram, tiveram aquelas divergências de família. Como dizem: “quem casa, quer casa!” Foram convidados pela minha tia, irmã do meu pai, para irem para Corumbá e eles foram. Fizeram faculdade na Federal de Corumbá, na época chamado CEUC<sup>43</sup>, hoje UFMS, muito conhecido pelo curso de Psicologia. Na época, minha mãe fez Letras e meu pai fez Estudos Sociais<sup>44</sup>. Aí vieram os concursos dos anos 1980, eles fizeram e

---

<sup>38</sup> Década de 1980 no Mato Grosso do Sul.

<sup>39</sup> As “Diretas Já” foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido entre 1983 e 1984.

<sup>40</sup> Ditadura militar brasileira foi o regime instaurado em primeiro de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares. Nesse período houve restrição à liberdade, repressão aos opositores do regime e censura.

<sup>41</sup> O fim do regime militar gerou mudanças nas regras das eleições. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 é a lei que fundamenta as regras da eleição. Em 1989, os brasileiros votaram, pela primeira vez, em dois turnos para Presidente da República.

<sup>42</sup> Anastácio e Aquidauana são chamadas cidades irmãs. O limite entre os dois municípios é o Rio Aquidauana. Distan 5km uma da outra e são ligadas por uma ponte sobre o Rio Aquidauana. A ponte chamada de Ponte da Amizade se destaca por sua arquitetura de ferro e madeira.

<sup>43</sup> CEUC – Centro Universitário de Corumbá, instituição que deu nome ao atual Campus do Pantanal da UFMS

<sup>44</sup> Uma modalidade de formação de professores de licenciaturas curtas. A licenciatura curta tinha como finalidade formar a maior quantidade possível de docentes para a atuação no ensino de 1ª a 8ª séries, com a mínima qualificação necessária, no menor tempo e custo possíveis.

passaram. Nos anos 1990 eles começaram a verificar que a vida de professor era sempre essa dificuldade, um dia de cada vez, sem poder ter muita expectativa. Era preciso ser muito criterioso, muito austero para poder prosperar. E eles falavam pra mim: “filho, nós não queremos que você seja professor”.

Nesta época, por volta dos anos 1990, o governo instituiu um Programa de Demissão Voluntária<sup>45</sup> - PDV e meu pai quase aderiu ao programa. Ele estava com o requerimento em mãos, porém ele se confundiu ao preencher a data, e entregou o requerimento fora do prazo, com um dia de atraso. Resultado: ele não foi incluso no programa de demissão voluntária. Muitos que pediram o PDV receberam uma compensação, mas nunca chegaria ao valor dos salários para quem ficasse, e fora a falta de alguma coisa fixa. Meus pais foram pessoas que se aposentaram e tiveram uma vida mais tranquila depois de aposentados.

Mesmo minha mãe falando para mim e me orientando para eu não ser professor, eu acabei fazendo concurso pra professor. Eu sou do concurso de 1999, mas desde 1997, 1998 atuo como professor substituto. Eu pegava licença de colegas e de professores que já estão aposentados. Eu lecionei também, a convite de uma professora que mora perto da minha casa, na Escola Municipal Teodoro Rondon<sup>46</sup>, começando como professor de Matemática, no que a gente chama hoje de Ensino Fundamental II, que é o do sexto ao nono ano. Na época era de quinta à oitava série. Como professor do Estado, tive minhas turmas em 1999 na Educação Rural, aqui no município de Anastácio.

Comecei trabalhando com turmas que tinham pouca distorção idade-série, alunos matriculados na quinta série estavam na faixa etária dos dez anos e assim por diante. Dez, onze, doze, treze, quatorze e um ou outro que tinha quinze ou dezesseis anos na oitava série. Era raro essas distorções idade-série; houve uma pessoa que tinha parado de estudar e estava com vinte e poucos anos que estava na oitava série, mas o normal era todo mundo na idade certinha nas turmas.

O meu despertar para a Matemática foi assim: eu fiz as séries iniciais em Corumbá, e vim de Corumbá para Anastácio quando eu tinha onze anos. Tive professores excelentes. Naquela época, a gente estudava, respondíamos questionários, era o chamado ensino

---

<sup>45</sup> Um programa organizado intencionalmente por determinadas empresas públicas ou privadas, no qual manifestam o interesse em diminuir seu quadro de funcionários, intencionando evitar arcar com todas as verbas rescisórias decorrentes da dispensa sem justa causa. O PDV é um instrumento que busca, em suma, transacionar, extrajudicialmente, direitos e deveres decorrentes do encerramento da relação empregatícia entre empresa e empregados. O Plano de Demissão Voluntária pode ser destinado à dispensa individual, múltipla ou coletiva. Fonte: Contadores.cnt.br Disponível em: <http://bit.ly/3kMDLwn> Acesso em: 04 mar. 2021.

<sup>46</sup> Escola Municipal no Município de Anastácio, MS. Escola Pública Municipal que oferta Ensino Fundamental I e II.

tradicional, não tinha muita alteração do jeito de ensino como é hoje. Hoje, na realidade, tem muito pouco de tradicionalismo. Da quinta a oitava série eu fiz em Anastácio, na Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade<sup>47</sup>. Eu tive uma infância muito boa nessa escola.

Nós viemos de Corumbá em 1989 e, em 1992, meu pai virou diretor da Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade. Ele já tinha sido diretor adjunto em outra escola e estava sempre vinculado à parte de administração escolar. Ele não era muito metódico, nem burocrata, mas era administrador de conflitos. Você sabe como é escola? Escola é conflito diário, todos gostavam de conversar com ele.

O meu Ensino Médio foi picado, fiz o primeiro ano em uma escola daqui<sup>48</sup> em 1993, e em 1994 fomos pra Campo Grande. Ficamos de 1984 até 1993 em Anastácio, mas meu pai se candidatou a vereador, e fez uma campanha que tentou abraçar o maior número possível de pessoas. Ele criou ali uma expectativa que parecia que ele estava eleito, mas não conseguiu se eleger. Ele teve uma grande decepção e disse: “Vamos mudar”, chegou e conversou com a família. Conseguiram vaga<sup>49</sup> em Campo Grande. Você sabe que para você ir, como remoção, tem que ter a vaga disponível. Mas foram assim mesmo e ele conseguiu a remoção depois. Em 1994, eu estudei na Escola Estadual Hércules Maymone<sup>50</sup>, no segundo ano do ensino médio. Eu já tinha desenvolvido algumas habilidades na área da Matemática, porque eu sempre gostei da matéria. Meu despertar matemático aconteceu na sexta série, quando eu tive professores maravilhosos na escola Drummond. Eu não sossegava enquanto não tinha média dez, um perfeccionista. Eu dizia para meus colegas: “puxa você se contenta com sete, você se contenta com oito, um nove e meio, um seis e meio”. Eles falavam: “Ah, mas o importante é passar”. Eu dizia: “Não, o importante é você fazer o seu melhor. Faça o seu melhor”.

Eu não era aquele cara tão popular, mas eu conseguia agregar os meus colegas. Às vezes, aqueles que estavam com dificuldades e que chegavam no quarto bimestre precisando de nove, ou de oito pra passar, se juntavam: “vamos montar um grupo que eu vou ajudar vocês a passar de ano”. Quando conseguiam a média era uma festa. Hoje são meus colegas. Algumas

---

<sup>47</sup> Escola Estadual no município de Anastácio, MS. Escola Pública Estadual que oferta Ensino Fundamental I e II, ensino médio, ensino profissional e técnico.

<sup>48</sup> Anastácio, MS.

<sup>49</sup> Remoção é a mudança da localidade - município ou unidade - em que o servidor está lotado. Obs. Toda mudança de lotação deverá ser autorizada pelo titular da Secretaria de Educação e publicada em diário oficial, para registro na vida funcional do servidor. Embasamento legal: Art. 39 a 45 da Lei Complementar n. 87/2000. Disponível em: <https://bit.ly/2OjevSp> Acesso em: 04 mar. 2021.

<sup>50</sup> Centro Estadual de Educação Profissional Hércules Maymone Escola Pública Estadual que a partir de 14 de fevereiro de 2020 foi transformada em Centro de Educação Profissional (CEEP).

pessoas trabalham na Coordenadoria Regional de Aquidauana, chamadas CREs - que é uma subdivisão da Secretaria de Educação, as chamadas regionais.

Meu terceiro ano do ensino médio já foi em Aquidauana, porque já tinha passado aquela decepção da eleição; um ano de Campo Grande e voltamos para Aquidauana. Para você ter uma ideia, o ano que a gente foi para Campo Grande, 1994, foi o início do Plano Real<sup>51</sup>. De uma certa forma, as coisas mudaram muito rápido. Bateu uma saudade e minha mãe queria sempre visitar minha avó, mas tinha dificuldade de estar vendo. “Vamos voltar, vamos voltar para Aquidauana”: disse meu pai. Só que ele não conseguiu vaga para Anastácio, conseguiu vaga para Aquidauana. Foi um momento muito difícil, muito difícil mesmo porque meu pai ficou doente e teve que fazer uma cirurgia de emergência de apendicite e ficou por muito tempo de licença. Quando retornou eu estudava de manhã na Escola Estadual Cândido Mariano<sup>52</sup>, que inclusive é uma escola conhecida aqui porque é um dos maiores IDEBs da região. Eu tive que estudar de manhã e as aulas do meu pai eram à noite. Então eu ia junto com ele para a escola, pra auxiliar. Ia para ajudar mesmo, porque era muito longe. Eu tive que ir muitas vezes para ajudá-lo, a gente ia de bicicleta, eu na garupa e ele me carregando devagarinho. Na época eu era bem magrinho, agora que a gente vai engordando. Depois conseguimos vir pra Anastácio e minha mãe também teve alguns problemas de saúde, mas passou. Ficamos em Anastácio desde 1996.

Em 1995 eu terminei o ensino médio, e fiz vestibular no final de 1995 e entrei na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS de Aquidauana no início de 1996, no curso de Ciências com habilitação em Matemática. Hoje o curso está extinto, na época que eu terminei já não tinha mais vestibular para ele. O curso habilitava para Biologia e Matemática, então na realidade, você tinha duas licenciaturas. Ao final de dois anos, ele te dava a licenciatura curta para Matemática e pra Ciências, que permitia ao professor atuar de quinta a oitava série e, no final de quatro anos, ele te dava a licenciatura plena em Biologia. Um curso excelente onde fiz muitas amizades. Um ambiente incrível que me abriu um leque de oportunidades.

Eu fui aluno bolsista na UFMS e participei de muitos cursos na área de entomologia, uma parte da Biologia que estuda insetos, interação inseto/planta, ecologia. A gente saía muito para fazer aulas de campo. Meu curso foi excelente, ótimo, até achei que ia ser um pesquisador.

---

<sup>51</sup> Plano Real foi um programa brasileiro com o objetivo de estabilização e reformas econômicas, iniciado em 27 de fevereiro de 1994 com a publicação da medida provisória número 434, implantado no governo Itamar Franco.

<sup>52</sup> Escola Estadual Cândido Mariano. Aquidauana – MS. Escola Pública Estadual que oferta ensino regular ensino fundamental - anos finais e ensino médio.

Eu tive ótimos professores. Na minha vida toda tive muita sorte de ter ótimos professores e acredito que hoje eu sou uma pessoa melhor.

Em 2000 foi minha colação de grau, mas em 1999, eu já estava lotado nas aulas que ia tomar posse do concurso que fiz do Estado. Eu, inicialmente, iria tomar posse de uma carga horária de vinte horas, mas me disseram que se tivesse uma lotação de quarenta horas disponível, que eu poderia tomar posse. Aí, o que aconteceu? Eu lotei inicialmente em vinte, mas já tinha vinte em outra escola, e com as três turmas do noturno, eu já conseguia a lotação total. No noturno sempre começava com as turmas lotadas, mas infelizmente, terminavam com poucos alunos. A questão da evasão naquela época já era muito grande, isso há 22 anos. A evasão escolar sempre foi um desafio.

Já relacionando com a questão da EJA, eu sempre trabalhei à noite e, mesmo não sendo na EJA, a faixa etária era diferente do pessoal da manhã. De manhã, eram crianças, alunos de quinta série entravam com dez, onze anos, até hoje é assim, além disso, esse período de transição de idade era bastante delicado. O professor tinha que fazer esse *link* para que o aluno pudesse sentir o menos possível, mas eu percebi que quando eu dava aula a noite, precisava fazer algo diferente. Não mudando o conteúdo, porque o conteúdo, muitas vezes, é o mesmo, mas o enfoque que você estava trabalhando, tinha que mudar, tinha que ir alterando. Inclusive eu podia exigir mais da galera e do pessoal mais jovem da EJA, da gurizadinha<sup>53</sup>. Muitos alunos já estavam no Exército, mas com as senhoras, você tinha que adequar para que você não atropelasse o ritmo delas. Você ia inserindo o seu ritmo, até chegar no momento em que você pudesse tirar o máximo possível deles. Eu conseguia, mesmo sendo ensino noturno.

Na EJA, a gente percebeu que precisava instituir primeiro um ritmo, para depois trabalhar tranquilamente as variações metodológicas e, se os estudantes não entendessem determinado assunto, era possível fazer um replanejamento. Muitos alunos tinham dificuldades pelo fato de estarem há dez, quinze, vinte anos fora de um ambiente escolar. Você imagina aquela e aquele adolescente que estava com quinze, dezesseis anos e por algum motivo teve que abandonar a escola? Estava lá no sétimo ou oitavo ano, e depois de vinte anos, ou seja, chegando perto dos quarenta anos e vê que as oportunidades do mercado de trabalho só são dadas para aqueles que têm escolarização, para quem têm certa formação e uma titulação. Muitos alunos que estudaram na EJA fizeram depois o vestibular ou ENEM e entraram no Ensino Superior.

---

<sup>53</sup> Gurizadinha significa grupo de jovens e/ou adolescentes. É uma gíria informal que também pode significar grupo de amigos ou de crianças. Muito usado na região do Mato Grosso do Sul.

A EJA tinha a ideia inicialmente de corrigir e integrar a partir de metodologias que seriam praticadas, em conjunto ou individualmente, para que fosse possível certificar pessoas que tivessem o problema de distorção de idade-série. Então o que eu digo pra você é que o trabalho da EJA foi mais além, foi bem-sucedido. Os alunos da EJA terminavam o curso e se sentiam motivados pra fazer outros vestibulares. Logicamente que muitos paravam, desistiam e, muitas vezes, tínhamos problemas até de ordem disciplinar, tendo que o diretor e o coordenador intervir. Mas aqueles que levavam a sério, que realmente queriam lá estar pelo estudo, chegavam a terminar. O aluno da EJA falava: “poxa, já estou com o nível médio concluído, vou tentar o superior, né”. Os professores incentivavam e eles até conseguiam ingressar no curso superior.

Mas esse momento histórico já é depois do ano 2000, depois que eu tomei posse, depois de 2004. Quando eu fui designado pra tomar posse por decisão judicial, tive que aguardar a disponibilidade de vaga. Nisso, em 2004, surgiu uma vaga e eu tive que ir na extensão<sup>54</sup> da Escola Carlos Drummond de Andrade, modalidade Educação Básica do Campo<sup>55</sup>, em uma escola à 35 Km da minha casa, vaga que eu não pude recusar. Minha rotina escola era pegar o transporte às 10h50 pra chegar antes das 13h, trabalhar a tarde inteira e voltar pra casa, me aprontar, tomar um banho e 18h50min, já tinha aula em outra escola à noite. As aulas foram distribuídas em vinte aulas no campo e vinte aulas na cidade.

A negociação para minha posse foi uma *via-crúcis*<sup>56</sup> entre 2002 até 2004, eu ia até Campo Grande, tentava conversar com um departamento, ia pro outro e num momento avançava e no outro recuava, mas digamos assim: aos quarenta e sete do segundo tempo, eu estava quase perdendo o concurso, e tomei posse. A Educação Básica do Campo, que era a extensão da Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade, era um projeto de mais dez anos, então criou-se a natureza para ser objeto de concurso. Eu fiquei o ano inteiro de 2004 lá,

---

<sup>54</sup> As extensões escolares no MS são unidades em um outro espaço físico fora da unidade matriz da escola, mas com a mesma estrutura administrativa.

<sup>55</sup> Escola do Campo é aquela situada em área rural, conforme definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou aquela situada em área urbana, desde que atenda, predominantemente, a populações do campo e trabalhe os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores do campo, nas suas diversas formas de trabalho e organização. A Educação Básica do Campo atende à demanda das comunidades camponesas no ensino fundamental e ensino médio, proporcionando a formação de cidadãos críticos, que possam prosseguir os estudos em nível superior, com habilidades e competências que lhes proporcionem ampliar e desenvolver a capacidade de intervenção e transformação da sociedade. Fonte: Secretaria de Estado de Educação do MS. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/sed-publica-organizacao-do-curriculo-nas-escolas-do-campo/> Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>56</sup> Expressão originária do latim que dizer textualmente "caminho da cruz". Esta denominação serve para mencionar uma prática devota que consiste em lembrar os mais variados episódios da Paixão de Cristo. Na linguagem cotidiana A expressão *via-crúcis* é usada para indicar que uma situação dolorosa e negativa se encontra muito longa. Fonte: Conceito. Disponível em: <https://conceitos.com/via-crucis/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

inclusive foi o ano onde que a minha esposa ficou grávida. A gente teve várias histórias de luta, questão saúde e nesse meio tempo ela também fez o concurso do município de Anastácio, passou e assumiu. Passou também no concurso do estado e hoje ela tem vinte horas no estado e vinte horas no município de Aquidauana.

Minha adaptação com a modalidade Educação do Campo foi rápida e desafiadora. As pessoas eram muito verdadeiras. Lá no campo se você fizer um acordo, você fez um combinado e você tinha resposta, tinha a devolutiva. Foi uma experiência importante, eu só poderia ficar um ano lá e depois ir pra cidade. Depois desse período, em 2005, consegui as quarenta horas na escola da cidade.

A partir de 2005, optei por trabalhar pelo menos 20 horas na EJA. Lá existe uma situação de comportamento onde os alunos se apegam aos professores, é incrível. Nas turmas do diurno, uma mudança de professor não é tão impactante quanto é na EJA. No ensino regular, pode um ou outro aluno sentir, mas no coletivo eles rapidamente se adaptam. Eles aceitam de boa e a vida segue.

Entre os anos de 2015 a 2017, eu fui coordenador na escola, mas em seguida voltei para a sala de aula no lugar de um professor da EJA. Foi uma dificuldade no início, pois eu tive que conquistar os alunos, porque eles eram apegados ao professor anterior. Apegados mesmo. Eu vejo que isso foi uma coisa que me chamou atenção, a necessidade de você criar vínculo com os alunos. O vínculo nas aulas presenciais, excluindo a situação de pandemia, chega ao ponto de que você tem mais convívio com um aluno ou com um colega do que com um parente. Tem parente que a gente não vê há meses e têm muitos alunos que você vê praticamente todos os dias. Mesmo que você não dê aula todos os dias para ele, se você está na escola todos os dias, você estará todos os dias em contato com aquele aluno. Aquele professor pertence àquele *locus* e ele pertence àqueles *locus* e faz parte de toda essa construção, que é o combinado físico ou concreto com a atitude. As atitudes dos seres humanos são a tendência para evolução, para a aquisição do conhecimento e aquilo vai ganhando confiança.

Quanto à metodologia, ela já teve uma mudança devido às alterações na ementa. Inclusive, eu sou uma pessoa muito ligada ao sindicalismo. Eu sou vice-presidente do Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação e faço parte da equipe do SIMTED de Anastácio, que é um sindicato dos trabalhadores, dos professores e dos trabalhadores da educação do Estado. Eu pertenço às duas maiores entidades sindicais da minha cidade vinculada aos professores.

Desde o início, o pessoal discutia quanto a possíveis problemas referentes as mudanças dos projetos da EJA. Antes<sup>57</sup>, a EJA juntava duas séries em uma, dessa forma: quinta e sexta séries chamada de terceira fase e sétima e oitava séries<sup>58</sup> chamada de quarta fase. E o ensino médio também, o primeiro ano e metade do segundo, primeira fase e a segunda fase era a outra metade do segundo e o terceiro ano. Houve uma reformulação da ementa curricular, fundindo esses conteúdos e, conseqüentemente, alterando objetivos, habilidades e competências. Mas na prática dependendo da turma, você tem que ir em um ritmo um pouco mais lento, porque senão você afugenta os alunos. Não adianta em fevereiro, março, abril você ter turmas de trinta e cinco, quarenta alunos e chegar em dezembro você ter que analisar a vida de só dez, oito ou cinco alunos no Conselho de Classe. Já teve casos que eu terminei o ciclo com oito ou nove alunos; salas que no início tinham até dois diários, porque em um diário não cabia todos os nomes, de tantos alunos; diários físicos, porque na época só era diário físico.

Existem elementos fortes dentro da sociedade que, infelizmente, afugentam o aluno da escola. A questão das drogas é uma coisa que interfere na vida de muitos alunos. A maioria são meninos, mas talvez não seja uma exclusividade dos meninos. Estudantes em idade entre quatorze e vinte e cinco anos, que começam bem o ano escolar e não terminam. Eles não terminam justamente porque estão envolvidos com as chamadas drogas baratas. Há também muitos casos de meninas grávidas precocemente.

Eu vou falar um negócio sério, não é fácil você acompanhar e encaminhar nome de aluno para conselho tutelar. Dependendo do conselheiro ele autua ou não, porque, geralmente, em cidade pequena aquela pessoa que você indicou é parente dele.

---

<sup>57</sup>Na Rede Estadual de Ensino (REE) do Mato Grosso do Sul, a partir do ano de 2010 foram operacionalizados diversos projetos pedagógicos de curso na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA. São eles: EJA I - Operacionalizado a partir de 04 de janeiro de 2010. Resolução/SED nº 2.317 de 29 de dezembro de 2009. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 7.614 de 04 de janeiro de 2010. EJA II - Operacionalizado a partir de primeiro de janeiro de 2012. Resolução/SED nº 2.498 de 13 de dezembro de 2011. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8.089 de 15 de dezembro de 2011. EJA III - Operacionalizado a partir de primeiro de janeiro de 2013. Resolução/SED nº 2604 de 20 de dezembro de 2012. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8339 de 21 de dezembro de 2012. EJA II Renovado - Operacionalizado a partir 13 de março de 2015. Resolução/SED nº 2943 de 11 de março de 2015. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8880 de 13 de março de 2015. EJA IV - Operacionalizado a partir 01 de fevereiro de 2016. Resolução/SED nº 3.018 de 05 de fevereiro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.101 de 10 de fevereiro de 2016. Conectando Saberes - Operacionalizado a partir de 02 de março de 2016. Resolução/SED nº 3.029 de 01 de março de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9116 de 02 de março de 2016. Conectando Saberes Operacionalizado a partir de 01 de janeiro de 2017. Resolução/SED nº 3.122 de 07 de novembro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.282 de 08 de novembro 2016. Fonte: Diário Oficial Eletrônico do MS. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe> Acesso em: 24 mar. 2021.

<sup>58</sup> Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – altera a LDB e amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabeleceu prazo de implantação, pelos sistemas, até 2010.

Temos muitos alunos na EJA, com idade para estar no ensino regular. Já tive uma determinada turma do ensino médio que tinham média de idade para estudar no matutino, mas não estudavam porque tinham que trabalhar, principalmente no comércio. Muitos já são pais de família e trabalhar é a única opção que eles têm. Eu falei para você sobre os meninos que entram no Exército, estes levam um pouquinho mais a sério, mas se conseguem um bom desempenho lá, eles já desmotivam na escola, porque o Exército proporciona um mínimo de condição para ele continuar e paga inicialmente, um salário mínimo, se ele se engajar até aumenta um pouquinho. Ele coloca essa oportunidade na balança, será que eu vou jogar isso fora? Para este estudante, a escola acaba ficando em segundo plano.

Um outro fator que provoca a evasão do estudante da EJA é a inserção das novas tecnologias digitais. Apesar de facilitar para os nativos digitais que já dominam e acessam à internet, assustam os estudantes com idade mais avançada. Eu tive um aluno com oitenta anos, chamado Sr. Bartolomeu, que hoje já é falecido. Ele entrou para a faculdade de Matemática com 90 anos, inclusive saiu uma matéria sobre ele na televisão. Era um desafio trabalhar com as tecnologias. Muitos estudantes não conseguem acessar por medo ou receio e, com isso, acabam saindo da escola.

Eu acredito que vai ser um desafio grande o chamado pós-pandemia. Como nós vamos resgatar o ensino noturno? Está todo mundo sonhando em voltar ao que era antes. A vacina é um sonho de todos e acredito que ela vai permitir a retomada. Eu tenho acompanhado e gosto de ver as análises de historiadores e de pessoas que fazem uma avaliação do contexto atual a partir de ações do Governo Federal, do Governo Estadual, de governos locais e de movimentos internacionais. Como será a projeção para 2021? Eles estão colocando que economicamente o cenário será desolador. O cenário de 2020 foi ruim, mas teve o auxílio emergencial e os salários do funcionalismo público não tiveram interferência. Será que realmente nós estamos bem a ponto de manter isso daí?

Eu não vejo condições de voltar para a escola, mesmo com equipamentos de proteção individual - EPIs, porque mesmo usando máscara e luvas, as pessoas estão se contaminando. Quem está na linha de frente, na saúde, está se contaminando pela COVID. Você já sabe de situações de alunos que o pai faleceu em decorrência do COVID e outros pais que tiveram a doença, até aqui em casa minha esposa teve COVID e foi curada. Recentemente trabalhamos com alunos e teve um determinado momento que a gente teve que retomar algum contato com o aluno. Então não está tendo uma condução legal, do tamanho que deveria ser colocado. A

pandemia há cem anos foi a gripe espanhola<sup>59</sup> que durou três, quatro, cinco anos e vivemos em uma sociedade imediatista, queremos tudo pra ontem, principalmente a gurizada. Alguns já falaram para mim: “mas professor, que legal, o senhor tem um carro, o senhor tem uma casa”. Eu analiso e acho interessante que ele veja o produto final, mas ele não vê o processo. Não vou dizer pra você que é simples, mas com o fruto do seu esforço, você consegue.

Agora eu estou de licença porque fui candidato<sup>60</sup> nas eleições de 2020. Eu não saí dos grupos de *WhatsApp* das turmas em que estou lotado, a escola não parou com a pandemia, a Educação de Jovens Adultos não parou. Você via professor “mendigando” para o aluno fazer atividade: “faz atividade, pelo amor de Deus”! Professora fazendo até a chamada Black Friday: “faça todas as atividades e seja aprovado”! Tem até *memes*<sup>61</sup> e montagens desse tipo. Eu trabalhei até agosto, mas agora estou de licença com uma cirurgia agendada. Então, estou me cuidando para que eu não tenha nenhum tipo de risco.

Eu estou em 2020 com nove turmas, mas na EJA eu tenho duas. No noturno, estou lotado em uma turma do terceiro ano do Ensino Médio e duas turmas da EJA. A EJA se compõe por quatro módulos que são semestrais - I, II, III e IV. Em cada módulo, para o estudante ser aprovado ele precisa ter o mínimo de 75% de presença média 6. Se aprovado, segue para o módulo seguinte, mediante a nova matrícula e assim por diante. O ensino médio tem duração de dois anos, por exemplo, se eu iniciei com o Módulo I ou III em um semestre, após aprovado no meio do ano, sigo para o Módulo II ou IV.

Eu me vejo como um professor que valoriza muito a explicação do processo em si, o processo matemático, desde uma simples adição, mostrando para os alunos o porquê daquele resultado. Se o aluno não consegue de uma forma, oriento ele a tentar de um modo diferente. Em relação às metodologias, eu valorizo muito a explicação do professor, com o tempo a gente foi usando a ilustração das tecnologias para auxiliar essa nossa explicação, mas basicamente eu sou aquele professor que dá aula com um palito de giz mesmo. Eu gostava de usar sempre, um giz só e pronto. Cheguei muitas vezes a dar aula assim: é o palito de giz e pronto. Falava assim: preciso fazer a chamada: “fulano, tira uma folha aí, passa a lista”, essa era a minha chamada.

---

<sup>59</sup> A gripe espanhola foi uma pandemia que aconteceu entre 1918 e 1919, atingindo todos os continentes e deixando um saldo de, no mínimo, 50 milhões de mortos. Fonte: História do Mundo. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/gripe-espanhola.htm> Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>60</sup> A data do afastamento do funcionário público efetivo para concorrer a um pleito eleitoral deve ocorrer em 03 meses antes da data do primeiro turno da eleição, que no ano de 2020 foi no dia 15 de novembro de 2020. Logo, a data inicial do afastamento foi dia 14 de agosto de 2020.

<sup>61</sup> A expressão *meme* é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet.

A questão é você ganhar a confiança do aluno, mostrando que você tem o domínio do conteúdo. Porque ele de cara fala: “já vem o professor de Matemática. Esse daí vai ser difícil, vai exigir muito da gente, a gente não vai entender e não sei o que”. Naturalmente, já tem a barreira, já tem a rejeição. Então eu me vejo dessa forma: muito parceiro deles, inclusive tem muitos alunos que foram alunos da EJA, das turmas anteriores, que hoje são meus amigos, uma amizade estabelecida naturalmente. Passou o tempo e a gente manteve esse contato. Outros tornaram-se colegas de trabalho, justamente porque chega ao ponto de falar assim: “poxa, professor, você que me incentivou a fazer Matemática”. Isso daí é a moeda de maior valor pra gente, de chegar ao ponto de você ser essa referência. Eu já fui escolhido para ser nome de turma por causa deles.

Eu acredito que há uma necessidade de você ter esse envolvimento e esse compromisso em sala de aula com os alunos, para eles aprenderem de fato. Mas existem situações que atrapalham como: a disciplina e a evasão. Essas situações fazem com que o resultado não seja 100%, mas a gente busca fazer um trabalho para que chegue ao 100%. Eu gosto muito de estar em sala de aula, converso muito com os alunos a respeito do conteúdo durante as aulas. Quando eu que tive oportunidade, eu exigia tarefa e dava nota. Eu analisava e avaliava o caderno porque acho importante você ter um caderno bem organizado. Sobre avaliação, dependendo de como era a turma, eu tinha que fazer dois ou três tipos de provas para aplicar: prova 1, prova 2 e prova 3 porque eu não gosto muito dessa questão de aluno conseguir nota a qualquer custo. Eu falava para eles: “se você permite essas pequenas atitudes de corrupções na escola, lá na frente você vai fazer coisa maior”. Eles diziam: “ô professor, a prova do fulano está diferente do outro”. E eu: “mas o que você tem que saber da prova do outro, se preocupe com sua prova, sua avaliação”. A atitude que eu tenho com uma turma na EJA e com uma turma do ensino regular é diferente pelo fato de você ter no ensino regular uma carga horária maior. O terceiro ano do ensino médio, tem uma carga horária de quatro aulas semanais e dependendo do conteúdo você dedica até um período de três semanas, como por exemplo, a análise combinatória. São doze aulas pra desenvolver um determinado conteúdo no ensino regular. Agora, na EJA você vai ter que trabalhar esse mesmo conteúdo em quatro aulas, 1/3 do tempo. Na EJA, você tem que dinamizar o conteúdo. Um número quase circense de equilíbrio de pratos, que você vai girando e quando girar o último prato aqui, já tem que ir lá no primeiro pra poder dar outra forcinha, outro impulso e equilibrar todos, de modo que todos possam estar encaminhando pelo menos dentro daquilo que é o mínimo esperado. Eu sempre falei e nunca escondi isso dos alunos, “se você tem a oportunidade de fazer o ensino regular, faça, não faça a EJA”. O ensino regular é

que vai te preparar, não só para o Enem, mas também pra concurso público, que hoje já é ‘artigo de luxo’. Não temos tantos concursos públicos como antes.

A ementa da EJA é mais condensada, aquilo que você tinha para aplicar em quatro anos, agora você aplica em dois. Há uma necessidade de sistematizar o conteúdo e a forma de aplicá-lo. Por exemplo, se no primeiro ano do ensino médio regular tem dez conteúdos, e a primeira fase da EJA corresponde ao primeiro ano e a metade do segundo, então essa primeira fase não terá dez tópicos, mas seis ou sete e seguirá para o segundo ano. Todo o tempo que você tinha pra trabalhar o conteúdo, na EJA, você tem que trabalhar isso em menos tempo. Você vai trabalhar menos conteúdo, abrangendo um correspondente maior. Então aquele aluno, não vai ficar mais tempo com você, ele vai ficar menos tempo com você. Isso vai interferir futuramente na formação de turmas<sup>62</sup>, vai interferir na questão de lotação<sup>63</sup> de professores. Hoje já temos muita dificuldade por questão de lotação. O professor tem menos tempo para trabalhar o conteúdo.

Há uma dificuldade para a lotação dos professores por causa das mudanças na grade curricular<sup>64</sup>. Teve uma época que a grade curricular da EJA era composta por seis aulas de Matemática, depois mudaram para quatro aulas e atualmente são duas aulas. Houve a criação de outras disciplinas, cada uma com sua importância e reconhecimento isso, mas houve uma mudança muito grande na grade.

Sobre a formação específica para atuar na EJA, não há na Universidade e nem na formação dos professores uma diferenciação, não há uma diferenciação na formação específica para se trabalhar com a EJA ou com o ensino regular. Na realidade é tudo colocado numa mesma formação de professores. As formações continuadas são feitas em conjunto, atualmente

---

<sup>62</sup> Na organização curricular da EJA, para uma etapa do ensino médio, se comparado a organização curricular do ensino regular, este tem uma carga horária para o componente Matemática 50% menor em 2/3 de tempo (2 horas/aula por semana na EJA e 4 horas/aula por semana no ensino regular para o Ensino Médio para o componente curricular Matemática). O estudante do ensino regular conclui o ensino médio em 3 anos e na EJA em 2 anos, menos tempo e menor carga horária por componente.

<sup>63</sup> Redução da carga horária do componente Matemática na EJA implica na redução de oferta de aulas aos professores do componente, influenciando na lotação deste professor.

<sup>64</sup> A organização curricular da EJA para a etapa do Ensino Médio no Projeto Conectando Saberes (projeto vigente em 2020), operacionalizado de 2017 a 2020 apresenta 4 áreas de conhecimento: I. Linguagens: Língua Portuguesa, Educação Física, Arte e Língua Estrangeira Moderna, uma obrigatória e outra facultativa aos estudantes; II. Ciências Humanas: História, Geografia, Filosofia e Sociologia. III. Matemática: Matemática; IV. Ciências da Natureza: Química, Física e Biologia. A matriz curricular do Ensino Médio Módulos Finais (I, II, III, IV) é organizado em 4 horas-aula, 5 dias da semana. Duração de cada módulo: 95 dias letivos. 21 horas-aula semanais por módulo, organizados da seguinte forma: Língua Portuguesa - 3 Educação Física - 1, Arte - 1 e Língua Estrangeira Moderna - 1; História -2, Geografia -2, Filosofia -1 e Sociologia - 1; Matemática - 2; Química -2, Física - 2 e Biologia - 2.

as formações são *webinários*<sup>65</sup>, orientações pedagógicas e metodológicas para os professores direcionadas à EJA.

Em termos de formação na escola para os professores, não me lembro assim de muitas capacitações, mas quando teve, foram desenvolvidas pelo coordenador e focando praticamente em manter o aluno na escola para que ele desperte o interesse no ensino da Educação de Educação de Jovens e Adultos e veja como uma oportunidade para avançar e terminar os estudos, e aquele que quiser continuar, pode ter a possibilidade de fazer um ensino superior.

Na organização da minha lotação, eu não tive como optar primeiramente pela EJA, eu tive que colocar ela depois, porque eu sou funcionário público do município também, precisava ter o período da tarde livre. Eu tinha que estar lotado no Estado de manhã e à noite. Teve uma escola que fechou à noite, uma escola que eu estava com aula em 2019 e eu estava com oito aulas à noite. Em 2020, eu tive que ir para outra escola pra pegar essas oito aulas que eu tinha na escola que fechou. Organizo a carga horária com quatro aulas na EJA (duas em cada turma) e no terceiro ano do ensino médio (quatro aulas cada um), aí dá oito aulas e mais as aulas atividades. Quando a gente fala em aulas, eu falo em número de aulas em sala.

Eu sempre optei em lotar na EJA. Nos anos de 2010 e 2011 eu optei assim: “se tiver uma carga fechada na EJA, eu quero”. Lá tinha terceira e quarta fase, somando com o ensino médio dava certinho as vinte horas, porque dava certinho dezesseis aulas, quatro em cada, e com as horas de atividade dava certinho às vinte horas. E as outras vinte horas/aula eram distribuídas entre manhã e tarde. Às vezes mais a tarde, às vezes mais de manhã, dependia do ano. A opção sempre era pegar aula na EJA. Eu sempre gostei da EJA. Eu sempre tive diálogo com pessoas da EJA e amizade com pessoas mais idosas.

Sobre as matrículas da EJA, temos práticas de resgate desses alunos. Já chegamos ao ponto de organizar professores, direção da escola e coordenador, antes do início do ano letivo, e fazer mutirão de visitas na comunidade pra chamar os alunos pra estudar na EJA. Isso para mim é aproximar a escola da realidade do aluno. A escola é uma instituição viva, que está ali aceitando sugestões, mas também com importância fundamental, não só no crescimento, mas na organização da sociedade. A gente precisa ter essa parte social desenvolvida e mostrar pra população que ela só tem a perder se não tiver escola, informação, educação e conhecimento. A sociedade perde com tudo isso.

---

<sup>65</sup> Webinário é uma webconferência ou videoconferência com intuito educacional, no qual a comunicação é de apenas uma via, ou seja, somente o palestrante se expressa e os outros assistem.

Eu sempre participei, como professor, de cursos de formação e preparação para concurso público. O pessoal me chamava: “professor vem dar uma aula de equação de segundo grau e até de Física”. O nosso enfoque, o nosso objetivo, o meu Olimpo, o que era? Chegar a ser funcionário público. Um funcionário público tem a oportunidade de atender o maior número de pessoas e de ter os seus direitos assegurados.

Ultimamente, temos visto um forte ataque ao funcionalismo público, inclusive ele é colocado como vilão. “O funcionário público que causa o desequilíbrio nas finanças do País”. E não é ele! O funcionário público está na saúde, nas empresas, e não só como prestadores de serviço nas escolas. Meu irmão é cabo do corpo de Bombeiros, é uma pessoa que presta o seu serviço sem fazer um julgamento. Então, eu fico pensando hoje, até me desculpa o termo, mas houve uma ‘demonização’ do funcionalismo público. Durante muito tempo a minha motivação foi preparar pessoas para que elas pudessem ter condições de serem aprovadas em um concurso público. Sempre foi um mantra, sempre foi meu mantra!

Uma das particularidades do ensino noturno é que o aluno some por um período e de repente, ele aparece. Então você tem que ter um sistema que permita a ele retomar, que permita a ele retomar dentro de uma legalidade<sup>66</sup> do que é permitido na escola. Ele está no direito dele. Na pandemia, você exclui a questão de presença<sup>67</sup>, porque a presença é o fazer a atividade. Você fez atividade? Se sim, então você não é evadido. Nós vamos ter perdas neste período. Não tenha dúvida! Eu estava trabalhando atividades com o *Google Forms*<sup>68</sup> na forma de *quiz*, testes. Eu trabalhei com *Podcast*<sup>69</sup> explicando um determinado conteúdo, uma coisa simples, explicação de potenciação, e tive uma ideia: “eu vou gravar e mandar no grupo pelo *WhatsApp*”. Eles escutavam e faziam as atividades de acordo com as orientações do *Podcast*.

Em tempos normais, o sistema de ensino da EJA tem que ter essa adaptação para permitir a retomada daquele aluno que some por longos períodos, porque se fosse no ensino regular ele não teria mais chance. Não é que o sistema permita, ele exige essa postura do

---

<sup>66</sup> No Projeto Pedagógico de Curso da Educação de Jovens e Adultos há uma obrigatoriedade de frequência para que o estudante tenha aproveitamento do módulo. Para aprovação os estudantes têm que ter frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária total do módulo.

<sup>67</sup> Conforme Art. 3º da Instrução Normativa/SED N. 5/CONPED/SUPED/SED/2020, publicada no Diário Oficial do MS nº 10120 do dia 19 de março de 2020 que estabelece orientações sobre Atividade Pedagógica Complementar nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. Segundo o artigo, a Atividade Pedagógica Complementar poderá ser utilizada para o cumprimento da carga horária mínima anual e para o cumprimento dos dias letivos a que o estudante tenha direito, conforme estabelecido em legislação.

<sup>68</sup> *Google Forms* é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google. Os usuários podem usar o *Google Forms* para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também podem ser usados para questionários e formulários de registro.

<sup>69</sup> *Podcast* é uma mídia de transmissão de informações, é como um programa de rádio, porém sua diferença e vantagem primordial é o conteúdo sob demanda. Você pode ouvir o que quiser.

professor. Ele exige a busca ativa, principalmente para alunos menores<sup>70</sup>. Mas aconteceu busca ativa com os maiores também, porque aconteceu aquilo que eu coloquei pra você no início: professor exigindo, pedindo pelo amor de Deus para o aluno fazer as atividades. Professores mandavam mensagem no particular para o aluno, mesmo tendo o ambiente *Google Classroom* para contato com o aluno.

No ano de 2020 tivemos 30 dias de aulas presenciais. Nesse período, consegui dar aula para todas as turmas, mas não consegui conhecer todos os alunos. Muitos alunos se matricularam poucos dias antes de interromper as aulas presenciais. Como os períodos entre fevereiro e março são períodos chuvosos, e eu dava duas aulas por semana em cada turma, houve um dia em que estava chovendo e vieram cinco alunos na turma, e eu dei aula para cinco alunos. No sistema<sup>71</sup> estava registrado que a turma tinha quarenta, quarenta e dois, quarenta e cinco alunos.

Eu estou fora da escola desde agosto de 2020, mas pelo movimento que eu vi, no meio do ano eles mudaram a turma do módulo<sup>72</sup> I para o módulo II. Eu estou lotado nessa turma. Para a turma que era módulo I, virou II e a do módulo III, virou IV. O que tem acontecido são os mesmos problemas. Por quê? Eu dei atividade<sup>73</sup> no primeiro bimestre e tive dificuldades com aqueles que não faziam as atividades. Eu tinha muita dificuldade porque mesmo eles falando que iriam fazer as atividades eles não faziam. Eu dava várias oportunidades. Praticamente no primeiro bimestre, que foi só a metade do bimestre presencial e a outra metade que foi só remota, ainda conseguimos fazer as aulas via *WhatsApp* ou só grupo de *WhatsApp*.

---

<sup>70</sup> A busca ativa é uma característica forte do ensino regular e projetos como o AJA. O projeto Avanço do Jovem na Aprendizagem em Mato Grosso do Sul é destinado a estudantes entre 15 e 17 anos, com distorção de idade/escolaridade. Aprovado pela Resolução/SED n. 3.053, de 4 de maio de 2016. Mas há uma discussão em Fóruns da EJA sobre a importância desse contato ativo com estudantes da EJA como uma forma de acolhimento da escola, de resgate e de preocupação mostrando para esse estudante sobre a importância da escola na sua vida e que a escola é seu direito como cidadão.

<sup>71</sup> Sistema de informação gerencial que regula as informações da escola como matrículas, informações da vida escolar do estudante e planejamento *on-line* dos professores.

<sup>72</sup> Os estudantes avançam após cumprir cada módulo, com o objetivo de seguir seu percurso formativo. Cada módulo é composto por dois bimestres e após as avaliações os estudantes, obtendo a nota acima de 6,0, o estudante avança para o outro módulo. Em cada módulo o estudante é orientado a fazer uma nova matrícula, correspondente ao módulo subsequente.

<sup>73</sup> APC – Atividade Pedagógica de Curso. Foi ofertado ao estudante, durante o período de pandemia e atividades escolares presenciais suspensas, a Atividade Pedagógica Complementar – APC, que são atividades escolares, vinculadas às habilidades/conteúdos previstos nos documentos curriculares, visando o cumprimento da carga horária anual e dias letivos aos quais ele tem direito. A suspensão das aulas presenciais está prevista no Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020. A Resolução/SED n. 3.745, de 19 de março de 2020, regulamenta o decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020, e a oferta de atividades pedagógicas complementares nas unidades escolares e centros. Fonte: Diário Oficial Eletrônico nº 10.120. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/PaginaDocumento/45996/?Pagina=2> Acesso em: 01 mar. 2021.

Foi criado um grupo de *WhatsApp* e inserido todos os professores da turma, foi colocado o diretor, foi colocado o coordenador, atores do processo. Tinham professores de apoio; temos turmas que tem alunos portadores de necessidades especiais – ANE, são os alunos com necessidades especiais. Eu imaginava que o ensino remoto fosse só para o primeiro bimestre, no máximo o segundo. Todo mundo chocado na questão da COVID, então foi tudo experimental, foi tudo como um balão de ensaio, dentro de um tubo de ensaio. Foi uma coisa que assustava todo mundo. Hoje já temos um outro sentimento, com a certeza de que se tivéssemos aulas presenciais, hoje os alunos teriam outro ritmo, outro mesmo. Às vezes, o fato de você entrar no sistema, ter um *login* com uma senha, ter que procurar atividades com todas as disciplinas que estavam separadas em pastas, não é fácil. A gente chegou à conclusão que não é fácil, até o aluno organizar o pensamento. Não é fácil, porque nem todos os alunos têm essa facilidade com a tecnologia.

O que eu falo pra você em termos de experiências anteriores com a EJA é que foram muito ricas, logicamente, estou falando pra você de experiências com 100% de aulas presenciais. Na minha visão, houve grandes mudanças, nos projetos da EJA desde que comecei a dar aula nessa modalidade. Primeiro em relação à organização das fases que eram assim: segunda fase referente à alfabetização; terceira e quarta fases referentes ao ensino fundamental. A terceira fase correspondia ao sexto e sétimo ano do ensino regular e a quarta fase, oitavo e nono ano. O ensino médio tinha duas fases: inicial e final.

Eu cheguei a ser lotado nas quatro turmas, há uns 13 anos. Na minha experiência com essas turmas, eu posso dizer que o aproveitamento foi muito bom. Logicamente que tinha problemas como evasão e indisciplina, e até situações em que o coordenador tinha que intervir, mas o resultado, justamente por causa dessa integração professor, aluno, escola e outros elementos da escola, foi bem-sucedido dentro da nossa realidade.

Esse ano foi contaminado pela situação da pandemia. Esse sistema de organização do projeto por módulos foi uma mudança. É um outro ritmo, um outro sistema. A minha outra experiência com a EJA, quando eu trabalhei com o projeto que era organizado por fases, eu tive rendimentos melhores. Não estou dizendo para você que foi ideal, mas dentro do que temos agora, antes era melhor. Mesmo com esse melhor, o aluno não entregava um indicador de rendimento, como o IDEB ou números de aprovados no ENEM.

Essas grandes mudanças vão ocorrendo de acordo com interesses administrativos, com a necessidade de “enxugar” a folha de pagamento, como essa situação que exige menos profissionais do que exigia antes. Então, temos que analisar que, por parte dos administradores

e dos governantes, há uma tendência de colocar menos pessoas pra atender mais. Infelizmente, eu tenho medo, dessa questão do ensino remoto, porque onde tinha dez professores para uma escola, de repente, o Governo pode dizer que faz isso com dois professores.

Com a nova proposta do Ensino Médio<sup>74</sup> o aluno vai poder escolher as disciplinas que ele quer estudar. Algumas determinações e mudanças no formato da EJA, não permitiram um melhor aproveitamento de modo que a gente possa pensar: “puxa a EJA realmente melhorou”.

Os alunos da EJA têm muitos desafios e um dos desafios é chegar até a escola. Se deslocar e estar à disposição para estudar porque, muitas vezes, ele precisa trabalhar. O empregador nem sempre consegue liberá-lo para que ele chegue a tempo do início das aulas, que começa às 18 horas. A escola tem um horário mais flexibilizado para os estudantes da EJA e ainda assim, há aulas que não aparece ninguém. Então, você tem que estar lá à disposição da escola, por uma questão profissional, uma questão de compromisso seu. É cobrado do aluno em si para dar importância mais ao estudo do que ao trabalho, mas não tem como. Pelo imediatismo, o trabalho te dá renda naquele curto período de tempo. A escola vai te dar a instrução, um retorno a longo prazo. É necessária uma estrutura familiar, vontade e determinação para que você realmente se coloque à disposição e esteja ali estudando o período presencial na escola, ou agora no remoto.

Muitos professores da EJA trabalham a questão do conteúdo em forma de projetos. Eu acho importante, mas eu não acho que seja um norteador, as aulas têm pouca carga horária semanal, e o conteúdo em si não é trabalhado. Eu já desenvolvi projetos, inclusive muitos com resultados satisfatórios, mas eu não tenho como achar que o projeto substitui o conteúdo em si. O conteúdo tem que ser trabalhado. Eu vou mais além, eu trabalho na maioria das minhas aulas no modo tradicional, que é explicando, mostrando os procedimentos, o raciocínio. Porque o projeto em si é a práxis. Ele é só o agir. O conteúdo necessita não tanto do agir, mas do *link*, da construção de mapas conceituais, de você colocar o raciocínio, fazer uma análise de como que vai ser, por exemplo, a economia brasileira 2021, perante o cenário que você tem agora. Essa situação exige raciocínio: “ah, mas eu não tenho nada a ver com a Matemática”. Mas a Matemática ajuda a entender os indicadores econômicos, como que está a nossa importação, nossa exportação, como que configurou a eleição, os prefeitos eleitos, se são mais pró-governo

---

<sup>74</sup> A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional.

Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ou contra governo. Essa projeção exige raciocínio e esse raciocínio é desenvolvido pela Matemática. A Matemática ajuda e está a serviço dessa abertura.

Eu falo que a Matemática, já falei até para os alunos, permite que você tenha boas sinapses. Não adianta, você precisa ter boa sinapse, pra que você possa fazer essa análise. Você não pode fazer alguma análise só acreditando em teorias e conspirações, ou achando que isso não é verdade, acreditando muitas vezes em *fakenews*<sup>75</sup>. Porque hoje o pessoal foca em *fakenews*: “Não gente, tem que procurar saber se é verdade ou não”.

Eu vejo que é importantíssimo trabalhar com projeto, tenho muitos colegas trabalhando, principalmente nas áreas humanas e na área da saúde. Mas tem que ter o tradicionalismo, principalmente na Matemática. É importantíssimo ter. Posso dizer que dá pra fazer *fifty-fifty*, cinquenta por cento de cada, mas não podemos abandonar essa questão não. Eu vejo que não dá para você só ficar com o novo, não dá para ficar só com práticas e metodologias novas.

Desde os primeiros anos eu tive acesso e contato com ambiente escolar das séries iniciais, eu via meu pai e a minha mãe trabalhando e com isso, fazendo o ganha pão. É aquilo que eu falei, muitas vezes com dificuldade, mas com muita dignidade, seja procurando ser a pessoa mais verdadeira possível, sabendo que qualquer campo da atividade humana, você pode encontrar maldade, falsidade, forças negativas, todas essas situações. Mas assim, ele sempre colocou pra mim que não tem sentido na vida você produzir e não ter pra quem você repassar. Você precisa ter esse *link*, você precisa ter esse contato, você precisa compartilhar essas informações. Você precisa ter esse comunicar com as pessoas, o valorizar, o estar com alguém.

Você está hoje com alguém, mas amanhã poderá ser o último abraço. Você não sabe quando vai ser o último beijo, quanto vai ser a última conversa, ‘resenha’. Eu estou com muita saudade. Eu tenho meus amigos de futebol. Não estou tão jovem, mas eu acompanho eles e tenho muita vontade de estar com eles. Mas assim, a gente tem que seguir. Mas, voltando, quando eu me vi professor, eu já me vi muito cedo, eu me vi com esses colegas que tinham muita dificuldade, aquilo que eu falei pra você, aqueles que estavam com dificuldade de conseguir aprovação porque estava dependendo de um oito, de um nove pra não ficar de exame e conseguir a média. Porque a gente juntou a turma e brincou sério de escolinha. A menina precisava tirar oito, nove, uma coisa assim e conseguiu tirar média que ela precisava, e isso foi um delírio, foi uma apoteose. Então, aquilo não teve só o valor de apenas conseguir a nota em

---

<sup>75</sup> Notícias falsas são uma forma de imprensa que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais.

si, aquilo foi fundamental na construção da personalidade de pessoas que estavam numa tenra idade, na época eu devia ter treze, quatorze anos e a menina um pouco mais, um pouco menos na época. Uma dessas amigas que ajudei a estudar, inclusive, acho que ela estava na coordenadoria, ela era uma diretora adjunta numa escola. Ela sempre que me vê e lembra desse fato; ela guarda com muito carinho.

Eu fui dar aula na minha última prática de ensino e a professora fez um projeto de chamar os melhores alunos de terceiro ano escolas particulares, na época estava forte ainda as escolas particulares, e tinham umas três escolas particulares funcionando bem aqui em Aquidauana. Ela escolheu mais ou menos uns quatro, cinco alunos de cada terceiro ano, montou uma turminha, e era para que os alunos estagiários pudessem dar uma aula, que seria para o vestibular, na época pros alunos. E nós, saindo da universidade, inclusive, o meu tema foi “Anatomia comparada de vertebrados”. Eu me preparei tanto, eu estudei tanto, eu me dediquei tanto. Sabe aquela coisa sabe: “vou tentar fazer a aula melhor possível”, e ao final do processo, montei todos os equipamentos, todas as estruturas de peixes, de répteis, mamíferos, tudinho e as estruturas esqueléticas. E eu já tinha dado minha aula e o meu companheiro já tinha dado uma aula. E a professora me chamou no canto e falou: “a sua aula foi perfeita”. A sua aula é nota dez. Você já é um professor pronto. Falou isso pra mim em Biologia e a minha “praia” era Matemática, sempre foi a Matemática. Eu querendo sair dali, mas também, querendo saber do meu colega, porque a gente estudou junto, mas ele ficou muito nervoso. Então, você sente que isso não é só administrar o psicológico, é uma questão de estrutura. Mas a gente quer que todos tenham acesso. Nessa passagem, eu ajudei meu colega e depois ele conseguiu. Então, isso são passagens que gente já se via professor. É lógico que essas mudanças fazem a gente sair de uma zona de conforto. A gente se viu, de uma certa forma professor, e quando eu estava fazendo as minhas práticas de ensino na Universidade, eu me preparava. Parece que eu já tinha um arcabouço de gestual, de metodologia, de concatenar as ideias de um professor. Às vezes, a gente foge um pouco do técnico, mas assim, por exemplo, eu fui dar aula e eu me lembro disso e até me emociono.

### 3.2 Professor Maurício Soares de Magalhães

*O professor da EJA precisa ter esse entendimento e conhecimento para lidar com essa diferença geracional; eles têm muita diversidade e precisam de uma oportunidade que não tiveram na vida.*

A entrevista com o professor Maurício foi realizada no dia 04 de dezembro de 2020, via Google Meet, com duração de 1 hora e 13 minutos. Ele é nascido em 22 de setembro de 1956, professor licenciado em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS em Dourados, MS. Se formou no ano de 2014 e desde então segue carreira como professor contratado da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Professor substituto do professor regente de Matemática na Educação de Jovens e Adultos –EJA em 2020, na Escola Estadual Dr. João Ponce de Arruda<sup>76</sup>, município de Ribas do Rio Pardo, MS. A escola é vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE2, que engloba a região chamada Metropolitana Campo Grande. A cidade de Ribas do Rio Pardo está localizada à margem da BR 262, o município tem aproximadamente 25 mil habitantes (Censo 2020) e dista 102 km da capital do Mato Grosso do Sul.

A entrevista com o professor Maurício foi a segunda realizada na pesquisa. O contato foi feito através da escola. Liguei e falei com o diretor, que me pediu para que eu encaminhasse o ofício de aceite da pesquisa feito pela Secretaria de Estado de Educação ao *email* da escola. Após a confirmação, ele prontamente me passou o contato do professor Maurício. Liguei, expliquei a ele o motivo do meu contato e este imediatamente se mostrou pronto a conversar comigo. No contato inicial, ele me disse que tinha ficado animado por poder participar da pesquisa e contar sua história. No dia que estava marcado a entrevista, chovia muito. Iniciamos a conversa pelo aplicativo *Google Meet* mas devido a instabilidade da conexão mudamos para o aplicativo *WhatsApp*. A conexão pelo *WhatsApp* foi boa mas não conseguimos gravar por vídeo a entrevista, sendo gravada somente o áudio. Eu realmente, naquele momento da entrevista não imaginava o que estava por vir. Maurício faleceu no dia 28 de abril de 2021, em decorrência da COVID-19. Ao procurar o professor em abril de 2021, para apresentar a ele o que produzimos juntos, não consegui encontrá-lo. Ele estava internado, infectado pela COVID-19, e veio a óbito. Seu único filho ainda vivo, também professor, foi mais uma vítima da pandemia e, aos 38 anos, faleceu uma semana após o pai. Quem leu a textualização e assinou a Carta de Cessão foi o seu genro, que disse ter o reconhecido na escrita. A professora

---

<sup>76</sup> Escola pública estadual em Ribas do Rio Pardo, MS que oferta as etapas/modalidades: Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Hermelinda, perdeu marido e filho para a COVID, e ficou internada por mais de 30 dias, intubada e com muita sequelas físicas e psicológicas. Diante dessa situação, consegui o contato do genro do professor Maurício, Adriano, que prontamente decidiu que a história contada por Maurício poderia ser publicada, leu a textualização e assinou a Carta de Cessão.

Figura 4 – Ribas do Rio Pardo MS



Fonte: SED/MS (adaptado)

### ***NARRATIVA DE MAURÍCIO SOARES DE MAGALHÃES***

Eu sou corumbaense. Nasci em 22 de setembro de 1956. Considero que tive uma boa infância, apesar das dificuldades e da pobreza. Minha vida de criança foi no sítio. Vida de criança tem muito divertimento. Aprendi muitas coisas com meu pai: cortar no machado e no facão, fazer aramado, andar de canoa, pescar, tirar leite, fazer queijo e plantar mandioca, cana e melancia. Comecei a estudar quando eu fui morar na cidade, com idade entre quatorze e quinze anos; comecei a estudar muito tarde.

Graças a Deus eu consegui me formar em licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Dourados/MS. Para concluir o primeiro grau<sup>77</sup>, na época, precisei fazer admissão<sup>78</sup>, que é estudar um livro e depois fazer uma

<sup>77</sup> O Artigo 1º § 1º da Lei 5692 de 11 de agosto de 1971 fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências diz que para efeito do que dispõe os artigos 176 e 178 da Constituição, entende-se por ensino primário a educação correspondente ao ensino de primeiro grau e por ensino médio, o de segundo grau, esta lei foi revogada pela Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996.

<sup>78</sup> Os Exames de Admissão ao ginásio vigoraram no Brasil no período de 1931 a 1971. Durante quarenta anos, os alunos do Ensino Primário que desejavam ir para o Ensino Ginásial tinham que se submeter às provas escritas e orais em quatro áreas de conhecimento: Português, Matemática, História e Geografia. Art. 1º — O exame de

prova. Se você não passasse naquele exame você não conseguia prosseguir. Eu gostava muito de estudar, o estudo era muito bom, o conteúdo era bem diferente do que tem na escola de hoje: era tabuada, verbos, mapas. Eu gostei muito da minha infância, apesar da pobreza. Nós éramos doze irmãos e meu pai soube se virar e conduzir certinho a família. Sou de uma família pobre, mas com muita vontade de vencer. Depois que me casei, eu tive um casal de filhos, e minha filha veio a falecer quando a gente foi morar em Dourados, no ano de 1993.

Em Dourados, eu voltei a estudar para dar apoio para minha filha que queria também estudar na época. Tempos depois, com muito sacrifício, entrei na Universidade, e me formei. Eu trabalhava como zelador concursado em uma creche, fazia parte do quadro administrativo e sempre recebia críticas da minha coordenadora, que dizia: “pra quê que você quer estudar depois de velho?”. Eu dizia: “olha, o negócio é o seguinte, a partir do momento que você tem um direcionamento na vida, você quer mudar sua vida, isso é de cada um. Cada um tem que se projetar na vida”. Foi pensando nesse viés que eu entrei para a Universidade. Eu sempre tive muita vontade e disposição para interagir e aprender. A educação é magnífica para todo ser humano. A partir do momento que você conscientizar que a educação é boa para você, você evolui. Nessa vida a gente tem que compartilhar o que aprendemos, e eu procuro ser cada dia melhor.

Eu fiz cursinho pré-vestibular gratuito na UEMS. Tive professores com boa vontade e que ensinavam os macetes; ensinavam também redação, porque na prova da UEMS na época eu tive que fazer 4 redações. Eles davam aulas de História, Português, Matemática, Biologia. Fazíamos cursinho em dias de sábado e domingo, em uma sala de aula que cabia em torno de cinquenta alunos. Na sala, éramos quase cento e vinte alunos e, sentávamos um na nuca do outro; mas graças a Deus eu consegui me formar.

Entre na faculdade aos 57 anos e era chamado de vovô da sala. No início meus colegas eram muito resistentes a mim por causa da minha idade; eu era o ‘coroão’ da turma e a maioria da sala era formada por jovens. Eles não tinham assunto comigo, faziam grupinhos e eu ficava de lado. Na sala, eu e um senhor (que esqueci o nome dele), éramos mais coroas; ele acabou desistindo, não sei o que houve que ele desistiu da Universidade. Só nós dois conversávamos.

---

admissão tem por objetivo verificar se o candidato possui satisfatória educação primária para ingressar na primeira série ginasial (Par. 121/63, Doc. 14). Parágrafo único — O exame de admissão poderá ser feito mediante a prestação de provas ou limitar-se-á à verificação da autenticidade e idoneidade do certificado de aprovação em curso primário reconhecido e fiscalizado pela autoridade competente, com a duração mínima de quatro séries, prevista nos arts. 16 e 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L. D. B. E. N.) - (Par. 121/63, Doc. 14). Fonte: Consolidação da Legislação do Ensino Secundário, após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002475.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2021.

Eu fui insistente para não desistir porque eu me sentia que estava totalmente fora da idade dos demais estudantes da Universidade, levei muita ‘patada na cara’. Eu já tinha esquecido tudo praticamente do que eu já tinha estudado na escola. O que eu tinha aprendido era alguma coisa no cursinho da UEMS, mas foi aquela aprendizagem rápida. A aprendizagem que eu tive a trinta e poucos anos atrás, eu tinha esquecido praticamente tudo.

Eu tive que retomar aos livros. Eu emprestava livros na biblioteca da escola. Eu estudava nos finais de semana e a minha coordenadora, Maristela, me ajudou muito. Ela foi boa pra mim e me orientou no TCC. Foi como uma mãe. Eu devo um grande favor a ela. Minha vitória eu devo a ela. Ela falava: “Maurício, eu acho que isso está com problema. Você tem que pegar livros sobre essa matéria, senão você não vai conseguir”. Eu passava sábados e domingos deitado em cima dos livros, resolvendo questões e, se tinha qualquer dúvida, ia até ela. Ela me deixava ir até ela para conversar, tirar dúvidas, foi uma ‘mão na roda’.

Na faculdade tinha uns caras ‘metido a sabichão’. Eu pedia explicações e eles explicavam rapidinho. Eu falava: “esses caras são bons”. Só que esses camaradas foram desistindo do curso. Não sei o que houve no decorrer do curso, mas no primeiro ano a sala de aula era imensa, cabia sessenta, setenta, oitenta acadêmicos. A sala do segundo ano diminuiu, cabia cinquenta alunos; no terceiro ano, vinte, trinta alunos, no máximo. No quarto ano, acho que não cabia 10, de tão pequenininha que era. Esses camaradas foram indo embora, abandonando a universidade e eu fui ficando e fazendo amizades, tirando dúvidas. Eu era um ‘rato’ de biblioteca, não saía de lá.

Eu não sabia mexer em nada de computador. Na época, tinha aqueles computadores velhos que davam muitos problemas, mas eu fui aprendendo a mexer. Meus colegas sentavam perto de mim, e se eu tivesse dúvida, eu perguntava e eles me orientavam, fui aprendendo. Eu anotava o que aprendia e com muita insistência, muita vontade eu consegui me formar. Por isso que eu falo “quando uma pessoa tem vontade, ela vai e faz”.

Foi um desafio fazer Matemática porque eu tinha muita dificuldade, eu não sabia nada de regras e de sinais. Eu escolhi cursar a Matemática por esse motivo. Eu não sabia o que era um quadrado e nem porcentagens. É interessante você saber isso na sua vida e no seu dia a dia, é importante você saber fazer um cálculo, calcular juros simples e compostos; ou então você fazer uma compra e saber o que o vendedor vai te dar de desconto. Eu tinha curiosidade, era um desafio. Eu fiz a Matemática por conta do desafio, desafiando a mim mesmo. Graças a Deus eu fui feliz nesse desafio. Fiz a Matemática pelo desafio e muitos alunos que entraram comigo na

Universidade, desistiram. Na graduação entramos no primeiro ano com mais ou menos 80 estudantes e no quarto ano só ficaram 10 alunos.

Em Dourados eu trabalhava em uma creche anexa a uma escola. Eu era o zelador. Juntamente com a creche tinha uma escola de educação infantil e eu sempre tive muito contato com as crianças. As minhas amigas professoras de lá, falavam que eu tinha dom de ser professor. Sempre era chamado para participar das comemorações que eles faziam em sala. Desde aquela época eu tinha um carisma com crianças, jovens e adultos, quando eu chego em um lugar eu procuro fazer amizade, trato todo mundo igual.

Eu estudava no período noturno na Universidade e trabalhava como zelador de dia. Levava as atividades para fazer no meu trabalho, às vezes. Eu fazia o serviço rápido e quando terminava o serviço, uma meia hora antes de terminar o expediente, eu pegava uma carteira escolar, colocava lá no fundo da escola e ficava estudando. A coordenadora brigava comigo e eu falava assim: “o meu serviço está pronto e eu não estou aqui expondo para ninguém o que estou fazendo, estou aqui escondidinho, me deixa estudar aqui, por favor”. Ela não acredita que eu podia estudar, não me incentivava e achava que eu não tinha que estudar porque eu era velho. “E velho precisa estudar pra que? ”. Mas era um propósito meu, eu queria ser professor. Eu fui um exemplo para meus colegas de trabalho, onde ninguém queria estudar. Eu até comecei a participar dos grupos de discussões e do sindicato, e comecei a levar as reivindicações da categoria para as reuniões da escola onde eu era zelador.

Na cidade de Dourados era difícil conseguir emprego como professor. Na época, só a minha esposa lecionava e houve um concurso na cidade de Ribas do Rio Pardo, MS, e nós dois resolvemos prestar. Eu, para Matemática, e ela, para Inglês. Na época, eu não tinha me formado, mas faltava pouco tempo para a formatura. Nós dois passamos no concurso, eu em quinto e ela em primeiro lugar. Ela foi chamada para assumir e eu não.

Moro em Ribas do Rio Pardo faz cinco anos. Eu não sou professor concursado, eu sou contratado<sup>79</sup> e, desde quando me formei, nunca parei de trabalhar na área da educação. Eu gosto muito dessa profissão, mas acho que criei essa vocação tarde. Eu fiquei afastado, no ano de 2019, por seis meses por conta da minha mãe que mora em Corumbá, MS. Perdi o meu pai e minha mãe virou cadeirante. Ela teve um problema nas pernas e eu tive que parar de trabalhar por seis meses para ir dar uma força para minha irmã.

Depois da minha formatura em 2014, na UEMS de Dourados, eu logo consegui um emprego como professor em Ribas do Rio Pardo. Chegar em Ribas do Rio Pardo, em uma

---

<sup>79</sup> Contratado na Escola Estadual Dr. João Ponce Arruda no ano de 2020.

escola grande, foi para mim uma experiência nova. Eu nunca tinha trabalhado como professor e estava totalmente ‘vendido’. Eu nem sabia o que eu ia fazer. Eu sempre tive muita vontade de vencer e de entender o processo e, nesse caminho fui fazendo amizades com os professores, direção e coordenação, fazendo substituições em todas as séries que apareciam, desde a pré-escola, passando pelo ensino regular, diurno e noturno, e em escolas estaduais e municipais. Onde tinha vagas eu estava lá.

Eu sempre tive muita vontade e disposição para interagir e aprender, porque essa parte eu gosto e não tenho preguiça, a não ser que eu esteja cansado, aí é diferente. Quando eu estou bem de saúde, não tem tempo ruim, eu busco fazer algo melhor, não só para mim, mas também para os outros. Nessa vida a gente tem que compartilhar o que aprendemos. Precisamos procurar ser melhores porque, se somos melhores, logicamente, o outro também será. A gente aprende no decorrer da vida, e essa experiência não tem melhor lugar para acontecer do que nos livros, na leitura. Somente através da leitura e da educação é que a gente realmente entende o que é viver. Porque senão a gente fica perdido igual ‘cego em tiroteio’, e a gente se sente sem direcionamento. A educação é magnífica para todo ser humano e a partir do momento que você conscientizar que ela é algo bom para você, nossa, você vai embora!

Com relação à minha formação, eu era um único que debatia com meu professor na Universidade. Falava pra ele: “ professor, o senhor já deu aula na escola pública? ” Ele falava que não. “O senhor precisa visitar essas escolas, sentar lá e ver como elas funcionam. O senhor dá essas matérias que infelizmente nós não vamos ensinar para os alunos”. Nossos alunos são totalmente diferentes, eles são carentes de aprendizagem. Eles requerem matérias específicas, matérias de motivação, matérias básicas, realmente ensinamentos para o dia a dia, para o ser humano poder caminhar com as próprias pernas. Tudo bem ensinar aqueles pré-cálculos para os cursos de Engenharia, Engenharia Física, Engenharia Química, Mecatrônica, Engenharia de Software, que requerem muitos cálculos. Mas para nós, que somos da classe pobre, eu falo: “eu sou pobre, não sou rico não, eu sou pobre, vim lá de baixo”. É necessário conhecimento básico para nivelar os conhecimentos desses alunos, e nós temos que pegar os alunos pela mão, pelo braço, mostrar e ter paciência com eles.

Precisamos ensinar o básico porque temos alunos que, infelizmente, chegam nas séries que se encontram sem conhecimentos básicos. Você tem que ficar retomando os conhecimentos, voltando o conteúdo senão eles não desenvolvem.

Eu comecei a dar aula na Educação de Jovens e Adultos - EJA faz pouco tempo. Eu sempre dei aula no ensino regular, mas sempre quis pegar a modalidade de jovens e adultos,

porque eu acho muito interessante. Eu me vejo igual a essas pessoas que necessitam de uma oportunidade. Muitas vezes essas pessoas que estudam na EJA não tiveram uma oportunidade para estudar. Muitas situações acontecem na vida dessas pessoas e elas até querem estudar, mas não conseguem. Infelizmente, eu não consigo pegar aulas na EJA como professor regente porque outros professores obtiveram uma pontuação maior que a minha no processo seletivo<sup>80</sup> da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul - REE/MS e escolheram essas turmas. Eu estou há pouco na sala da EJA porque o professor regente de Matemática está de licença<sup>81</sup> para concorrer às eleições municipais de 2020.

Na verdade, eu não me encontrei com meus alunos pessoalmente porque eu estou há pouco tempo na sala da EJA. Conheci meus alunos pelo *Google Meet*, *WhatsApp*, vídeos, e-mail e telefone. Conheço alguns alunos porque eu já fui na casa para fazer uma busca ativa, mas se eu falar que estive com eles em sala de aula, eu estaria mentindo. É uma experiência muito boa trabalhar com sala da EJA.

O aluno da EJA é, por exemplo, o mecânico que chega muito cansado em casa e não tem tempo de fazer as tarefas da escola. Ele se inscreveu para estudar na EJA porque quer mudar de função, porque paga-se muito pouco para as pessoas que não têm estudo. O caminho para ele e para pessoas como ele se alavancar na vida é o estudo. Eu tive a oportunidade de ir conversar com ele, e disse: “você está no caminho certo, porque só através do estudo para a gente melhorar!” Eu falo para você de experiência da minha vida. Enquanto eu fiquei resistente ao estudo, eu sempre peguei ‘boca torta<sup>82</sup>’. Eu já fui pedreiro. Eu coava cal com areia e meu pé molhava; embaixo do meu pé ficava fofo, criava bolhas e uma crosta onde a cal penetrava.

Em 2020, eu estou dando aula de Projeto de Vida<sup>83</sup> para o sétimo ano e para o nono ano. Para o oitavo ano A e B, Matemática e para o oitavo ano C, Pesquisa e Aútoria<sup>84</sup>. Matemática

---

<sup>80</sup> Processo Seletivo Simplificado visando a formação do Banco Reserva para a contratação de professores temporários para atuarem nas unidades da Rede Estadual de Ensino (REE) durante o ano de 2020 e 2021.

<sup>81</sup> A data do afastamento do funcionário público efetivo para concorrer a um pleito eleitoral deve ocorrer em 03 meses antes da data do primeiro turno da eleição que, no ano de 2020, foi no dia 15/11/2020. A data indicativa para iniciar o afastamento temporário do respectivo ano foi 14 de agosto de 2020.

<sup>82</sup> Trabalho braçal, que exige o emprego de muita força física e, em razão disso, torna-se cansativo e enfadonho, ou, por extensão, o trabalho mal remunerado. O nome é oriundo do gesto que a pessoa faz com o rosto ao pegar o peso para levantá-lo.

<sup>83</sup> Projeto de Vida é uma das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular, competência 6: Trabalho e Projeto de Vida. É uma das capacidades necessárias para gerir e planejar desejos e objetivos. Projeto de Vida está relacionado com a capacidade dos alunos refletirem sobre desejos e objetivos não apenas para o futuro, mas também para agora. Isso inclui planejar o que farão a cada ano e etapa de ensino, aprendendo a se organizar, estabelecer metas e definir estratégias para atingi-las. É uma disciplina que compõe a parte diversificada do currículo nas escolas estaduais do Mato Grosso do Sul. Fonte: Nova Escola Disponível em: <https://bit.ly/2RoNWwJ>. Acesso em: 10 abr. 2021.

<sup>84</sup> Pesquisa e Aútoria é uma disciplina que compõe a parte diversificada do currículo nas escolas estaduais do Mato Grosso do Sul e que preconiza o aprendizado através da pesquisa e da aprendizagem autoral.

para 2º ano A e B e Matemática para a EJA. Na EJA tenho os módulos finais II e III e intermediários III e IV. Eu nunca havia dado aula de Pesquisa e Aatoria, de Projeto de Vida e na EJA.

Hoje fiquei sabendo que o professor que estou substituindo na EJA vai voltar para as aulas dele. Eu vou perder minhas aulas da EJA. Depois dessa eleição temos uma grande expectativa aqui para a cidade. O novo prefeito promete muita coisa boa pra cidade: mais serviços, mais indústrias, mais trabalho. Se temos indústrias, temos trabalho e se temos trabalho, temos famílias, e se temos famílias, temos aluno. Se temos alunos temos professores. É uma sequência de procedimentos. Nós estamos na expectativa que a nossa cidade vai melhorar, que nossos alunos vão estar trabalhando e estudando.

Para dar aula na EJA, eu não fiz nenhuma formação. Eu tenho pouco desses conhecimentos e, os que eu tenho, adquiri praticando no momento que comecei a dar aula. Quando o diretor me chamou e perguntou se eu queria pegar as aulas da EJA eu falei: “claro, é mais uma experiência”.

Nós estamos em pandemia<sup>85</sup> e vejo que a pandemia tem o lado bom e o lado ruim. O lado ruim é que ela nos pegou, todos, totalmente despreparados. Não só nós professores, mas também direção, coordenação, alunos, pais, todos os segmentos da escola. A pandemia trouxe desespero pra nós. Nós não sabíamos como íamos trabalhar com os alunos, tivemos problemas de comunicação. Os alunos não podiam sair e não podem até hoje.

A maioria dos alunos não tem tecnologias para receber tantas informações, os celulares travam e não aguentam determinada quantidade de vídeos e mensagens. Temos também muitos problemas com a conexão da internet. E temos problemas relacionados com a saúde. Muitos dos nossos parentes estão se contaminando com a doença e familiares de alunos professores e colegas de trabalho falecendo ou doentes. O ano 2020 mexeu muito com nosso emocional. O que nos salvou foi um curso ofertado pela Secretaria de Estado de Educação (SED). Um curso sobre as competências socioemocionais, direcionado para professores de Projeto de Vida.

O professor de Projeto de Vida tinha por obrigação participar desse curso, que mexeu com o meu ‘eu interno’. O curso falava, na verdade fala, porque ainda tenho mais duas reuniões,

---

<sup>85</sup> Pandemia provocada por um vírus chamado SARS-CoV-2. Esse vírus é uma terceira modalidade de infecção por coronavírus da classe SARS (com capacidade de transmissão entre humanos) que desencadeia uma doença infecciosa respiratória (a exemplo do SARS-CoV-1 e do MERS) que pode causar no ser humano, - dependendo da carga viral contraída e da capacidade individual do sistema imunológico -, desde um simples resfriado até complicações extremamente graves, como pneumonia, insuficiência respiratória e um conjunto de complicações inflamatórias que, transcendendo aos pulmões, pode atingir todos os órgãos do corpo, levando ao óbito.

sobre como a pessoa aprende a lidar perante uma situação como a que a gente está vivendo. Foi ofertado pela Secretaria de Estado de Educação – SED, e deu uma base pra nós, não só de como lidar com nossos alunos, mas também fez a gente pensar melhor e refletir sobre nosso posicionamento de trabalho, de onde a gente vive, e sobre nossos alunos, pais de alunos e sobre a situação que a gente se encontra. Todos estamos enfrentando dificuldades, então temos primeiramente, que procurar uma forma de ficar bem conosco mesmos. Você tem que se sentir bem, e se você se sentir bem, a partir dali você vai fazer o outro se sentir bem. Baseando nas competências socioemocionais da BNCC<sup>86</sup> e naquelas apontadas como fundamentais nas atividades práticas e cursos ofertados pelo Instituto Ayrton Senna<sup>87</sup> em parceria com a Secretaria de Estado de Educação (SED), que classificam as competências como: empatia, responsabilidade, autogestão e outras. Esse curso me deu uma base muito grande e eu agradeço as duas orientadoras do curso que são a Sabrina e a Vanessa, duas pessoas muito competentes.

O lado bom da pandemia foi o aprendizado que as tecnologias nos trouxeram. Essa tecnologia que estamos usando agora para nos comunicar, ela também fez com que a gente pensasse melhor na vida. Ela obrigou a gente a saber mais sobre o que é um vídeo, como mexer em arquivos e entrar no *Google Classroom*, e para professores da Rede Estadual de Ensino (REE) há a opção de usar os programas da *Microsoft*. Esse é o lado bom da pandemia que fez a gente crescer na aprendizagem em tecnologias. Essa tecnologia que estamos usando aqui, eu não tinha esse conhecimento e descobri arquivos no *Google*; sei que temos arquivos que a gente pode usar e podemos descarregar nosso celular em um drive específico. A gente acabou aprendendo sobre isso e esse foi o lado positivo da pandemia e que fez com que a gente pensasse melhor na vida e, estamos como vitoriosos.

Estamos na expectativa dessa vacina e esperando que o ano que vem tenhamos aulas, mesmo que elas sejam híbridas<sup>88</sup>. Aula híbrida, pela internet ou presencial, não sei como é que

---

<sup>86</sup> A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. A BNCC para a etapa do ensino médio foi homologada no dia 14 de dezembro de 2018. Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=72011>. Acesso em 24 mar. 2021.

<sup>87</sup> O Instituto Ayrton Senna é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1994, com objetivo de dar a crianças e jovens brasileiros oportunidades de desenvolver seus potenciais por meio da educação de qualidade. Tem como missão produzir conhecimento e experiências educacionais inovadoras capazes de inspirar práticas eficientes, capacitar educadores e propor políticas públicas com foco na educação integral. Fonte: Instituto Ayrton Senna. Disponível em: <https://bit.ly/3225UqL>. Acesso em: 09 abr. 2021.

<sup>88</sup> O ensino híbrido é uma forma de educação que possibilita, em linhas gerais, um elo entre dois modelos de aprendizagem: o presencial e o online. Parte do processo ocorre em sala de aula, em que os alunos interagem entre si trocando experiências e, a outra parte, o online, que utiliza meios digitais para que o aluno tenha mais autonomia à forma de aprendizagem. As duas modalidades se completam, proporcionam diferentes experiências na forma de aprendizado. Fonte: EADBOX Disponível em: <https://eadbox.com/o-que-e-ensino-hibrido/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

vai ser, mas estão estudando. A educação não pode parar e nós, seres humanos, temos que ter alguma coisa para fazer. Sou pai, sou professor. O pessoal da secretaria, não pode parar. O mundo é um movimento, de forma que temos que agradecer a Deus.

Os alunos, não só os da EJA, são carentes de informações e de ferramentas. Muitos alunos não têm celular e muitos não sabem lidar com a internet. Nas aulas presenciais todos vinham, mas começou a pandemia e eles se perderam. Em uma das reuniões na escola, eu sugeri que a coordenação e a direção montassem um curso direcionado para os alunos da EJA sobre informática, como navegar no Google, como mexer com arquivo, gravar um vídeo, enviar um áudio. Os alunos da EJA têm vergonha de falar com você pelo celular. Eles são carentes de conhecimento nessa área de tecnologias. A pandemia prejudicou mais os alunos da EJA porque eles têm muitas dificuldades com as tecnologias. No presencial eles iam bem, mas a pandemia não foi boa para eles.

Devido à pandemia tivemos que ir atrás de muitos alunos, insistir, passar na casa deles para levar as atividades. Pedíamos: “faz o trabalho e leva na escola”. Organizamos entre os professores uma escala de trabalho; fizemos apostilas<sup>89</sup> para o aluno retirar na escola. Quando o aluno devolvia as apostilas, a gente corrigia e deixava na escola com as correções para ele buscar. Muitos alunos nem apareciam mais, pegavam a apostila na escola, levavam para casa para fazer as tarefas e não devolviam. Muitos não faziam. Criamos estratégias como grupos do *WhatsApp* onde nos colocamos à disposição dos alunos buscando atendê-los da melhor maneira possível. A gente conversava com os alunos pelo grupo do *WhatsApp*, também por telefone ou, às vezes, você estava andando na rua e encontrava com um aluno. Aí ele falava: “oi professor, como eu fui na atividade?” Aí a gente responde: “olha, você foi bem. Só teve uma questão assim que você não fez certo, mas o professor está à disposição. Qual dia que você pode ir na escola? Ou qual momento você pode falar pelo *Whatsapp*?” Então a gente tem todo esse carinho, esse traquejo para atendê-los da melhor maneira possível porque esses alunos não precisam só de um professor, mas de uma pessoa compreensiva.

O professor da EJA tem que ter um bom coração, ser amoroso e gostar de ensinar. Precisa ser paciente. Esse professor precisa motivar esse aluno e mostrar que ele pode sim.

---

<sup>89</sup> As apostilas são estratégias de organização de Atividades Pedagógicas Complementares – APCs. O Art. 3º da Instrução Normativa/SED N. 5/CONPED/SUPED/SED/2020, publicada no Diário Oficial do MS nº 10.120 do dia 19 de março de 2020 estabelece orientações sobre Atividade Pedagógica Complementar nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. Segundo o artigo, a Atividade Pedagógica Complementar poderá ser utilizada para o cumprimento da carga horária mínima anual e para o cumprimento dos dias letivos a que o estudante tenha direito, conforme estabelecido em legislação.

Apesar de ser pobre, ele pode se posicionar e ter opinião. O aluno precisa colocar na cabeça o seguinte: “eu quero ser alguém, mesmo com toda dificuldade de vida e do mundo”. Sempre eu falo para eles, que precisam colocar na cabeça: “a partir de hoje eu serei uma nova pessoa”. Sim, você pode se tornar uma nova pessoa. Com relação ao estudo, demora pouquinho para vir o resultado, mas quando o resultado vem, vem em dobro. O estudo tira você de uma situação, abre a sua mente, abre seu coração, abre o conhecimento e abre enfim todas as portas. Você muda seu próprio ser, sua pessoa. Não só para você, como para sua família, para com seus vizinhos e para com os seus colegas. Enfim, com os estudos você se torna um outro cidadão.

Os alunos da EJA vêm de realidades diferenciadas. Os alunos mais velhos têm mais vontade de aprender. O aluno de idade mais avançada tem mais dificuldade na pronúncia e muita vergonha de perguntar. Às vezes, quando ele faz uma pergunta, os alunos mais jovens caem na gargalhada e fazem deboche. Muitas vezes, o aluno de mais idade fica com vergonha e não pergunta mais. Isso acontece uma, duas, três vezes e na quarta vez não acontece mais porque ele desiste de perguntar. Falo isso porque tem professor que não entende isso, porque para entender o que acontece com esse aluno esse professor tem que ser muito habilidoso.

Penso que deviam separar uma sala com os alunos mais jovens e uma sala com alunos de mais idade na EJA. Se separar alunos com a mesma idade, eles se entendem; mas quando tem essa mistura, infelizmente acontece isso: um deboche dos mais velhos. Esse aluno mais velho formula uma questão, mas ao não saber formular direito, serve de chacota para os jovens, que caem na gargalhada. Muitos ficam com vergonha. Falo isso porque já aconteceu comigo na Universidade, uma vez eu fiz uma pergunta e o pessoal gozou da minha cara. Eu fiquei com muita vergonha e, se eu fosse um fraco, tinha desistido. Mas eu continuei e falei: “eu preciso enfrentar, é isso que eu quero”.

Os alunos da EJA que passam por isso deveriam ser acolhidos pelo professor de uma forma diferente. O professor da EJA precisa ter esse entendimento e conhecimento para lidar com essa diferença geracional; eles têm muita diversidade e precisam de uma oportunidade que não tiveram na vida.

Muitos alunos da EJA enfrentam dificuldades, doenças ou falecimento de alguém da família ou ele mesmo acaba ficando doente. Eles também têm medo de perder o serviço, ou então moram no sítio, e uma série de coisas que acontece e aconteceram com eles e fez com que eles não tivessem a oportunidade de estudar na idade correta. Falo isso de acordo com minha experiência. Eu fiquei muito tempo fora da sala de aula, não porque eu quis, mas porque eu tinha que trabalhar. Eu chegava em casa cansado e não tinha ânimo para enfrentar o banco

da escola. Me motivei quando fui levar minha filha para fazer cursinho e minha esposa para fazer um curso. Levando elas foi me despertando e abrindo minha mente para os estudos. Pensei: “já que eu trago elas, porque eu não faço um curso também”.

Eu me considero uma pessoa vencedora porquê de onde eu vim, meu Deus do céu, para chegar onde estou ... Eu virei um professor, e isso é orgulho demais! Isso mostra que com um pouco mais de sacrifício e de esforço chegamos ao nosso objetivo. É demorado e exige muito porque o estudo não dá um retorno imediato, demora um pouco para você ter um retorno. O estudo te dá um norte, te fortalece e tira você do escuro. O estudo tira aquela venda dos seus olhos e você passa a ter mais atitude. Ele te faz ser alguém capaz de resolver seus problemas e te dá força para alavancar seus sonhos. Para nós que somos pobres não há outra forma, eu não vejo nenhuma outra saída de sair da pobreza, e mesmo depois de uma certa idade, se você tiver a oportunidade de estudar, estude. Converse com a família se você quer estudar porque é importante, todos precisam apoiar os seus planos, porque serão muitos obstáculos enfrentados. Uma série de pessoas falavam para mim que eu era velho e que velho não precisava estudar, mas eu não acreditei e me tornei professor. Eu sou um sonhador. Um sonhador que está sempre a procura de melhorar o meu eu. Eu sempre reluto, “eu quero ser melhor”!

### 3.3 Professora Nadir Maria de Moura

*Temos muitos alunos que precisam trabalhar para ajudar os pais. Muitos que não tiveram oportunidade de estudar no tempo certo e agora estão correndo atrás.*

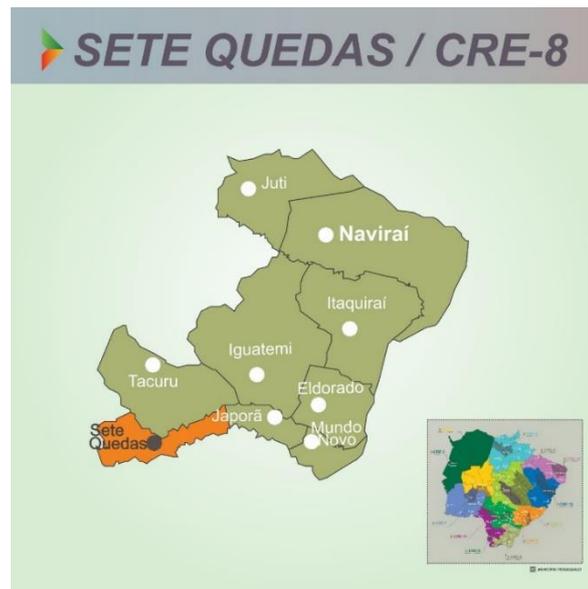
A entrevista com a professora Nadir foi realizada no dia 14 de dezembro de 2020, via *Google Meet*, com duração de 32 minutos e 8 segundos. Ela é nascida em 12 de março de 1960, professora licenciada em Ciências Físicas e Biológicas, com habilitação em Matemática, pela Unoeste – Universidade do Oeste Paulista em Presidente Prudente, SP. Se formou em 1997 e desde então segue carreira docente como professora contratada da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Professora da disciplina Matemática na EJA da Escola Estadual 13 de Maio<sup>90</sup>, município de Sete Quedas, MS, no ano de 2020. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE8 Naviraí, que engloba a região Sul do estado, divisa com o Paraná. Sete Quedas é um município localizado ao sul da região Centro Oeste e faz fronteira ao sul com Corpus Christi, no Paraguai. Dista 470 Km da capital Campo Grande e tem uma população estimada de aproximadamente 10700 habitantes (IBGE/2020).

Ao ligar para a Escola 13 de Maio em Sete Quedas, MS conversei com o diretor Adilton que me passou o contato da professora Nadir. No dia três de dezembro de 2020, conversamos pela primeira vez, expliquei o motivo do meu contato e ela me pediu que eu encaminhasse o roteiro da entrevista por *email*. Marcamos a entrevista para o dia 14 de dezembro de 2020. Encaminhei o link do aplicativo *Google Meet* antecipadamente. Foi um dia que a conexão estava ruim e com ruídos, algumas paradas nas falas que dificultou a fase da transcrição da entrevista. A professora se prontificou em responder outras questões em outro dia se precisasse complementar a entrevista. No dia 22 de março de 2021 entrei em contato com a professora Nadir explicando que eu estava encaminhando um *email* com a textualização da nossa conversa e que ela poderia sugerir alterações ou sugestões caso quisesse. Ela me respondeu dizendo que estava de acordo com a textualização.

---

<sup>90</sup> Escola pública estadual localizada no município de Sete Quedas, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: ensino fundamental I e II, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Figura 5 – Sete Quedas MS



Fonte: SED/MS (adaptado)

### ***NARRATIVA DE NADIR MARIA DE MOURA***

O início da minha história como professora é bem interessante. Fiz o ensino fundamental<sup>91</sup> em um projeto chamado NAEs<sup>92</sup>. A gente ia à escola, fazia alguns módulos e quando terminava, finalizava aquela etapa. Eu tenho um carinho grande pela Educação de Jovens e Adultos devido a essa experiência.

A etapa do ensino médio<sup>93</sup> foi presencial e a Matemática era um grande desafio. Eu não tinha a intenção de fazer Matemática porque eu já tinha uma profissão quase definida. Eu era atendente em Enfermagem e queria fazer graduação em Enfermagem, mas como não tinha o curso por aqui e eu não tinha condições de estudar fora, para não parar de estudar, eu tinha que fazer outra escolha. Meus professores me incentivavam para que eu continuasse os meus estudos; tive uma professora de Língua Portuguesa que dizia: “faz Matemática”. Na época era difícil estudar porque os cursos eram caros em relação aos dias de hoje e a gente tinha que se deslocar para outra cidade. Eu fiz a faculdade<sup>94</sup> em Presidente Prudente, SP. A gente ia a cada

<sup>91</sup> O Artigo 1º § 1º da Lei 5692 de 11 de agosto de 1971, que fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências diz que para efeito do que dispõe os artigos 176 e 178 da Constituição, entende-se por ensino primário a educação correspondente ao ensino de primeiro grau e por ensino médio, o de segundo grau, esta lei foi revogada pela Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996.

<sup>92</sup> NAE - Núcleo de Alfabetização Escolar.

<sup>93</sup> O nível de ensino a qual Nadir se refere são assim denominados a partir da LDB 9394 /1996. Na época em questão, era denominado segundo grau conforme Lei 5692 de 11 de agosto de 1971.

<sup>94</sup> Universidade do Oeste Paulista de Presidente Prudente, SP, UNOESTE.

quinze dias até lá. Tinha uma pessoa que pegava as matérias do curso na faculdade e trazia para a gente; a gente estudava e depois fazíamos as provas. Era muito complicado.

Eu trabalhei no hospital da cidade por 12 anos e depois fui transferida para o setor de administração. Nesta mesma época, eu estava finalizando a faculdade, mas ainda não tinha me formado, e faltou um professor de Matemática na escola. A diretora da escola foi ao meu trabalho para me convidar a assumir essas aulas e eu disse: “não, não tenho intenção de dar aula”. Falei isso porque eu sou uma pessoa muito introspectiva e achei que não daria conta. Ela foi atrás de mim três vezes e me fez uma proposta: “você vai tentar e se você não gostar, aí você abandona”. Aí eu falei: “beleza, eu vou fazer essa tentativa”. Comecei a dar aula no mês de maio de 1997, gostei e estou até hoje.

Deixei a administração do hospital na mesma época pelas aulas; eu era atendente em Enfermagem e estava na administração do hospital, não por formação, mas por conhecimento do dia a dia. Hoje, estou trabalhando na escola e muito realizada profissionalmente. Tive uma decepção no início de 2001 pois por 1 ponto perdi uma vaga no concurso da minha cidade, mas continuei trabalhando.

Comecei a trabalhar na Educação de Jovens e Adultos e para mim foi uma experiência muito, muito válida. A EJA tem um pessoal que você tem que trabalhar de forma diferenciada, você não vai só passar o conteúdo em si no quadro, porque eles têm uma dificuldade tremenda. Digamos assim, o conteúdo tem que ser passado atentando para questões práticas, simulações. Por exemplo, se você vai falar sobre juros, não adianta passar só a teoria, tem que fazer uma simulação. No ano de 2020 foi totalmente diferente, mas no ano de 2019 eu falava para eles irem nas lojas e pegar panfletos de ofertas. Depois, com esse material em mãos, chegávamos na sala e íamos calcular a diferença financeira entre uma compra à vista e uma compra parcelada. Dessa forma eles trabalhavam tranquilamente. Agora, se você escrever no quadro e passar as fórmulas, eles têm muitas dificuldades. Trabalhar com EJA para mim é muito gratificante.

Já trabalho com EJA há seis anos e acho gratificante porque os estudantes da EJA são pessoas que têm vontade de estudar, mas que têm muitas dificuldades também. Às vezes alguns são semianalfabetos, porque lá no ensino fundamental eles não adquirem um conhecimento. Eles chegam com vontade grande, mas a dificuldade é maior, por isso você deve sempre incentivá-los, estar incentivando. Aqui temos muito forte o setor agropecuário como atividade econômica, então procuramos trabalhar baseados na realidade dos alunos, e assim eles conseguem se desenvolver melhor na escola. Você pede para eles: “olha, vamos fazer isso”, e

eles fazem. Fizemos em 2019 um projeto com todas as turmas da EJA relacionado a atividade econômica da região. Na nossa escola tínhamos turmas do intermediário, que é a fase final do Ensino Fundamental, EJA III, EJA IV <sup>95</sup>e Ensino Médio.

Esse projeto que desenvolvemos em 2019 foi interdisciplinar. Os estudantes escolheram por meio de votação o que eles queriam trabalhar. O tema mais votado por eles foi “Fazenda Sustentável”: plantio de soja, milho e confinamento de bovinos. Foi um projeto bem extenso, e eu até disse isso quando nos reunimos entre professores para discutir o tema escolhido. Mas foi uma surpresa muito grande, sabe por quê? Os alunos fizeram uma maquete da fazenda. Na turma tinha um aluno que era o administrador de uma fazenda que tinha plantio e confinamento de gado, então eles responderam maravilhosamente bem a atividade proposta. Dividimos os alunos em grupos e dividimos as tarefas. Às vezes, a gente acha que não tem como trabalhar, mas quando você trabalha dessa forma com eles, eles não faltam à escola. Os alunos vêm para a escola; pode estar chovendo que eles vêm para participar porque não querem ficar para trás. Eu aprendi muito trabalhando com a turma dessa forma.

Eu não vou te falar que são só maravilhas, porque tudo que fazemos têm os pontos positivos e negativos, mas os pontos positivos superam os negativos. Agora quando se fala em Educação Jovens e Adultos, você tem que estar preparada para todo tipo de situação. Tem aluno que chega a te irritar, porque tudo que você propõe ele fala: “não consigo professora”! Mas têm aqueles alunos que deslancham e até não dão sossego para o professor. E tem também casos que, se você for querer exigir demais, você não consegue nada. Você tem que adequar a sua aula à realidade deles.

Sobre o currículo de Matemática, eu tenho que adaptá-lo com alguma coisa que está ligada ao cotidiano do aluno. Por quê? Tem alunos que têm facilidade de interpretação e outros que só conseguem interpretar se estiverem dentro da realidade deles, por exemplo, a estatística. Vou dar um exemplo que eles fizeram. Quando eu expus para eles e apresentei o conteúdo, eles disseram: “professora, isso nós não vamos dar conta assim”, mas quando pegamos o exemplo da fazenda, sobre o plantio e eles calcularam até quantos hectares tinham na fazenda, isso mudou. A realidade da tal fazenda era o plantio de soja e milho, e eles calcularam os custos para preparar a terra, quanto de semente iam gastar e o custo do plantio. Calcularam todas as

---

<sup>95</sup> O projeto Conectando Saberes, ofertado pela Rede Estadual de Ensino(REE) do Mato Grosso do Sul conforme ato autorizativo n. 3.360 de 08 de novembro de 2017. O primeiro ano de execução desse projeto foi 2017. O projeto classifica o percurso formativo do estudante por módulos. Para a etapa que corresponde ao ensino fundamental é organizado em Módulos Iniciais I, II, III, IV que correspondem do 1<sup>o</sup> ao 5<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental I, Módulos Intermediários I, II, III, IV que corresponde do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental II e Módulos Finais I, II, III, IV que corresponde aos anos do 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> do Ensino Médio.

despesas com base na quantidade de sacas de milho por hectare. Na hora de vender, eles pegaram os valores de venda com base o ano de 2018 sobre os valores da saca negociada. A partir desses dados o que que eles fizeram? Calcularam o valor bruto, descontaram os custos com a preparação da Terra, a despesa com veneno, preparação da semente e descobriram o valor líquido. Isso é estatística! Eles entenderam o assunto com um exercício na prática.

Aí você olha lá o currículo e dá muito trabalho pensar em como transformar o currículo em assuntos da prática. Porque é muito mais fácil você olhar o currículo e correr no livro didático. Hoje, nós temos muitos recursos e fica fácil montar a aula, preparar a sua aula, ainda que preparar aula para a EJA dá um pouco mais de trabalho.

Alguns alunos da EJA são aqueles que tiveram a oportunidade de estudar, não valorizaram e depois sentiram a necessidade de voltar a estudar. Também são aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar. Nós moramos na fronteira com o Paraguai e temos muitos alunos que trabalham do outro lado da fronteira e estudam no Brasil.<sup>96</sup> Temos muitos alunos que precisam trabalhar para ajudar os pais. Muitos que não tiveram oportunidade de estudar no tempo certo e agora estão correndo atrás.

A minha realidade é essa. O aluno dentro do faixa etária às vezes não podia estudar porque estava trabalhando. Agora, ele é um jovem adulto. Nós temos aqui pessoas de cinquenta anos, cinquenta e cinco anos, que hoje sente a necessidade de aprender. Aí, o que que acontece? Na faixa da fronteira, não sei nem como se fala, os alunos moram no Paraguai e vem estudar no diurno, eles vêm porque os pais conseguem pagar um transporte para trazê-los na escola. A noite eles não têm essa possibilidade, os que estudam na escola a noite são os que estão próximo mesmo aqui da fronteira.

Na minha realidade aqui não tem mudado muito a idade dos estudantes no decorrer dos anos. Ano passado, 2019, nós tivemos na Escola Estadual Guimarães Rosa uma turma do Ensino Fundamental e as fases finais.<sup>97</sup> Ali nós tivemos alunos na faixa etária de vinte à cinquenta e seis anos.

---

<sup>96</sup> Existe algo na fronteira para além da divisa política e geográfica. “É uma zona incerta, de mapeamentos difíceis, porque são manchas precárias que se expandem e se retraem com uma rapidez que surpreende, especialmente com a globalização econômica e cultural” (CATAIA, 2013, p. 68). Neste lugar conforme SANTOS, R. F., LEITE, M.N. e VERA, B. (2019) habitam os seres fronteiriços, que são chamados Brasileiros, paraguaios, indígenas brasileiros, indígenas paraguaios, “Brasiguaios” e outros tipos de miscigenações que caracterizam – e complexificam – essa fronteira, marcada pelo “vai e vem”, o “daqui” e o “de lá” mas que no fundo, acaba(m) sendo “um pouco de aqui e um pouco de acolá” (SOUZA, 2018)

<sup>97</sup> O Projeto Conectando Saberes organiza as etapas formativas em módulos, foram ofertados pela REE para a escola Estadual Guimarães Rosa, no ano de 2019, os Módulos Intermediário III e IV e Módulos Finais I, II, III e I.

No noturno<sup>98</sup> eu dou aula para turmas do Ensino Médio e para Educação de Jovens e Adultos, e você tem que ir com sua cabeça preparada para a escola. Você sai de uma situação com turmas de ensino médio regular e entra na outra, em salas da EJA. Mas na rotina, parece que automaticamente já estamos acostumados; a rotina já te transporta para isso. Só que você observa uma diferença muito grande entre o ensino regular e a EJA, e vai aprendendo a lidar com a situação.

Eu vou ser bem sincera, eu não tinha vontade de trabalhar na Educação de Jovens e Adultos, porque eu já tinha coordenado a disciplina de Matemática. Eu observava a dificuldade que os alunos tinham. Mas quando você é professora, chega a um certo ponto, que você tem que enfrentar os desafios. Você tem que enfrentar. Não vou te falar que a gente consegue tudo, mas devagar, você tem que tentar.

Quando você entrar no primeiro ano do ensino médio regular, você tem uma postura totalmente diferente, porque com eles você tem que ter uma postura firme, não vou te falar que você tem que entrar com uma arrogância. Mas você tem que ter uma postura mais firme. Quando você entra numa sala da EJA você tem que entrar de igual para igual. Porque se eles observam que você tem o “nariz empinado”, você não consegue dar aula, porque eles não ficam mesmo. Você tem que entrar de igual para igual para você tirar alguma coisa deles, aí depois que eles vão se acostumando com você, aí acabou.

Nós tivemos algumas formações a respeito do Projeto Conectando Saberes, para você adaptar ali as suas aulas por projetos, e tem ali várias opções para você evidenciar e valorizar o cotidiano do aluno. Então esse é um ponto que eu acho muito interessante nesse Conectando Saberes, nesse projeto. Temos formações e temos que trabalhar de forma interdisciplinar; os projetos trabalhamos com mais professores juntos.

Outra coisa que acontece, não agora nesse ano de 2020<sup>99</sup>, quando você é professora de alunos da EJA é que quando eles têm uma situação ou uma dúvida, eles te chamam até no domingo. Se eles pegam qualquer coisa que eles acham interessante, eles ligam. Falam assim: “professora eu vi tal coisa aqui” Fazer o quê? Estar feliz por isso!

Nossa realidade é que nossa cidade é pequena. É tudo muito simples. Você tem que ser amigo do aluno, em determinados momentos, precisamos ter muita paciência. Respirar três

---

<sup>98</sup> A professora Nadir está lotada na Escola Estadual Guimarães Rosa escola nos períodos matutino e noturno.

<sup>99</sup> O ano de 2020 se caracterizou por uma nova configuração da escola por causa da Pandemia de COVID-19 causada pelo vírus SARS-COV-2. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Fonte: Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> . Acesso em 01 mar. 2021

vezes e voltar com o sorriso. Eu tenho que ter uma relação de amizade. Você tem que conquistar a confiança deles.

Eu não quis mais voltar para a Enfermagem, eu me apaixonei pela sala de aula e deixei a outra profissão, e não reclamo não, apesar dos perrengues que a gente passa, eu não me arrependo, eu amo dar aula. Essa é a minha realidade.

### 3.4 Professora Lucreciana Alves de Souza Santos

*O que me atrai na EJA é o contato que você tem com os alunos 'sem modo'. 'Sem modo' é falar com eles de igual pra igual, porque para mim trabalhar na EJA é diferente de trabalhar no ensino regular.*

A entrevista com a professora Lucreciana foi realizada no dia 21 de janeiro de 2021, via *Google Meet*, com duração de 1h04min. Ela é nascida em 09 de novembro de 1973, professora licenciada em Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Corumbá<sup>100</sup>, MS. Se formou em 2002 e desde então segue carreira docente como professora contratada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Professora de Matemática na Educação de Jovens e Adultos-EJA na Escola Estadual Leme do Prado<sup>101</sup>, município de Ladário<sup>102</sup>, MS. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação - CRE3 – Corumbá. O município de Ladário está situado na região pantaneira do estado de Mato Grosso do Sul, na margem direita do Rio Paraguai.

A direção da escola me passou o contato da professora Lu. Liguei para a professora no dia 11 de dezembro de 2020 e iniciamos a conversa sobre a pesquisa. Ela foi muito aberta e a conversa fluíu, disse que queria contribuir falando sobre a experiência na EJA. Marcamos a entrevista para o dia 22 de dezembro de 2020 para as 8 h da manhã, encaminhei o roteiro da entrevista previamente via *email* conforme combinado. No dia da entrevista enviei o *link* para o encontro, mas ela desmarcou pelo motivo de ser fechamento do ano letivo e dia do Conselho de Classe na escola. Conversamos então nesse dia por telefone e remarcamos a conversa para após as festividades de final de ano. Agendamos a entrevista para o dia 20 de janeiro de 2021. O dia estava muito chuvoso, mas a conexão da internet estava boa, sem interferência. Na conversa tentamos não nos prender ao roteiro, com uma conversa sem perguntas e respostas, porém algumas vezes busquei no roteiro retomando alguns pontos da conversa.

---

<sup>100</sup> Corumbá é um município do estado de Mato Grosso do Sul. A cidade se desenvolveu no leito do rio Paraguai e é porta de entrada para o Pantanal. Possui o mais importante porto do estado de Mato Grosso do Sul e um dos mais importantes portos fluviais do Brasil e do mundo. Situada na margem direita do rio Paraguai e também na tríplice fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Bolívia.

<sup>101</sup> Escola Estadual no município de Ladário, MS, que oferta Ensino Fundamental I e II, ensino médio e a modalidade Educação de Jovens e Adultos –EJA.

<sup>102</sup> Ladário é um município brasileiro da região Centro-Oeste, situado no estado de Mato Grosso do Sul. O município está situado na região pantaneira do estado de Mato Grosso do Sul, na margem direita do Rio Paraguai. Ladário é um enclave no município de Corumbá. Ladário tem uma população de aproximadamente 23.600 habitantes (IBGE/2020). Juntas, Corumbá e Ladário somam 123.320 habitantes e distam 6km entre si.

Figura 6 – Ladário MS



Fonte: SED/MS (adaptado)

### ***NARRATIVA DE LUCRECIANA ALVES DE SOUZA SANTOS***

Meu nome é Lucreciana Alves de Souza Santos. Eu nasci em 09 de novembro de 1973. Tenho quase meio século de vida bem vividos. Meu nome é a junção do nome do meu pai Lucrécio e da minha mãe Ana. Meus amigos me chamam de Lú e meus alunos de Lucreciana. Sou descendente de uma família de agricultores que vieram da zona rural para a cidade visando dar oportunidade para os filhos estudarem. Meu pai, hoje com 83 anos, foi trabalhador da zona rural e, ele e minha mãe, optaram por deixar o campo rumo à cidade em busca de oportunidades escolares para os 9 filhos. Eu sou a filha mais nova dos 9 irmãos. Hoje, só tenho meu pai, pois perdi minha mãe há um ano. Meu pai sempre diz: “eu vim para cá para que vocês pudessem ser melhores do que eu”.

Quando mudamos para Ladário, MS, eu estava com idade entre sete e oito anos - eu fui a última filha a sair do sítio. Nesta ocasião, meus irmãos já tinham vindo para a cidade estudar, vieram morar com meus tios e meus avós. Eu entrei na escola em uma turma mais adiantada do que eu, digo ‘a anos-luz de mim’ em relação ao meu aprendizado escolar, e diante disso, eu chorava muito na escola, porque eu não queria ficar naquele ambiente escolar, eu era ‘bicho do mato’. Fui alfabetizada aos oito anos e até esta idade eu não sabia nem ler e nem escrever, digo que meus professores tiveram muita paciência comigo.

Depois de concluído a educação infantil, eu fui estudar na Escola Estadual Leme do Prado, que é a escola onde hoje eu trabalho, e em seguida na Escola Estadual 2 de Setembro<sup>103</sup>, que também trabalho. Essas duas escolas fizeram parte da minha formação básica. Estudei na primeira turma do segundo grau da Escola Estadual Leme do Prado, turma 7044. Antes, nessa escola, os cursos ofertados no nível médio eram: Técnico de Contabilidade e Magistério. Conclui no final do ano de 1992 e logo ingressei na faculdade de Matemática na UFMS em Corumbá, MS. Fiz vestibular e passei.

Fiz Licenciatura em Matemática, foi minha primeira opção, pois só tinha essa opção. Eu escolhi a Matemática porque era o curso que eu tinha acesso. Meus pais são semianalfabetos, não tinham instrução e visão de mundo, então era o que eles puderam me oferecer, e graças a Deus, me ofereceram de bom grado. Eu me dei muito bem com a Matemática, porque sempre fui uma das melhores alunas da minha sala, sempre levava amigos para minha casa para ajudar a estudar. Eu falava assim: “eu vou ser dessa área da Matemática”, porque eu detestava História e Geografia. Hoje eu vejo como um professor faz diferença na vida do aluno, tive ótimos professores de Matemática e eles me despertaram para isso. Não eram professores bonzinhos, bonzinhos não eram. Um dos meus professores mais antigos, o professor Nivaldo, foi um exemplo para mim. Ele saiu a pouco tempo da Escola Leme do Prado.

Eu fiz vestibular, passei e fui fazer Matemática. Só que no primeiro ano, você vê que a realidade da vida universitária é outra, eu falei assim: “eu não sei nada, eu sou burra, eu não sei nada”. Eu desisti no primeiro ano. Desisti e fui trabalhar. Falei: “vou trabalhar”. Trabalhei em uma loja como balconista. Trabalhei, trabalhei, mas um certo dia falei: “não, para. Não quero isso”. Eu discuti com a patroa, falei que não queria mais trabalhar ali, e acho que isso tinha que acontecer porque eu voltei e fiz outro vestibular. Resolvi fazer outro vestibular para Matemática em 1998, na UFMS. Passei, e para você ver, se a gente não estiver se atualizando, o nosso conhecimento fica defasado porque no primeiro ano que eu fiz vestibular em 1992, eu tinha passado em sétimo lugar, e depois passei em vigésimo sétimo lugar. Eu me assustei, porque a mente da gente é uma máquina que precisa ser exercitada. Voltei e entrei com reaproveitamento de créditos, porque tinha matérias que eu já tinha eliminado. Eu voltei por causa do Cálculo I, porque antes disso, eu tinha reprovado, então eu não podia reprovar novamente. Eu fiz o primeiro ano com a turma, só não fazia as matérias que eu tinha nota. Íamos concluir o curso

---

<sup>103</sup> Escola Estadual no município de Ladário, MS, que oferta Ensino Fundamental II e ensino médio.

no ano de 2001 e acabamos indo até junho de 2002 por causa de uma das maiores greves<sup>104</sup> das universidades públicas.

Quando eu parei de trabalhar, ainda antes de formada, coloquei uma placa na frente da casa dos meus pais “Aula de Reforço” e comecei a dar aula na varanda da minha casa. O pai de uma ‘aluninha’, chamado Juvenal, viu meu trabalho e me disse assim: “professora, a senhora não quer dar aula? Minha mãe tem uma escolinha chamada Escola Reino dos Saberes e está precisando de alguém”. Eu respondi: “Claro que eu vou!” Eu fui e comecei a dar aula pra um aluno que ficou de dependência. O professor Pedro Miranda, que dava aula de Matemática nessa mesma escola, passou no concurso do Estado, então a diretora Dona Terezinha, me chamou para dar aula no lugar dele. Eu assumi uma turma de sexto<sup>105</sup>, que era quinta série na época e também as turmas de sexta, sétima e oitava série. Era uma escola com turmas pequenas e eu ainda estava no segundo ano de faculdade, no ano de 1999.

Eu aprendi muito com a Dona Terezinha Ela sentava na sala e ficava me vendo dar aula, e quando eu terminava, ela me chamava na sala: “está vendo essa situação? Você tem que fazer assim.”. Foi muito bom pra mim, porque eu me sentia uma aluna. Ela me ensinou a fazer planejamento, sentava comigo e falava o que estava errado. Eu achei interessante, porque ela nunca chamou minha atenção na frente de aluno. Nunca! Ela sempre chegava depois da aula e falava: “lembra que você fez isso? Não pode proceder assim”. Eu fiquei nessa escola até o ano 2002/2003, ano que me formei. Ela me ensinou muitas coisas sobre como dar aula e até hoje, quando eu a encontro, faço questão que se lembre de mim. Ela está bem doente. Ela era uma mulher maravilhosa, uma pessoa da área de Português, que causava temor nos alunos. Eles realmente respeitavam a presença dela.

A escola Reino dos Saberes, infelizmente, fechou e eu fui trabalhar na Rede Estadual de Ensino (REE) na Escola Estadual Leme do Prado, onde o diretor, Torres, era nosso amigo. Ele foi meu professor, e é meu amigo até hoje. Assim que saiu o diploma a gente começou a trabalhar. Eu lembro que, eu e uma amiga, começamos a trabalhar mesmo sem o diploma e a gente entrou ganhando como professoras leigas<sup>106</sup>. Era um salário pequenininho, mas

---

<sup>104</sup> Paralisação das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil com duração de 103 dias. Início em dois de abril de 1998 à 13 de julho de 1998.

<sup>105</sup> Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001 aprovou o Plano Nacional de Educação/PNE. O ensino fundamental de nove anos se tornou meta progressiva da educação nacional. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implantação, pelos sistemas, até 2010.

<sup>106</sup> Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, um professor leigo é aquele que não tem formação específica para atuar na sua área.

estávamos lá. Quando chegou nosso diploma em julho de 2003, veio aquele montante da diferença salarial e foi aquela coisa boa.

Eu comecei a trabalhar em 2003 com o ensino regular e em 2004, começou a minha história com a Educação de Jovens e Adultos–EJA, ano que foi implantado a EJA na escola Leme do Prado. Eu estava no grupo dos professores do noturno da escola e comecei a dar aula na EJA. Só que era a EJA fases<sup>107</sup>: primeira fase, quinta e sexta série, e segunda fase, sétima e oitava série, que agora é o nono ano. Assim começou a minha história na EJA.

Assim que eu saí da faculdade, vieram oferecer uma pós-graduação na nossa escola e nós começamos uma pós-graduação em 2003 em uma universidade chamada Universidade Universo. Foi um alvoroço entre os professores, acho que foi uma das primeiras Universidade a ofertar pós-graduação em EaD semipresencial na área de Educação em Planejamento Educacional. A maioria dos colegas dessa época fizeram, e até os professores mais antigos têm essa pós-graduação. Em Ladário, eram quase vinte professores que fizeram e, formamos todos juntos. Eu comecei a fazer essa pós-graduação e fiquei grávida. Passei toda minha gravidez fazendo a pós-graduação, e eu falo que se fosse nos dias de hoje, eu não conseguiria estudar do jeito que eu estudei grávida, dando aula. É cada coisa que a gente faz que a gente vê que não é você”. O ser humano tem uma força interior que se ele quiser ele faz, não fica naquela redoma não. Eu fiz a minha pós-graduação, grávida e dando aula à noite na EJA, comecei em 2003 e terminamos em 2004.

As salas da EJA tinham aproximadamente cinquenta alunos. Só alunos com idade a partir de dezoito anos, porque menores de dezoito anos não podem estudar na EJA, a não ser por ordem estabelecida pelo juiz, que é o caso de menores infratores. Eu acho que, hoje em dia, não está tendo mais essa forma de admissão porque o acesso se dá por escolas dentro dos albergues<sup>108</sup>. Para os menores de 18 anos, tem o projeto AJA<sup>109</sup>.

Em 2004, as turmas da EJA eram grandes, com salas de aula superlotadas, com alunos fora da faixa etária, que fugiam da aula e alunos do tipo “não estou nem aí pra nada”. Eu vivi as duas realidades no ensino noturno: ensino regular e EJA. No ensino regular, esses alunos são aqueles que estão fora da faixa etária, então se tem três turmas, eles estão na última, por exemplo, entre três turma A, B e C eles seriam a C. São alunos evasivos, que fogem da aula e

---

<sup>107</sup> Instituída a política e dispõe sobre a organização da Educação para Jovens e Adultos na Rede Estadual de Ensino. Resolução SED/MS:1.442, 22 de Setembro de 2000.

<sup>108</sup> Estabelecimento penitenciário destinado à execução de pena judicial, seja em presídio ou num outro local designado por lei.

<sup>109</sup> Projeto Avanço do Jovem na Aprendizagem em Mato Grosso do Sul, destinado a estudantes entre 15 e 17 anos, com distorção de idade/escolaridade.

que já tiveram problemas com entorpecentes. No ensino regular, esses alunos estudavam à noite, e eram as turmas E e F da noite, porque desde o matutino a escola classificava as salas: A, B, C, D. A noite, eram salas E e F. Esses alunos fizeram permutação, saíram do ensino regular e se matricularam na EJA porque a noite a escola começou a ofertar somente a EJA e não mais o ensino regular. Se o aluno parou na quinta série, que é o sexto ano, ele fazia quinta e sexta série, que hoje é sexto e sétimo ano. A escola teve o critério de separar e fazer duas turmas: uma turma com alunos com a mesma faixa etária, que é aquela garotada que não se adequava mais, que com mais de dezoito anos não podiam mais ficar no ensino regular, e outras turmas com pessoas que não tiveram oportunidade de estudar.

A turma que a gente mais se adequava, e que a gente mais gostava de entrar eram as turmas das pessoas com mais idade, os adultos. Por quê? Eles são pessoas que pararam de estudar porque tiveram que trabalhar. Muitas vezes, com filhos e tendo que cuidar de irmãos e da casa. Eram pessoas bem conscientes, uma turma que você entrava em sala de aula, dava sua aula, mesmo com todas as dificuldades que eles tinham, e eram muitas. Eles diziam: “professora eu parei há quinze anos, parei há dez anos”. Só que eu nunca vi isso como empecilho.

Quando eu entro em sala de aula, faço a minha apresentação e falo: “eu não estou procurando aluno que sabe, quero aluno que quer aprender, que está disposto a caminhar comigo, que tenha responsabilidade e interesse”. São desses alunos que eu preciso. Eu sou bem clara com eles que há diferença entre o ensino regular e a EJA. Na EJA tem os alunos que trabalham, por isso a escola tem esse critério de separar uma turma da EJA com alunos que trabalham, que têm dificuldades e outra com aquela garotada que ‘não quer nada com nada’.

Desde o começo, eu aprendi a me impor em sala de aula com alunos que não respeitam. Você tem que conquistá-los e trazê-los para seu lado. Não adianta você ‘bater de frente’. Eu sempre pensei assim e até falo com os colegas: “não bata de frente com eles”. Eles realmente não têm nada a perder, mas pra mim é uma vida, eles têm algo a perder sim. Quando você tem uma vida, é uma vida a perder, é perder muito. Em relação à eu e eles, não temos diferença, todos nós somos iguais perante Deus. A diferença é que você está ali para instruir e o seu grau de instrução é um pouco mais elevado que o dele, então você tem que saber lidar com essa situação. Se você está nessa posição, nessa atuação, nessa profissão, você sabe.

O que ‘estragou’ os alunos foi o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - ENCCEJA<sup>110</sup>. O ENCCEJA nos tirou esse aluno. O ENCCEJA deu a

---

<sup>110</sup> Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) foi realizado pela primeira vez em 2002 para aferir competências, habilidades e saberes de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental ou Ensino Médio na idade adequada. O ENCCEJA é realizado pelo Inep em colaboração

possibilidade para o aluno estudar, só que abre um leque amplo pra todos. O aluno chega e fala: “não vou passar, então se eu não vou passar, eu faço ENCCEJA”. Esse aluno, no começo, ele procurava estudar, tinha interesse, mas agora não. O aluno ficou desinteressado. Com toda a sinceridade, mudou para pior. Infelizmente, a realidade na Educação de Jovens e Adultos é essa, e o principal motivo é o ENCCEJA. O aluno começa na EJA para terminar o ensino fundamental, o ensino médio e levar o diploma, mas ele interrompe esse ciclo e faz o ENCCEJA.

O diploma era para o aluno ter uma renda melhor, mas isso mudou muito rápido de dois ou três anos pra cá. A EJA mudou muito rápido. Os alunos querem fazer ENEM, vestibular, curso técnico. Essa semana, eu fui tirar sangue e uma aluna da EJA do JPG<sup>111</sup> que colheu meu sangue. Ela era aluna do projeto EJA IV. Eu falei: “meu Deus do céu! Eu fui boazinha com você?”. Eu lembrei de uma fala de uma doutora quando trabalhei no SESI<sup>112</sup>? Ela falou assim: “trate bem seus alunos”. Ela fez uma comparação muito interessante que trago hoje para a educação do meu filho: “filho, precisa de educação e de amor”. Só isso, educação e amor. Eduque e ame, o resto ele vai tomar adiante. Aluno precisa de autoridade e conhecimento. Como diz o ditado: ‘quem ama educa’. “Quem ama educa sim!” Eu falo para meus ‘aluninhos’ do sexto ano: “o instrutor diz que quem ama educa, mas só que eu não amo vocês. Eu amo o meu filho, então eu educo meu filho”. Há diferença, e falo: “vocês precisam de autoridade e conhecimento, a diferença está nisso”, e eu deixo claro que a educação e a formação da personalidade vêm de casa, eu não vou interferir, porque é algo que não pode entrar em discussão. De repente, o que é certo pra mim, é errado pra sua mãe, e não vamos discutir.

O aluno da EJA tem uma visão diferente. Ele regrediu. Ele quer concluir o ensino médio e regrediu. O aluno que concluiu o ensino médio no ENCCEJA fala: “professora eu eliminei todas as matérias”. Ele fala com alegria: “professora, eu vou fazer vestibular, vou fazer ENEM”. Eu fico: “meu Deus do céu. O que isso vai causar nesse aluno?” Frustração. Eu fiz a educação básica presencial, de manhã, indo todos os dias na aula, estudando em casa, cheguei na faculdade e fiquei frustrada. Quando eu cheguei na faculdade, eu olhei assim: “eu não sei nada, ainda preciso estudar muito!” Para dar aula eu tenho que estudar, eu preciso estudar. Eu preciso

---

com as secretarias estaduais e municipais de educação. Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/encceja>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

<sup>111</sup>Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho. Escola Pública Estadual no município de Corumbá, oferta Ensino Fundamental II e ensino médio.

<sup>112</sup> Serviço Social da Indústria

dominar o conteúdo, preciso ir além. Eu tenho que estar além. Eu tenho isso em mente, que eu quero estar além do conhecimento do meu aluno.

Esse aluno da EJA começou a ter essa visão que precisa estudar e se dedicar e veio logo em seguida o ENCCEJA e parou ele. Porque ele faz essa prova e é considerado apto. Ele consegue cem pontos (parece que a pontuação é cem). Ele vai lá: “eliminei essa matéria”. “Tudo bem, você eliminou essa matéria, mas você vai precisar dessa matéria pra fazer um concurso. Você vai precisar dessa matéria”. Isso que eu falo para os mais jovens: “você vai precisar estudar em casa, vai ter que fazer um cursinho *online* e ter aula no *youtube*”. Nessa pandemia<sup>113</sup>, nós vimos a realidade do nosso aluno. Ele não sabe assistir uma aula *online*. Por quê? “Professora, eu não entendi nada, eu não entendo nada, eu preciso que a senhora esteja ali”. Por outro lado, vendo de outra forma, o aluno começou a perceber que o professor é necessário. Eu perguntei para os alunos: “você vê a dificuldade de estudar sem o professor, assistindo aula no *youtube*? Aulas que você não sabe se tem certificação, e tem coisas que não estão corretas.” Eu provo pra eles, porque eu levo o livro e falo: “está aqui quem escreveu esse livro”. Quem escreveu são quatro professores graduados, com mestrado e neles eu confio. Têm aulas que a gente pode dizer que valem a pena. Eu pergunto pra você que fez ENCCEJA e passou: “como que você vai conseguir aprendizado, se você nem frequentou a sala de aula?” Porque acontece isso, eles passam em todas as disciplinas, e ainda dizem: “professora, eu passei em tudo, eu vou fazer o curso de Matemática”. Eu falo: “isso, vai fazer Matemática. Graças a Deus, curso superior ainda não tem uma prova que te habilite dessa forma”.

Eu vou falar sobre o cotidiano da escola na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pela experiência do ano 2019, porque em 2020, tivemos menos de um mês de aulas presenciais. A realidade da EJA é bem diferente da realidade do ensino regular, todos nós que damos aula na EJA sabemos disso. As aulas têm menos tempo, quarenta e cinco minutos, porque senão o aluno vai ter que sair da escola quase às 23 h. Eles moram em locais distantes e enfrentam toda essa problemática. O horário do início das aulas do AJA é 18h e da EJA é 18h30min, mas dificilmente eles chegam antes das 19 h, só quem chega às 18h30min são aquelas senhoras donas de casa, que têm aquele comprometimento. Têm alunos que mesmo não

---

<sup>113</sup> Pandemia provocada por um vírus chamado SARS-CoV-2. Esse vírus é uma terceira modalidade de infecção por coronavírus da classe SARS (com capacidade de transmissão entre humanos) que desencadeia uma doença infecciosa respiratória (a exemplo do SARS-CoV-1 e do MERS) que pode causar no ser humano, - dependendo da carga viral contraída e da capacidade individual do sistema imunológico -, desde um simples resfriado até complicações extremamente graves, como pneumonia, insuficiência respiratória e um conjunto de complicações inflamatórias que, transcendendo aos pulmões, pode atingir todos os órgãos do corpo, levando ao óbito.

trabalhando e ficando em casa, às vezes, não têm aquele comprometimento e chega na escola só a partir das 19 h, passados 30 minutos da sua aula.

Temos um combinado na escola de não aplicar a prova na primeira aula. Por que? Porque muitos alunos trabalham e não têm como chegar nesse horário. Eles chegam em casa às 18h e até se arrumar, chegam na escola quase às 19h, basicamente, na segunda aula. A organização do tempo diário da escola é: duas primeiras aulas, um intervalo e mais duas aulas, ou quatro aulas corrida.

Se estivéssemos em aula e chovesse, não apareceria nenhum aluno na escola. Se esfriar muito, também não tem aluno na escola. E o que nós temos que fazer? Trabalhar com aulas programadas. Por exemplo, você programa a sua aula na segunda-feira, se você tem a segunda aula e a terceira aula, a sala vai estar bem lotada. Então, eu vou aproveitar e trazer aquela atividade que eu tenho que trabalhar com eles, ou dar uma aula diferenciada.

O que diferenciou o Projeto Conectando Saberes da EJA é que nós temos que trabalhar a vivência do aluno: o que esse aluno traz de casa, onde esse aluno trabalha, o que eu posso aproveitar do aprendizado do aluno, como eu posso tornar a escola interessante pra ele não desistir. Na EJA tem muita evasão porque os alunos chegam em casa cansados, desestimulados. Se você der uma aula desestimulante, não vai agradar esse aluno. Só que eu sempre bati nessa tecla, nós de Matemática, como que eu vou fazer? Por exemplo, se vamos pegar um conteúdo do primeiro ano, Progressão Aritmética, eu preciso que o aluno tenha uma noção desse conteúdo, eu posso pegar uma sequência numérica e demonstrar para o aluno....

Eu falo que a gente nunca ganhou tanto dinheiro sem fazer nada, quando trabalhei na JGP no EJA IV<sup>114</sup> em 2014/2015, porque na grade do projeto tinha oito aulas de Matemática, e com duas turmas já fechavam a carga horária do professor. Eram quatro aulas presenciais e quatro aulas direcionadas<sup>115</sup>. Nas aulas direcionada o aluno procurava o professor para tirar dúvidas, isso na primeira ou na última aula, mas os alunos não procuravam os professores nesses tempos, então você chegava na escola e ficava tranquila, dava uma aula só e esperava. Foi o ano mais *light* que teve, mas com muito papel para preencher.

O que eu vi no decorrer desses anos como professora da EJA? Que os alunos gostam de ‘quadro e giz’. Os alunos falam: “pelo amor de Deus professora, não me venha com vídeo que eu vou dormir”. E eles dormem. Eu tenho experiência dentro de casa, porque a minha irmã voltou a estudar e terminou, e eu fui uma das influenciadoras na vida dela. Ela estava no

---

<sup>114</sup> EJA IV - Operacionalizado a partir 01 de fevereiro de 2016. Resolução/SED nº 3.018 de 05 de fevereiro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.101 de 10 de fevereiro de 2016

<sup>115</sup> Aulas que os estudantes escolhiam para tirar suas dúvidas.

oitavo/nono ano, depois terminou, há dois anos, o ensino médio, e eu fui professora dela. Ela falava: “eu vejo minha irmã estudar pra dar aula. E olha que faz tempo que ela dá aula, e ela estuda muito. Aí chega uma professora, põe um vídeo, fica no celular e deixa o vídeo ‘rolando’. Aí fala: “vamos copiar”. Pronto, essa é a aula, então eu durmo”, ela falava: “eu durmo. Eu chego lá na escola e durmo, porque eu começo a ver aqueles vídeos e meu Deus do céu!”. O que a Secretaria de Estado de Educação (SED) pede é aulas diferenciadas, que você tem que usar a sala de mídia. Eu concordo, mas o aluno precisa de lápis, papel e caneta e isso que eles não entendem. Na Matemática, se eu fosse mostrar vídeos do que os alunos precisam, meu Deus do céu!

Os alunos, desde sua infância têm uma educação mais tradicional e como isso vai ser mudado agora na vida adulta dele? Eles falam: “professora, eu preciso da fórmula”. Eu falo: “mas você precisa pensar assim...”. “ Não professora, me dá a fórmula, eu preciso da fórmula”. Então, eu pergunto como eu vou fazer isso porque eu sinto muita dificuldade nisso. Eu sou uma das professoras, se comparar com os pedagogos, que não faz aulas diferenciadas. O que eu faço de diferenciado é no ensino regular com a criançada: “Vamos montar isso, vamos fazer isso, vamos fazer a feira do conhecimento”

O aluno da EJA precisa do conteúdo e do conhecimento. Ele não precisa ficar ‘enfeitando cartolina’. Os alunos falam: “eu não aprendi nada com isso”. Na escola, geralmente, tem a feira de Apresentação, de Cultura, de Ciências, e na Matemática o que eu vou trabalhar com eles? Eu tenho que tirar umas aulas pra trabalhar com eles porque é pedido, está dentro do currículo, mas eu vejo que muitos alunos pegam seu material e vão embora quando não têm conteúdo. O que eles falam? “Professora, eu saio de casa, deixo na minha casa, meu filho, para chegar aqui e ficar montando isso!”. Eles perguntam se eu vou dar alguma coisa, se vou passar conteúdo. Se eu falar que não vou, eles falam um tchau que vão embora. Na última aula do noturno, que é quarta aula, você via a sala cheia quando era a minha aula, porque eu dava conteúdo. Eles ficavam de fora da sala fazendo trabalhos e montando apresentações, mas quando era aula de Matemática, eles corriam e enchiam a sala. Mesmo aos ‘trancos e barrancos’ e com dificuldades, eles estavam ali. Eu estou falando da Escola Estadual 2 de Setembro, onde eu trabalhei desde 2016.

Em 2018, começou o Projeto Conectando Saberes, que é organizado por módulos: Módulo I, Módulo II, Módulo III e Módulo IV. Em dois anos, o aluno conclui o ensino médio, e se ele não for aprovado no Módulo I, ele não vai pro Módulo II. O aluno tem que fazer no ano seguinte o Módulo I para fazer depois o Módulo II e assim sucessivamente. O que acontece

com esses alunos? Eu achei que eles tiveram uma defasagem grande, porque nos projetos EJA III e EJA IV, eram quatro aulas de Matemática na ementa e agora, no Projeto Conectando Saberes, a partir de 2018, são duas aulas de Matemática. Veja nosso currículo, nossa ementa. Você consegue trabalhar com esses alunos em dois anos do ensino médio? Eu não consigo. Eu não trabalho todos os conteúdos, e se eu falar que eu trabalho, eu estaria mentindo. O que eu faço? Eu pego a ementa do Módulo I, por exemplo, mesma ementa do ensino regular, só que eles enxugaram os conteúdos. Eles colocaram um conglomerado de conteúdos em pouco tempo e fica assim: “dá seu jeito”. O que eu faço com o conteúdo? Porque aluno da EJA gosta de escrever, ele gosta muito de escrever.

Se eu vou trabalhar conjuntos numéricos, dou uma revisão de Conjuntos Numéricos até o Conjunto dos Números Reais em sala, e depois passo uma pesquisa. O que os alunos vão pesquisar? Eles vão pesquisar relação e função, funções de primeiro e de segundo grau, e como eu já trabalhei equações, eu faço uma junção de pesquisa e sala de aula. Eu trabalho em sala de aula também além da pesquisa, porque o seu planejamento tem que estar de acordo com o que você trabalha em sala de aula. A SED faz questão de olhar o caderno do aluno pra ver se o que você está trabalhando está no seu planejamento. Ela vem e você tem que ter, nem que seja em pesquisa.

Eu converso com os alunos antes e deixo bem claro pra eles, que eu precisava de cinco aulas, no mínimo, pra trabalhar mas eu tenho duas aulas apenas. E dessas duas aulas, uma vai ser no primeiro tempo em alguma turma, e eu vou ter um desconto de quase trinta minutos, e no decorrer do ano, ele vai perder muito. Peço para eles que eu preciso que colaborem comigo e estejam nas aulas. Tem aluno que fala: “professora, eu não vim semana passada, dá para repetir a aula?” Eu falo que não dá porque o meu compromisso é com o aluno que estava em sala de aula. Eu posso até chegar do lado dele e dizer o que eu passei de conteúdo. Falo: “dá seu jeito, dá seus ‘pulos’.” Eu falo que se eles tiverem dúvidas e se eu tiver um tempinho, a gente vai trabalhar essas dúvidas. Fica difícil, toda vez eu chegar e falar vamos no conteúdo da semana passada, porque assim, eu não vou caminhar, o que prejudica aqueles ‘aluninhos’ que, faça chuva ou faça sol, estão na escola.

A Dona Paulina, o Seu Paulo, o Seu Antônio, mesmo chovendo vêm para a escola com guarda-chuvas e ficam sentadinhos esperando a aula. Não estão esperando eu conversar com eles, mas aula. Muitos perguntam se eu vou passar alguma coisa quando tem pouco aluno na sala, e eu falo que sim, porque se eles estão na escola e fizeram um esforço para estar é que precisam da aula. Se vieram na escola é porque querem alguma coisa. Eu pergunto: “O que

você veio buscar na escola? Ver filme?” Eu não acho certo. Porque se eu quisesse ver filme, eu estaria na minha casa, no meu sofá confortável e despojado, deitada, sentada e não na escola. E isso muitos professores não entendem, e até pedem para o coordenador para baixar um filme. Se os alunos quisessem assistir filme, eles estavam na casa deles.

Sobre a formação dos professores para dar aula na EJA, desde o início, nós fomos pegos assim: “você vai dar aula na EJA e esta é a ementa”. Pra dizer a verdade, eu tive uma capacitação no ano de 2019. Nos anos de 2014 e 2015, quando eu fui dar aula no JGP e era o Projeto EJA IV, ninguém nos passou nada. Você desce de paraquedas e dá seus ‘pulos’. “Você é formada em Matemática Lucreciana, alguém te indicou?”, porque é indicação. Eu sou professora convocada, não sou efetiva na Rede Estadual de Ensino (REE), e eu sempre trabalhei com convocação desde quando eu terminei a faculdade. A EJA é um projeto que eles não abrem vaga para professor efetivo. Professor efetivo só pode complementar sua carga horária e não pode assumir a carga horária de efetivo. Se o governo chegar amanhã e falar para parar com a EJA. Aí parou. O governo pode fazer isso, e isso eu falo para os alunos, que eles não têm respaldo da Secretária de Educação porque a EJA é um projeto. O governo pode chegar hoje e falar, vai terminar esse projeto semana que vem, porque eles não estão nem aí. A EJA é diferente do ensino regular porque o governo não pode fazer isso no ensino regular porque senão a ‘briga é feia’, e entra até o presidente. A nossa capacitação que tivemos em 2019, foi uma das primeiras vezes que a equipe da SED veio em Ladário porque estávamos tendo muita evasão dos alunos da EJA.

Para dar aula, o professor é contratado conforme a sua área de conhecimento, antes era por área, mas a cada ano que passa fica diferente. O professor de Matemática não pode mais dar aula de Física, antes eu podia dar aula de Matemática e de Física, mas agora não. Professora de História pode pegar aula de História, Filosofia e Sociologia, que foram as duas matérias que foram implementadas na última modificação no lugar das aulas de Matemática. O professor de Biologia pode pegar aulas de Biologia e Química, e agora, conforme essa seleção<sup>116</sup>, aulas de Física é só para quem é formado em Física. Em Ladário tem um professor formado em Física, o professor Dalton e só ele fez a seleção pra Física, e passou. Eu optei por Física, também. Só que eu não dou aula Física porque eu não gosto de dar aula de Física, não me dou bem, é um trauma que eu tenho. Eu não pego aulas de Física. Até as diretoras da escola sabem que Física, nem adianta que a Lucreciana não pega. Eles falam que tem aula pra você e eu pergunto se é de

---

<sup>116</sup> Processo Seletivo Simplificado visando a formação do Banco Reserva para a contratação de professores temporários para atuarem nas unidades da Rede Estadual de Ensino (REE) durante o ano de 2020 e 2021.

Matemática, porque se for eu pego. O professor de Matemática pode pegar essas disciplinas de projetos<sup>117</sup> no ensino regular, Projeto de Vida e qualquer eletiva<sup>118</sup>. Só que na EJA não tem eletivas. A eletiva, no ensino regular, passou para o professor de Matemática, que pode pegar quatro horas de matemática e o restante da carga horária de eletiva. E quem podia pegar essa disciplina é os professores que fizeram um curso de capacitação, professores da área de Humanas. Quando chegou agora, no início do ano, e nós fomos pegar essas aulas conforme a convocação, eles deram essas eletivas pra Matemática. O professor de Matemática está totalmente desorientado. Eu não sei o que acontece com o professor de Matemática, ele não se encaixa em outra área. Ficou um ‘peixe fora d’água’.

O professor de Matemática não consegue trabalhar essa interdisciplinaridade. É aquilo que eu já relatei antes, o professor de Matemática quer estar na sala de aula dando a sua aula e ensinando conteúdo, que é o que o aluno precisa saber pra fazer um ENEM. O professor de Matemática quer estar ensinando o conteúdo que o aluno precisa saber pra fazer um vestibular, pra fazer a prova da Guarda Municipal, pra fazer uma prova pra Marinha, como recruta. O aluno precisa desse conteúdo.

O que esse Conectando Saberes diferenciou foi esse trabalho conjunto que nós professores de Matemática temos que colocar em prática. Trabalhar temas como Meio Ambiente, Educação Sexual e integramos os eixos temáticos com as áreas de diferentes conhecimentos. O professor de História faz isso maravilhosamente bem, trabalha com o pessoal de Ciências e de Biologia, mas chega o professor de Matemática e questiona como poderá encaixar isso. Eu vejo que o professor de Matemática tem que dar seus ‘pulos’ para trabalhar dessa forma porque somos obrigados, é o que eles pedem e nos é exigido, e nós trabalhamos como? Eu procuro fazer um levantamento de dados, e para isso precisamos sair pra fazer pesquisa e fazer esse levantar dados, anotar tudo. Mas eu te pergunto, como que esse aluno vai fazer essa pesquisa de campo se ele trabalha durante o dia inteiro? A EJA é diferente do ensino regular porque no ensino regular dá pra gente fazer isso.

Para trabalhar e ajustar ao planejamento conforme me pedem, eu procuro trabalhar com reportagens, como por exemplo no ano de eleição, aí peço para os alunos assistirem os jornais, pelo menos pelo celular, e ver a diferença em percentual de um candidato pra outro. Você vai trabalhando a Matemática Financeira, a Geometria. Vamos ver se a Geometria se encaixa dentro

---

<sup>117</sup> Projeto de Vida e Pesquisa e Aventura são disciplina acrescida opcionalmente na grade curricular das escolas por ter na sua proposta de trabalho desenvolver competências da Base Nacional Comum Curricular, BNCC.

<sup>118</sup> Disciplinas Eletivas são disciplinas que não fazem parte do perfil curricular do curso. Definem-se como disciplinas eletivas as disciplinas de livre escolha do aluno, respeitando-se suas reais necessidades e interesses.

do tema que foi escolhido, e trabalhamos desse jeito. A intenção da Secretaria de Educação (SED) é você trazer o cotidiano do aluno pra dentro da sala de aula pra ver se você muda essa caricatura da EJA. Os alunos dessa modalidade se evadiram demais, mas como eu falei anteriormente, foi por causa também do ENCCEJA que deu ao aluno uma outra alternativa, porque se ele não passar aqui, ele passa no ENCCEJA. E passa, porque você já viu o ENCCEJA? Fala pra mim, como que eu vou exigir mais do que o ENCCEJA exige do meu aluno?

O que me atrai na EJA é o contato que você tem com os alunos ‘sem modo’. ‘Sem modo’ é falar com eles de igual pra igual, porque para mim trabalhar na EJA é diferente de trabalhar no ensino regular, que você sempre tem que estar ali no seu papel de professor, senão eles abusam, senão eles dão aquele ‘pulo fora’. Os alunos do ensino regular são irresponsáveis, e falo pra eles que eles são irresponsáveis. A pessoa se torna adulta com quantos anos? Com quantos anos podem assinar por eles mesmos? Com quantos anos pegam o boletim e fazem matrícula por si mesmo? Falo que eles são um bando de irresponsáveis e que devem satisfação aos pais. Na EJA não é assim, é uma outra fala. Você, enquanto professor, se põe no mesmo nível dos alunos. Eu tento fazer das minhas aulas uma diversão, sorrir e contar uma piada. Essa diferença, que eu acho que tem entre a EJA e o ensino regular. Isso que me atrai.

Os alunos da EJA são muito festeiros, gostam de comemorações. Em dia de aniversário é uma festa, até me lembro da turma que eu trabalhava na Escola Estadual Leme do Prado, e até hoje tenho alunas que são minhas amigas. No dia do meu aniversário eles levaram carro de som com mensagem, estacionaram o carro de mensagens na frente da escola e me entregaram um buquê de flores. Naquele dia, eu atendi quatro salas e todas fizeram festa, com bolos e salgados, eu nunca esqueço disso. Eles sabem que eu gosto de salgado e por isso uma sala fez saltenhas<sup>119</sup> pra mim.

Para os alunos da EJA, você tem que deixar claro que essa amizade não pode ser confundida, porque com crianças eles confundem. Eu falo que adultos não podem confundir, que eles têm que saber que vão precisar fazer prova e que vou estar quieta, no meu canto em silêncio no dia da prova, e que não adianta trazer presente de aniversário, fazer festinha porque serão exigidos da mesma forma.

Na EJA, no dia dos professores, tem festa, porque eles sempre fazem e aquele negócio flui. Você vê que os alunos da EJA são pessoas humildes, mas que estão ali, com seu pratinho de salgado que fizeram questão de produzir. Eles estão ali para sair de casa e ficam felizes,

---

<sup>119</sup> Saltenha é um tipo de pastel assado originário da Bolívia.

porque saíram de casa e não ficaram só dentro de casa o dia todo, porque à noite eles têm o prazer de estar na escola.

E eu não posso chegar na sala com uma cara carrancuda, com uma cara fechada, porque eu não sei a dificuldade que aquele aluno tem, ou se ele jantou, se ele almoçou ou, o que ele vai ter pra comer amanhã, então você tem que transmitir alegria. Eu faço questão de transmitir alegria pra eles terem prazer, pelo menos da minha presença. Como eles falam: “matéria, eu não estou entendendo, mas pelo menos a aula tem que se tornar um pouco mais alegre”.

### 3.5 Professor Adriano Franca Mariano

*Para mim foi uma grata surpresa trabalhar com a EJA há 20 anos. Eu nunca tive receio de entrar em uma sala de aula para dar aula para os pequenos ou para o ensino regular, mas no começo eu tive muito medo de entrar em uma sala da EJA.*

A entrevista com o professor Adriano foi realizada no dia 22 de janeiro de 2021, via Google Meet, com duração de 46 minutos e 21 segundos com Adriano Franca Mariano. Nascido em 13 de setembro de 1975, é professor licenciado em Ciências com habilitação em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS Unidade Amambai, MS. Formado em 2003. Em 1996, começou a trabalhar na Escola Estadual Vespasiano Martins<sup>120</sup>, município de Amambai como professor leigo no curso de técnico em contabilidade. Depois de formado iniciou sua carreira docente no município de Amambai<sup>121</sup>, MS, concursado pelo município de Amambai para a Escola Municipal Professora Maria Bataglin Machado<sup>122</sup> e a partir do ano de 2009 mudou-se para o município de Coronel Sapucaia, MS onde é professor efetivo da Escola Municipal Maurício Rodrigues de Paula<sup>123</sup> e professor contratado na Escola Estadual Eneil Vargas<sup>124</sup>. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação - CRE 11 – Ponta Porã, MS. O município de Coronel Sapucaia está localizado no Sudoeste do Mato Grosso do Sul, dista da capital 420 Km e tem aproximadamente, 15350 habitantes (Censo, 2020).

O contato inicial foi com a professora Edna da Escola Estadual Eneil Vargas, que me passou o contato do professor Adriano. Deixei um recado pelo *Whatsapp* no dia 16 de dezembro de 2020, explicando em uma mensagem de texto o motivo do meu contato, e marcamos uma conversar por telefone no dia 17 de dezembro. Na ligação, o professor Adriano me pediu para que eu enviasse pelo *Whatsapp* o roteiro da entrevista e marcamos a entrevista via *Google Meet* para terça-feira, dia 22 de dezembro de 2020, as 9h30 da manhã. No dia 21 de dezembro o professor me enviou uma mensagem porque estava com problemas familiares e, se podíamos trocar o dia da nossa conversa. Resolvemos marcar nossa conversa para o mês de janeiro. No

<sup>120</sup> Escola pública estadual localizada no município de Amambai, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: Ensino Fundamental II e Curso Técnico Integrado (Ensino Médio Integrado).

<sup>121</sup> Município localizado à Sudoeste de Mato Grosso do Sul, dista 50 Km de Coronel Sapucaia, MS.

<sup>122</sup> Escola pública municipal localizada no município de Amambai, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: Ensino Fundamental I e II.

<sup>123</sup> Escola pública municipal localizada no município de Coronel Sapucaia, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos – EJA ensino fundamental – anos iniciais.

<sup>124</sup> Escola pública estadual localizada no município de Sete Quedas, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: ensino fundamental I e II, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

dia 18 de janeiro de 2021 encaminhei uma mensagem via *Whatsapp* perguntando se podíamos marcar nossa entrevista, e marcamos para o dia 22 de janeiro de 2021. Encaminhei o link da sala do *Google Meet* no dia que antecedia nossa conversa. A conexão estava mais lenta, alguns travamentos de conexão. Gravação pelo *Google Meet* e pelo gravador do celular.

Figura 7 – Coronel Sapucaia MS



Fonte: SED MS (adaptado)

### ***NARRATIVA DE ADRIANO FRANCA MARIANO***

Meu nome é Adriano França Mariano, nasci em 13/09/1975 em Campo Grande. Morei em Amambai, MS praticamente minha vida toda. Hoje moro em Coronel Sapucaia, MS. Sou o irmão mais velho de uma família de três irmãos, sou eu e mais duas irmãs. Sou casado há 22 anos e tenho um filho de 19 anos. Eu cursei Ciências com habilitação em Matemática na UEMS de Amambai de 1999 a 2003, mas comecei a dar aulas uns 2 ou 3 anos antes de começar a faculdade. Estudei o ensino fundamental na Escola Estadual Cel. Felipe de Brum e ensino médio no Colégio Objetivo Terra Mater. Desde o ensino fundamental eu era considerado o ‘CDF’ da sala. No começo dos anos escolares quem ‘passava’ alguns amigos meus, literalmente, era eu. A gente era meio ‘sem vergonha’, fazia cola de prova, passava escondido para fazer prova para os outros. O que leva a gente a isso é a própria vida, porque quando eu fiz vestibular, a gente não tinha a possibilidade de fazer ENEM, Prouni, FIES; ou você fazia uma escola pública que era de graça ou você tinha dinheiro para bancar a escola particular. A gente nunca teve condições de fazer uma outra faculdade, pois meu pai era funcionário público,

uma família pobre e humilde. Não desmerecendo o magistério, não é isso, mas a vida leva a gente para essa profissão e, graças a Deus, estou nela e gosto muito do que faço. No começo, sendo bem sincero, eu fiz esse curso porque foi o que eu podia fazer. Eu fiz porque era o mais próximo. Aprendi a gostar e amo o que eu faço.

No ano de 1996, comecei a trabalhar na Escola Estadual Vespasiano Martins, depois de uns três anos que eu fiz o Ensino Médio. Na época não tinha professor formado na nossa região e acabei começando a dar aula na escola nesse período. Comecei a dar aula quando eu fui substituir um professor de Técnicas Contábeis, em um curso Técnico em Contabilidade. Uma professora, minha amiga, dava aula na Escola Estadual Vespasiano Martins e me perguntou se eu queria dar aulas porque um professor tinha pegado três meses de atestado. Eu aceitei porque eu tinha que trabalhar e precisava de dinheiro, como todo mundo. Aceitei, fui, gostei e continuei até hoje.

Quando eu comecei a trabalhar, dei aula na Escola Municipal Antônio Pinto da Silva, depois na Escola Municipal Flávio Augusto Coelho Derzi e na Escola Estadual Fernando Correia da Costa. Sempre trabalhando um ou dois anos em cada escola, como professor convocado, nunca temos certeza se vamos continuar na mesma escola. Ficamos um ano em uma escola e em outro ano na outra, sempre com aulas ‘picadas’. Eu dei aula na Escola Fernando Correia da Costa, na Escola Felipe de Brum e no Colégio Terra Mater. Assumi um concurso no município de Amambai, MS na escola Municipal Professora Maria Bataglin Machado, e fiquei por uns 6 ou 7 anos nesta escola, depois eu vim embora pra Coronel Sapucaia, onde hoje moro. Quando vim para Coronel Sapucaia, dei aula na Escola Estadual Coronel Sapucaia e estou há doze anos na Escola Estadual Eneil Vargas e na Escola Municipal Maurício Rodrigues de Paula. Na escola municipal sou concursado. Realizei com minha irmã uma permuta do meu concurso de Amambai. Ela foi cedida para Amambai e eu cedido para Coronel Sapucaia.

Eu dou aula na Educação de Jovens e Adultos - EJA nos 4 módulos I, II, III e IV na Escola Estadual Eneil Vargas e leciono também no ensino regular para turmas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Sou professor da EJA desde quando comecei a dar aula na Rede Estadual de Ensino (REE), há 19 anos e também dei aula no AJA<sup>125</sup>. Eu

---

<sup>125</sup> O Projeto Avanço do Jovem na Aprendizagem é ofertado pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Este projeto tem como objetivo atender jovens e adolescentes que estão em distorção idade-ano. Dessa forma, tal projeto possui uma estrutura diferenciada contando com uma equipe multidisciplinar (coordenador de projeto, assessor de projeto e psicólogo educacional), que busca atender os estudantes em suas dificuldades. O projeto é ofertado tanto na etapa do ensino fundamental, atendendo estudantes de 13 a 17 anos que estão em distorção idade-ano, quanto na etapa do ensino médio, denominado Projeto AJA-MS Trajetórias,

comecei com a EJA no ensino fundamental, em Ciências, na REE. Atualmente, eu estou fazendo uma pós-graduação em Ensino da EJA e durante o ano, temos cursos de formação continuada que a REE oferece e a gente participa.

Eu sempre gostei de trabalhar com adultos. Esse chamado para a EJA para mim foi automático. Eu não tenho formação pedagógica e não sou formado em Pedagogia, e não tenho traquejo para trabalhar com alunos pequenos, não tenho formação para isso. Eu sempre me espelhei no adulto e nas suas experiências. A gente sabe que para o adulto que passa anos parado, não é fácil voltar a estudar depois de dez, quinze, vinte anos. Esse adulto vem com uma defasagem do estudo anterior e ele precisa ter um amparo pensado e trabalhado para que ele volte para a sala de aula, e foi principalmente isso que me chamou atenção na EJA.

Eu vejo a nossa formação acadêmica muito falha. A Universidade não te prepara para o mercado de trabalho e nem para as dificuldades que você vai enfrentar em uma sala de aula. A gente sabe que as dificuldades aparecem com o tempo, mas você não tem um *backup*, um suporte para enfrentar o que você vai enfrentar. A nossa formação, principalmente na área das exatas, é muito técnica e parece que estamos na época do ‘Arme e Efetue’, onde tudo é mecânico: “você precisa aprender! Porque sim! Porque você tem que saber que funciona desse jeito”. Você nunca aprende, nunca entende e não consegue ver que sentado do outro lado tem uma pessoa que não tem a mesma visão de vida que você, não pensa da mesma maneira que você. Cada um tem seu tempo, cada um leva de um jeito. Eu acho a nossa formação falha neste tipo de coisa. Eu acho que a nossa formação deveria ter uma parte psicológica mais ampla, não só na Psicologia da Educação, mas uma formação para ajudar o professor a acompanhar melhor as dificuldades dos alunos.

Os tempos hoje estão tão complicados, com dificuldades no convívio aluno e professor, eu digo, entre o adulto professor e a criança estudante. Eu também dou aula para alunos de 11/12 anos e não existe mais respeito, muitas coisas que fogem do nosso alcance. A educação da criança não compete a nós, mas a nossa obrigação enquanto professor é saber lidar com isso, saber tirar a melhor resposta da criança e tentar conseguir mudar alguma coisa nela. Nossa função não é só ensinar, é infelizmente, educar e suprir alguma falta e alguma necessidade que a criança tem nesse processo educacional. De modo geral, eu vou dizer isso com minha experiência, o professor não é preparado para dar aula, especialmente para adultos.

---

atendendo jovens de 17 a 21 anos que estão em distorção idade-ano. Cabe dizer que uma das Trajetórias ofertadas no ensino médio conta com 4 qualificações profissionais.

Eu acho que a formação professor de primeiro a quinto ano do ensino fundamental é muito mais ampla e ele está mais preparado pra lidar com esse tipo de problema do que o professor de uma área específica, seja ele da área de humanas, de exatas ou de outras áreas. Esse professor está mais preparado para trabalhar com o público alvo dele do que um professor que dá aula na EJA. A gente vê professores totalmente despreparados, que não compreendem que está dando aula para a EJA, para um aluno adulto, que o tempo dele é diferente e o método tem que ser também diferente. O mesmo ‘batidão’ que um professor tem em uma sala de sétimo ano, onde tem uma molecada de quatorze/quinze anos e estão a ‘ponto de bala’ quase ‘pegar fogo’, esse professor não pode trabalhar do mesmo jeito com adolescentes de dezesseis anos e com adultos de setenta anos. Não funciona assim.

Eu acho que o professor é muito despreparado, e mesmo que nós tenhamos essa formação continuada, eu acho que ela é pouca, falha e precisa ser melhorada. Ela precisa ser aprimorada, é sempre corrido e você precisa parar um dia para fazê-la e tem professor que não participa. Na escola tem professor concursado que nunca participou de formação continuada, que simplesmente acha que aquela formação não é para ele, que ele não precisa fazer. A formação vem praticamente pronta da Rede Estadual de Ensino (REE), que manda essa formação antecipadamente para o coordenador, que estuda e passa para a gente.

No projeto da EJA, Projeto Conectando Saberes você precisa trazer para dentro da sala de aula a história do aluno e tentar compreender que o aluno é um ser em formação como todos nós, e que ele tem um *background*, ele tem uma história por trás dele. Esse aluno tem família, filhos e a gente precisa saber lidar com o conhecimento, a vivência que ele tem e trazê-la para dentro de sala de aula. Trabalhar essa vivência em sala de aula. Precisamos trabalhar essa vivência e o conhecimento que o aluno tem e com isso aprendemos muito com ele. Precisamos trazer esse conhecimento para dentro da sala de aula e adequar o conteúdo e metodologia para que eles se sintam bem e isso pode evitar a evasão do aluno da EJA. É muito grande a evasão, infelizmente perdemos muitos alunos durante o percurso da EJA. Essa é a nossa principal luta.

Nós temos duas escolas estaduais em Coronel Sapucaia. Até 2018, a outra escola estadual<sup>126</sup> também tinha EJA. Em 2019 a EJA ficou somente na Escola Eneil. Apesar da cidade ser pequena ela tem várias realidades. As pessoas que estudam na Coronel e as pessoas que estudam na Eneil Vargas, são clientela totalmente diferentes umas das outras. Na Escola Coronel são alunos com bem aquisitivo maior, melhores de vida, pessoas que tem família mais

---

<sup>126</sup> Escola Estadual Coronel Sapucaia

estruturada. Quando eu falo pessoas que têm família mais estruturada não significa ter pai e mãe, mas alimentação em casa, acesso à informação e alguém responsável por ele.

Na Escola Eneil Vargas onde eu trabalho temos muitos alunos da parte externa da cidade e muitos alunos do Paraguai, isso por ser uma cidade de fronteira<sup>127</sup>. Muitos alunos da periferia, das vilas mais externas da cidade que vem estudar na nossa escola. Esse aluno é, em muitos casos, extremamente pobre, de classe financeira baixa, com extrema dificuldade de entender o que nós falamos. Temos na escola muitos alunos do Paraguai, em torno de 60 a 70% da nossa clientela é “*brasiguai*”<sup>128</sup> – paraguaia/brasileira, por isso esses alunos têm muita dificuldade com a comunicação. Além disso, são alunos que pararam de estudar há muito tempo.

A gente tem dentro da mesma sala da EJA desde o moleque que tem dezoito anos, que é o mais novo, e o senhor de setenta/oitenta anos. Essa convivência entre eles dentro de sala de aula é complicada porque enquanto o novo está em um ritmo, o mais velho está em um ritmo muito mais lento. Você tem que saber lidar com aquele que está mais adiantado e trazer para junto aquele que está mais ‘atrasadinho’, e isso cria dentro de sala de aula intrigas, brigas mesmo. Na sala tem discussões entre um rapaz de dezenove anos e um senhor de setenta/oitenta anos porque o rapaz de dezenove anos está conversando, querendo mexer no celular e o senhor de setenta/oitenta anos está sentado na frente tentando compreender o que a gente está explicando, e é todo santo dia um desafio. Nunca é um dia igual ao outro. Sempre tem uma coisa diferente, alguma coisa que você precisa correr atrás e buscar trabalhar todo mundo junto. Nunca deixar ninguém para trás. É muito difícil isso.

Meu maior desafio é com alunos que moram no Paraguai. Eu acho que por causa da minha cara muito feia eu não tenho problema com indisciplina ou com esse tipo de coisa. Eu

---

<sup>127</sup> Para Albuquerque (2010) região das fronteiras brasiguaias é um espaço social singular, difícil de ser compreendido a partir dos lugares centrais da nação brasileira e paraguaia. As fronteiras dessa experiência migratória são fluxos, mas também obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Nesse território fronteiriço se configuram frentes de expansão capitalista e migrações fronteiriças produtoras de identidades, alteridades, diferenças, hibridismos, conflito e integração no campo de poder das fronteiras econômicas, políticas, culturais e linguísticas.

<sup>128</sup> O termo “brasiguai” adquire alguns sentidos na zona de fronteira. De uma maneira genérica geralmente é usado para se referir a todos os brasileiros que vivem no Paraguai. No contexto local, a palavra adquire outros sentidos: 1) “brasiguai” como sinônimo de brasileiro pobre que viveu no Paraguai e voltou para o Brasil desde 1985, quando o próprio termo aparece pela primeira vez no contexto de reivindicação de terra no Mato Grosso do Sul e Paraná; 2) “brasiguai” é visto pelos camponeses paraguaios como os empresários plantadores de soja que estão expulsando os camponeses e destruindo o meio ambiente; 3) para os próprios imigrantes e aqueles paraguaios que convivem mais diretamente com eles, “brasiguais” são geralmente visto como os descendentes dos brasileiros que já nasceram no Paraguai e que têm dupla cidadania e (ou) misturam os idiomas português, espanhol e guarani. Entretanto, muitos imigrantes e seus descendentes hoje assumem a identidade paraguaia ou brasileira conforme a relação que estejam mantendo com paraguaios ou brasileiros. Os imigrantes que ascenderam socialmente evitam o termo “brasiguai”, pois ainda é bastante associado aos brasileiros pobres que não conseguiram enriquecer no Paraguai. (Albuquerque, 2010)

sempre fui rígido nas minhas aulas, mas a minha principal dificuldade é que nós temos alunos que não conseguem falar o português, falam pouquíssimas palavras. Os alunos vêm buscar o estudo no Brasil e a gente acha que está explicando, conversando com eles, mas eles estão olhando com ‘cara de paisagem’ para você porque simplesmente eles não fazem ideia do que você está falando. É muito difícil você dar aula dessa forma porque eu não falo guarani<sup>129</sup>, nunca aprendi. Eu já tentei, mas não consegui falar a língua guarani. Quem não mora na fronteira acha que todos que moram no Paraguai falam espanhol, e pelo contrário, aqui na nossa região da fronteira pouquíssimos falam espanhol. Eles falam guarani, e às vezes, na própria disciplina de espanhol, eles têm dificuldades em falar espanhol porque a língua materna é o guarani. É guarani, um pouco de português e castelhano, e vira uma ‘maçaroca’, um ‘balaio de linguagem’ que a gente que só fala português fica alheio a esse tipo de coisa.

A minha grande dificuldade é entender o aluno que vem de fora, do Paraguai. Eles, apesar de viverem no Paraguai, têm documentação brasileira e usufruem da educação, saúde, de tudo no Brasil, mas moram no Paraguai e não falam português e, por isso, têm muita dificuldade em aprendizagem por causa da língua.

A REE manda uma sequência de conteúdos que a gente precisa seguir no planejamento. Existe uma liberdade com a coordenação da escola, caso não consigamos cumprir o conteúdo, podemos voltar, revisar, passar para outro bimestre, trazer conteúdo do outro bimestre para o bimestre anterior. A questão do planejamento é bem flexível.

Antes de iniciar uma aula e um conteúdo, eu busco ter uma conversa com os alunos. Tiro cinco minutinhos antes de todas as aulas para conversar com eles, saber como estão e retomar alguma coisa que a gente viu na aula anterior. Quando vamos começar um conteúdo novo, tento dar exemplos práticos para que eles entendam o que a gente vai ver. Eu tento pensar em atividades práticas, buscar integrar o conteúdo que vamos ver em sala de aula com o cotidiano e com a vida deles. Tento usar o conhecimento que eles têm para passar o conteúdo baseado no que eles sabem. Não temos o livro didático da EJA, então a busca pelo conteúdo e por materiais é sempre grande. Pesquisamos na internet e, sempre que possível, eu passo vídeo, vídeo aula e animações. A Matemática tem muito conteúdo na internet, apesar dos alunos, principalmente os mais velhos, que foram criados naquela educação maquinista, naquela educação ‘do arme e efetue’ que, em muitos casos, qualquer aula diferenciada que você vai

---

<sup>129</sup> O guarani foi reconhecido como língua nacional no Paraguai em 1967, mas somente com a Constituição de 1992 e a Reforma Educacional de 1994 passou a ser uma língua oficial e obrigatória em todas as escolas e graus de ensino do Paraguai. Desde então, o Paraguai se tornou oficialmente um país bilíngue, e o primeiro Estado latino-americano a reconhecer o estatuto de idioma nacional para uma língua de herança indígena. (Albuquerque, 2010, p.586)

trabalhar com eles, que não seja o copiar do quadro e resolver, eles tratam e consideram como se você estivesse ‘matando aula’. Eles consideram que você está enrolando. Eles falam “ah, professor, mas vamos assistir filme agora? Nós vamos para a sala de tecnologia pra que?” Sempre te perguntam: “pra que a gente precisa ir na sala de tecnologia? Pra que você vai passar um vídeo? Pra que você vai levar a gente para fora para uma aula prática?” Muitos deles veem essas atividades como se você estivesse ‘enrolando’. Muitos alunos não gostam de sair da rotina. Não gostam de sair do fazer resumo, do copiar, do copiar e resolver atividade e depois entregar. Mas a gente está tentando fazer com que eles entendam que isso também faz parte do processo de aprendizagem, vai fazer com que eles compreendam melhor as coisas.

Eu sempre tento fazer isso, integrar o conteúdo que eu vou trabalhar com os conhecimentos que eles têm de vida, do cotidiano, e procuro ao máximo enriquecer as aulas com elementos fora do ‘cuspe e giz’, porque é o que a gente tem visto em sala de aula.

Eu procuro ao máximo manter a harmonia dentro de sala de aula, entre professor e aluno e entre aluno e aluno, porque a gente vê que até entre eles há uma falta de respeito de uns com os outros. Você vê meninos mais novos xingando os senhores de idade e usando um monte de nome. Você até conhece pelos grupos quando começam a xingar, começam a xingar em guarani e sempre tem um que vem e fala, “olha professor ele está falando isso do fulano”. Você tem que chamar o aluno e tirá-lo de canto, dar uma amenizada na situação. Mas é sempre complicado, nunca é fácil.

Começamos esse ano de 2020 com as salas de aula lotadas, com quarenta e oito alunos, em uma sala que deveria caber trinta e cinco. São salas amplas, arejadas, claras, mas são muitos alunos, tanto nas turmas da EJA quanto no ensino regular. No ensino médio nós tínhamos salas de aula com quase cinquenta alunos, em salas que comportavam no máximo trinta e cinco alunos. No começo de ano começamos com salas muito lotadas, mas infelizmente durante o ano vão se abrindo espaços com a desistência e com a evasão. No começo é sempre lotado.

Eu acho interessante a maneira como o coordenador do AJA trabalha na busca pelo aluno evadido. Essa é uma das funções da coordenação desse projeto – o projeto tem um coordenador e um assessor. No AJA os alunos tem até 17 anos. É como se fosse a EJA para alunos abaixo de 18 anos. Se por três dias seguidos o aluno não entra na sala de aula, então o coordenador vai atrás dele. Liga pra ele, liga para a mãe dele e quando não consegue encontrá-lo (teve vários e vários casos que não conseguiram), o coordenador e o diretor vão até a casa desse aluno para buscá-lo para trazê-lo para a sala de aula. Essa é uma prerrogativa do AJA

sobre a EJA, nossa clientela é adulta e não temos porque obrigá-los a fazer nada se ele não quiser.

Eu creio que temos seis ou sete casos por ano em que o aluno não vem para a escola, porque ele e a família estão envolvidos com drogas. Em muitos casos, o aluno para de frequentar a escola, pois ele vai para a plantação de maconha. Ele vai plantar maconha. Ele vai colher maconha. Ele vai prensar a maconha. De dois a três meses da vida escolar, ele passa fora da escola, lidando com a droga. Às vezes, sem necessariamente usar a droga, ele nem usa a droga, mas o pai trabalha como plantador e ele tem que ajudar o pai no trabalho, porque o salário do pai é um salário quase de fome e se ele não ajudar, eles acabam passando fome. Além desses problemas de alunos que simplesmente desistem: “não vou mais, não quero mais”, nós temos esses casos mais sérios de alunos que acabam parando de estudar por estar envolvidos com a maconha. E não são poucos casos não, são vários. Tanto para alunos da EJA quanto para alunos do ensino regular. Eu tenho aluno de doze/treze anos, ‘molecada’ do sexto ano que passa dois/três meses sem ir para a escola porque está ajudando o pai plantar maconha, prensando maconha. É muito complicado. Além de casos que a gente sabe, de alunos que chegam cansados em casa, que trabalham o dia inteiro e acabam desistindo, desestimulados de vir para a escola, achando que a escola não vai dar futuro. Eles acabam desistindo do próprio futuro. Tem pessoas que já abriram mão do futuro, abriram mão de ter um sonho. Infelizmente é verdade, parece que abriram mão de ter sonho.

As aulas da EJA, no ensino noturno, começam às 18h30min. O sino toca às 18h30min e o portão fica aberto até às 19h para o aluno poder chegar mais tarde. Acontece muito de aluno chegar atrasado, porque ele estava trabalhando ou trabalha até tarde e acaba vindo pra escola um pouco mais tarde. Se o portão fechasse às 18h30min, vários alunos ficariam de fora. Caso ele chegue depois disso ele passa pela coordenação para explicar o porquê de ter chegado atrasado; depois disso a coordenação o encaminha para a sala de aula. Nós temos duas aulas antes do intervalo, duas aulas depois do intervalo e um intervalo entre as aulas de 10 minutos. O intervalo é às 21h. As aulas do noturno acabam às 22h05min, e temos na escola onze salas de aula no período da noite, entre EJA e ensino regular, ensino médio. Os alunos recebem um lanche no intervalo que o Estado manda.

Nós temos alguns professores que conseguem trabalhar de maneira interdisciplinar, na verdade multidisciplinar. No ano passado, eu tinha um projeto junto com o professor de Educação Física. A gente elaborava jogos matemáticos e usávamos as aulas de Educação Física para trabalhar com os alunos. A gente tinha jogos de boliche e vários outros, onde eu e professor

de Educação Física trabalhávamos juntos. Eu e professor de Ciências/Biologia do ensino médio também trabalhamos juntos com cálculo de IMC - Índice Massa Corpóreo e usávamos várias atividades que envolviam cálculos que podiam ser trabalhadas em Biologia, Química, Física. A gente sempre estava trabalhando juntos, montando projetos. Em áreas afins é fácil montar projetos e trabalhar.

A coordenação e a direção da escola sempre estiveram prontas a nos ajudar no que fosse preciso. Elas nunca mediram esforços para disponibilizar tudo que fosse possível, dentro do possível para a escola, e ainda tem professor que se nega a participar disso. Tem professor que se nega a dar uma aula diferenciada e te ajudar em projetos. Já tivemos projetos, em que estava praticamente toda a escola envolvida em apresentações dentro das salas de aula, e professores que, quando era aula dele, não ‘erguia nenhuma palha’ para ajudar. Ele não deixava o aluno participar nem das próprias apresentações, e quando ele estava em sala de aula, não liberava ninguém para participar. Todo mundo estava envolvido no processo e ele ‘enfurnado’ dentro da sala de aula com os alunos dele, porque ele achava que aquilo não funcionava. Infelizmente essa é uma mentalidade muito comum ainda na EJA.

Eu até compreendo que ainda tenha professores do ensino regular que pensam dessa forma, o que infelizmente é muito comum. Esse tipo de aula do ‘batidão’, de você estar sempre em sala de aula copiando do quadro, fazendo resumo, isso pode funcionar para aluno que ‘está fresco’, para o aluno que está novo. Mas o nosso aluno da EJA não aprende mais assim. Temos muitos professores que ainda não entendem que o aluno vai aprender muito mais em um projeto, em uma aula diferenciada, em uma oficina, do que se ele tiver sentado dentro da sala de aula. Eu creio que a aprendizagem da escola não é mais como era antes e que o aluno não é mais aquele aluno da época que eu estudei. A escola mudou muito. Eu não sei se pra melhor, mas mudou. Então, é nossa obrigação saber lidar com isso. Nossa obrigação é saber lidar com essas diferenças e com essas mudanças. Precisamos buscar a melhor maneira de fazer o nosso trabalho e buscar uma melhor maneira para que o aluno aprenda a partir do cotidiano dele.

Às vezes, falta para o aluno a interação e a compreensão de que ele faz parte da sociedade e que suas ações terão impacto na vida do outro. Nós temos alunos e professores alienados, infelizmente, muitos ainda são alienados. E eu acho que a nossa função e a função da escola é acabar com isso.

O Projeto Conectando Saberes busca mostrar para a gente que o aluno é um ser integral, que a educação precisa ser integral. Não só a educação escolar, mas a gente precisa ser professor, psicólogo, médico, dentista e o nosso escopo de trabalho mudou muito. O projeto

não busca te ensinar a fazer isso. Minha avó tinha um ditado que dizia: “você pode até levar um cavalo na beirada da água, na beirada do rio, mas você não pode obrigar o cavalo a beber água”. É mesma coisa. O projeto da EJA vem para mostrar para a gente que a educação, principalmente da EJA, precisa ser diferenciada e levar em consideração o que o aluno sabe. A educação precisa provocar o interesse do aluno pela disciplina. Ele não precisa aprender por aprender, ele tem que saber que tem que aprender porque aquilo vai fazer bem pra ele, aquilo vai abrir novas portas e conhecimentos. A educação vai abrir a cabeça dele para a vida. E tem professor que precisava disso também, infelizmente. Têm pessoas que não conseguem compreender isso e ainda tratam a escola como uma educação mecânica.

Se a pessoa não consegue compreender que a EJA veio para mudar isso, que esse projeto veio pra integrar o conhecimento com a pessoa e que a gente não tem um número, a gente tem uma pessoa. Se a gente não conseguir integrar a vida dele com o que ele aprende, com o que ele vê em sala de aula, com o cotidiano dele, ele perde interesse. O aluno da EJA é diferenciado, porque ele não está lá só pra aprender, ele não está lá para terminar o ensino médio, pegar um canudo e tentar fazer faculdade. Muitos ali, nós sabemos que só vão estudar, acabar o ensino médio e não vão mais na escola. Às vezes, precisam estar ali para aprender a se socializar, a respeitar e a conviver melhor na sociedade. O projeto veio, principalmente para isso, para poder socializar, para poder agregar valor, valor humano, valor social nas pessoas. O valor acadêmico, ele é muito relativo, ele pode ter muita validade pra mim e pode não ter valor nenhum para meu aluno, então não me compete, não compete ao professor medir isso, mensurar isso. Acho que a nossa função é outra.

Para mim foi uma grata surpresa trabalhar com a EJA há 20 anos. Eu nunca tive receio de entrar em uma sala de aula para dar aula para os pequenos ou para o ensino regular, mas no começo eu tive muito medo de entrar em uma sala da EJA. Você lidar com criança, dependendo da criança, é só você olhar meio torto e ela sabe que ela está fazendo coisa errada, e que ela tem que parar ou pelo menos dar uma maneirada. A gente não pode fazer isso com o adulto. Eu dei aula pra pai de amigo meu, que eu cresci dentro da casa dele, fui dar aula pro senhor que me viu crescer. Eu tenho muito respeito pelo aluno da EJA, eu tenho muito respeito por aquele senhorzinho de sessenta, setenta anos, quarenta, cinquenta anos, mas que teve a hombridade de entender que ele precisava daquilo pra crescer. Ele precisa daquilo porque ele sentiu necessidade de crescer, não só financeiramente ou por um emprego melhor.

A gente vê que muita gente está na EJA pra se socializar. Tem gente que não tem o que fazer, nem tem pra onde ir e para não ficar à noite assistindo novela vai para a escola. Muitas

senhorinhas falaram isso para mim: “ao invés de estar em casa vendo novela eu estou aqui na escola com minhas amigas, conversando, aprendendo”. Eu acho que isso é legal na EJA, a gente não pode perder essa essência. A essência da EJA é isso, se a gente perder isso, perdemos o sentido da EJA.

### 3.6 Professor Anderson José Borges Claro

*A primeira coisa que eu tenho que saber para dar aula é como funciona o projeto da EJA. Na EJA não é só chegar lá, dar aula e acabou.*

A entrevista com o professor Anderson José Borges Claro foi realizado no dia 22 de janeiro de 2021, via Google Meet, com duração de 42 minutos. Ele é nascido em 07/08/1989 professor licenciado em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, campus Nova Andradina, MS. Se formou em 2016. Professor de Matemática contratado pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul na Escola Estadual Jan Antonin Bata<sup>130</sup>, município de Batayporã, MS. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE 9 Nova Andradina, MS. Batayporã é um município localizado ao centro sul do estado do Mato Grosso do Sul. Dista 308 Km da capital Campo Grande e tem uma população estimada de 11300 habitantes (IBGE/2020).

O contato inicial com o Anderson foi por meio da direção da escola que me passou o seu telefone. Ao me apresentar como mestranda do programa PPGEducMat, Anderson logo contou que seu primo Jocelei era também estudante de mestrado do programa, e Jocelei meu amigo do mestrado. A conversa foi descontraída, tínhamos um contato em comum. Marcamos nossa conversa para o dia 22 de dezembro, mas na data marcada o professor não conseguiu comparecer, porque nessa época do ano os professores estão muito atarefados com os compromissos da escola, com fechamento dos diários e Conselhos de Classe. Por esse motivo, reagendamos a entrevista para janeiro de 2021. No dia 22 de janeiro, às 19 horas, nos encontramos no *Google Meet*. Encaminhei o link antecipadamente, no dia anterior a entrevista, e o roteiro eu já tinha enviado antes da agenda de dezembro. A conexão da internet estava boa, gravação pelo *Google Meet* e pelo gravador de celular.

---

<sup>130</sup> Escola pública estadual localizada no município de Batayporã, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: ensino fundamental I e II, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA

Figura 8 – Batayporã MS



Fonte: SED MS (adaptado)

### ***NARRATIVA DE ANDERSON JOSÉ BORGES CLARO***

Eu sou professor Anderson José Borges Claro. Atualmente, atuo na Escola Estadual Jan Antonin Bata, na cidade de Batayporã, MS. Eu nasci em Teodoro Sampaio<sup>131</sup>, SP e minha família veio morar em Batayporã MS, cidade onde minha mãe foi criada e minha avó residia, eu estava com 30 dias de nascido. Eu estudei educação infantil na escola municipal, ensino fundamental e médio na escola estadual, tive uma infância e uma adolescência tranquila, com dificuldades como todo mundo, porque todo mundo passa por dificuldades na vida.

No momento de escolher o curso superior, minha intenção era fazer um curso de Engenharia ou Medicina, cursos que são integrais, mas na época, meus pais não tinham condições e nem eu tinha condições de me manter, então escolhi Matemática. Comecei a trabalhar um pouco antes de completar dezoito anos, e após terminar o ensino médio, decidi fazer licenciatura em Matemática na UEMS em Nova Andradina, MS, porque era o curso que chegava mais perto da Engenharia, e era oferecido na cidade vizinha, Nova Andradina. Batayporã e Nova Andradina são cidades próximas, estão a 10 km uma da outra, e por isso são chamadas vizinhas-irmãs.

<sup>131</sup> Teodoro Sampaio é um município do interior do estado de São Paulo e dista 144 Km de Batayporã, MS.

Eu enfrentei muitos percalços na faculdade para me formar. Eu iniciei na turma de 2007 e me formei em 2017. Nessa trajetória, eu tive que parar de estudar porque trabalhava e, às vezes, os horários não coincidiam. Eu ficava chateado por muitas vezes não conseguir chegar a tempo na Universidade, em Nova Andradina, porque trabalhava em um supermercado em Batayporã. O primeiro ano, eu até consegui levar, mas a partir do segundo ano, que tinha matérias mais pesadas como: cálculo numérico e álgebra linear e eu fui me complicando. As primeiras aulas eram dessas matérias mais pesadas e eu chegava atrasado. A primeira aula começava às 19h, eu chegava na faculdade às 20h30, por conta do serviço. Eu tinha o privilégio de morar em uma cidade perto da Universidade, mas não conseguia aprovação por conta das presenças, principalmente em matérias ‘mais pesadas’, porque os professores levavam a sério a presença.

Alguns professores me desapontaram, porque eu pedia ajuda e eles me falavam: “você tem que cumprir a carga horária, chegar na hora, senão vamos dar faltas mesmo”. Eram professores universitários ‘bem antigos’ ‘carrascos’. Eu ficava muito chateado e pegava DPs<sup>132</sup>. Fiquei uns três anos sem voltar para a faculdade, quase abandoei porque eu fiquei muito chateado. Eu me esforçava para estudar, não era um aluno tipo *nerd* da sala, não tirava só nota 10, mas era aluno que tirava média. Eu era um aluno esforçado, pegava caderno para repor e recopiar as matérias que eu perdia, não era um mau aluno. Trabalhava o dia inteiro fazia de tudo para adquirir conhecimento: estudava por fora em finais de semana com meus amigos, tirava notas para ser aprovado, mas reprovava por causa das faltas. Não reprovava por causa das notas, reprovava por causa das faltas. Eu conversava com os professores, mas não tinha jeito, eram professores ‘carrascos’. Eles não levavam em conta meu esforço, eram da área da Matemática Pura. Os professores da área pedagógica de Ensino e Educação falavam: “você vem na Universidade e faz as atividades”.

O supermercado movimentava muito em dias de compras, porque as pessoas fazem as compras normalmente no começo do mês e a cidade tem grandes fábricas. Às vezes, eu faltava uma semana inteirinha, porque em dia de compras a gente não tem hora para sair do supermercado. Com os professores das áreas da Educação e Ensino eu conseguia me virar, mas com professores da área da Matemática Pura, era uma outra situação. Isso me revoltou, achei que eu estava perdendo tempo e comecei a investir na minha carreira, estudar por fora, em casa,

---

<sup>132</sup> O termo DP é usado para se referir a dependência em uma disciplina. Ou seja, quando o estudante não consegue alcançar a média esperada e precisa repetir a matéria.

até que consegui passar no concurso da Prefeitura Municipal de Batayporã, para o cargo de auxiliar administrativo, no ano de 2013.

Depois de todo esse percalço, eu resolvi voltar para a Universidade para fazer as matérias pedagógicas. Eliminei todas as matérias pedagógicas: Psicologia, Filosofia da Educação, Metodologia Ativa, Laboratório de Matemática, Estágios. Todas essas matérias pedagógicas relacionadas ao ensino, eu eliminei todas, e sobrou as disciplinas da área da Matemática Pura: Cálculo Numérico, Análise Matemática, Estrutura Algébrica, Cálculo I, Cálculo II, Física I, Física II. Em 2013, depois que eu passei no concurso, eu resolvi voltar para o curso de Matemática e terminar as disciplinas que faltavam.

Em 2014, eu fui chamado no concurso, nas folgas peguei firme para estudar e em 2016, terminei a faculdade. Em 2017, comecei a dar aula, e quando tinha substituições no período noturno, eu pegava. Eu peguei muitas substituições dentro do projeto da Educação de Jovens e Adultos – EJA, e foi assim que eu fui tomando gosto e a vocação de ser professor.

Em 2017, pedi afastamento do meu serviço na prefeitura e comecei a dar aula na EJA como professor substituto. Fiz isso de 2017 a 2019. Eu tenho apresso pela EJA porque é uma modalidade de ensino que você consegue trabalhar metodologias diferentes, metodologias ativas. Em 2019, fiz o processo seletivo<sup>133</sup> da Rede Estadual de Ensino (REE), passei e a partir daí pude escolher as turmas, escolhi as aulas da EJA. Muitos professores gostavam de pegar essas turmas, por isso antes do processo seletivo eu só substituía porque a lotação de cada professor era feita pelo diretor e quem pegava as turmas da EJA eram sempre os mesmos os professores, até alguns casos para completar a carga horária do professor efetivo. Alguns professores preferiam pegar turmas da EJA porque eram grupos menores de alunos, outros preferiam essas salas porque era um professor que vinha desgastado e as vezes pedia afastamento no meio do período letivo.

Ano passado, a gente teve uma turma grande da EJA, com trinta e três alunos, mas turmas anteriores tinham dezesseis, doze, quinze alunos, esse número oscila bastante. Por exemplo, em uma turma de dezesseis alunos, frequentavam a aula onze e cinco faltavam. São turmas que você consegue atender todos e ter uma quantidade de alunos ideal para trabalhar, até no ensino regular.

Eu queria fazer um curso de Engenharia, mas sempre tive apreço por ensinar e ajudar. Na escola, quando meus amigos ficavam irritados e não conseguiam entender o professor, eu

---

<sup>133</sup> Processo Seletivo Simplificado visando a formação do Banco Reserva para a contratação de professores temporários para atuarem nas unidades da Rede Estadual de Ensino (REE) durante o ano de 2020 e 2021.

falava assim: “senta aqui do meu lado”, isso desde que me entendo por gente. Quando a gente entra no ensino médio percebemos essa realidade, porque a gente não leva muito a sério até percebermos que temos que traçar o futuro, então você começa a abrir os olhos nessa perspectiva. A partir do ensino médio, eu comecei a auxiliar os professores, e fui tomando apreço. Eu não consegui fazer o curso de Engenharia, até na época fiz vestibulares e passei em Engenharia e até em Medicina, mas eu não pude ir. Para mim, o mais próximo que eu tinha da Engenharia era Matemática, a licenciatura. Na época, eu nem sabia o que significava as licenciaturas. Eu fui com o intuito de estudar Matemática, mas aos poucos fui tomando apreço e me afeiçoando pela licenciatura, entendendo o que era e me aprofundando. Dentro da universidade você vai tomando conhecimento, conversando com os professores. Eu fui provocado por essa questão da insensibilidade dos professores comigo por conta das minhas faltas e eu fui tomando apreço e falando: “puxa vida, não é assim que deveria funcionar, o sistema pedagógico não devia acontecer desse jeito”. Eu fui me aprofundando e comecei a dar aula de substituição. Eu participei do projeto do PIBID<sup>134</sup>, um programa de incentivo à iniciação à docência, e fui me descobrindo professor.

Em 2020, eu peguei aulas de manhã no ensino médio em duas turmas de primeiro ano e duas do terceiro ano. No noturno, peguei duas turmas da EJA e três turmas do ensino médio. No ano de 2020, o governador fez algumas mudanças nas escolas que ofertavam a EJA. Antes, a EJA não era na nossa escola, era na Escola Estadual Braz Sinigaglia<sup>135</sup>, que passou a ter somente o ensino fundamental II, que é do quinto ao nono ano. A mudança separou as escolas entre aquelas que teriam somente ensino fundamental e aquelas que teriam somente o ensino médio. A EJA acabou vindo para a escola que tem o ensino médio, porque temos a EJA módulos finais I, II, III e IV, que corresponde ao ensino médio. Tudo o que era relacionado ao EJA e AJA<sup>136</sup> foi para a Escola Estadual Jan, porque ela ficou com o ensino médio. A EJA

---

<sup>134</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é um programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid> Acesso em: 05 abr. 2021.

<sup>135</sup> Escola pública estadual no município de Batayporã, MS que oferta as etapas/modalidades: Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II

<sup>136</sup> AJA O Projeto Avanço do Jovem na Aprendizagem é ofertado pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Este projeto tem como objetivo atender jovens e adolescentes que estão em distorção idade-ano. Dessa forma, tal projeto possui uma estrutura diferenciada contando com uma equipe multidisciplinar (coordenador de projeto, assessor de projeto e psicólogo educacional), que busca atender os estudantes em suas dificuldades. O projeto é ofertado tanto na etapa do ensino fundamental, atendendo estudantes de 13 a 17 anos que estão em distorção idade-ano, quanto na etapa do ensino médio, denominado Projeto AJA-MS Trajetórias, atendendo jovens de 17 a 21 anos que estão em distorção idade-ano. Cabe dizer que uma das Trajetórias ofertadas no ensino médio conta com 4 qualificações profissionais.

fundamental ficou na escola municipal, que tem o fundamental I – anos iniciais I, II, III e IV. Já na EJA Intermediário, não foram abertas turmas, porque não tivemos alunos matriculados.

Nos anos que eu comecei a dar aulas, eu via os professores mais antigos da Rede Estadual de Ensino (REE) com muita resistência em aplicar novas metodologias, aqui temos muitos casos. Muitos professores reclamam dos estudantes da EJA e falam: “a turma da EJA é uma turma muito lenta, é muito chato de trabalhar com eles. Você praticamente não dá nada e o seu conteúdo não rende”. Antes de começar a substituir, a gente tinha essa visão, porque era passada por eles. A partir do momento que eu entrei na EJA, peguei o projeto pra ver como funcionava, eu mudei de opinião.

A primeira coisa que eu tenho que saber para dar aula é como funciona o projeto da EJA. Na EJA não é só chegar lá, dar aula e acabou. Eu peguei o projeto<sup>137</sup> que, na época, nem era o Projeto Conectando Saberes, era um outro projeto, e lá estava claro que você tinha espaço para trabalhar com novas metodologias, tanto na alfabetização quanto para o estudante em anos finais, caminhando para a faculdade.

Têm pessoas que terminaram a EJA no ano passado<sup>138</sup> e que estão ingressando na faculdade, ingressando na Universidade e estudaram de acordo com o projeto<sup>139</sup>. Inicialmente, eu tinha uma visão sobre a EJA que era passada pelo grupo de professores que estavam há muito tempo na escola. Quando eu comecei a lecionar, eu vi que não era assim e que o projeto da EJA era muito legal.

O estudante da EJA aqui em Batayporã é aquela pessoa que sai da adolescência, acabou de completar dezoito/dezenove anos e não conseguiu terminar os estudos em tempo certo. Ele é um dos nossos integrantes, nossos artistas da EJA. No geral, os estudantes são bem diferentes entre si. A maioria dos alunos está na faixa etária de dezoito à vinte e cinco anos, depois você tem um salto, e a idade muda para outra faixa, de quarenta à sessenta anos. O nosso projeto da EJA é assim: temos jovens entre dezoito e vinte e cinco anos, mas adultos entre vinte e cinco e quarenta anos, quase a gente não tem, e temos um pessoal acima de quarenta anos até sem limite de idade. Foi o que eu percebi nos anos em que eu fiz muitas substituições, 2017, 2018 e 2019.

---

<sup>137</sup> EJA IV – Projeto operacionalizado a partir 01 de fevereiro de 2016. Resolução/SED nº 3.018 de 05 de fevereiro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.101 de 10 de fevereiro de 2016.

<sup>138</sup> 2020.

<sup>139</sup> Projeto operacionalizado a partir de 02 de março de 2019 – Projeto Conectando Saberes - Operacionalizado a partir de 02 de março de 2016. Resolução/SED nº 3.029 de 01 de março de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9116 de 02 de março de 2016. Conectando Saberes Operacionalizado a partir de 01 de janeiro de 2017. Resolução/SED nº 3.122 de 07 de novembro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.282 de 08 de novembro 2016. Fonte: Diário Oficial Eletrônico do MS. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe> Acesso em: 24 mar. 2021.

Um senhor que se formou ano passado, que acompanhei desde a turma do módulo intermediário, falava assim: “o professor de Matemática que eu tive foi o senhor, porque os outros professores ficavam oscilando. Vinham e davam uma temporada de aulas, depois saiam, voltavam, pegavam licença prêmio de não sei quantos meses e ficavam afastados”. Quem pegava as turmas da EJA eram professores concursados, que sempre tinham uma vantagem à nossa frente por causa da prorrogação da jornada. Sobrava então, na época, substituições.

Eu amei dar aula na EJA. Eu estou esperando pegar aula na EJA novamente em 2021, se possível. A EJA é uma modalidade que tem muito a crescer e integra muita coisa, principalmente uma questão que agora a BNCC preza, que é a interdisciplinaridade. A gente consegue fazer essa integração, trabalhar com projetos interdisciplinares na escola. Os professores que estavam na EJA, no passado, acabavam não tendo isso e acabavam aplicando a mesma metodologia que usavam no ensino regular. Por exemplo, em uma turma de Módulo Final I, que equipara ao primeiro ano do ensino médio, eles acabavam usando a mesma metodologia do ensino médio regular. Os professores não tinham essa visão de trocar isso. Você tem que fazer os alunos colocarem a ‘mão na massa’, porque é assim que eles gostam. Eles gostam muito de saber, de ver a aplicação e por mais que o conteúdo seja abstrato, eles querem ver uma aplicação. Você tem que mostrar uma aplicação, fazer os alunos interagirem com o conteúdo, é assim na Matemática. Às vezes, é um pouquinho trabalhoso, mas você consegue.

Essa vontade de fazer diferente, muitos professores não têm. Até hoje, eles não têm. Temos muitos colegas que estão na escola para cumprir tabela, e é só aquilo. E eu não vejo a escola assim, eu vejo como algo com potencial para crescer, por mais que seja EJA. Eu fiquei muito orgulhoso da minha turma ano passado, porque cinco deles ingressaram na Universidade.

Uma diferença entre a EJA e o ensino regular é que no ensino regular você trabalha para incentivar dados, e enquanto professor, tenho uma estrutura curricular para cumprir seguindo uma estrutura pensada para fazer com que esse aluno tenha resultado. Às vezes eu preferia já preferi deixar o meu conteúdo para focar em cima do exames como ENEM, vestibular mais do que trabalhar Prova Brasil.

A EJA é diferente, ela é para alfabetizar, para a pessoa sair da escola com o ensino médio, porque muitas profissões exigem essa formação. Você tem esse jovem com idade entre 18 a 25 anos e que estão na EJA para poder ter a formação do ensino médio, por ansiar um emprego melhor. O ensino regular, no matutino, a aula é mais direcionada e a maioria dos alunos é direcionada para fazer uma faculdade: Engenharia, Medicina, Farmácia, Filosofia, Psicologia. Eles estão procurando uma carreira profissional. Diferentemente da EJA que muitos

estão ali apenas para ter a formação do ensino médio e por ansiar um emprego melhor, sem essa visão de ser universitário. Eu fui surpreendido ano passado, por conta disso. A gente tinha uma turma com dezesseis alunos na EJA, e dos dezesseis, dez queriam ir para a Universidade. A gente chamava essa turma de ‘uma turma mais velha’. Na turma, tinham três estudantes com idade entre dezoito e vinte e cinco anos e o resto eram todos com idade acima dos trinta anos. A gente se surpreendeu, cinco deles conseguiram entrar na Universidade.

Desses 5 alunos, uma está estudando Pedagogia e diz que quer virar professora também. Dois alunos estão estudando Farmácia, um Educação Física e tem uma outra, uma outra senhora, que é uma senhora de quarenta e cinco anos que foi estudar Direito aqui em Nova Andradina. São profissões excelentes.

Em 2020, a gente só se apresentou na escola e tivemos o recesso por causa da pandemia<sup>140</sup>. A gente trabalhou *online*. Trabalhamos pelo *Google Meet*. No começo a gente tinha aquela vergonha, alguns ficavam com vergonha de falar, mas depois acabou virando um bate papo. Depois de agosto, a gente fazia alguns atendimentos na escola, marcava horários com os alunos. Em uma turma de dezesseis alunos, a gente marcava um dia e recebia quatro alunos a cada semana; em um mês a gente atendia todos. Eles vinham na escola e a gente discutia sobre a matéria. Fizemos um organograma de cursos universitários e profissões para eles. Ficamos felizes porque pelo menos cinco deles conseguiram ingressar nas Universidades. Há muitos anos, tinha um ou dois alunos no máximo que ingressavam na Universidade, acho que foi uma grande conquista.

O currículo da EJA deixa muito a desejar, porque o projeto dá o conteúdo a ser trabalhado, divide por módulo, mas falta uma competência, uma habilidade e você não tem esses campos, fica aberto para você colocar a sua metodologia. No terceiro ano do ensino médio, que é o Módulo Final IV, a gente estuda sobre matrizes, determinantes e sistemas lineares, algo abstrato. A gente precisa de uma metodologia de apoio e não temos, acabamos voltando ao ensino regular para explicar esse tipo de conteúdo. Até no ensino regular, falta também. Em relação a esses conteúdos abstratos do Módulo Final, falta muita metodologia.

---

<sup>140</sup> Pandemia provocada por um vírus chamado SARS-CoV-2. Esse vírus é uma terceira modalidade de infecção por coronavírus da classe SARS (com capacidade de transmissão entre humanos) que desencadeia uma doença infecciosa respiratória (a exemplo do SARS-CoV-1 e do MERS) que pode causar no ser humano, - dependendo da carga viral contraída e da capacidade individual do sistema imunológico -, desde um simples resfriado até complicações extremamente graves, como pneumonia, insuficiência respiratória e um conjunto de complicações inflamatórias que, transcendendo aos pulmões, pode atingir todos os órgãos do corpo, levando ao óbito.

A Análise Combinatória é um conteúdo que você consegue trabalhar com a história dos jogos de azar, e vai implementando o que você necessita. Essa parte mais algébrica, por exemplo, os alunos quase me deixaram doido e eu quase não sabia o que fazer para contextualizar. A questão das regras de polinômio, divisão de polinômio, técnica de Briot-Ruffini, que tinha dentro no currículo da EJA, os alunos queriam que eu mostrasse algo de concreto pra eles, mas é algo abstrato, é álgebra. Eu tinha que ir contornando: “olha pessoal, vamos trocar”, e a gente trocava as potências, trocava as bases algébricas por caixinha de fósforo, por bala para a gente poder ver se eles absorviam. A gente vai trabalhando dessa forma, mas é um projeto que falta uma adequação, caberia muita correção, muita inserção de metodologias, porque dessa forma ele fica aberto e o professor fica à vontade para trabalhar as metodologias.

O primordial é entender a sua turma, porque eu tinha duas turmas e passei por outras anteriormente com as substituições, e cada turma é diferente. Mesmo aquela turminha que você acompanhou desde os módulos intermediários, todo ano ela muda, cada ano cada um fica um ano mais velho. Então, todo mundo muda, um ano subsequente, as turmas também mudam.

A gente não tem formação para dar aula para a Educação de Jovens e Adultos. Não temos formação. Eu peguei minha turma em 2020, hipoteticamente seria o meu primeiro ano na turma da EJA. Teve a jornada pedagógica no começo do ano em que foi apresentado o Projeto Conectando Saberes, e foi só aquilo. O que a gente ia aprendendo era conversando com os professores que estavam há mais tempo na escola, e ainda assim, não era com todos os professores, porque alguns tinham um pensamento fechado. Esses professores falavam sobre a EJA assim: “a EJA é difícil trabalhar, é ruim de trabalhar, porque eles são lerdos, eles são difíceis de entender”. Mas tinha também outros professores, do mesmo tempo que eu, que aplicavam metodologias novas, e trocamos experiências. Mas a formação não teve.

Ano passado, a gente teve uma equipe boa de professores. Só professores que tinham determinação de estar aplicando novas metodologias. A gente trabalhou muita coisa interdisciplinar, muitas novidades. Quando não dava certo uma metodologia, a gente sentava, conversava, pedia ajuda e a gente se ajudava. Os professores da área que estavam na equipe, no ano passado, tinham todos o mesmo pensamento de ajudar esse estudante da EJA a ingressar na Universidade e incentivá-lo a estudar mais, a fazer um curso técnico ou um curso de aperfeiçoamento. A gente incentivava para que o aluno não encerrasse os estudos.

A gente teve muita ameaça de desistências de muitos alunos por conta da pandemia, alguns senhores de quarenta anos, de trinta e sete anos que já não queriam mais estudar. Eles

falavam: “mas eu não sei como mexer no celular, eu não tenho nem *WhatsApp*. Como que eu mexo no *WhatsApp*? ”. A gente esbarrou muito nisso. A nossa equipe abordou muito isso e algumas vezes, mesmo não podendo, a gente foi na casa desses alunos “olha aqui, o senhor tem um celular? Cadê? Vamos baixar esse aplicativo do *WhatsApp* pra você”. A gente foi atrás dos alunos nas casas deles, mesmo sem poder, mas não tínhamos outra solução. “A gente ia perder todos eles? ” Porque é uma cadeia, se um falasse assim: “eu vou desistir! Ó fulano, eu vou desistir porque está chato! Eu não consigo fazer essas atividades *online*. É ruim estudar sozinho. Eu não consigo entender o professor pelo celular”, todos podiam desistir. Muitas vezes tínhamos aulas *online*, mas eles queriam o contato físico. A gente fazia esse processo para ir na casa dos alunos, para eles não desistirem, porque senão eles tinham abandonado de vez.

O Projeto Conectando Saberes é de 2016 e na minha área Matemática, eu acho o projeto bem fechado. Ele é dividido por módulos, inicial, intermediário e final e ele é bem fechadinho em relação a todas as disciplinas. O que a gente leva em conta é a equipe. Ano passado, nós tivemos uma equipe excelente que buscou, a gente foi atrás. A gente só consulta o Projeto Conectando Saberes para saber a estrutura curricular das disciplinas e dos conteúdos. Por exemplo, no Módulo I: “o que eu vou ter que trabalhar com esse pessoal? ” Eu vou lá, olho os tópicos. É basicamente isso, o resto é cumprir as metodologias e o conteúdo, senão a gente acaba ferindo a condição imposta, que é de cumprir a base curricular prescrita. O projeto é como um romaneio<sup>141</sup> para saber que conteúdo a gente tem que aplicar.

Em relação à minha vida, esse ano, nessa gestão assumiu o novo prefeito e ele me convidou pra cuidar do departamento de recursos humanos da prefeitura. Eu voltei para meu concurso. Ele me chamou, e até então eu tinha um impasse, a minha intenção era exonerar e viver de aulas. Eu assumi essa responsabilidade agora e vou pegar as aulas no noturno. Eu falei pra ele: “você está me colocando entre a ‘cruz e a espada’”, porque o serviço público é um serviço que eu me apaixonei e me afastei por outra paixão que é ser professor. Agora, eu vou conseguir conciliar essas duas coisas. Eu falei pra ele: “caiu como uma luva”, porque tudo que eu faço eu tento dar o meu melhor. Eu estou na prefeitura novamente, trabalhando com o pessoal do departamento de recursos humanos e não é fácil, porque é do mesmo modo quando que eu lidava meus alunos e agora vou lidar com o pessoal do setor público. Pessoas de todo jeito, de todas as formas e todos os pensamentos possíveis, agora estou esperando abrir a convocação da REE para ver a minha lotação na escola, e na prefeitura eu estou desde o dia 01 de janeiro de 2021.

---

<sup>141</sup> Lista de procedimentos.

Eu sempre prezo pelo melhor, por mais duro que seja, eu sempre falo: “por mais difícil que seja, não pare, porque sempre tem um jeito de resolver”. Eu sempre falo isso para meus alunos, porque tenho alunos que falam: “professor eu sou muito burro, eu não entendo Matemática”. Eu falo assim: “gente, a Matemática você praticamente vai revendo as coisas, só que de forma aprofundada. No ensino médio, vocês começam a ver aquele monte de função, praticamente o ano todo vendo função no primeiro ano do ensino médio e vocês já viram isso tudo antes, desde o princípio. Desde que você começou a estudar”. Área do quadrado, do triângulo, tudo isso recai em função. Eu vou fazendo um histórico, sempre gosto de fazer isso. Essa parte de função, o que repete? Podemos aplicar função ao estudar a área do quadrado. Vamos tomar essa área: se a gente não sabe um lado dessa área retangular, a gente sabe o outro lado, e a partir disso a gente vai trabalhando. Eu sempre remeto a eles tudo que estão vendo na Matemática, tirando a parte de álgebra linear e sistemas lineares, porque essas coisas são novidades.

Você consegue fazer um gancho com o que o aluno estudou no passado, e principalmente, você precisa entender o primórdio da Matemática. Falo para o aluno: “você dominou a tabuada? Já é um grande passo. Você tem a tabuada do 1 ao 9 para decorar. O resto você não precisa, acabou”. E eles falam assim: “decorar professor?” Eu falo decorar, porque se eu falar aprender vocês vão achar ruim. Vamos decorar aprendendo. E é isso.

### **3.7 Professor José Paulo Rodrigues**

*O estudante da EJA geralmente é aquele aluno que não conseguiu terminar o ensino médio ou ensino fundamental no tempo em que ele deveria. Nós temos ali o trabalhador que por diversos motivos teve que*

*parar os seus estudos, e está voltando agora. Nós temos ainda pessoas idosas, que passam muitos e muitos anos, vinte, trinta anos fora da escola, e está voltando agora. Tudo isso misturado.*

A entrevista com o professor José Paulo foi realizada no dia 14 de dezembro de 2020, via Google Meet, com duração de 29 minutos. Ele é nascido em primeiro de janeiro de 1995. Professor licenciado em Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul UFMS/CPTL Três Lagoas, MS e mestre em Matemática – PROFMAT<sup>142</sup> - pela mesma Universidade. Se formou em março de 2016 e desde então segue carreira docente como professor contratado pela Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso do Sul. No ano de 2020, professor da disciplina Matemática da Educação de Jovens e Adultos na Escola Estadual Edwards Corrêa e Souza<sup>143</sup>, município de Três Lagoas, MS. A escola é vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE12 Três Lagoas, MS. Três Lagoas situa-se na Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul e na Microrregião de Três Lagoas. É o terceiro município mais populoso de Mato Grosso do Sul, dista 326 Km da capital Campo Grande, faz divisa com o estado de São Paulo e tem aproximadamente 123.281 habitantes (IBGE/2020).

---

<sup>142</sup> Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT visa atender professores de Matemática em exercício no ensino básico, especialmente na escola pública, que busquem aprimoramento em sua formação profissional, com ênfase no domínio aprofundado de conteúdo matemático relevante para sua atuação docente. Fonte: IMPA Disponível em: <https://impa.br/ensino/programas-de-formacao/mestrado-profissional-profmat/> Acesso em: 27 fev. 2021.

<sup>143</sup> Escola pública estadual no município de Três Lagoas, MS que oferta as etapas/modalidades: ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Figura 9 – Três Lagoas MS



Fonte: SED/MS (adaptado)

### ***NARRATIVA DE JOSÉ PAULO RODRIGUES***

Eu sou o José Paulo. Nascido no dia primeiro de janeiro de 1995, em Aparecida de Taboado<sup>144</sup>, uma cidade próxima de Três Lagoas, aproximadamente cento e vinte quilômetros de distância. Eu me mudei para Três Lagoas no primeiro ano da graduação em licenciatura em Matemática que cursei pela UFMS<sup>145</sup>. Terminei a graduação em março de 2016, depois de uma das greves<sup>146</sup> mais extensas da história da universidade pública. Me formei e ingressei no mestrado, no PROFMAT, também em Três Lagoas, e minha dissertação foi voltada para a área de Educação, na linha de História da Matemática. Na minha dissertação, eu tentei vincular o Ensino da História da Matemática dentro da sala de aula para chamar a atenção do aluno, uma ferramenta para desmistificar a dificuldade em Matemática. Eu comecei a trabalhar em 2015, no meu último ano da graduação como professor, este foi o meu primeiro emprego. O ano de 2021 será meu sexto ano em sala de aula.

<sup>144</sup> A distância entre a cidade de Três Lagoas Mato Grosso do Sul e a cidade de Aparecida do Taboado Mato Grosso do Sul é de 129 km. O tempo estimado do percurso da viagem entre as duas cidades é de aproximadamente 2 h 1 min. Fonte: Rota Mapas Disponível em: <https://www.rotamapas.com.br/distancia-entre-tres-lagoas-e-aparecida-do-taboado>. Acesso em: 27 fev. 2021

<sup>145</sup> UFMS Campus Três Lagoas – CPTL. Depois da federalização da UEMT com a instituição da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Lei Federal nº 6.674 de 1979), o Centro Pedagógico tornou-se Campus de Três Lagoas.

<sup>146</sup> Paralisação das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil de 139 dias, do dia 28 de maio ao dia 11 de outubro de 2015.

Dar aula para mim é algo muito natural. Quando eu falo em Educação é sempre nessa *vibe*<sup>147</sup>, sempre muito feliz. Eu adoro o que eu faço e não me vejo fazendo outra coisa, ensino realmente sempre muito preocupado com o processo. Desde pequeno me destaquei na escola, e na infância, brincava de escola com meus primos usando o guarda-roupa de madeira da minha avó como lousa. Até “detonei” ele porque eu pegava o giz molhado, entrava dentro do guarda-roupa e brincava de ensinar meus primos. Eu gostava de ensinar.

Estudei em escola pública e escolhi Matemática porque eu tinha facilidade com a disciplina, era a minha paixão, por isso. Na graduação eu ajudava os meus colegas a estudar. No primeiro ano, a gente fazia plantões de estudos e eu os ajudava, porque acho que ensinando a gente aprende e isso foi essencial para minha formação. Na faculdade, eu também fiz parte do grupo PET<sup>148</sup>- Programa de Ensino Tutorial, que a maioria das pessoas em situação acadêmica conhece. O meu PET era o Conexão de Saberes, que tem como objetivo dar maior oportunidade para aqueles universitários que vieram de escola pública, que era meu caso. Eu fui bolsista do PET desde o primeiro semestre até o último. Fazíamos ali atividades de pesquisa, ensino e extensão que acrescentaram muito à minha formação. Em relação às formações em serviço, desde o momento em que optei por estar em sala de aula eu tive muitas formações, tanto na escola pública quanto na escola privada, que eu também leciono. Eu tive muitas formações.

A minha família toda é de Aparecida do Taboado. Os meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos e eu fiquei morando com a minha mãe. Depois minha mãe se casou novamente e eu fui morar com meus avós, e quando entrei na graduação, vim morar sozinho. Tenho uma família muito estruturada, que sempre me apoiou em todas as decisões. No meu discurso de formatura, relatei sobre as vezes que eles abriram mão dos próprios sonhos para que eu realizasse os meus. Eu sempre tive muito, muito incentivo, um lar com muita paz, educação e ensino, e acho que isso me deu uma base sólida para formar o que sou hoje. Gratidão mesmo.

Eu sempre quis ser professor de Matemática, e ao procurar faculdades próximas de onde eu morava, me deparei com duas opções: a Unesp de Ilha Solteira e a UFMS de Três Lagoas. Como eu conhecia pessoas que fizeram e que faziam UFMS de Três Lagoas, escolhi prestar a

---

<sup>147</sup> Termo que significa vibração.

<sup>148</sup> O Programa de Educação Tutorial (PET) insere estudantes de graduação em projetos de educação tutorial com o objetivo de aplicar seus conhecimentos e ampliar sua formação. Para isso, o FNDE paga bolsas mensais aos estudantes e aos professores tutores dos grupos PET. Fonte: Ministério da Educação - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/bolsas-e-auxilios/eixos-de-atuacao/educacao-tutorial>. Acesso em: 27 fev. 2021.

UFMS em Três Lagoas. Meus amigos elogiavam o corpo docente e o curso, e era perto da minha cidade natal. No início do curso, eu viajava todos os dias, vinha e voltava, 120 Km. Às vezes, quando eu tinha atividades do Grupo PET, eu vinha de manhã, voltava à noite, chegando em casa de madrugada para voltar para Três Lagoas novamente no dia seguinte. Entrei no mestrado PROFMAT no último semestre da minha graduação, eu tinha passado e conseguido bolsa, mas não podia fazer o mestrado, porque ainda não tinha terminado o curso. Solicitei a antecipação de colação de grau e felizmente deu certo. Um dia antes do último dia de inscrição do mestrado chegou o parecer favorável da UFMS e pude ingressar no PROFMAT.

No meu último ano de graduação, eu sempre pegava alguma substituição acompanhando algum professor, e os diretores das escolas acabavam nos conhecendo. E foi assim que aconteceu a minha primeira instituição, meu primeiro trabalho. O diretor acabou gostando do meu trabalho em uma escola que eu ia substituir e, quando surgiu uma oportunidade, ele fez o convite para lecionar. Eu tive a oportunidade de me formar e já estar trabalhando na Rede Estadual de Educação, na Escola Estadual Bom Jesus<sup>149</sup>. Eu tive a oportunidade de trabalhar por cinco anos nesta escola, sempre com muito respaldo da direção. Eles são muito éticos, respeitosos e incentivavam os recém-chegados a fazerem um bom trabalho e a ver futuro naquelas crianças. Aquela escola foi algo que mexeu muito comigo, foi onde eu tive a chance de ser o professor da turma, não mais o substituto, eu era o professor da turma. Foi maravilhoso. Inicialmente, lecionei para quatro sextos anos. Um pouco difícil para quem estava pela primeira vez em sala de aula, porque na verdade, eu tinha vinte anos. Eu com vinte anos em frente a uma molecada do sexto ano. Foi tanto aprendizado, que se eu falar... Graças a Deus, hoje eu dou aula na rede pública e privada e tenho a oportunidade de escolher as turmas que eu quero trabalhar. Eu escolho sextos e sétimos anos porque eu sou apaixonado por sexto ano. É muito motivador. Eu adoro. Eu costumo falar que eu dou mais trabalho que eles. Mas é assim que a gente fica querido por eles. Sou apaixonado!

Quando eu me vi professor, eu acho que eu tinha outra visão. Eu era muito jovem ali, vinte anos, e eu não tinha a perspectiva que eu tenho hoje. Eu entrava na sala de aula e achava que tinha que ser como o professor que eu tive, aquele professor de cara fechada, que quer vencer falando mais alto do que o aluno, e minha experiência me trouxe a negativa disso, que não era assim. Não era na base da cara feia e do grito que a gente vai conquistar o aluno, mas com diálogo, ouvindo, porque o aluno adora ser ouvido. Eu falo para meus colegas que o convívio social deles é a escola, é onde estão as amizades porque muitas vezes eles não

---

<sup>149</sup> Escola Estadual Bom Jesus oferta aulas para ensino fundamental e ensino médio.

conversam com outras pessoas. O professor tem que saber ouvir e se for para chamar atenção, eu costumo chamar o aluno lá para fora. Eu chamo lá para fora e conversamos de pessoa para pessoa, olho no olho e falo: “olha, o que está acontecendo? Você é um bom aluno. O que está acontecendo com você? Por que está fazendo essa bagunça?”. Primeiro eu elogio, porque ele vai saber “nossa o professor gosta de mim”, depois você fala sério com ele. Essa perspectiva de professor que eu tenho hoje é diferente daquele professor que entrou numa sala de aula naquele primeiro dia. Eu acho que isso é o processo: uma reconstrução, uma evolução.

Em 2020, a partir do processo seletivo<sup>150</sup> da Rede Estadual de Ensino (REE) em 2019, nós pudemos escolher as escolas que queríamos trabalhar. Eu escolhi a escola Edwards, próxima da minha casa, e estou atualmente na escola particular do SESI<sup>151</sup>. A EJA entrou na minha vida no meu segundo ano lecionando, 2016, se eu não me engano, no período matutino e noturno no Colégio Bom Jesus<sup>152</sup>. O Colégio Bom Jesus tinha uma ótima fama da EJA, principalmente nos anos finais<sup>153</sup> porque nós trabalhávamos com projetos e era algo realmente muito diversificado. Antes do currículo prever o trabalho em áreas e projetos, nós já fazíamos isso lá na escola. Quando mudou para trabalhar com projetos<sup>154</sup>, foi algo sem sofrimento porque estávamos acostumados a fazer isso lá. Inicialmente eu comecei a trabalhar os conteúdos, e dentro desse conteúdo eu inseria as rodas de conversa, que até foram utilizadas na minha dissertação do mestrado. Nessas rodas de conversa, nós íamos com os alunos para a sala de tecnologia e para a biblioteca. O aluno pesquisava em casa e na escola, e depois mandava a tarefa para o professor que dava um *feedback* depois da correção. Nós pesquisávamos sobre a Matemática do Egito, sobre a Matemática da Mesopotâmia e sobre a Matemática na Pré-História. Eu queria que eles entendessem que desde que nos entendemos por gente e que começamos a dominar o mundo em que vivemos, o homem precisava da Matemática. Eu queria que o aluno tivesse essa construção de que a Matemática foi aperfeiçoada de acordo com as necessidades do homem. Eles falaram do Sistema Sexagesimal, da contagem nas cordas dos dedos, da importância do rio Nilo e das Pirâmides e nós construímos um trabalho totalmente

---

<sup>150</sup> Processo Seletivo Simplificado visando a formação do Banco Reserva para a contratação de professores temporários para atuarem nas unidades da Rede Estadual de Ensino (REE) durante o ano de 2020 e 2021.

<sup>151</sup> Escola particular cujo órgão mantenedor é o Serviço Social da Indústria – SESI. A Escola do SESI em Três Lagoas é gerida pela SESI-MS.

<sup>152</sup> Escola Estadual Bom Jesus.

<sup>153</sup> Anos finais na EJA equipara à etapa do ensino médio do ensino regular.

<sup>154</sup> No tocante da organização dos processos de ensino e aprendizagem, o Projeto Conectando Saberes foca em dar ênfase às práticas diferenciadas que permitem a integralização dos diferentes saberes e privilegiar uma diversidade de ações, dentre elas o trabalho com projetos integrados entre os componentes curriculares e a preocupação com a organização curricular em eixos temáticos, nos módulos das etapas de ensino. Fonte: Projeto Conectando Saberes.

interdisciplinar. Eles criaram uma relação entre eles e com o professor, porque até o aluno mais tímido falava.

Essa roda de conversa culminava no compartilhamento de lanche. O aluno levava o que ele podia, de acordo com a circunstância dele, e fazíamos um piquenique imenso que depois dava para a gente distribuir lanche para a escola inteira. Um outro projeto que eu trabalhei com a EJA, foi o projeto Vida de Droga, baseado no livro do autor Walcyr Carrasco<sup>155</sup>, de mesmo nome. Nesse projeto, eu trabalhei com outros professores e fizemos um trabalho interdisciplinar: lemos o livro, assistimos vídeos e buscamos dados. Também tivemos a oportunidade de trabalhar a construção de gráficos.

Este é o terceiro ano que eu trabalho com a EJA. Eu trabalhei nos anos de 2016 e 2017 na Escola Bom Jesus e em 2020, na Escola Estadual Edwards. Na Edwards, infelizmente, eu tive pouco contato com os alunos<sup>156</sup>. Era uma turma de ensino fundamental e o que a gente pode perceber é que tínhamos alunos de faixa etária “não compatível”, porque no mesmo tempo em que eu tinha aluno novinho<sup>157</sup>, eu tinha aluno de sessenta anos.

Eu tinha que ter, mais do que nunca, um olhar individualizado para aqueles alunos, porque o mais jovem é o aluno que pergunta e tira dúvidas, mas o senhor mais idoso tem vergonha de perguntar, até por ter mais jovens na sala. Mesmo ele não entendendo a matéria, o aluno idoso não pergunta. O linguajar para o jovem entender tem que ser diferente do linguajar para o adulto e para o idoso, é preciso um leque de informações diversificadas.

Depois foi preciso migrar para o trabalho remoto por causa da pandemia<sup>158</sup>. Inicialmente criamos um grupo de *WhatsApp* com todos os alunos e utilizamos também o *Google Meet* e o *Google Classroom*<sup>159</sup> pra dar aulas semanais. Infelizmente, é muito triste ver a realidade que a

---

<sup>155</sup> O livro Vida de Droga é um livro infanto-juvenil escrito pelo escritor Walcyr Carrasco. O livro trata de temas polêmicos, e muitas vezes é utilizado pela comunidade escolar para criar reflexões sobre as narrativas da personagem Dora que vivencia diversos conflitos na adolescência.

<sup>156</sup> Ano de 2020 foi um ano em que o professor teve contato com os estudantes do dia que iniciou as aulas da Rede Estadual de Ensino (REE) do MS de 04 fevereiro até dia 17 de março de 2020 devido a pandemia provocada por um vírus chamado SARS-CoV-2. Esse vírus é uma terceira modalidade de infecção por Corona vírus da classe SARS (com capacidade de transmissão entre humanos) que desencadeia uma doença infecciosa respiratória (a exemplo do SARS-CoV-1 e do MERS).

<sup>157</sup> A idade mínima para matricular o estudante na modalidade Educação de Jovens e Adultos é 18 anos.

<sup>158</sup> Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Fonte: Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em 01 mar. 2021

<sup>159</sup> No dia 22 de abril de 2020, a secretaria de Estado de Educação (SED/MS) divulgou uma parceria com a Google Inc. para o uso do aplicativo *Google Classroom* para professores e estudantes de toda a Rede Estadual de Ensino. Fonte: Secretaria de Estado de Educação. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/com-lancamento-da-ferramenta-professores-e-estudantes-ja-podem-acessar-nova-plataforma-para-aulas-remotas-da-ree/> Acesso em: 01 mar. 2021.

gente passa, principalmente com esse público. Na EJA, o aluno chega cansado do trabalho, tem que cuidar de casa e tem muitos problemas por trás. A demanda é baixa, então a gente se viu pegando o telefone e ligando aluno por aluno, um trabalho de formiguinha. Ligando de aluno por aluno para oferecer a oportunidade de fazer ou refazer o trabalho<sup>160</sup> atrasado. Quando a gente percebia que os alunos que faziam as atividades, paravam de fazer, nós ligávamos e mandávamos mensagem: “e aí cara, tudo bem? Vamos fazer atividade? Eu estou à disposição”.

No trabalho remoto o maior problema foram as aulas. Nós dividíamos os dias da semana, de acordo com a carga horária de cada professor. Nos outros momentos nós ficávamos à disposição do aluno, tanto no *WhatsApp*, quanto no *Classroom*. Nós estávamos ali, trocando informações e conversas com os alunos. No final, tudo deu certo e conseguimos fazer a grande maioria aprovar.

O estudante da EJA geralmente é aquele aluno que não conseguiu terminar o ensino médio ou ensino fundamental no tempo em que ele deveria. Nós temos ali o trabalhador que por diversos motivos teve que parar os seus estudos, e está voltando agora. Nós temos ainda pessoas idosas, que passam muitos e muitos anos, vinte, trinta anos fora da escola, e está voltando agora. Tudo isso misturado. Por isso que eu falei sobre a importância do olhar individualizado e uma avaliação justa. Uma avaliação “A” que funciona para o João, pode não funcionar para o Pedro. Eu tenho que olhar de forma diferenciada, tenho que avaliar de forma diferenciada dentro das possibilidades desse aluno. Como eu posso avaliá-lo? Como eu posso entender se ele realmente absorveu aquilo que eu queria? Nós sabemos que eu não posso entrar na sala A e na sala B e ser o mesmo professor, ainda mais em uma diversidade tão grande dessa na sala de aula que é a EJA.

O Professor da EJA, a meu ver, tem que ser aquele professor que “sai da casinha” e sai da zona de conforto dele. Não é dar aula com lousa, caderno, lousa, caderno. Nem fazer uma projeção que às vezes é mais chata do que a aula no quadro. Não é porque é tecnológico que vai chamar atenção de um aluno. Tudo depende da metodologia e da forma de utilização daquele instrumento didático. O professor da EJA tem que se reinventar e ter uma visão ampla, ter jogo de cintura para lidar com a situação, e é isso que é sair da zona de conforto dele.

As aulas da EJA são de quarenta e cinco minutos, mas esse processo *online* é diferente até por causa do cansaço do aluno. O lanche, antes da pandemia, era feito em sala de aula para

---

<sup>160</sup> Atividades Pedagógicas Complementares são atividades escolares visando o cumprimento da carga horária anual e dias letivos aos quais o estudante tem direito. A suspensão das aulas presenciais está prevista no Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020. Fonte: Diário Oficial Eletrônico nº 10.120. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/PaginaDocumento/45996/?Pagina=2> Acesso em: 01 mar. 2021.

otimizar o tempo e tinha um pequeno intervalo para eles beberem água. Tínhamos nessa escola, na Edwards, uma sala de Blindex<sup>161</sup>, onde nós passávamos vídeos e fazíamos palestras. Durante o tempo que estou nessa escola, eu fiz diversas palestras, conversei com os alunos, ouvi, porque eu acho importante ouvi-los. Eles têm muitas coisas para falar.

Acho que o Projeto Conectando Saberes tem uns três anos. Eu cheguei a conhecer e trabalhar com ele no Colégio Bom Jesus. É um projeto que vai muito de acordo com a BNCC<sup>162</sup>, de não trabalhar focado somente na minha disciplina, por exemplo, se eu estou em Matemática eu tenho que buscar outra área de conhecimento para trabalhar com aquela disciplina. Como diz: “o pensamento fora da caixinha”. As áreas de conhecimento têm que trabalhar em conjunto e os conteúdos têm que conversar. Tem que fazer sentido a totalidade. Eu acho que o projeto se baseia muito nisso.

No ano passado, nós fizemos algumas sugestões de alteração do currículo em uma consulta pública<sup>163</sup> que foi feita pela Secretaria do Estado de Educação - SED. O currículo da EJA é grande e extenso, nesta modalidade precisamos trabalhar dois anos em um ano e o conteúdo acaba ficando denso. A meu ver, como professor de Matemática, eu acredito que deveria ser um currículo mais enxuto, porém com foco naquilo que é realmente importante para formação do aluno.

Na minha graduação eu não tive nenhuma formação para trabalhar com a EJA, não que eu me lembre. Mas na escola, no nosso calendário escolar, temos dias destinados para formação, chamados períodos de estudo. Esse dia, geralmente, era no final de todo semestre, tínhamos uma noite para estudar um determinado tema e outros diversos sábados letivos com ações de formação que a SED nos oferecia. Hoje também está assim. Diversos sábados são destinados para formação, discussão e troca de experiências. A gente troca aquilo que a gente aprendeu na formação com aquilo que a gente vivencia em sala de aula. É uma troca de informações.

Como professor, no início da minha carreira eu tinha outro olhar para Educação. Eu vinha de um primeiro ano de experiência e já no meu segundo ano de EJA, eu até falava: “diretora, meu Deus do céu, eu estou no paraíso”. A gente vê aquela pessoa que está ali e que trabalhou o dia inteiro querendo aprender. Isso para mim era um presente, eu dizia: “é isso que

---

<sup>161</sup> Sala com uma porta de vidro transparente.

<sup>162</sup> A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. A BNCC para a etapa do ensino médio foi homologada no dia 14 de dezembro de 2018. Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=72011>. Acesso em: 24 mar. 2021.

<sup>163</sup> Consulta pública para a construção do novo currículo de referência da EJA no Mato Grosso do Sul. Consulta realizada no mês de outubro de 2020.

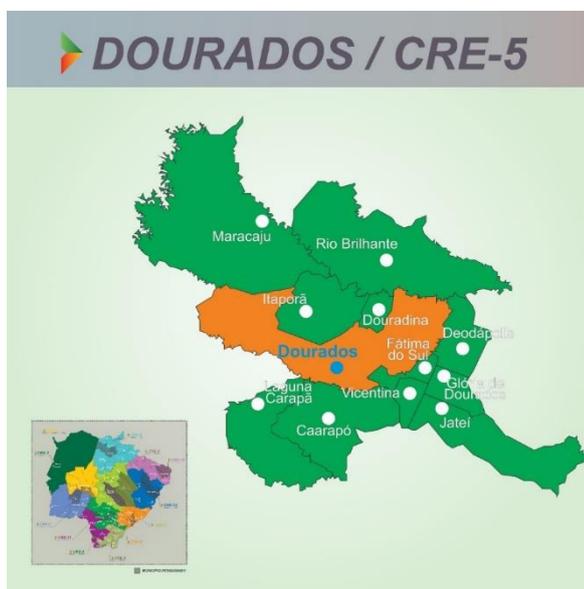
eu quero. Eu estou podendo fazer diferença na vida dessa pessoa”. A pessoa que eu vinha me tornando, cativava aquele aluno. Então eu falei: “é isso que eu quero para minha vida”. Eu acho que a EJA, naquele momento, foi crucial para mudança de visão do JP. “JP é como a maioria me conhece aqui”. A EJA foi essencial para minha formação. Eu comecei a mudar minha visão da Educação ali, com a experiência da EJA: a metodologia, a visão diferenciada que eu te falei que a gente tem que utilizar e uma nova forma diferenciada de dar aula. Então, acho que é basicamente isso.

### 3.8 Professora Regiane Bussolo Barbosa

*“Na Universidade, na disciplina de Didática, ou em outras disciplinas, nós não temos nenhuma formação para trabalhar com a EJA, não tinha na minha época e eu verifiquei que agora também não. Não tem nenhuma preparação para um futuro professor pegar esse tipo de aluno”.*

A entrevista com a professora Regiane foi realizada no dia 15 de fevereiro de 2021, via Google Meet, com duração de 28 minutos. Ela é nascida em 15 de março de 1960, professora habilitada em Matemática pelo Instituto Filadélfia de Londrina, PR. Se formou em 1985, e desde 2001 segue carreira docente como professora contratada da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. No ano de 2020, lotada na disciplina Matemática na modalidade da Educação de Jovens e Adultos na Escola Estadual Tancredo Neves<sup>164</sup> no período noturno, e no ensino regular na Escola Estadual Celso Muller do Amaral<sup>165</sup>, município de Dourados, MS. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE 5 Dourados, que engloba a região centro-sul de Mato Grosso do Sul. Dourados é o município mais populoso do interior do estado com aproximadamente 220 mil habitantes.

Figura 10 – Dourados MS



Fonte: SED/MS (adaptado)

<sup>164</sup> Escola pública estadual em Dourados, MS que oferta ensino regular nas etapas fundamental e médio e a modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA.

<sup>165</sup> Escola pública estadual em Dourados, MS que oferta o ensino regular nas etapas ensino fundamental e ensino médio.

### ***NARRATIVA DE REGIANE BUSSOLO BARBOSA***

Eu me chamo Regiane Bussolo Barbosa e fiz todo o meu ensino fundamental, meu ensino médio e a minha faculdade na cidade de Londrina<sup>166</sup>, no Paraná. Quando eu terminei o ensino fundamental, minha mãe queria que eu fizesse o curso de Pedagogia, mas eu falei assim: “não, não quero, não gosto. Eu quero ser alguma outra coisa”. Então eu fui fazer Estatística Industrial. Esse curso é um ensino propedêutico<sup>167</sup> mais próximo da área da Matemática, área que eu gostava. Depois que me formei, falei: “e agora? Agora vou fazer Matemática”, mas sem pensar em ser professora. Nem sei por que. Na época a gente era tão nova que não tinha capacidade de dizer: “eu quero essa profissão”. Ai, eu fiz Matemática.

Antes de terminar a faculdade, para dar aula, eu substituía algumas das minhas professoras, e dizia: “eu não quero ser professora, não é comigo”. Depois, eu fui fazer o curso de Análise de Sistemas, falei assim: “vou fazer a faculdade de Análise de Sistemas porque tem alguma coisa com a Matemática”. Depois de terminar esse curso eu me casei e vim para cá, e me vi dentro de uma escola.

Fiz especialização em Londrina, PR e depois eu vim para Dourados, MS. Fiz mestrado e doutorado no Paraguai. Ainda não fiz o revalida<sup>168</sup>, mas estou querendo fazer. A minha tese de doutorado foi sobre a dificuldade do aluno na transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, porque as mães chegavam para mim e falavam assim: “meu filho até o quinto ano foi um excelente aluno, só tirava nota nove em Matemática, e agora com você ele está com nota seis”. Eu falei: “então vamos ver o que é isso. Vamos pesquisar”. Isso acontece devido ao paternalismo do Ensino Fundamental I, a mudança para o Ensino Fundamental II e as trocas dos professores de sala de aula. O aluno sente isso, então eu pesquisei.

Eu sou professora convocada da Rede Estadual de Ensino (REE) há 21 anos e nunca fiquei sem aula. Estou lotada na Escola Estadual Tancredo Neves faz dois anos, mas comecei a trabalhar com a EJA em outra escola que é Escola Estadual Celso Muller do Amaral, na qual leciono

---

<sup>166</sup> Londrina é um município do estado do Paraná, dista de Dourados a 498 km.

<sup>167</sup> Em 1971, o governo militar instituiu a Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus. A Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971 mudou a organização do ensino no Brasil. O 2º grau passou a ter como principal objetivo a profissionalização. Em curto e médio prazos, todas as escolas públicas e privadas desse nível tornaram-se profissionalizantes. Fonte: Agência Senado Disponível em: <https://bit.ly/3wLPhOu>. Acesso em: 09 abr. 2021.

<sup>168</sup> Os diplomas de mestrado e de doutorado expedidos por universidades estrangeiras para serem validados no Brasil deverão ser reconhecidos por universidades que possuam cursos de pós-graduação reconhecidos e avaliados, na mesma área de conhecimento e em nível equivalente ou superior, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394 de 1996), Art. 48, § 3º. Fonte: Ministério da Educação MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/revalidacao-de-diplomas-pos-graduacao> Acesso em: 19 abr. 2021.

no ensino regular no período matutino. Nesta escola tinha EJA no período noturno, mas fechou e eu fui trabalhar com a EJA na Tancredo.

Vim para Dourados e comecei a lecionar no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos - EJA no ano de 2001. Se você me perguntar: foi difícil? Vou dizer para você que foi. Por quê? Porque na graduação, nas aulas de Didática, você não tem nenhuma matéria que diz como agir com aquele aluno que saiu há muitos anos da escola, que perdeu muitas coisas e muitas noções. Se ele deixou alguns conhecimentos para traz, você tem que ir com mais calma.

A EJA, no começo, tinha aqueles alunos adultos, que precisavam estudar e tinham ansiedade pelo saber, tudo que você propunha para eles era maravilhoso, e eles faziam. Você tinha que retomar conteúdos anteriores, alguns pré-requisitos para deslanchar o seu conteúdo atual, porque eles já tinham esquecido ou não tinham entendido quando estavam no ensino regular.

O conteúdo do ensino de jovens e adultos é ‘enxugado’ e temos pouco tempo para ensinar o conteúdo. Os alunos procuram saber além do que você está dizendo e do que você está ensinando. Eu sempre levava textos para eles lerem em casa sobre a História da Matemática, relacionando o que eu estava ensinando, para que os alunos tomassem conhecimento de como surgiu a Matemática e como nós podemos encaixá-la nos dias de hoje.

Eu dou aula na EJA na escola Tancredo<sup>169</sup> e lá trabalhamos a interdisciplinaridade. Eu consigo unir meu conteúdo com a Física e com a Informática, e a gente consegue trabalhar interdisciplinarmente. Nós temos um conteúdo na nossa grade curricular para trabalhar e conversamos entre os professores nas reuniões sobre o que podemos planejar em conjunto com as outras disciplinas, no meu caso, vejo como encaixo a Matemática e como podemos trabalhar juntos.

O aluno da Educação de Jovens e Adultos é aquele que não cursou a escola em tempo regular por algum motivo e está à procura de conhecimento. Há alunos que estão em busca de elevação de nível na firma. Na EJA temos dois tipos de alunos: um aluno que está à procura do estudo para mudar o seu nível e outro que realmente quer estudar. Aquele que está buscando subir de nível no trabalho, no decorrer do curso da EJA, com a convivência com os colegas e com os exemplos dos professores, ele consegue enxergar que também quer fazer uma faculdade. Eu não sei se ele se espelha nos professores, não sei como é, mas depois ele quer fazer uma faculdade, e vai mesmo. De uma sala com 28 concluintes, 15 fizeram vestibular.

---

<sup>169</sup> A Escola Estadual Tancredo Neves foi autorizada a ofertar a Educação de Jovens e Adultos –EJA no ano de 2019

O perfil do estudante de hoje mudou. Quando comecei o pessoal era adulto, da terceira idade, mais velhos. Agora não, agora são jovens. O que muda? Os jovens têm outras prioridades. Se você não incentivar e dizer para eles o porquê daquilo que eles estão estudando, ele não quer aprender, ele se cansa. Por isso que eu levo os textos, por exemplo, sobre o Teorema de Pitágoras. Eu levo os textos que explicam como surgiu, como podemos encaixar no nosso dia a dia e que tipo de problematização podemos fazer em torno daquilo.

A maioria dos nossos alunos da EJA vêm na escola a procura de conhecimento e saber. Eles chegam na escola ‘crus’ e o professor tem que ensinar, de um jeito ou de outro. Tem hora que a gente pega uma aula de Filosofia ou uma aula de Educação Física, que a maioria dos alunos são dispensados para tirar as dúvidas dos alunos ou fazer eles conhecerem alguma coisa dentro do meu conteúdo para que eles não saiam achando que a Matemática é um ‘bicho de sete-cabeças’. O que a gente está ganhando com isso? A satisfação de tirar as dúvidas dos alunos.

Esses alunos da EJA são diferentes. Em dia de aniversário, eles fazem festinha para gente. Eles se reúnem, um faz uma coisa e o outro faz outra. Eles se organizam, alguns fazem o pastel, outros compram o refrigerante e outros fazem o bolo. Esses alunos são diferentes. Eles são tão diferentes que, se na casa deles tiver goiaba e eles souberem que você gosta, eles trazem uma ‘sacolona’ de goiaba para você. Porque eles são assim, se você dá amor, eles também te dão. Reconhecem. Esse amor faz a diferença, faz muita diferença. Você parece que fica mais ligado à sala, porque não é só um aluno. Um aluno em um dia traz o limão, o outro traz a goiaba, o outro traz a manga e assim a gente vai. Não é só para mim que eles fazem isso, mas também para vários professores da escola.

O dia a dia da escola da EJA é um rodízio de alunos. Quando chega o mês de novembro, muitos alunos começam a trabalhar mais e até mais tarde, devido ao final do ano. Temos alunos que fazem hora extra, e que não conseguem chegar na primeira aula porque querem passar em casa para tomar um banho e jantar antes de vir para a escola. Diante dessa situação, o diretor da escola resolveu servir uma merenda na escola e disse aos estudantes: “você podem tomar o banho de você, mas corram para a escola e antes de entrar para a sala de aula, vocês jantam”. Assim, se chegarem atrasados, será apenas por alguns minutinhos da primeira aula.

Hoje é até difícil dizer o perfil dos professores da EJA porque muitos são novatos. Temos também professores de vários anos de experiência, então ele vai ter paciência, vai fazer um diagnóstico para ver se a sala sabe sobre, por exemplo, potência e raiz quadrada para poder explicar o Teorema de Pitágoras, e ele vai retomar aquilo se precisar. Agora tem outros

professores jovens, que não conseguem ver isso, ele vai dar o conteúdo e o aluno não vai bem. Na reunião ele vai dizer: “ são tantas notas baixas”. A gente sempre faz reuniões de formação, de formação continuada na escola. Nós professores, todos os meses, reunimos para ver como os alunos estão. A gente diz na reunião sobre o que os alunos estão aprendendo. Muitos professores jovens, que acabaram de sair da faculdade, ainda estão aprendendo, têm boa vontade, não são todos que chegam, dão a matéria, vão embora e não querem saber do aluno.

Na Universidade, na disciplina de Didática, ou em outras disciplinas, nós não temos nenhuma formação para trabalhar com a EJA, não tinha na minha época e eu verifiquei que agora também não. Não tem nenhuma preparação para um futuro professor pegar esse tipo de aluno. Até agora, eu não vi ainda, nem aqui e nem no Paraná onde eu estudei. Nós temos a formação continuada duas vezes por semestre. Vêm documentos da SED para a gente estudar. Na escola, nossa coordenadora faz reuniões com a gente todo mês, e a gente discute o que foi válido para um e o que não foi válido. Ela não deixa só na formação que vem para a gente estudar. A gente discute que não adianta passar trabalho para os alunos ou qualquer tipo de tarefa, porque eles não fazem em dia de semana, não adianta. Você não pode dar uma tarefa na segunda-feira e cobrar na quinta-feira, porque eles não fazem, eles vão fazer só no final de semana.

Nas reuniões, a gente conta as nossas experiências para os demais professores. Também discutimos sobre interdisciplinaridade, a inter de uma disciplina com a outra, para ver onde a gente se encaixa. Artes e Português sempre trabalham juntas; eu já trabalhei também com Artes e com Língua Portuguesa, mas foi difícil para mim.

A Matemática para o aluno da EJA é um ‘bicho de sete cabeças’. Os alunos têm um certo receio em gostar da Matemática. Eles têm receio, eles têm esse receio mesmo. Parece que tem uma barreira entre o professor, a disciplina e eles; e você tem que fazer um trabalho para derrubar essa muralha. No final, eles conseguem ver que a Matemática está no trabalho, no dia a dia deles. Eu vou dar um exemplo, na minha aula no final do ano, no conteúdo volume, um senhor que trabalhava em uma madeireira me explicou como ele media o volume na prática. Ele falou assim: “essa prancha assim dá tanto”. Eu falei assim: “mas o senhor nem pegou na régua, o senhor nem pegou nisso, como o senhor consegue? ”. Ele me ensinou mais ou menos como que ele descobre, está vendo como a Matemática está presente no dia a dia!

Esse projeto Conectando Saberes é o que a gente está procurando trabalhar agora ao levar a História da Matemática para a sala de aula. Falando especificamente da minha disciplina. É o que a gente está há algum tempo levando para a sala de aula, é a História da Matemática, a

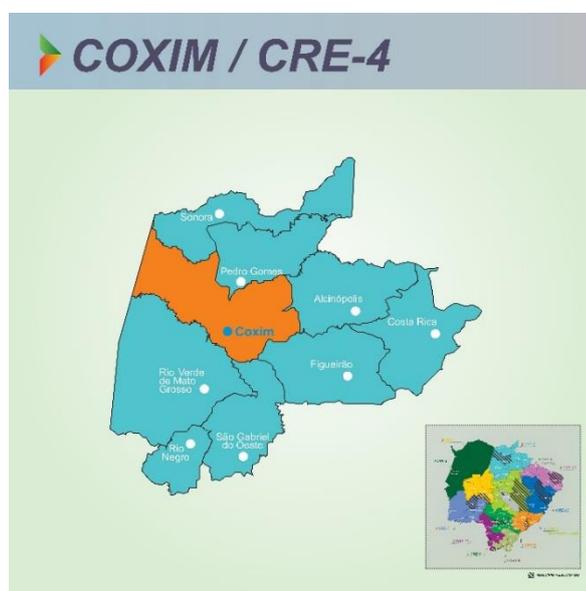
problematização do conteúdo, para depois introduzir fórmulas e problemas. Eu levo textos e a professora de Português trabalha com eles. Eu também trabalho, mas a professora de Português tem uma visão e eu tenho outra. Ela puxa, logicamente, para o lado dela, da Língua Portuguesa e da Literatura, e eu vou trazendo o texto para a Matemática. Isso é o conectar que a gente entende. O conectar é a interdisciplinaridade, é o aluno entender, e não ficar perdido. O aluno tem que saber de onde veio os conteúdos. É isso.

### 3.9 Professora Mônica Angélica Frares

*“A questão do professor ter o perfil pra EJA é importante. O professor pra dar aula na EJA, não só hoje, como antigamente, ele tem que ter um olhar diferenciado”.*

A entrevista com a professora Mônica foi realizada no dia 20 de fevereiro de 2021, via Google Meet, com duração de 1h 10 minutos e 5 segundos. Ela é nascida em 24 de outubro de 1978, professora licenciada em Ciências Biológicas pela UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul Unidade de Coxim e licenciada em Matemática pela Fazebi. Se formou em 2004 e desde então segue carreira docente como professora contratada da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. É professora da modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA na Escola Estadual Padre Nunes<sup>170</sup>, município de Coxim, MS. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE4 Coxim, que engloba a região Norte de Mato Grosso do Sul, na Mesorregião do Centro-Norte de Mato Grosso do Sul, Microrregião do Alto Taquari. Dista 255 km da capital do estado e uma população estimada de 33.459 habitantes (IBGE/2020).

Figura 11 – Coxim MS



Fonte: SED MS (adaptado)

<sup>170</sup> Escola Estadual no município de Coxim, MS, que oferta Ensino Fundamental I e II, ensino médio e a modalidade Educação de Jovens e Adultos –EJA.

## ***NARRATIVA DE MÔNICA ANGÉLICA FRARES***

Eu sou Monica Angélica Frares, sou a terceira filha de uma família de quatro irmãos. Somos três mulheres e um homem. Minha família sempre foi muito pobre, meu pai era pescador e nós viemos do Paraná para morar em Coxim pela pesca<sup>171</sup>. Meu pai era pescador e minha mãe acompanhava ele nas pescarias. Quando a gente era criança, quando não estudávamos, nós íamos pro Pantanal<sup>172</sup> pescar com eles, mas quando começamos a frequentar a escola, ficávamos na cidade. Minha mãe ficava com a gente e meu pai ia pescar no Pantanal. Minha mãe sempre foi muito forte, era ela quem cuidava da gente. Meu pai sempre foi ausente e minha mãe sempre presente. Dos quatro irmãos, eu e mais uma somos professoras formadas em Biologia, e eu me formei também em Matemática. Uma das minhas irmãs é técnica em enfermagem e meu irmão, que é o mais novo, é pescador, seguiu a vida do meu pai.

Meu pais se separaram quando eu tinha entre quatorze/quinze anos. Minha mãe ficou com os quatro filhos e nos sustentou com muita luta e batalha. Ela procurou um novo caminho profissional, porque antes ela não tinha profissão, e se tornou manicure. Com esse emprego sustentou os quatro filhos, até que eu e minha irmã nos formássemos.

As três meninas fizeram magistério, na época em Coxim havia o CEFAM<sup>173</sup> - Centro de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério. O curso no CEFAM era em período integral e íamos, eu e minhas irmãs, de manhã e à tarde para a escola. Eu morava trinta minutos a pé da escola, e nossa rotina era a seguinte: saíamos às 6h30min de casa, estudávamos a manhã inteira e voltávamos 11h20min a pé. Ao chegar em casa a gente almoçava, descansávamos e 12h30min voltávamos a pé para a escola, estudávamos mais um período e saíamos de volta para casa às 17h20min. A mesma rotina por dois anos e meio.

A minha irmã mais velha estava um ano à frente nos estudos. Foi a primeira a se formar. Depois a gente conseguiu, numa luta muito grande, comprar uma bicicleta para a gente andar.

---

<sup>171</sup> A pesca é uma das principais atividades econômicas do Pantanal Sul-mato-grossense, principal fonte de sustento de milhares de ribeirinhos e comunidades tradicionais que vivem ao longo de seus rios.

<sup>172</sup> O Pantanal ocupa a parte sul do estado do Mato Grosso e o noroeste do Mato Grosso do Sul. Essas são as regiões brasileiras do bioma, que somam cerca de 137 mil km<sup>2</sup>. Além da fronteira, ele continua pelo norte do Paraguai e o leste da Bolívia. Localizado próximo à Amazônia e ao cerrado, o pantanal guarda espécies de fauna e de flora desses outros dois biomas, além de apresentar espécies endêmicas, ou seja, que só podem ser encontradas naquela área geográfica, nativas da região. Fonte: IBGE Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=449631&view=detalhes>. Acesso em: 04 abr. 2021.

<sup>173</sup> Para Arcanjo (2020) em Mato Grosso do Sul, os Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério teve início a partir do ano de 1987, surgiram como um projeto da rede pública para formar, em nível médio, professores da primeira à quarta série do ensino fundamental. O curso de magistério era organizado em um período de quatro anos e integral. Esses Centros foram instalados em diferentes municípios de Mato Grosso do Sul e fizeram parte de um segundo momento de expansão desses Centros pelos Estados brasileiros.

Eu falo que hoje em dia os alunos têm ônibus, materiais escolares, não que não seja merecido, porque eu acho que eu deveria ter tido isso também na minha época, mas hoje em dia eles não dão valor nenhum aos estudos. Eu dou maior valor do mundo aos estudos, eu falo que o meu magistério foi a minha maior e melhor faculdade. A gente realmente aprendia. A gente não sabia se era pelo cansaço da batalha, mas nós tínhamos uma turma de vinte e cinco alunos e formaram todos, somos amigos até hoje. E nisso fui desenvolvendo a questão de ser professora.

Terminei o magistério e fui trabalhar numa loja. Minha irmã mais velha começou a dar aulas e fazer faculdade de Ciências Biológicas na UEMS de Coxim. Depois que ela se formou, começou a pegar no meu pé: “vamos fazer faculdade”. Ela já estava no último ano quando eu prestei o vestibular na UEMS, passei e saí da loja que eu trabalhava.

Fiz UEMS, em Coxim, em 1999, era a única universidade que tinha. Hoje temos também UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e IFMS - Instituto Federal do Mato Grosso do Sul. Entrei na faculdade em 1999 e me formei em 2004 em Ciências Biológicas. Eu desisti no meu primeiro ano da faculdade, porque eu trabalhava em uma loja de segunda-feira a sábado, e logo me casei. Depois por incentivo da minha mãe, da minha irmã e do meu marido, eu voltei a estudar, refiz a matrícula e terminei o curso em 2004. Eu dou aula desde 2004. Eu me casei, terminei a faculdade e depois de 8 anos de casada eu tive a minha primeira filha e quando minha filha estava com sete anos, eu tive meu segundo filho.

Eu sempre fui apaixonada por Matemática, só que não tinha o curso de Matemática em Coxim. “Como eu ia estudar fora?” Minha família não tinha condições. Na época, em Coxim, não tinha professores de Matemática, nem de Física ou Química, quem se formava em Biologia podia pegar aulas dessas áreas. Eu dava aula de Matemática, mas a minha vontade era fazer faculdade de Matemática. Há cinco anos eu fiz uma segunda graduação em Matemática. Não foi uma faculdade de quatro anos, foi de um ano e meio, uma complementação, na verdade. Eu fiz em um polo que tinha no Mato Grosso e chamava Fazebi, eles faziam as certificações. Não era nenhuma faculdade renomada, mas eu acho que a minha bagagem já me dava o direito, a vontade e a qualidade para ser uma professora de Matemática, tanto que hoje eu só dou aula de Matemática. A partir daí eu só dou aula de Matemática.

A questão da escola foi algo que eu não tinha outro caminho. Eu acho que ser professora estava na questão do meu magistério, que foi maravilhoso, e na minha irmã como uma incentivadora. Eu também não tinha uma outra opção, ou eu ia ser professora, ou eu ia ser vendedora de loja o resto da minha vida. Coxim não tem muita coisa fora isso, e morar fora eu não podia.

Comecei a dar aula em 2004 como professora e me ausentei por três anos quando engravidei da minha filha, em 2006. Em 2009, voltei para a escola como coordenadora de Matemática do projeto Além das Palavras<sup>174</sup>, que era um projeto do Governo do Estado. Quando o projeto começou entrou em decadência, em 2011, eu fui para a EJA.

Eu me apaixonei pelo estudo da EJA, que é diferenciado. A gente sabe que tem que ser diferenciado. Eu aprendi muito com a EJA. Quando você se forma na faculdade ela não te ensina a ser professor. A faculdade te ensina o conteúdo para você ser um professor, mas não te ensina como ser um professor. Isso você só vai adquirir com o tempo. A EJA veio para me ensinar.

Eu também dou aula do sexto ao nono ano, que é a minha preferência, eu gosto dessa molecada, e dou aula na EJA. A EJA tem toda aquela clientela diferenciada, até quando eu comecei a ler o roteiro da sua pesquisa, comecei a formular o projeto de quando eu comecei a dar aula na EJA, ela tinha uma clientela diferente.

De cinco anos para cá, a EJA mudou muito e perdeu muito valor. A EJA de cinco anos pra cá mudou. Em 2010, quando eu comecei a lecionar nesta modalidade de ensino a gente tinha uma clientela de pessoas acima de quarenta/cinquenta anos. Eu tive alunos de setenta anos que não tiveram oportunidade de estudo, e queriam voltar a ter oportunidade melhor na vida. Eu tive alunos que ficaram vinte anos sem entrar em sala de aula, alguns ficaram dezessete anos sem entrar em sala de aula. E você olha e fala: “nossa como que volta?” E voltavam e eram os melhores alunos que eu tinha.

De cinco anos para cá, a gente percebeu essa mudança. A clientela da EJA passou a ser aquela moçada que nunca quis nada com nada enquanto estudava, pelo menos essa é uma das minhas visões. Uma molecada que não queria nada com nada dentro de uma sala de aula do ensino regular e que, depois com a maioria, sabiam que existia uma EJA e ao invés de ficar três anos estudando, ficavam dois anos, dois anos e meio no máximo. Alguns faziam o tal do ENCCEJA<sup>175</sup>.

---

<sup>174</sup> O projeto Além das Palavras foi um projeto que tinha como objetivo melhorar o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos dos anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental, principalmente nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática. Foi oferecido em alguns municípios do Estado, especialmente nas escolas estaduais públicas que tinham inseridas em suas estruturas turmas do Ensino Fundamental inicial. A implantação do Projeto “Além das Palavras” foi em julho de 2007.

<sup>175</sup> Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) foi realizado pela primeira vez em 2002 para aferir competências, habilidades e saberes de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental ou Ensino Médio na idade adequada. O ENCCEJA é realizado pelo Inep em colaboração com as secretarias estaduais e municipais de educação. Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/encceja>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Esse aluno ia na escola frequentar uma disciplina ou duas do componente curricular, e isso mudou muito<sup>176</sup>. Nesse ano que passou (2020), eu tive uma turma que eu vinha acompanhando desde quando eles estudavam na EJA fases. Hoje em dia tudo mudou na EJA. Antigamente, o projeto da EJA era organizado por fases, primeira fase, segunda fase, terceira fase, quarta fase, mas hoje é organizado por módulos. Esses alunos vinham comigo desde a quarta fase, desde antes dessas mudanças que ocorreram na EJA. E esse ano eles terminaram, no final do ano passado foi o encerramento deles.

Eu tinha uma clientela de pessoas com idade mais avançada, sessenta e setenta anos, mulheres casadas, mães de família, homens casados e senhores que queriam ter um futuro melhor. Eu tinha um aluno chamado Seu Hercílio, pedreiro, ele estava terminando o ensino médio e queria fazer faculdade de Teologia. Eu vejo que a EJA perdeu muito do que ela poderia ser. Antigamente, nós tínhamos uma escola em Coxim no período noturno onde as salas eram lotadas, salas com trinta ou quarenta alunos no começo. A escola era cheia, com todas as salas do prédio ocupadas com a EJA e no decorrer de uns nove anos, isso foi diminuindo.

A EJA era na mesma escola, porque em cidade do interior, o município fica encarregado da EJA anos iniciais, primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto ano do ensino fundamental. Já a escola estadual, que eu trabalhava, era encarregada do sexto ao nono ano do ensino fundamental. Tinha as fases, de sexto ao nono ano, que era a primeira e segunda fase, se eu não me engano, e do ensino médio, terceira e quarta fase. Eu não lembro muito bem as divisões de fases, mas se não me engano era: primeira e segunda fase, do sexto ao nono ano. Sexto e sétimo ano era a primeira fase. Oitavo e nono ano, segunda fase. E a terceira fase que seria, primeiro e metade do segundo ano do ensino médio, e a outra metade do segundo ano e o terceiro ano do ensino médio seria a quarta fase, que era a última fase, se eu não estou enganada.

---

<sup>176</sup> Na Rede Estadual de Ensino (REE) do Mato Grosso do Sul, a partir do ano de 2010 foram operacionalizados diversos projetos pedagógicos de curso na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA. São eles: EJA I - Operacionalizado a partir de 04 de janeiro de 2010. Resolução/SED nº 2.317 de 29 de dezembro de 2009. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 7.614 de 04 de janeiro de 2010. EJA II - Operacionalizado a partir de primeiro de janeiro de 2012. Resolução/SED nº 2.498 de 13 de dezembro de 2011. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8.089 de 15 de dezembro de 2011. EJA III - Operacionalizado a partir de primeiro de janeiro de 2013. Resolução/SED nº 2604 de 20 de dezembro de 2012. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8339 de 21 de dezembro de 2012. EJA II Renovado - Operacionalizado a partir 13 de março de 2015. Resolução/SED nº 2943 de 11 de março de 2015. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8880 de 13 de março de 2015. EJA IV - Operacionalizado a partir 01 de fevereiro de 2016. Resolução/SED nº 3.018 de 05 de fevereiro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.101 de 10 de fevereiro de 2016. Conectando Saberes - Operacionalizado a partir de 02 de março de 2016. Resolução/SED nº 3.029 de 01 de março de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9116 de 02 de março de 2016. Conectando Saberes Operacionalizado a partir de 01 de janeiro de 2017. Resolução/SED nº 3.122 de 07 de novembro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.282 de 08 de novembro 2016. Fonte: Diário Oficial Eletrônico do MS. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe> Acesso em: 24 mar. 2021.

Teve um projeto<sup>177</sup> que o aluno eliminava as disciplinas, não existia mais as fases. Foi uma bagunça geral, porque o aluno estava acostumado a ir pra escola e assistir as aulas, isso ele fazia o ano inteiro. Depois vem a primeira mudança<sup>178</sup> para módulos, onde o aluno estava na escola pra cursar o ensino médio. A turma era dividida por disciplinas, por exemplo: uma turma cursava Química, Física, Biologia, Matemática e Inglês e a outra cursava outras disciplinas. Eles cursavam, na realidade, a disciplina de Matemática, por exemplo, e estudavam tudo que eles iriam ver nos três anos do ensino médio em um período. No outro semestre, ou no outro, que eu não me lembro mais, eles iriam ver outras disciplinas. Quando eu dava aula de Matemática, eu aplicava a Matemática pra essa turma, em seis meses ou um ano, a disciplina do período inteiro, do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, em um período. No outro ano, essa turma fazia outras disciplinas. Aí mudou tudo de novo. Agora esse projeto<sup>179</sup> está prevalecendo, mas não se sabe até quando, porque eles adoram mudar. Agora é por módulo. O aluno a cada seis meses faz um módulo. Ele faz o primeiro módulo, que é o inicial, depois ele se matrícula no meio do ano, faz a matrícula novamente pra ir até o final do ano em outro módulo. No ano seguinte ele se matricula novamente pra fazer o módulo final. Aquilo que era para ser feito em três anos, mais ou menos, está sendo feito em um ano e meio, no máximo dois anos, conforme o desempenho do aluno. Eu participei de todas as mudanças.

Se fosse pra eu escolher um projeto, eu continuaria com a EJA como era antigamente, por fases. Eu acho que o aluno aproveitava mais. Nós tivemos alunos que saíram da EJA e foram pra faculdade. Alunos que hoje se tornaram professores. Alunos bons que nós tínhamos, mas hoje em dia, eu percebo que a EJA se transformou em um ‘tapa buraco’. O ENCCEJA é um exemplo disso. Eu tinha alunos que não sabiam nada, absolutamente nada de Matemática, fizeram o ENCCEJA e passaram. “Qual foi o aprendizado deles?”. “Nenhum!”.

No ENCCEJA, os alunos passavam em quase tudo mas ficavam em uma disciplina e ele acabava desistindo. Por quê? Porque ele era obrigado a ir pra escola pra assistir essa disciplina. “Como é que eu vou pra escola para fazer uma disciplina?” A escola não pode fazer um horário para beneficiar um aluno. Se em uma sala tinha um aluno que passava em Biologia e em Matemática, e não passava em Português ou História, a escola não tinha como organizar um horário diferenciado, e muitos acabavam desistindo por conta disso. Alguns alunos falavam assim: “não vou nem apresentar o certificado se eu não passei em tudo. Não vou apresentar o certificado e vou continuar assistindo aula normalmente”. A EJA se transformou nessa questão,

---

<sup>177</sup> EJA III

<sup>178</sup> EJA IV

<sup>179</sup> Projeto Conectando Saberes.

tanto é que hoje nós temos uma única turma que foi aberta em uma única escola. O governo liberou uma única turma da EJA na escola estadual, referente ao ensino médio, em uma escola que há dez anos tinha doze salas da EJA. E hoje nós temos uma única sala da EJA. Onde é que foi parar essa clientela? A gente já não sabe.

A escola quase não conseguiu abrir turma da EJA em 2021. Só abriu porque nós corremos atrás para informar a matrícula, ligamos pro pessoal: “olha se você conhecer alguém, manda na escola, manda correr atrás”. Nós conseguimos abrir uma turma com trinta e dois alunos em 2021. A EJA teve uma decaída principalmente nesse último governo.

Não fazemos ideia de onde está esse aluno. Antigamente, não tinha o ENCCEJA. O aluno eliminava os componentes curriculares através do ENEM. O aluno prestava o ENEM e optava por eliminar as disciplinas, se ele conseguisse determinada pontuação em Matemática, eliminava aquela disciplina e ia na escola para cursar as demais. Ele podia ir normalmente na escola, mas na aula de Matemática ele era dispensado. O ENEM era uma maneira difícil de eliminar as disciplinas, porque o ENEM é difícil. O ENEM não é ‘água com açúcar’. Você tem que ter uma noção do conteúdo. Você tem que ter uma ideia do conteúdo pra você fazer o ENEM e conseguir eliminar as disciplinas, tanto que tínhamos pouquíssimos alunos que conseguiam. Com a história do ENCCEJA, eu particularmente nunca fui atrás pra ver uma prova do ENCCEJA, mas eu não gosto, e pelo que meus alunos comentam, a prova é muito fácil, é uma ‘coisinha’ simples. O ENCCEJA levou muitos alunos a concluírem esse ensino médio perdido.

A gente vai vendo os níveis de profissionais que estão tendo pela frente, porque esse aluno que passou no ENCCEJA, se ele realmente quer estudar, ele vai pra faculdade. Qual é o nível da faculdade que essa pessoa vai fazer se ele não tem o menor domínio do conteúdo? Eu tenho uma história de uma menina que resolveu fazer o tal do ENCCEJA e passou, ela fazia a quarta fase, referente ao oitavo e o nono ano do ensino fundamental. Ela entrou em desespero, porque ela foi fazer o ENCCEJA mas achou que não ia passar, e ela passou. E ela entrou em desespero. Depois ela foi fazer concurso e viu que ela não sabia nada. Ela falou: “professora, como eu passei? Como eu vou fazer uma faculdade? Como vou fazer um concurso? ”

Ela queria fazer o ENCCEJA porque queria fazer faculdade, só que ela falou: “professora, eu passei, e agora?” Ela entrou em desespero porque ela não sabia nada. Ela falou: “eu nunca vi Química, nunca estudei Física e nem Biologia”. Ela estava no nono ano do ensino fundamental: “eu nunca vi isso na minha vida! Como que eu vou prestar um vestibular, fazer uma faculdade, se eu não sei absolutamente nada?” Eu falei: “a vida é feita de escolhas”. A

gente conversava com os alunos a respeito disso: “cuidado com as suas escolhas! Às vezes, você quer fazer um ENCCEJA, mas se você está pensando em estudar, em fazer uma faculdade, não corra atrás do ENCCEJA. Continue assistindo as aulas presenciais, tirando dúvidas com os professores, porque é a melhor maneira de estudar. A partir do momento que você faz o ENCCEJA, você elimina as disciplinas e não poderá nem assistir as aulas dentro da escola”. Alguns alunos passavam no ENCCEJA e iam para a escola pra bagunçar, pra conversar, então a gente chegou a eliminar essa possibilidade. Era a ‘molecada’, a gente começou a ter regras para quem já tinha eliminado as disciplinas, eles não podiam mais frequentar as aulas. Os alunos se viram desesperados em relação a isso, porque a prova do ENCCEJA era muito fácil, alguns tinham um gabarito pra poder passar. Até os que não tinham nada, não sabiam nem como é que tinham passado, faziam. Aí você me pergunta: “onde é que estão esses alunos da EJA?” “No ENCCEJA!”. Esses alunos estão no ENCCEJA. Fizeram ENCCEJA do ensino fundamental, fizeram ENCCEJA do ensino médio, passaram, e estão por aí em alguma faculdade.

A primeira escola que eu comecei a dar aula na EJA foi a Escola Estadual Pedro Mendes Fontoura<sup>180</sup>. É uma escola bem centralizada em relação a cidade, tinha alunos de todos os bairros, porque ela é muito centralizada, localizada na avenida. Desde que eu comecei a dar aulas até o começo de 2019, a EJA era nessa escola. Nessa escola, a coordenação, a direção, os professores, eram sempre os mesmos e os alunos já estavam acostumados com aquela rotina. Os alunos que estavam ali entendiam como era a rotina. A gente tinha um porteiro que entendia que o aluno da EJA poderia chegar atrasado. A gente tinha a cozinheira que servia a merenda em tal horário e que sabia que tinha que fazer uma merenda melhor, mais gostosa pros alunos. A logística da escola era toda voltada pra essa clientela da EJA, à noite. O período da noite era frequentado por estudantes da EJA, não tinha outras etapas de ensino na escola, era mais fácil, eu acredito. A gente tinha uma convivência harmoniosa, focada na EJA. O professor entendia o aluno e o aluno também entendia o professor. O horário a ser cumprido tinha que ser cumprido, mas eles tinham a liberdade de entrar e sair da escola na hora que eles quisessem, porque alguns trabalhavam muito durante o dia. Às vezes, o aluno ia para a escola assistir duas, três aulas e depois ia embora, ou assistia duas aulas e depois ia embora, porque tinha essa flexibilidade. A gente tinha essa visão de acolhimento do aluno. A gente sempre teve um respeito pelo direito de ir e vir do aluno adulto, que podiam entrar e sair da escola na hora que

---

<sup>180</sup> Escola pública estadual localizada no município de Coxim, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: ensino fundamental I e II, ensino médio.

eles quisessem, na hora que eles achavam que estava bom. Ninguém forçava o aluno a ficar na escola, até pela questão que o aluno trabalha.

De dois anos pra cá a EJA foi para a Escola Estadual Padre Nunes. No primeiro ano que a EJA foi para essa escola eu desisti de dar aula na EJA, eu falei: “não quero mais, não vou”. Esse ano que passou, 2020, eu voltei a dar aula na EJA. Eu fiquei um ano afastada e voltei. Na Escola Padre Nunes, no ensino noturno, a escola oferta, além da EJA no noturno, outras etapas de ensino. Lá tem turmas do ensino médio e do AJA<sup>181</sup>, que são mais aquela ‘molecada’. É uma escola que adota medidas mais restritivas em relação a disciplina e aos horários de entrada e saída dos estudantes porque é uma escola que também tem alunos do ensino regular a noite.

Coxim é uma cidade extremamente quente e a gente tinha um aluno que era pedreiro, trabalhava no sol quente, das sete da manhã às cinco da tarde. Você vai pra sua casa, toma um banho e não tem ânimo pra ficar até dez e meia da noite na escola. Ele ia embora, e tudo bem, a gente entendia o lado dele. A gente sempre falava: “o importante é você não desistir”. Eu sempre falei: “não desista. Você está cansado? Assista duas aulas. Vai pra casa. Você está cansado? Toma um banho, relaxa, descansa e venha para a escola na segunda ou terceira aula” A gente sempre incentivava esse lado para o aluno não desistir.

Em 2020 veio a pandemia<sup>182</sup> e todo o ensino ficou remoto. No primeiro semestre de 2020, a gente teve quarenta e cinco dias de aulas presenciais e depois as aulas foram à distância. A turma da EJA era muito participativa. Eles terminaram o primeiro semestre de 2020, fizeram a matrícula novamente e a gente achou que não iriam se matricular, mas eles fizeram novamente a matrícula e continuaram à distância. Quando chegou no final do ano, nós tivemos quatro alunos para correr atrás, de trinta e poucos alunos. Tivemos que correr atrás porque a gente não tinha contato desses alunos. Conseguimos o contato pra eles fazerem as atividades e as avaliações, conseguimos resgatar todos eles. Esse ano de 2021 a gente não sabe se o ensino vai ser presencial, ou se o ensino será remoto novamente, mas eu percebi, no ano passado, naqueles

---

<sup>181</sup> O Projeto Avanço do Jovem na Aprendizagem é ofertado pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Este projeto tem como objetivo atender jovens e adolescentes que estão em distorção idade-ano. Dessa forma, tal projeto possui uma estrutura diferenciada contando com uma equipe multidisciplinar (coordenador de projeto, assessor de projeto e psicólogo educacional), que busca atender os estudantes em suas dificuldades. O projeto é ofertado tanto na etapa do ensino fundamental, atendendo estudantes de 13 a 17 anos que estão em distorção idade-ano, quanto na etapa do ensino médio, denominado Projeto AJA-MS Trajetórias, atendendo jovens de 17 a 21 anos que estão em distorção idade-ano. Cabe dizer que uma das Trajetórias ofertadas no ensino médio conta com 4 qualificações profissionais.

<sup>182</sup> Pandemia provocada por um vírus chamado SARS-CoV-2. Esse vírus é uma terceira modalidade de infecção por coronavírus da classe SARS (com capacidade de transmissão entre humanos) que desencadeia uma doença infecciosa respiratória (a exemplo do SARS-CoV-1 e do MERS) que pode causar no ser humano, - dependendo da carga viral contraída e da capacidade individual do sistema imunológico -, desde um simples resfriado até complicações extremamente graves, como pneumonia, insuficiência respiratória e um conjunto de complicações inflamatórias que, transcendendo aos pulmões, pode atingir todos os órgãos do corpo, levando ao óbito.

quarenta e cinco dias que eu estive na escola, uma diferença no acolhimento que tínhamos em relação a outra escola. Entendo que há, na escola Padre Nunes, outras etapas de ensino como ensino médio e AJA, a ‘meninadinha’, então eles têm que ser mais rigorosos em relação à entrada e saída dos alunos. Na escola Pedro Mendes tinha EJA à noite, não tinha outras etapas de ensino no noturno, por isso era diferente. Em 2017/2018 tinha um curso profissionalizante também, mas mantínhamos aquela flexibilidade toda com os alunos. Agora, no Padre Nunes, eles têm outras etapas de ensino.

Eu trabalho com a EJA na Padre Nunes e em outras quatro escolas: na escola Novo Mundo - ENOM<sup>183</sup>, uma escola particular, eu dou aula do sexto ao nono ano de Matemática no período da manhã. Me sobra um período da manhã que eu dou aula no nono ano na Escola Estadual Silvio Ferreira<sup>184</sup>. Na Escola Estadual Silvio Ferreira, eu dou aula de manhã, única turma, já faz quatro anos que eu faço isso. Eu tenho aulas à tarde na Escola Pedro Mendes Fontoura, onde eu trabalho com os alunos do sexto, sétimo, oitavo e nono ano, também Matemática, era nessa escola que no noturno era apenas o EJA antigamente. À noite, eu vou para o Padre Nunes dar aula na EJA de Matemática e Biologia. Eu tenho quatro aulas com eles semanalmente e sou contratada pela Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul (REE MS) desde 2004.

Onde eu comecei na EJA, a gente tinha a direção adjunta que era responsável pela EJA e uma coordenadora. A gente sempre buscava professores que tivessem perfil pra a EJA. A questão do professor ter o perfil pra EJA é importante. O professor pra dar aula na EJA, não só hoje, como antigamente, ele tem que ter um olhar diferenciado. Eu sou uma professora do sexto ao nono ano e eu sou uma outra professora na EJA.

Na EJA você tem que ser um professor ativo, que busca o aluno e que procura entender que a clientela é diferenciada. Os alunos são pessoas que estão há dezessete, vinte, quinze, dez anos sem entrar numa sala de aula. São pessoas que não tiveram a oportunidade de estar no período correto de estudo na escola. Você tem que ter esse olhar diferenciado pra esses alunos. Eu não exijo do sexto ao nono como eu exijo da EJA. Na EJA eu preciso ter flexibilidade.

Eu tive uma turma que tinha dificuldade, por exemplo, se eu estou dando uma equação de segundo grau, se o aluno souber a potenciação e a fórmula, pra mim já está ótimo, porque eu sei que ele não vai passar daquilo ali, infelizmente. Eu entro na sala da EJA e pergunto: “ergue a mão quem quer ir pra uma faculdade. Ergue a mão quem quer apenas terminar o seu

---

<sup>183</sup> Escola Novo Mundo é uma escola particular no município de Coxim, MS.

<sup>184</sup> Escola pública estadual localizada no município de Anastácio, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: ensino fundamental I e II.

ensino médio”. Você consegue ver a diferença. Eu tento fixar quem é o grupo do ensino médio e quem quer ir pra faculdade, porque você consegue ver essa diferença, pode exigir um pouquinho mais daquele que quer ir para a faculdade, você pode ser mais maleável quanto a aprendizagem dos demais. Não vou desmerecer quem não quer ir, não é isso, mas você pode ser mais flexível. Você vai fazer uma prova e pode ser mais exigente com aquele aluno que quer ir pra faculdade. Aquela senhorinha, que está voltando para a escola depois de vinte anos, como é que eu vou exigir dela tudo aquilo que eu quero? Não consigo, não posso, porque senão eu perco o meu aluno. A EJA tem muito disso. Eu não posso ter uma exigência como para os demais. Eu preciso ter essa flexibilidade, porque são pessoas que estão ali para um ensino regular e não para uma faculdade, que trabalham o dia inteiro, que tem suas famílias, que são donas de casa que tem os seus maridos e que têm seus filhos. Muitos falam: “eu não estou conseguindo fazer é porque eu preciso ajudar meu filho na tarefa. Meu filho estuda de tarde e de manhã eu ajudo meu filho na tarefa, faço o almoço e à tarde quando meu filho vai à escola, eu vou trabalhar ou eu vou ajudar meu marido, eu vou limpar uma casa ou eu vou lavar minha roupa”. Tem sempre aquela questão: o aluno da EJA é diferente.

O professor também tem que ser diferente, tem que ter essa visão, tem que estar buscando: “pessoal, não vamos desanimar. Vamos correr atrás”. Se o aluno falta um mês, você liga: “e aí? Vamos voltar?” “Ah, mas eu já faltei um mês”. “Volta, a gente recupera. A gente pega o conteúdo, vamos fazer a partir de agora”. Tem toda essa questão, você tem que ter flexibilidade, você tem que olhar pro aluno. A Matemática é pior ainda, porque você tem o ‘senhorinho’ que você faz uma pergunta e de cabeça ele sabe tudo, mas no papel, não vai. Como é que você explica pra esse aluno? É fórmula, se pra quem está no regular é difícil, imagina pra esses alunos da EJA que estavam há tanto tempo longe da escola? Vai da criatividade e da maleabilidade do professor, porque eu não posso exigir dele aquilo que eu sei que ele não vai conseguir. Eu sei que se eu for dar um sistema de equações e se ele souber o que é uma equação, como é que ele chega na resposta, se ele entendeu o processo, pra mim já está bom, mesmo não estando correta.

Eu tive turmas da EJA que eu chegava e falava: “meu Deus, como eu vou dar esse conteúdo todo para esses alunos?” Era uma turma que eu tinha cinco alunos com uma defasagem de aprendizagem grande, que a gente não entendia como é que eles chegaram até o ensino médio. Como é que aquele aluno tinha passado? Você tem que olhar e falar: “se ele passou até aqui, eu preciso mandar ele embora, porque senão ele vai ficar aqui dez anos na EJA”. A gente tem que ter todo esse olhar diferenciado. Eu me perguntava: “meu Deus, como

que eu vou explicar isso para esses alunos?” Você tinha que lembrar e voltar desde o mais com mais, passar pela potência, pela raiz quadrada, pra chegar no conteúdo atual. Eu tinha que fazer um roteiro desde lá de traz. Eu precisava de dois meses pra trabalhar um conteúdo, porque eu tinha que voltar desde o início: adição, potência, raiz. Para você falar: “ufa, agora eu cheguei no conteúdo que eu precisava chegar”. E ainda você tinha que ter aquela ideia: “bom, se ele entendeu a adição, a potência, se ele não conseguiu na fórmula, já tá bom. Já chegou na metade do processo.”

Quando a EJA era organizada por fases, era a mesma ementa curricular do ensino regular, mas depois que ela passou a ser organizada por módulos. Hoje, na EJA tem conteúdos desnecessários. Ano passado, por exemplo, eu tinha vinte conteúdos pra ser trabalhados no semestre e desses vinte conteúdos o que eu acabava fazendo? Em concordância com direção e a coordenação, eu escolhia aquilo que eu achava mais importante e acabava dando ênfase maior nesse conteúdo. O professor tem que ter esse olhar e perceber o conteúdo que vai ser mais importante para o aluno fazer uma faculdade, um concurso, um vestibular, pra alguma coisa nesse sentido. O professor não consegue trabalhar todo o conteúdo, ainda mais na Matemática. Na Biologia é mais fácil, porque é uma questão de leitura, de pesquisa, o conteúdo é mais visual, porque eu também dou aula de Biologia. A Matemática que é cálculo e devido a defasagem de estudos dos alunos você não consegue, de maneira alguma, aplicar todo a emenda curricular durante o ano, durante o semestre, no caso da EJA. Para cada semestre você tem uma ementa curricular a ser cumprida. Dá-se tudo? Não, não se consegue.

Dependendo da turma, se for igual a minha turma em 2020, eu só conseguiria dar a metade do conteúdo. O que eu fazia? Eu já conhecia a turma, sabia mais ou menos o que eles conseguiriam ou não, porque eu já tinha dado aula para eles nos anos anteriores. Eu me aprofundava naquilo que a gente acabava escolhendo, aquilo que era mais importante para eles assimilarem, ou escolhia um conteúdo mais fácil para eles assimilarem. A EJA é diferente do ensino regular. Eles não conseguem ver tudo, por mais que a gente tentasse, ainda mais à distância. A gente tem sempre esse olhar, pega-se aquilo que você acha que é importante e trabalha. É lógico que eu não vou passar seis meses trabalhando uma única coisa. Mas se eu tenho oito conteúdos a serem dados, pego cinco no máximo, os mais importantes.

Não existe formação para o professor dar aula na EJA. Eu aprendi muito com a EJA, mas você tem que aprender sozinho. Você tem as formações que o Estado oferece, as formações continuadas que eles falam, mas na minha humilde e sincera opinião, isso não prevalece, não serve pra absolutamente nada. As formações da REE MS não valem pra nada, é muita teoria e

pouca prática. Eu acho que se eles viessem aqui praticar, eles entenderiam melhor as coisas. Não existe uma formação para o professor da EJA. Não. Nós estamos na EJA, nós temos algumas formações durante o ano, mas pra mim são irrelevantes, não me acrescentam nada, deixam a desejar, faço por obrigação.

A gente aprende a ser o professor na convivência. No primeiro ano eu tive muita dificuldade, eu entrei como professora de Ciências. Eles eram apaixonados pela professora, mas ela foi pra coordenação e largou as aulas, e eu peguei essas aulas. Tinha uma senhorinha que falava assim: “cadê a professora?” Você engole, toma uma água e vai conquistando esses alunos. Você vai abrindo um sorriso, porque professor da EJA precisa entrar na sala de aula sorrindo. Quando ele entra na sala de aula da EJA, ele tem que ser acolhedor, conversar e buscar o aluno, porque o aluno tem muita dificuldade. Eu normalmente sento do lado dos meus alunos: “e aí pessoal, terminaram?” Eu deixo eles trabalharem em grupo, porque um ajuda o outro naquilo que um não entende, eles buscam se ajudar. Eles têm perfil de união. Os alunos da EJA são unidos. Você vê essa união quando um tenta ajudar e às vezes os dois erram, mas os dois se ajudam do mesmo jeito. O professor senta do lado, explica pra um e aquele já explica pro outro, essa visão que eu falo de ter olhar diferenciado. Eu jamais entro na sala de aula do sexto ao nono ano como eu entro na EJA. Eu tinha uma aluna que a filha dela era minha aluna do sexto ao nono. Ela falava: “a professora, aquela chata”. A mãe dela falava: “mas eu amo aquela professora, como assim? Ela só chega dando risada, ela é amiga, ela explica”. “Aquele chata, que não dá risada, é brava e não dá um sorriso na fala”. Em sala do sexto ano se você chegar rindo, acabou a turma, e na EJA não. Eu achava engraçado, porque nas minhas turmas da tarde, do sexto ao nono ano, eram turmas agitadas, ‘molecadinha’ do sexto ano é difícil. Não é qualquer professor que vai pro sexto ano não. Eu saía da sala e chegava na minha casa surda.

Eu chegava na EJA e começava a passar no quadro, olhava para ter certeza que tinha aluno na sala de tanto silêncio. Eu falava: “gente, conversa e respira pelo amor de Deus”. Eles olhavam assustados para mim e eu falava: “eu ouço tanto barulho à tarde, que chega à noite, esse silêncio”. Eu passava no quadro, olhava pra atrás pra ver se tinha aluno na sala e a sala estava cheia. “É pra saber se pelo menos vocês estão vivos”. É esse olhar diferenciado que o próprio professor tem que compor, ele tem que ser amigo.

No final do ano eu recebi de um presente de um senhor que era pedreiro, ele fez questão de vir na minha casa trazer uma xícara em agradecimento, porque ele ia desistir de estudar e eu pedi que ele não desistisse. A gente correu atrás dele e você vê essa gratidão. O professor tem que construir isso. O professor tem que ver que clientela da EJA é diferente, é uma clientela

muitas vezes sofrida. Eles não tiveram oportunidades: “professora eu parei de estudar porque eu tinha que trabalhar com meu pai com nove, dez anos de idade. Eu tinha que ir pra roça, ou ser servente de pedreiro com meus pais”, ou a menina tinha que fazer faxina com a mãe. O professor tem que construir esse olhar diferente. A própria equipe da escola tem que ter esse olhar diferenciado. Na escola que eu trabalhava, na Pedro Mendes, a gente fazia reunião em época de lotação, a direção já conhecia os professores, sabia que tinha aquele professor que tinha o perfil. Qual perfil? Professor mais calmo, mais amigo. Professor que conversa e que tem o domínio, não era aquele professor ‘carrancudo’, que chegava e que exigia. Os alunos até falavam que o professor de Física, Química e Matemática era exigente e tal. O professor tem que ter ‘jogo de cintura’ e a direção e coordenação deve chamar o professor e falar: “olha, vamos um pouquinho mais devagar. Vamos tentar uma outra metodologia, não precisa ser tão exigente. Se o aluno entender o princípio da fórmula, está bom. Não adianta você querer enfeitar a fórmula em outro contexto, porque não vai dar certo”. O professor tem que construir esse olhar do aluno.

Eu acho que o ponto principal pra quem vai lidar com EJA é o perfil. É realmente ter esse olhar diferenciado para a EJA, entender que ela é diferente. A EJA tem uma clientela diferente. Se você comparar a EJA com o ensino médio noturno, por exemplo, você vê uma diferença gritante. Quem vai pra uma EJA, o professor da EJA tem que ir com esse olhar diferenciado, ter uma visão de que ele é mais do que um professor, ele tem que ser um amigo do aluno. Ele tem que ter um acolhimento com o aluno, um respeito, porque são pessoas com uma defasagem grande. Têm alunos com defasagens intelectuais dentro da EJA e que não têm apoio como o aluno regular tem. Temos alunos da EJA, alunos cadeirantes que tinham professores de apoio, mas alguns alunos, como essa turma que terminou, que precisavam de professores acompanhantes e que não tinham laudo por causa da idade. Você só pode ter professor acompanhante através do laudo e esses alunos não tinham laudos, e jamais iriam fazer pela idade.

A gente tem que ter esse olhar diferente, de que o aluno está na escola não pela faculdade, mas pra ter o diploma do ensino médio, pra dizer: “eu estudei! Eu consegui! Eu quero arrumar um emprego melhor!” No ensino médio nem todos os alunos querem ingressar em uma faculdade, então o professor tem que ter esse olhar diferenciado. O professor da EJA precisa ter essa visão. O professor de Matemática, de Química, de Biologia, de Física mais ainda. Imagina você falar pra uma pessoa que está há vinte anos fora da aula sobre uma cepa do Corona vírus. Eles não sabem o que é cepa, nem o que é uma mutação, nada disso. Você

tem que ter esse olhar diferenciado, não adianta você almejar ir lá em cima se você não consegue ir de escada. O elevador é fácil, mas subir a escada é de passinhos e você vai dando passos todos os dias, volta, sobe de novo, volta, você vai outra vez, e assim é o professor da EJA. O professor tem que lidar com o aluno, mas eles têm muitas dificuldades, pelo menos nas turmas que eu trabalhei. A gente tem exceções dentro das turmas e você consegue exigir mais desse aluno. Na EJA o professor tem que ter um olhar diferenciado, ele tem que deixar de ser professor, ele tem que primeiro ser amigo e conquistar o aluno. Você tem 90% da turma que trabalha o dia inteiro, ou que são mães de família que estão dentro de casa limpando, cozinhando, fazendo faxinas, eles estão em uma batalha diária. Você tem que ser o amigo do aluno para que ele não desista, para que ele não tenha uma evasão escolar, depois você se coloca no papel de professor. O professor da EJA é diferente do professor do sexto ao nono, é diferente do professor do Ensino Médio, tem que ter esse olhar diferenciado. Pode colocar na minha biografia, apaixonada por Matemática e pela EJA.

### 3.10 Professora Patrícia Roberta Martins Ferreira

*“A nossa escola sempre foi uma escola acolhedora e sempre teve olhos para a EJA. Professores que não têm perfil não conseguem continuar, porque a EJA é diferente. A EJA é diferente”.*

A entrevista com a professora Patrícia foi realizada no dia 22 de fevereiro de 2021, via Google Meet com duração de 46 minutos. Ela é nascida em 29 de dezembro de 1971, professora licenciada em Matemática na Faculdade Auxilium de Lins, SP. Se formou em 2002 e se mudou para a cidade de Bonito, MS no ano de 2005. O motivo da mudança de sua cidade natal para Bonito, MS foi pela profissão professora e desde o ano de 2005 leciona como professora contratada na Escola Estadual Luiz da Costa Falcão<sup>185</sup>. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE-7 Jardim. O município de Bonito, MS dista 265 km da capital do estado, tem uma população de aproximadamente 22.190 pessoas (IBGE,2020) está na Mesorregião Sudoeste de Mato Grosso do Sul e na Microrregião Bodoquena.

Figura 12 – Bonito MS



Fonte: SED/MS (adaptado).

<sup>185</sup> Escola pública estadual localizada no município de Bonito, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: ensino fundamental I e II, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

## ***NARRATIVA DE PATRÍCIA ROBERTA MARTINS FERREIRA***

Meu nome é Patrícia Roberta Bertocco Arruda Martins Ferreira. Eu sou do interior de São Paulo. Eu estou um pouco emocionada. Eu me criei na cidade de Avanhandava<sup>186</sup>, no interior de São Paulo e fiz o curso de licenciatura plena em Matemática, no Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora de Lins, faculdade das irmãs.

Desde pequena, brincava no fundo da casa da minha avó, onde havia um galinheiro com uma parede de zinco que me servi de lousa. Ali eu conversava com as plantas, dava aula, falava como minha professora. Eu sonhava em ser professora. Eu era a professora e as plantinhas da minha avó eram minhas alunas. Eu sentia naquele momento que o meu sonho era ser professora. Para seguir a docência, eu me espelhei em uma professora do quarto ano<sup>187</sup>, e também na minha professora da pré-escola. Tenho contato com essa professora até hoje e quando a vejo, me emociono.

Me casei e tive um filho com dezessete anos. Depois que terminei o ensino médio, esperei por um tempo e comecei a fazer a faculdade de Matemática em Penápolis, mas por circunstâncias pessoais parei de estudar. Depois de algum tempo, fiz vestibular para Serviço Social, um curso que pretendo concluir no futuro. No dia que fui fazer a minha matrícula para Serviço Social, meu tio falou: “você já tem um tempo de Matemática, vai mudar de linha? Seu esposo sempre pensa em ir embora e em todos os lugares precisam de professores. Precisam de professores no mundo inteiro”. Reavaliei: “realmente, eu vou pegar minha grade, vou levar nas irmãs, e vou ver o que deve ser feito. Vou terminar a Matemática”. Terminei o curso em Lins, SP, em uma escola das irmãs, com poucos alunos porque ninguém queria fazer Matemática. Nós éramos sete alunos no curso, e foi assim que terminei minha graduação em 2002.

Vim pra Bonito inicialmente com os meus filhos a passeio, e meu marido veio para trabalhar. Na época havia uma mudança na lotação dos professores convocados da Rede Estadual de Ensino (REE), e meu tio que estava em Bonito fez a inscrição do processo seletivo para mim. Eu passei em segundo lugar, me chamaram: “professora, você tem quarenta horas/aula e você tem até amanhã para decidir”. Na época, eu era diretora de creche na Prefeitura de Avanhandava, SP e meu marido me disse: “olha, você que tem que escolher. Você disse que se conseguisse um trabalho para lecionar iria. Agora é sua hora”. Eu falei para a

---

<sup>186</sup> Município do interior do estado de São Paulo. Dista do município de Bonito, MS 825 km.

<sup>187</sup> Em fevereiro de 2006 o Presidente da República sancionou a lei nº 11.274 que regulamenta o Ensino Fundamental de 9 anos. A legislação previa que a medida deveria ser implantada até 2010 pelos Municípios, Estados e Distrito Federal.

direção da escola: “eu gostaria de saber como que funciona, porque eu não nunca dei aula, é a primeira vez, eu não conheço como funciona”. A diretora me falou que eu teria aulas de Física, Matemática e aulas na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Eu aceitei e foi um desafio.

Vim para Bonito, me senti feliz e preocupada, porque a cultura da região é diferente e como eu sou de outro estado, a gente não é bem recebida aqui. Eu não preciso esconder isso de ninguém, eu não fui bem recebida. Mas eu tive a honra de encontrar a turma que eu menos esperava, a turma que mais me fez feliz, a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Eu me sentia orgulhosa, estava executando aquilo que eu sonhei: ser professora. Era uma satisfação grande, porque os alunos vinham falar pra mim: “professora, eu gosto tanto da aula da senhora!”. Isso me segurou no estado de Mato Grosso do Sul, porque minha família toda é do interior de São Paulo e eu estou aqui sozinha. Hoje, os meus filhos moram longe e esse laço do início prevaleceu, me fez permanecer em Bonito.

O que mais me marcou na educação foi a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Eu trabalhei no ensino médio com Física, e com Matemática no ensino fundamental e nos anos finais na EJA. A EJA marcou a minha vida, porque eu tinha prazer em dar aula nessa modalidade há dezesseis anos. Os alunos eram interessados, eles sabiam que tinham perdido um tempo no ensino e precisavam voltar para a escola. Um dia eu encontrei um aluno que dei aula há dezesseis anos, ele veio trazer uma encomenda do correio para mim e disse: “professora, a senhora não me conhece? A senhora foi minha professora na EJA”. Eu falei: “sim, só que você mudou muito”. Os alunos da EJA têm esse amor pela gente e isso faz a gente continuar na educação. Nas outras etapas é diferente, os alunos de hoje são diferentes, mas na EJA não. Se eu pudesse, eu só trabalhava na EJA. Os alunos da EJA são aqueles que vão para a escola para estudar e querem aprender. Eles ficam com medo da disciplina de Matemática, mas depois eles vão se acalmando. Eu faço com que isso aconteça.

Nós fizemos a primeira formatura dos alunos da EJA em Bonito e foi a coisa mais linda do mundo, gratificante. Eu fiquei um tempo sem trabalhar na EJA, porque o estado parou de ofertar essa modalidade em Bonito. Voltei a dar aula somente quando mudou<sup>188</sup> o formato do

---

<sup>188</sup> Na Rede Estadual de Ensino (REE) do Mato Grosso do Sul, a partir do ano de 2010 foram operacionalizados diversos projetos pedagógicos de curso na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA. São eles: EJA I - Operacionalizado a partir de 04 de janeiro de 2010. Resolução/SED nº 2.317 de 29 de dezembro de 2009. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 7.614 de 04 de janeiro de 2010. EJA II - Operacionalizado a partir de primeiro de janeiro de 2012. Resolução/SED nº 2.498 de 13 de dezembro de 2011. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8.089 de 15 de dezembro de 2011. EJA III - Operacionalizado a partir de primeiro de janeiro de 2013. Resolução/SED nº 2604 de 20 de dezembro de 2012. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8339 de 21 de dezembro de 2012. EJA II Renovado - Operacionalizado a partir 13 de março de 2015. Resolução/SED nº 2943 de 11 de março de 2015. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 8880 de 13 de março de 2015. EJA IV - Operacionalizado a partir 01 de fevereiro de 2016. Resolução/SED nº 3.018 de 05 de fevereiro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.101 de 10 de

projeto. Éramos três professores na sala de aula com a turma toda dando as disciplinas, era um projeto em formato diferente, não me lembro o nome. A gente passava o conteúdo e os alunos tiravam as dúvidas.

Comecei a trabalhar com a EJA na Escola Estadual Luiz da Costa Falcão, mas como a escola ficou em reforma e não tinha salas suficientes, a modalidade passou a funcionar por um tempo na Escola Estadual Durvalina Dorneles Teixeira. O que eu posso falar para você sobre os alunos da EJA? Os alunos de hoje não são alunos de meia idade como os meus primeiros alunos, há dezesseis anos. Hoje, esses alunos são aqueles que evadiram, que sumiram da escola e estão retornando, mas ainda são jovens. Temos os jovens que saem do projeto AJA<sup>189</sup>, outros que pararam e depois voltaram para o AJA e outros que continuaram na EJA. Também temos alunos que pararam por um tempo e agora viram a necessidade de estudar, porque arrumaram um emprego e precisam concluir o ensino médio.

Por que eu retornei a dar aula na EJA? Porque eu gosto e se pudesse eu trabalhava só na Educação de Jovens e Adultos. Amo de paixão e tenho prazer. Eu me sinto realizada dando aulas para a EJA. Eu me emociono, sei que eu saio de lá com os alunos entendendo a minha língua, porque eu falo para eles. O que eles não entendem, eles me perguntam. Eu explico cinco, dez, quinze e quantas vezes for possível. No dia seguinte, se alguns alunos esqueceram a matéria, eu volto a explicar novamente, porque faz parte. Faço isso até eles começarem a treinar a mentalidade, os sentimentos e as emoções, porque depois eles começam a deslanchar e não precisam mais disso. No início, tenho que estar retomando, explicando hoje e retomando amanhã.

Eu percebi, no tempo que eu trabalhei na EJA, que tem conteúdo de Matemática que os alunos não conseguem desenvolver. A gente sabe que temos que contemplar o currículo e mesmo sendo a EJA uma modalidade diferenciada, nós temos que ter o nosso planejamento em cima das atribuições, das competências e das habilidades previstas. Eu vejo que tenho que

---

fevereiro de 2016. Conectando Saberes - Operacionalizado a partir de 02 de março de 2016. Resolução/SED nº 3.029 de 01 de março de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9116 de 02 de março de 2016. Conectando Saberes Operacionalizado a partir de 01 de janeiro de 2017. Resolução/SED nº 3.122 de 07 de novembro de 2016. Diário Oficial Eletrônico do MS nº 9.282 de 08 de novembro 2016. Fonte: Diário Oficial Eletrônico do MS. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe> Acesso em: 24 de mar. de 2021.

<sup>189</sup> AJA O Projeto Avanço do Jovem na Aprendizagem é ofertado pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Este projeto tem como objetivo atender jovens e adolescentes que estão em distorção idade-ano. Dessa forma, tal projeto possui uma estrutura diferenciada contando com uma equipe multidisciplinar (coordenador de projeto, assessor de projeto e psicólogo educacional), que busca atender os estudantes em suas dificuldades. O projeto é ofertado tanto na etapa do ensino fundamental, atendendo estudantes de 13 a 17 anos que estão em distorção idade-ano, quanto na etapa do ensino médio, denominado Projeto AJA-MS Trajetórias, atendendo jovens de 17 a 21 anos que estão em distorção idade-ano. Cabe dizer que uma das Trajetórias ofertadas no ensino médio conta com 4 qualificações profissionais.

facilitar ao máximo e fazer explicações claras que não aprofundam, porque os alunos sentem muitas dificuldades.

Percebi que na pandemia os alunos com mais idade tiveram mais interesse. Os alunos com menos idade tiveram muitas dificuldades para estudar. Eu posso falar que os alunos da EJA tiveram muito mais sucesso do que os alunos do ensino fundamental e mesmo com todas as limitações, eles tiveram maior sucesso. Cerca de 77% dos meus alunos da EJA fizeram as atividades<sup>190</sup> na pandemia. Mesmo com todas as dúvidas, eles perguntavam. Eles não têm horário durante o dia porque trabalham, mas chegam à noite e mandam as atividades, mesmo fora de hora. Eu os atendo separadamente, com olhar diferente, não pelo fato que há uma diferença, mas porque sei que eles trabalham e que eles têm uma vida diferenciada. É diferente dos alunos que saem do AJA e que vem para a EJA, muitos destes alunos que vieram do AJA têm tempo e não trabalham.

É gratificante trabalhar com a EJA. Você vê as dificuldades encontradas nos alunos, mas eles se esforçam para tentar fazer 100% dos exercícios. Eles se esforçam para tentar fazer correto. Uns enxergam de uma maneira, outros de outra. No ensino regular, os alunos não se esforçam como os alunos da EJA. Eu faço esse comparativo porque trabalho na EJA e no ensino regular na rede pública<sup>191</sup> e na rede privada<sup>192</sup>. Eu tive o prazer de dar as minhas APCs porque eu sabia que os alunos da EJA iriam estudar. Foram poucos os casos de alunos que não tiveram interesse, que iam só para concluir. Foram poucos casos que tivemos que fazer a busca ativa no período de recuperação. Os demais alunos foram firmes, bem firmes mesmo e atingiram toda a minha expectativa. Foi a turma da EJA que me motivou no ano de 2020.

Temos alguns perfis de professores da EJA. A primeira situação é aquele professor que precisou completar a carga horária com a EJA. Quando eu fui fazer a minha lotação, eu escolhi a EJA porque na EJA a gente se realiza profissionalmente. Quando eu vou assumir minha carga horária, eu escolho as aulas da EJA. Esse professor que trabalha na EJA é um professor que se apaixonou pela profissão e se realiza. Eu, professora Patrícia Roberta, acredito que o que mais

---

<sup>190</sup>APC – Atividade Pedagógica de Curso. Foi ofertado ao estudante, durante o período de pandemia e atividades escolares presenciais suspensas, a Atividade Pedagógica Complementar – APC, que são atividades escolares, vinculadas às habilidades/conteúdos previstos nos documentos curriculares, visando o cumprimento da carga horária anual e dias letivos aos quais ele tem direito. A suspensão das aulas presenciais foi prevista pelo Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020. A Resolução/SED n. 3.745, de 19 de março de 2020, regulamenta o decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020, e a oferta de atividades pedagógicas complementares nas unidades escolares e centros. Fonte: Diário Oficial Eletrônico nº 10.120. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/PaginaDocumento/45996/?Pagina=2> Acesso em: 01 mar. 2021.

<sup>191</sup> Escola Estadual Luiz da Costa Falcão - EJA e Escola Estadual Bonifácio Camargo Gomes - Ensino Fundamental II.

<sup>192</sup> Colégio Honorato Jacques.

me sustentou na minha carreira profissional como professora, no ano de 2020, foi a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Por quê? Porque eu tinha o prazer de receber os alunos para explicar, para ensinar. A gente tem que ter um olhar diferenciado. Eu sofro muito com os meus alunos porque a gente tem que ter um olhar diferenciado, ser diferente, ter o olhar para o aluno. Até me chamam: “a professora é muito mãezona”. Não é ‘mãezona’. É que dou uma disciplina de nível intelectual difícil, que é a Matemática, e se eles não tiverem confiança em mim, uma aproximação, fica mais difícil. Eles precisam ter a segurança de perguntar, senão fica difícil. Ser professora na EJA é meu maior prazer. Na hora que eu vou dar as minhas aulas à noite, eu posso estar muito cansada, mas eu me renovo.

Nossa escola é ótima. A escola sempre atendeu todas as minhas expectativas. Eu não tenho o que dizer, é uma escola fantástica. Nós temos a EJA e o AJA. A nossa escola sempre foi uma escola acolhedora e sempre teve olhos para a EJA. Professores que não têm perfil não conseguem continuar, porque a EJA é diferente. A EJA é diferente. A gente tem que avaliar o aluno de forma diferente. As avaliações e a explicação têm que ser diferenciadas, é outro nível. Agora é uma pena que não são todos os colegas que têm esse olhar, eu entendo profissionalmente, mas a EJA tem que ser diferente. Se a gente não for diferente, os alunos não continuam. Eles não querem ir para escola. Por isso que eu falo: “não coloquem as minhas aulas em dia de sexta-feira, porque eu quero dar as minhas aulas”. A escola me atende porque eles sabem que no final de semana o estudante está cansado, com uma carga horária puxada, então eles não vão aprender.

A coordenadora é exigente, metódica. Ela é coordenadora do ensino médio e da EJA. Ela sempre fala para a gente que precisamos ter um olhar diferenciado para a EJA e está sempre correndo atrás desses alunos evadidos, porque entraram muitos alunos. A Escola Falcão é uma escola do meu coração, e estou lá há dezesseis anos. Eu trabalho em outra escola também, mas é lá que eu me sinto em casa. Foi lá a primeira escola que trabalhei e a minha primeira experiência com EJA, ensino médio e ensino fundamental. Como a escola é uma escola polo, os projetos vêm todos para essa escola.

Há 16 anos, desde quando eu iniciei, a EJA era uma outra realidade, uma clientela diferente, alunos que tinham mais idade e que perderam o período de estudo. Uma realidade completamente diferente da atual. Hoje temos informações, mídias, computadores, internet e num ‘pisar de olhos’ os alunos conseguem fazer as atividades pelo celular. O que eu vi de diferente? Eu vi, com o passar do tempo, que os alunos que têm mais interesse nessa modalidade da EJA são os alunos mais velhos. Atualmente, nós temos menos alunos que têm mais idade e

temos mais alunos que faziam parte do projeto AJA, que são jovens. Os alunos da EJA que têm mais idade são mais interessados. Eles não faltam, são responsáveis nos horários e até para fazer as atividades são mais responsáveis, e os alunos jovens não. É uma diferença brusca, que eu percebi no ano passado, em relação à EJA. Eu não sei se os alunos jovens estão preparados para esse tipo de projeto.

Eu não sou satisfeita com os alunos que a gente recebe do AJA. Não sendo contra, nem falando de um outro colega profissional, mas em relação aos alunos. Eles vêm de outro projeto diferente, e eles vem estudar na EJA, e mesmo tendo as mesmas disciplinas, tem abordagem metodológica diferente, atribuições diferenciadas para os professores. Os alunos não querem estudar. E foram esses alunos, vindos do projeto AJA, que compõem o maior índice de alunos que não participava das aulas no ano de 2020. Eu vejo essa diferença.

Nós professores não temos uma formação para dar aula na EJA, não temos. Não temos uma disciplina didática direcionada para trabalhar com nada sobre a EJA e quando a gente sai da faculdade a gente não sai com nada, a gente não aprende nada. A gente não aprende nada do que estamos trabalhando. Seria tão mais interessante se as universidades colocassem um estágio de ensino da EJA. Um estágio para conhecer como é a realidade da EJA, porque geralmente os estagiários saem procurando os professores do ensino médio para fazerem seus estágios. Eu acho que estão errados, porque a universidade tem que pautar no ensino fundamental, no ensino médio e nos projetos que têm na escola, porque esse aluno, esse futuro professor, não são todos que se identificam com a EJA. Esses professores, muitas vezes, completam a carga horária na EJA. No meu caso é diferente, eu primeiro escolhi a EJA para depois escolher a minha carga horária, eu primeiro escolho a EJA para depois escolher os outros.

A EJA é um ensino para os alunos concluírem os estudos, ter um índice baixo de distorção em relação a idade escolar no ensino médio. Eles colocam alguns projetos pra conseguirem atingir essa média em relação à estatística. O que eu acho? Eu sinto que poderia ser diferente. Eu acho que a seleção de professores pra trabalhar nos projetos tem que ser diferente. Por exemplo, eu sei que eu não consigo trabalhar no AJA, eu já estudei sobre ele, mas sei que eu não tenho perfil pra trabalhar esse projeto. Eu tenho orgulho e me emociono pra dizer que eu tenho todas as características pra trabalhar na EJA. Não são todos os professores, não são todos que têm perfil pra trabalhar nessa modalidade. Eu acho que o processo seletivo da EJA tem que ser diferenciado. Os professores têm que escolher trabalhar na EJA e não escolher porque é só outra opção. Todo mundo quer trabalhar no ensino médio, professores

brigam para trabalhar no ensino médio e eu não, eu quero trabalhar no sexto ano do ensino fundamental e trabalhar na EJA.

Eu acredito que o processo seletivo para professor da EJA tem que ser diferente, porque tem professor que dá a mesma aula no ensino médio e na EJA, e a gente não pode dar a mesma aula para alunos adolescentes que tem a memória diferente em relação aos alunos dessa modalidade. As aulas têm que ser diferenciadas, as figuras têm que ser diferentes, as cores diferentes, a fala diferente, a linguagem diferente.

A formação pedagógica, pelo que nós fizemos o ano passado, é uma formação pedagógica que também é feita para outros ensinos, só com algumas competências da BNCC focada na EJA. Na realidade, precisamos ter empatia e ser criativos. Antes de sair as normas e as competências da BNCC, quem trabalhava no ensino regular já participou dessa formação, vivenciou tudo isso. Eles mandam uma formação que a gente já vivenciou, porque se você não vivenciar, não consegue seguir como professora da EJA.

O currículo da EJA é muito grande, muito extenso, muito, muito, muito. Os alunos não têm condições de ver isso nessa correria que eles colocam. Eles falam que é uma proposta e que você pode direcionar, mas você tem que seguir esse planejamento. Você tem que seguir, porque se não seguir, o coordenador vai te chamar atenção. Então, você tem que seguir a proposta, não tem como sair. E o currículo de Matemática? Meu Deus do céu, é um currículo enorme! E que poderia ser mudado! A técnica, não vou criticar a técnica, só que esse professor que está na frente de um projeto, ele tem que vivenciar esse projeto. E os projetos vêm dentro das normas e a gente tem que seguir aquilo. Massacrar o aluno. Massacrar o aluno do projeto.

No projeto Conectando Saberes tem a estrutura, as competências, as habilidades da EJA. Nele vem os conteúdos e as disciplinas. Eles reformularam todo projeto, os conteúdos antes eram diferentes. Antes vinha um caderninho e agora não. A gente tem que trabalhar as competências de cada disciplina e atingir aquela competência.

No início da nossa conversa, eu me emocionei porque, falar da vida da gente, eu me senti honrada quando eu fui convidada para fazer parte dessa videochamada, porque às vezes a gente é tão esquecida. Eu falei para minha diretora assim: “olha, eu não conhecia a Lilian, mas eu me agraciei muito por ela e vai ser um prazer eu tentar atingir os objetivos dela do mestrado”. Então, foi uma emoção muito grande que eu senti, que eu não consegui me conter, para falar da minha vida, do início que nunca ninguém tinha ouvido. A gente vive nesse mundo que não dá nem para a gente falar o que a gente passou, o que a gente vivenciou, e eu encontro uma pessoa que me pergunta desde o início da minha vida, foi uma emoção que eu não contive, o prazer de

poder participar e tentar ajudar. Eu tenho um filho pós doutor. Ele fez Agronomia e ele conta a história da vida dele. Ele conta que foi a mãe dele que fez a inscrição do vestibular dele. Ele conta para os alunos dele que a mãe dele é professora. Ele sente o maior orgulho porque ela fez o pagamento do processo seletivo dele, do vestibular da UEMS. E ele não queria passar porque ele queria outro curso, ele não queria Agronomia. Hoje ele é um amante do que faz, um professor excelente. E foi uma mistura de emoção. Você, eu, meu filho, ser professora e ficar feliz, assim, no momento tão difícil, e saber que tem alguém que possa ouvir a gente falar, falar sobre a vivência que a gente tem. É tudo tão real que parece que estou me vendo eu dando aula pequeninha lá atrás no galinheiro da minha avó. É muito bom a gente parar um pouquinho para acontecer o que está acontecendo agora.

### 3.11 Professora Camila Cristina Mendes da Silva

*“Temos que ter esse olhar mais humano para eles e não podemos pensar só em “jogar” o conteúdo, temos que ter um momento de troca, porque eles também querem falar, querem se expressar”.*

A entrevista com a professora Camila foi realizada no dia de 23 de fevereiro de 2021, via Google Meet, com duração de 38 minutos. Ela é nascida em 30 de agosto de 1995, professora licenciada em Matemática pela UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul<sup>193</sup>, campus Paranaíba, MS. Se formou em 2017 e, em 2018, conseguiu uma vaga como professora na Escola Estadual Arcilda Cícero Correa da Costa<sup>194</sup>. No ano de 2019, passou no processo seletivo da Rede Estadual de Ensino (REE), onde segue carreira docente como professora contratada pela Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul. Está lotada como professora de Matemática na EJA em 2020, na E.E. José Garcia Leal<sup>195</sup>. A escola está vinculada à Coordenadoria Regional de Educação CRE10 Paranaíba, MS, que engloba a região leste do Mato Grosso do Sul. Paranaíba está localizado na região bolsão do Mato Grosso do Sul, dista 414 Km da capital e faz limite com os estados de Goiás e Minas Gerais.

Figura 13 – Paranaíba MS



Fonte: SED/MS (adaptado)

<sup>193</sup> UFMS – Campus de Paranaíba CPAR. Em 24 de maio de 2000, o Conselho Universitário da UFMS aprovou o Campus de Paranaíba., por intermédio da Resolução COUN nº 18, o Regimento Geral da UFMS, em vigor na época, em cujo inciso VIII, art. 17, Capítulo II.

<sup>194</sup> Escola pública estadual em Paranaíba-MS. Oferta as seguintes etapas/modalidades: Fundamental I e II – Ensino Médio - Téc. Informática Integrado ao Ensino Médio - Informática para Internet – Enfermagem.

<sup>195</sup> Escola pública estadual em Paranaíba-MS. Oferta as seguintes etapas/modalidades: Fundamental I e II – Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos- EJA.

### ***NARRATIVA DE CAMILA CRISTINA MENDES DA SILVA.***

Eu sou natural de Paranaíba, MS. Nasci no dia 30 de agosto de 1995. Fui criada pela minha avó e meu pai em Paranaíba, e morei com minha mãe na região de Inocência, MS, dos meus onze anos aos treze. Nesse período, estudei na cidade de Inocência, mas voltei para Paranaíba e estou aqui até hoje. Meu nome completo é Camila Cristina Mendes da Silva e meus pais são daqui também.

Fui para a escola aos cinco anos quando minha avó falou assim: “chegou a hora de ir para a escola” e eu já sabia escrever meu nome e tudo. A primeira série eu estudei na Escola Estadual Arcilda Cícero Correa da Costa, aqui em Paranaíba e no tempo que eu estive em Inocência, estudei na Escola Estadual João Pereira Valin<sup>196</sup>. Eu terminei as séries escolares no tempo normal, nunca reprovei e sempre fui uma aluna comunicativa e participativa.

A minha avó sempre quis que eu fizesse uma faculdade, e no primeiro ano do ensino médio eu tinha certeza que, dentro das possibilidades, eu seria uma Engenheira Civil. Eu não tinha, nessa época, a mentalidade que eu queria estudar por perto para cuidar da minha avó. Eu estudei muito no ensino médio e fiz um cursinho popular que existia na época na escola que eu estudava, isso porque a minha família falava que não pagaria uma faculdade particular, então eu teria que me esforçar para passar em uma universidade pública.

Eu sempre gostei de ensinar. Dava aula particular para minhas amigas que faltavam muito nas aulas no ensino médio, que me pagavam porque eu sabia falar a linguagem delas. Então, mesmo sem querer eu já tinha essa coisa de ensinar e sempre gostei da área de exatas. Comecei a amar a Matemática desde o sétimo ano. Conversando com um amigo durante o terceiro ano, na indecisão de prestar o vestibular, falei que queria fazer algo na área de exatas e precisava ser algo na minha cidade. Falei: “estou pensando em fazer Administração”. Aí ele comentou comigo: “mas você não gosta de exatas? Porque você não faz Matemática e depois você passa para um curso de Engenharia”. Naquele momento, eu parei, pensei e falei: “é verdade!”.

Eu entrei na faculdade com uma mentalidade, mas quando cheguei lá me deparei com um mundo diferente do que eu achava que era. Eu fui bem no ENEM, uma das primeiras colocadas em Matemática na UFMS, Paranaíba/MS. E tinha a possibilidade de tentar

---

<sup>196</sup> Escola pública estadual em Inocência-MS. Oferta as seguintes etapas/modalidades: Ensino Fundamental I e II – Ensino Médio – Educação de Jovens e Adultos -EJA.

Engenharia, mas em cidades distantes e eu não queria deixar minha avó. Então, eu optei por ficar aqui, passei e deu tudo certo. Entrei em abril de 2013.

Quando cheguei na Universidade, levei um choque porque é um universo novo. No primeiro ano eu fui uma aluna focada e fiquei decepcionada com as minhas notas porque eu era acostumada a ter notas altas. Vi aquela realidade e fui gostando. Depois do primeiro ano falei: “é aqui mesmo que eu vou ficar”. Eu entrei no PIBID<sup>197</sup>, no finalzinho do primeiro ano da faculdade, orientanda do professor Thiago<sup>198</sup>. A gente fazia o PIBID na Escola Estadual José Garcia Leal e trabalhava também com projetos e laboratórios, acho que foi fundamental na minha formação esse contato no PIBID. Quando chegou no segundo ano, eu já comecei a pensar que eu queria fazer o mestrado, sempre pensando que eu tinha que seguir em frente e continuar naquilo, só que no comecinho do terceiro ano da faculdade, antes de começar as aulas, a minha avó veio a falecer.

Com a morte da minha avó eu passei a morar sozinha, foi um período complicado e turbulento. No ano de 2015, veio uma greve que durou três meses e eu estava quase desistindo de terminar o semestre por questões pessoais, mas quando voltou as aulas eu falei: “eu vou pegar firme, vou passar isso daqui”. A greve atrasou a formatura e veio aquele sentimento de não conseguir trabalho, falei: “não vou conseguir trabalho, e não vou conseguir ir buscar o mestrado e porque eu não tenho condição financeira”. Eu vivia da bolsa do estágio que eu fazia na Prefeitura e da bolsa do PIBID. Meu pai também me ajudava, mas eu passei a morar sozinha. O que me ajudava, era que as escolas que eu fazia estágio permitiam que eu almoçasse lá.

Eu terminei a faculdade em abril e coleei grau em junho de 2017. Eu aprendi bastante com a faculdade em todos os aspectos, mas terminei desanimada com aquele sentimento de que só podia tentar conseguir aula mesmo. Eu queria dar aula onde estudei, na Escola Estadual Aracilda Cícero, mas não consegui, porque só peguei meu diploma no final do ano. Formei e entrei num projeto em uma escola municipal no qual eu cheguei a dar aulas de matemática, mas como era um projeto mais para ocupar o tempo dos alunos, eu trabalhava a Matemática de uma forma lúdica, vendo com eles somente as operações principais. Eu fiquei nesse trabalho até o final de 2017.

---

<sup>197</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é um programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid> Acesso em: 25 fev. 2021.

<sup>198</sup> Professor Doutor Thiago Donda Rodrigues - professor adjunto e coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba - UFMS/CPAR. Também é docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do INMA/UFMS.

Em 2018, eu levei currículo em todas as escolas, só que não consegui aulas, mas um amigo me indicou para a vaga dele em uma escola particular e também no Estado, na escola onde eu estudei. Foi muito gratificante para mim começar a minha primeira experiência na escola onde estudei.

Eu comecei a dar aula, de Matemática e de Física, para uma turma com 28 alunos do segundo ano do ensino médio. Foi uma experiência diferente e muito rica. Eu tinha muito medo de entrar na sala de aula sozinha porque no PIBID a gente fazia isso em grupo, ficávamos três monitores na sala com os alunos. Para comprovar o estágio a gente conseguia aproveitar algumas das atividades do PIBID porque era muito difícil conseguir aula de regência, a gente só conseguia plantão. Eu não tive essa oportunidade de trabalhar sozinha dentro de sala na época da faculdade.

Quando eu entrei na escola, era minha primeira experiência sozinha dentro da sala de aula e eu lembro de ficar vendo vídeo sobre a primeira impressão e de como se portar, aliás eu faço isso todo ano. O sentimento é de que todo ano é uma turma nova e eu tenho novas expectativas. Essa turma me marcou muito, era um curso Técnico em Informática integrado ao ensino médio. Neste ano eu acabei pegando licenças e quando aparecia licenças: “a Camila vai”. Eu tive a oportunidade de trabalhar com sexto ano, com sétimo ano, com oitavo ano e com o primeiro ano. Essas foram as turmas que eu trabalhei e foram experiências diversas, algumas ruins e outras boas.

Eu tive uma sala que eu cheguei e os alunos não me olhavam como professora porque eu era muito nova. Terminei a faculdade muito nova, terminei a faculdade com 21 anos. Os alunos perguntavam a minha idade e me achavam nova. Eles falavam que eu não era como a professora que estava com eles antes, porque ela tinha pulso firme. Eu tenho uma didática mais diferente, eu gosto muito de me abrir para eles falarem, ir na mesa, explicar porque acho que ficar só falando não adianta. Tem que praticar. É claro que eu mudei a minha visão desde que eu comecei até hoje, e vou mudar outras vezes porque estou sempre buscando me aprofundar. Eu tenho que buscar um jeito de mudar, de entender melhor porque eu acho que, às vezes, algumas coisas não funcionam e eu tenho que buscar um outro jeito, mudar. O primeiro ano lecionando foi transitando entre séries e vivendo várias experiências, boas e ruins. Mas foi bom.

Comecei a lecionar na Educação de Jovens e Adultos em 2020 por causa do processo seletivo<sup>199</sup>. Tinha terminado minha licença maternidade em 2019, fiz o processo seletivo e

---

<sup>199</sup> Processo Seletivo Simplificado visando a formação do Banco Reserva para a contratação de professores temporários para atuarem nas unidades da Rede Estadual de Ensino (REE) durante o ano de 2020 e 2021.

passei em primeiro lugar. Minha colocação me permitiu escolher as aulas do ensino regular e da EJA. Eu falei assim: “vou trabalhar com a EJA também, nunca trabalhei e é ensino médio que eu gosto, acho que vai dar certo”. Eu peguei também o AJA<sup>200</sup>.

Eu fiquei com medo de pegar aulas na EJA, mas os professores vinham e me falavam assim: “é tranquilo, você vai ver é muito sossegado”. Eles falavam que era tranquilo trabalhar exatamente por serem pessoas mais velhas. Falavam que eu teria que ser menos conteudista, no sentido de ter essa troca, de conversar e de ouvi-los. E que devia passar o conteúdo da melhor forma que eles compreendessem, procurando trabalhar sempre na sala de aula, evitando que eles levassem coisas para casa.

Estudei o conteúdo da EJA e fui para a sala. É bem diferente. É mais tranquilo. Como é no período noturno é diferente porque eu já estava acostumada a trabalhar no matutino. Os alunos da EJA eram mais velhos do que eu. A mesma ideia que os meninos do matutino tinham referente a minha idade, eles também tinham. Mas eu gostei, porque você vai em um ritmo mais tranquilo. Você tenta colocar o conteúdo de outra forma para eles, porque eles estão há muito tempo sem estudar.

Quando eu cheguei no módulo final I<sup>201</sup>, que é o primeiro do ensino médio, tinha um cara que ele estava há muito tempo sem estudar, acho que uns sete anos, e ele falava assim “tem que ir devagar comigo”. Ele era superinteligente e fazia as contas até mais rápidas que eu, mas em questões mais teóricas ele tinha muitas dificuldades.

A realidade dos alunos do módulo III<sup>202</sup> era diferente, eles já estavam acostumados na escola, por isso eram mais comunicativos e gostavam de enrolar um pouco mais a aula. Eles participavam mais do que os alunos do módulo I, que eram pessoas que estavam entrando na EJA pela primeira vez. Era a primeira vez para mim e para eles. Era tudo novo, mas eu gostei.

A gente começou o ano letivo em fevereiro e tudo parou em março. Eu acho que eu entrei em sala, em 2020, umas três vezes porque veio a pandemia e a dificuldade com ela. Os alunos tiveram muitas dificuldades com relação ao acesso à internet, por não ter meios para acessá-la. Para os alunos que trabalham o dia inteiro foi difícil conciliar trabalho com a escola na pandemia. Muitos vinham e falavam assim: “professora, eu já fazia os exercícios e tarefas na escola, porque é difícil fazer em casa”. Eu tinha uma aluna do módulo III que levava a filha

---

<sup>200</sup> Projeto AJA - Avanço do Jovem na Aprendizagem em Mato Grosso do Sul – Etapas Ensino Fundamental e Ensino Médio, operacionalizados na Rede Estadual de Ensino (REE)

<sup>201</sup> O projeto Conectando Saberes da EJA organiza a etapa de ensino em Módulos, sendo que para concluir a etapa do Ensino Médio, o estudante deverá ser aprovado nos módulos finais I, II, III e IV.

<sup>202</sup> A professora Camila relatou que trabalhou no ano de 2020 nos módulos Finais I e III no primeiro semestre de 2020 e nos módulos II e IV no segundo semestre de 2020.

para a sala de aula, eu achava legal porque ela era acostumada, colocava um colchãozinho e levava até a coberta, porque tinha ar na sala. Ela fez assim todo o módulo I e II e a menina ficava quietinha para a mãe dela estudar. A gente sabe a dificuldade de ser mãe, trabalhar e fazer qualquer outra coisa.

Os alunos da EJA são pessoas mais velhas que têm filhos e que trabalham muito, a ponto de dormir na aula. Eu tinha alunos albergados<sup>203</sup> e com muitas realidades. Na pandemia, a gente deu de frente com isso, tivemos que ir atrás desses alunos nas casas deles. Teve uma aluna que, na pandemia, a casa dela pegou fogo. São várias realidades, e na pandemia foi difícil de trabalhar com a ausência deles. Eles achavam as atividades muito pesadas para fazer em casa e falavam que não tinham um auxílio; foi delicado trabalhar assim.

Eu acho que o professor da EJA tem que ser um professor com olhar mais humanizado e tem que ter mais empatia e o conteúdo tem que ser menos tecnicista. É mais uma coisa voltada para o humano, porque o aluno está ali para terminar o ensino médio. Muitos deles têm vontade de fazer faculdade. Temos que ter esse olhar mais humano para eles e não podemos pensar só em “jogar” o conteúdo, temos que ter um momento de troca, porque eles também querem falar, querem se expressar. Eles, muitas vezes, ficam o dia inteiro trabalhando e não têm outra pessoa para conversar.

O conteúdo de Matemática na EJA é dividido em módulos: módulos finais I, II, III e IV. Nos módulos finais I e II, o conteúdo é referente ao primeiro ano e parte do segundo ano do ensino médio, comparando o referencial curricular do ensino regular com o referencial teórico que a gente tem na EJA. Já os módulos finais III e IV, referem-se ao conteúdo do segundo e o terceiro ano do ensino médio. Os módulos da EJA são semestrais. Na pandemia foi um pouco mais difícil trabalhar alguns conteúdos com eles. Eu optei por trabalhar mais o básico, não seguir totalmente o conteúdo e não aprofundar muito. Sempre que possível, tentei trazer ao máximo o conteúdo para a realidade deles, porque tem bastante conteúdo na EJA.

Na faculdade, não me lembro de estudar nada voltado para a educação de jovens e adultos, a gente vê só a parte de legislação na graduação. O meu primeiro ano que eu trabalhei com a EJA foi o ano de 2020, um ano de pandemia. A gente teve uma semana de estudos durante o ano, mas era voltada para essa questão de trabalhar no período da pandemia usando tecnologias. Eu não tive formação para trabalhar com a EJA, alguns professores que trabalhavam com a EJA que me disseram que eu teria que trabalhar mais leve com eles, entender

---

<sup>203</sup> Pessoa que se encontra em estabelecimento penitenciário destinado à execução de sua pena judicial, seja em presídio ou num outro local de acordo com a mesma, designada a ela.

que na sala de aula temos estudantes com idades diferentes, tentar falar numa linguagem mais clara e mais direta; que eu teria que explicar mais e não usar tantos termos, procurar trabalhar sempre trabalhar ali na sala de aula, evitar que eles levassem coisas<sup>204</sup> para casa. Quando eu entrei, eu vi que eram pessoas mais velhas do que eu. Então, eu tive respeito, mas também sou a professora. Tive um pouco de medo de trabalhar no módulo I por que eles estavam entrando e eu também. No módulo III foi mais tranquilo, eles queriam saber mais da minha vida e foi mais bacana no sentido de troca. Eles me perguntavam mais e me chamavam mais; na outra sala não, eles ficavam reprimidos, ficavam assim “o que eu tô fazendo aqui?”.

Neste ano, teve o caso de uma aluna que estava muito revoltada, mas no final ela terminou mais tranquila. Ela deu um probleminha, mas depois eu descobri que ela era dependente química e que estava num processo de tratamento. Eu comentei com a coordenadora a situação e depois eu fiquei sabendo disso. Mas hoje em dia, a gente conversa, e é mais tranquilo.

O Projeto Conectando Saberes tem bastante parte teórica. Ele é dividido por áreas de conhecimento, por disciplinas. Ele é separado por módulos e cada módulo tem a sua disciplina e o que você vai trabalhar por semestre. Nele tem o conteúdo, a unidade temática e as habilidades que eu tenho que trabalhar. Neste sentido ele é igual ao referencial mesmo.

---

<sup>204</sup> Exercícios, trabalhos, atividades pedagógicas.

### 3.12 Professor Alan Pereira Manoel

*“Quando eu chegava na sala de aula da EJA, eu me sentia muito bem, via muita verdade”.*

A entrevista com o professor Alan foi realizada no dia 26 de fevereiro de 2021, via Google Meet<sup>205</sup>, com duração de 2 horas e 19 minutos. Ele é nascido em 09 de novembro de 1986, professor licenciado em Matemática, pela Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul – UEMS, campus de Nova Andradina, MS. Se formou no ano de 2008, mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS no ano de 2018 e hoje doutorando em Educação Matemática pela UFMS. É professor contratado pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. No momento da entrevista, ministrava aulas de Matemática na EJA na Escola Estadual Orcírio Thiago de Oliveira <sup>206</sup>, município de Campo Grande, MS. A escola pertence a jurisdição de Campo Grande, Secretaria de Educação - Capital. Campo Grande é a capital do estado de Mato Grosso do Sul, com uma população de aproximadamente 906.092 habitantes (Censo 2020).

Figura 14 - Campo Grande MS



Fonte: SED MS (adaptado)

<sup>205</sup> Ferramenta de comunicação por meio de vídeo criado pelo *Google*.

<sup>206</sup> Escola pública estadual localizada no município de Campo Grande, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: ensino fundamental I e II, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

### ***NARRATIVA DE ALAN PEREIRA MANOEL***

Meu nome é Alan Pereira Manoel, boa parte da minha história vai ser contada tendo como foco principal a cidade de Nova Andradina<sup>207</sup>, MS, onde eu morei por vinte e sete anos, depois me mudei pra Campo Grande pra estudar, fazer mestrado e doutorado. Eu estudei todo o ensino fundamental, ensino médio e ensino superior em Nova Andradina, MS, lugar onde comecei a atuar como o professor e onde a minha história com a EJA começou.

Minha infância foi tranquila. Meu pai é professor de Português, Inglês e Literatura e minha mãe do lar. Meu pai é uma pessoa que estuda muito, sempre presente, e por isso, o estudo sempre fez parte da minha família. Eu quase não tenho memórias do meu pai sem ele estar lendo. Ele é um professor conhecido em uma cidade pequena, com aproximadamente cinquenta mil habitantes nos dias de hoje. Ele foi um dos primeiros professores da cidade, uma pessoa que lê muito em casa, têm muitos livros e sempre foi valorizado por ser um professor. Estudou muito e o estudo para ele era importante, e eu também trazia essa questão do estudo comigo. Meu pai sentia isso na pele, era uma verdade que o movia e ele sempre passou isso pra gente.

Eu estudava muito na minha infância por influência do meu pai, e com toda modéstia, eu era referência. Eu me lembro de alguns pais indo na escola falando para pegar meu boletim e comparar com o boletim dos filhos. Eu ganhei prêmios de melhor aluno da pré escola a quarta série<sup>208</sup>. Na quinta série, eu troquei de escola, a quinta série que hoje é o sexto ano. Já meu irmão era o contrário, ele odiava estudar. Ele era o mais velho de dois irmãos, e uma influência pra mim. Um dia ele me perguntou por que eu estudava tanto, se bastava uma nota 6,0 para passar, e aquilo foi um marco na minha vida. A partir dali eu parei de estudar muito e estudava pra tirar pelo menos nota 6,0.

Eu achava o ambiente escolar interessante, gostava da escola, e passei a explorá-la de outras maneiras: jogava bola, bagunçava e fazia outras coisas, menos estudar tanto. Eu me garantia nas notas porque a condição dentro de casa era tirar nota. Minha mãe me dizia que como eu não trabalhava, então precisava pelo menos ter nota. E eu tirava nota, mas não tão boas quanto do primeiro ao quinto ano, e isso se repetiu no ensino médio.

---

<sup>207</sup> Município do interior de Mato Grosso do Sul, dista 297 Km da capital Campo Grande e tem uma população de aproximadamente 55.224 habitantes (Censo 2020).

<sup>208</sup> Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – ampliou o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implantação, pelos sistemas, até 2010.

No ensino médio, eu vivi questões que talvez tenham mexido comigo. Eu lembro que, nos primeiros dias de aula, teve uma eleição para garota mais bonita da escola e elegemos uma garota negra. Foi quando o diretor disse que podíamos votar somente em uma das três alunas brancas de olhos claros, e perguntou que tipo brincadeira estávamos tentando fazer, que aquilo era um negócio sério. A partir de então, eu fui piorando em relação ao meu comportamento na escola, até estourava bombas dentro do banheiro, mas as notas era uma condição importante imposta pelos meus pais.

Cheguei no terceiro ano do ensino médio, sem saber o que ia fazer profissionalmente, sem noção do que eu gostava. Meu padrinho disse que Engenharia Ambiental era a profissão do futuro. Eu fiquei com aquilo na cabeça, olhei na internet e vi que em Presidente Prudente<sup>209</sup> tinha Engenharia Ambiental na UNESP<sup>210</sup> e minha avó morava lá. Eu terminei o ensino médio e falei para minha mãe que ia morar um tempo com a minha avó para procurar um cursinho e entender sobre a UNESP.

Não foi fácil o período em que fiquei com a minha vó. Depois que fiz a inscrição do vestibular, vi que tinha dado meu tempo na casa da minha avó e resolvi voltar para a casa dos meus pais, mas voltei outra pessoa, até lavando louça. Eu prestei vestibular na UNESP e a minha meta era não zerar, então eu não zerei no vestibular. Eu lembro que resolvi que faria um ano de cursinho e entrar em Engenharia Ambiental, mas voltei para Nova Andradina, e na UEMS tinha os cursos de Letras e Matemática. Era a única universidade pública que tinha na cidade, e minha mãe falou para eu fazer um ano de Matemática bem feito e depois voltar para Prudente e tentar Engenharia Ambiental.

Entrei na UEMS como cotista, e uma das minhas primeiras aulas na universidade foi com um professor que acompanhou minha vida universitária. Ele entrou na sala e perguntou quanto era dois elevado a cem dividido por dois, e surgiram as respostas mais idiotas na sala. Quando faltava meia hora pra acabar aula, o professor foi mudando a aparência e falou para todos desistirem do curso, que os alunos não prestavam para estudar Matemática. A Matemática da universidade era diferente da Matemática do ensino médio, e todos ficaram pensativos na sala e eu falei quer saber, isso que eu quero pra minha vida! Eu quero é deixar todo mundo constrangido justamente desse jeito, igual esse professor. O jeito que o professor chegava era como uma pessoa que parecia que sabia o que estava fazendo, e eu falei: “é isso que eu quero,

---

<sup>209</sup> Presidente Prudente é um município brasileiro no interior do estado de São Paulo. Sua população estimada no ano de 2020 era de 230.371 habitantes. Dista 270 Km de Nova Andradina, MS.

<sup>210</sup> Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”.

me impor diante dos alunos na sala de aula. Vou estudar pra caramba e vou me impor, quero ser igual a ele”. Eu saí contente porque tinha decidido o que eu queria ser.

Durante o primeiro ano, eu ficava atrás desse professor e de um outro professor que agora é professor da Universidade Federal em Campo Grande - UFMS. Eles falaram para a gente fazer o nivelamento no sábado, uma revisão de conceitos matemáticos, porque todo mundo entrava ‘fraco’ na universidade.

Meu irmão sempre odiou estudar, mas trabalhava desde novo. Ele queria vender sorvete, ter dinheiro e independência, e eu queria estudar. Minha mãe disse que, como eu estava fazendo faculdade à noite, era para eu trabalhar de manhã, então, comecei a trabalhar no despachante. Teve uma passagem interessante, a vizinha da frente de casa riu de mim falando que eu não ia concluir a universidade porque o curso era difícil, e minha mãe chateada chegou me contando e eu falei que ia estudar muito para provar o contrário. E foi isso que fiz, comecei a estudar muito.

Chegando na faculdade, os veteranos falavam que pegar dependência era normal e o difícil era não pegar. Mas se eu pegasse DP teria que ficar mais um ano na faculdade, pois não dava pra fazer a disciplina reprovada em curso, e isso eu não queria. Eu precisava estudar muito, precisava de tempo para estudar mais do que todo mundo.

Um dia, eu cheguei da faculdade à noite e minha mãe me perguntou o que estava acontecendo no serviço porque o patrão veio reclamar para meu irmão. Então eu falei que eu queria estudar e precisava de apoio. Eu pedi demissão, voltei pra casa, comecei a frequentar a biblioteca e desde então, todos os dias, menos aos domingos, eu acordava às 7h da manhã, ia pra biblioteca, lia a Folha de São Paulo e estudava.

O primeiro ano foi muito difícil porque eu precisava entender a lógica de tudo, eu estudava muito. Cheguei a pegar exame de algumas disciplinas, mas passei em tudo. Fui pro segundo ano e ganhei uma bolsa de monitoria. Uma turma do primeiro ano começou a frequentar a biblioteca, e eu fiquei contente, porque eu era monitor e pensei: “posso começar a me impor”.

No segundo ano, eu fui melhor do que no primeiro e comecei a entender um pouco das coisas, conseguia estudar sozinho. No terceiro ano eu estava indo bem, fui monitor de Cálculo e, em Cálculo II tinha nota boa. Um professor me convidou para escrever um projeto de Iniciação Científica. Eu nem sabia o que era e talvez até hoje eu ainda não saiba direito, mas aceitei.

Cheguei em casa, contei para minha mãe que eu ia ter uma bolsa de trezentos reais e que íamos escrever um projeto. A partir de então, eu fiz iniciação científica até o quarto ano. Eu tive uma experiência péssima que quero contar. Toda sexta-feira de manhã eu apresentava seminário para meu professor orientador, e ele me disse que eu podia chamar meus amigos para participar, e chamei dois ou três amigos que eu tinha conseguido fazer na faculdade. O professor me passou para estudar umas páginas dentre as quais havia o Teorema Fundamental do Cálculo, porém durante a apresentação eu não comentei sobre tal teorema. Ele acabou comigo e eu falei para meus amigos: “você nunca mais vão assistir meus seminários e eu vou estudar”.

Eu estava no quarto ano e esse professor me perguntou se eu queria fazer mestrado. Ele já tinha mestrado. Eu falei: “é a minha chance de ser igual ele!”. Eu devo ter virado para ele com um sorriso grande porque ele falou: “calma, você não é nem um gênio, mas se você estudar bastante, você consegue. Vai para São Paulo, fica na casa dos meus pais por um tempo até encontrar um lugar para ficar. Faz o verão<sup>211</sup> e depois você faz o mestrado. Eu entro em contato com meus amigos que são professores, porque você está indo bem, está se destacando”.

No quarto ano, eu estudava, mas para além de terminar a licenciatura, meu foco era também dar sequência nos meus estudos. As disciplinas mais difíceis eram Análise e Estruturas Algébricas, eu estava indo bem, e estava escrevendo o TCC com esse professor, e eu estava se preparando para o mestrado. Foi quando minha mãe falou: “e a ‘grana’ pra você ficar lá. Como que faz?” Então eu decidi dar um ano de aula, guardar todo o dinheiro e no outro ano, fazer o mestrado.

Eu estava confiante e fui tão ‘babaca’. Eu achava que ia me formar e mostrar como se dá aula de Matemática. Eu fazia as disciplinas de estágio e os professores falavam do problema da Matemática e do ensino nas escolas, então eu achava que ia entrar na escola, dar um ano de aula e mostrar como se dá aula de Matemática. Eu fui ‘moleque’ porque cheguei na escola e meu exemplo de professor era esse professor que humilhava os alunos na universidade. Foi então que eu entrei na EJA.

Peguei muitas aulas. Peguei aulas de manhã, e na EJA, à noite. Eu preparava as aulas, porém dava minhas aulas como os professores da universidade. Foi aí que eu comecei a gerar conflitos, problemas. No começo do ano letivo tínhamos na escola a Semana Pedagógica, uma semana de capacitação. A coordenação me pediu para preparar uma lista de exercícios para os alunos fazerem em casa porque nessa semana não ia ter aula. Eu dava aula para o primeiro ano

---

<sup>211</sup> Os Programas de Verão são eventos regulares que acontecem nas Instituições com Programas de Pós-Graduação da área de Matemática. Tradicionalmente a programação ocorre entre os meses de Janeiro e Fevereiro, e são oferecidas várias atividades, entre cursos, minicursos e seminários de diversos níveis.

do ensino médio e coloquei o seguinte na lista de exercícios: prove que o produto de dois números racionais dá um número racional. Claro que deu problema. E eu estava achando certo.

Na escola eles lotavam as salas, colocavam entre quarenta e cinquenta alunos na sala da EJA, porque se alguns alunos desistissem, eles não precisariam fechar a sala. Nessa turma, se eu abaixasse pra escrever na parte baixa da lousa, esbarrava em carteiras, de tantos alunos que tinham na sala. Foi quando, eu dando aula, virado pra lousa, de costas para os alunos, do tipo não estou ‘nem aí’, um aluno - um rapaz enorme, grandão, forte- me pediu para parar a aula. Eu questionei o porquê daquilo e ele perguntou para a turma toda se alguém estava entendendo o que eu estava explicando. Todos da sala disseram que ninguém estava entendendo nada, e ele começou a me falar, que eu ia para a escola, entrava na sala, nem olhava para os alunos direito e ainda explicava só virado para a lousa. E ainda acrescentou, que eles não tinham ideia do que eu estava explicando e me contou sobre a vida dele. Ele me disse, que era para mudar ou sair fora. E eu senti essa verdade. Eu precisava da grana e perguntei o que eles queriam, eles falaram e eu entendi.

Pra mim foi bom porque eu preparava muitas aulas e comecei a preparar menos coisas, e a explicar mais. Eu comecei a entender que tinha coisas que não batiam, tipo o meu jeito de explicar porque eu nem sabia explicar aquilo direito, porque eu sabia fazer, mas não sabia explicar. Eu percebi isso em mim. Eu vim com essa visão para o ensino médio e pensei se na EJA aquilo não estava bom, então isso deve acontecer também no ensino médio. Quando eu chegava na sala de aula tinha gente que virava as costas, era trágico. Alunos fizeram abaixo assinado para eu sair e tinha pais de alunos que me olhavam feio quando eu chegava na escola; o clima era péssimo, mas a direção não deixava chegar essas questões em mim. Eu percebia esse clima e cheguei a pensar em parar de dar aula porque o clima ficou muito pesado, horrível. A direção não me dava moral, nem os professores e ninguém falava nada. Era ruim, porque meu jeito não era legal.

O ano acabou e eu fui fazer o verão em Maringá<sup>212</sup>, porém eu estava com o psicológico abalado. Foi um ano horrível, até minha mãe chegou e pediu para eu parar de dar aula e só estudar, eu tinha juntado uma ‘graninha’, que ela e meu pai me ajudavam se eu precisasse. Mas era a minha profissão, era o que eu conseguia fazer. Eu estudei os quatro anos pra isso, se eu parasse estaria ‘morto’. Eu precisava aprender a dar aula. Era meu novo desafio, aprender a sobreviver nesse ambiente.

---

<sup>212</sup> Maringá é um município do interior do estado do Paraná, dista de Nova Andradina 261 Km. Tem uma população de aproximadamente 430.157 habitantes (Censo 2020).

Antes de sair pra fazer mestrado, eu fiz o verão. Fomos eu e esse meu amigo para Maringá, PR, era uma opção mais perto da minha cidade, mais perto que São Paulo. Lá, tínhamos contatos com alguns professores que davam aula na UEMS, mas depois que chegamos lá, dentre todas as dificuldades encontradas descobrimos que a nossa grana não ia dar. Nem adiantava a gente se matar pra entrar porque se a gente entrasse, não íamos ter grana pra bancar os estudos. Estudamos mais um pouco, pegamos a lista de exercícios, os livros de referência e voltamos para casa.

Quando eu cheguei de volta em Nova Andradina, fui na escola que eu dava aula e perguntei sobre as minhas aulas. O diretor falou: “que aulas? Infelizmente, não temos mais vaga pra você na escola”. Eu tinha trabalhado muito mal e eu não tinha noção disso, eles não me falaram, simplesmente me cortaram. Então, eu rodei a cidade inteira e não consegui aula. Eu fiquei com cinco aulas. Cinco aulas de quarenta.

Quando eu me formei em 2008, a gente foi pra frente de um bar comemorar, e um professor passou na frente do bar e me falou sobre um processo seletivo na UEMS sugerindo que eu fizesse. Eu pensei que não era aula na UEMS que eu queria dar naquele momento, queria mostrar o que era dar aula de Matemática nas escolas. Eu lembrei dessa situação e fui perguntar para o professor se o processo ainda estava em aberto. Ele disse que sim, eu fiz e fui bem. Na avaliação eles me falaram que eu era o único dos candidatos que tinha condições de dar aula de Análise e me perguntaram se eu aceitava, e eu aceitei. Eu fiquei com as cinco aulas de Matemática na escola e mais as aulas de Análise na UEMS. Eu preparava as cinco aulas da Educação Básica, estudava o dia inteiro pra dar aula de Análise no outro dia.

Eu precisava aprender a dar aula pra ‘gurizada’, esse era meu sustento, era o desafio que me movia. Eu dava um dia de aula, ia na direção e perguntava o que eles estavam achando da minha aula. Eles falavam que ainda não estava legal, eu ainda gritava muito, sugeriram que eu gritasse menos. Eu tinha ‘perdido a mão’, não sabia o que fazer, então criei um projeto pra dar aula. Eu falei, toda sexta-feira eu vou jogar bola na quadra com quem se comportar. Comecei a criar estratégias pra sobreviver em sala de aula.

Eu me sentia fracassado porque eu via que tinha alunos da UEMS que se formaram em sete anos e tinham trinta, quarenta aulas. Eles tinham aula sobrando, e eu não tinha espaço na escola. Eu comecei a achar que não tinha adiantado nada ter estudado tanto. Eu fui desmotivando. Eu tinha um grupo da UEMS que eu resolvia exercícios de Análise, mas já não era mais o que me movia. Cheguei a pensar sobre o motivo que eu estudava tanto se eu não conseguia nem dar aula.

Eu fui dando essas cinco aulas e junto com elas, as aulas de Análise. Foi quando chegou um professor concursado na UEMS e eu perdi as aulas de Análise, fiquei só com as cinco aulas. No outro ano, a escola que eu dei aula fechou, ia municipalizar do primeiro ano ao quinto do ensino fundamental.

Eu tinha feito a seletiva da UEMS com validade pra dois anos, peguei o máximo de disciplinas possíveis na universidade. Eles não me pagavam bem, mas eu tinha um status legal e os alunos não reclamavam. Eu estava muito ‘chateadão’. Passei no PROFMAT<sup>213</sup>, só que para fazer a matrícula eu precisava ser professor da rede municipal ou estadual e eu não tinha aulas, dava aulas só na universidade. Então, eu fui na escola e tive que fazer um processo gigantesco pra conseguir a documentação. A escola ia abrir uma sala de nono no período noturno e me perguntaram se eu aceitava pegar essas aulas. E eu aceitei.

O diretor ficava no meu pé, mas eu falei que eu ia aprender a sobreviver dando aula. Ele falou que teria uma avaliação e que a escola seria avaliada a partir da nota do nono ano. Eu fiz um projeto aos sábados e pedi para os alunos irem na escola para trabalhar questões de Matemática. Eu virei um professor por causa da EJA e a partir de então comecei a perguntar para os alunos como eu estava indo como professor. Se eu consegui sobreviver a EJA, então conseguia sobreviver ali também. Fui trabalhando dessa forma e comecei a ficar mais *light*. Convidava os alunos para as aulas do sábado, para bater um papo e resolver questões de Matemática. Levava Tereré e Bis para os alunos. Eu falava para o diretor deixar a chave da escola comigo que eu ia responder questões com os alunos e focar na prova. Eu chegava na escola, resolvia questões, conversava com os alunos. A galera fazia pose para as fotos que eu levava na escola na segunda-feira para mostrar meu projeto. No outro sábado, eu fazia a mesma coisa, passava no bar, comprava Coca-Cola, Bis, Tereré e a gente ficava conversando. A gente resolvia dois, três exercícios, e os vinte alunos iam aumentando, um sucesso.

Um dos medos da escola era os alunos evadirem, não comparecerem para fazer a prova. Eu falei para os alunos que, como eles estavam vindo todo sábado na escola, era para irem também fazer a prova, e todos foram. A escola foi bem e a nota boa. Acabou o ano e o diretor me pediu para não fazer compromisso porque eles tinham quarenta horas pra mim. Voltei para a escola e virei coordenador de Matemática. Eu não sabia nem o que era isso. Me tornei coordenador de Matemática com carga horária de quarenta horas relógio, coordenando ensino

---

<sup>213</sup> Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT visa atender professores de Matemática em exercício no ensino básico, especialmente na escola pública, que busquem aprimoramento em sua formação profissional, com ênfase no domínio aprofundado de conteúdo matemático relevante para sua atuação docente. Fonte: IMPA Disponível em: <https://impa.br/ensino/programas-de-formacao/mestrado-profissional-profmat/> Acesso em: 28 abr. 2021.

fundamental, o ensino médio e a EJA. O diretor disse que eu podia fazer meu horário porque nas sextas-feiras eu precisava estar em Dourados no mestrado. Eu trabalhava de segunda a quinta para folgar na sexta-feira, mas não deu certo o mestrado, eu não estava rendendo e não era o que eu queria.

Tive uma reunião e descobri que o PROFMAT não ia servir pra eu trabalhar na universidade. Agora eu queria ser professor da UEMS, não mais para me impor perante as pessoas, mas para ser professor de universidade. Quando eu falei que não queria mais fazer PROFMAT, minha mãe falou para eu largar a escola, mas eu não ia largar a escola porque eu já larguei a escola uma vez, e agora eu estava aprendendo a dar aula, aprendendo a trabalhar. Optei por largar o mestrado. Foi triste porque o mestrado era um sonho.

Fui coordenador por dois anos, e o diretor me contou que o pessoal ainda não acreditava muito no meu trabalho, que tinha até um professor que perguntou quem era o coordenador de Matemática da escola porque não acreditavam no meu trabalho. Eu pedi para o coordenador da UEMS mandar alunos de estágio para a escola, com intenção de fazer uma atividade diferente. Escrevemos um projeto para o PIBID<sup>214</sup>, e só duas escolas em Nova Andradina conseguiram implantar o PIBID, a Escola Estadual Professora Nair Palácio de Souza<sup>215</sup> e a nossa. Era difícil ter esse projeto nas escolas. Uma aluna do PIBID, que hoje é minha esposa, apareceu e falou: “eu participo de um grupo de Educação Matemática”. Eu falei para ela que eu era matemático, mas ela insistiu dizendo que esse trabalho que a gente fazia tinha a ver com a Educação Matemática. A gente trocava ideias sobre isso, e eu comecei a conhecer um pouco mais sobre a Educação Matemática. O PIBID finalizou, assim como a coordenação de área na escola, e eu voltei pra sala de aula.

Decidi fazer mestrado em Educação Matemática, e morar em Campo Grande. Essa foi a minha trajetória até chegar em Campo Grande, e nesse momento, a EJA entra de novo na minha história.

Cheguei em Campo Grande e distribuí meu currículo. Eu estava mais confiante em sala de aula, e meu professor da UEMS saiu comigo para distribuir currículos. Eu não estava achando emprego, e minha esposa já tinha sido aprovada no mestrado da UFMS. Eu não quis

---

<sup>214</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é um programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid> Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>215</sup> Escola pública estadual localizada no município de Nova Andradina, MS que oferta as etapas/ modalidades da educação básica: Ensino Fundamental II e ensino médio.

fazer a prova do mestrado logo que cheguei, porque queria conhecer a Educação Matemática primeiro. Resolvi estudar como aluno especial e participar do grupo de pesquisa, ver se era aquilo mesmo que eu queria, porque se não fosse optaria por nem entrar, eu pensava “eu sou Matemático. Eu sei fazer contas, nem sei esse negócio da educação”. Eu tinha preconceito com a Educação Matemática. Eu queria fazer alguma disciplina, participar do grupo de pesquisa, e precisava dar aulas pra viver em Campo Grande.

Em Campo Grande, peguei aulas na Escola Municipal Padre Tomaz Ghirardelli<sup>216</sup> de manhã, e na Rede Estadual de Ensino (REE) à tarde. Eu chegava à Escola Estadual e me perguntavam onde mais eu dava aula, e quando eu falava que eu dava aula na Dom Antônio ele falavam: “Você conhece lá?” Eu nem sabia muito sobre a Dom Antônio, só sabia que a Rede Municipal pagava mais. Eu deixei meu currículo, me contrataram vinte horas. Em seguida me deram mais dezenove horas na EJA à noite. Eu falei que era muita aula, manhã, tarde e noite e resolvi sair da Rede Estadual, fiquei com a EJA no município.

A EJA foi a experiência ‘mais louca’ que vivi. Cinquenta ou sessenta alunos na sala de aula, gente com mais idade que queria estudar e alunos que não estavam ‘nem aí’. Eu era um professor novo e havia alunos de todos os tipos em uma sala de aula, alunos com problemas com drogas, havia ex-presidiários e pessoas que acordavam de madrugada e estudava à noite. Eu tive um aluno que me encurralou na lousa e falou que ia me furar. Ele não estava bem, falei para ele se sentar e ele deu um passo pra trás falando que estava brincando.

Na escola, tinha muitos alunos na sala. Eles rasgavam folhas de papel e jogavam um no outro quando eu estava explicando matéria. Um aluno com mais idade quis desistir, disse que ele tinha vindo à escola pra estudar, que a sala era uma baderna, que ia sair da escola e eu pedi para ele continuar. Se ele sáísse, poderiam falar que ele saiu porque não estava entendendo Matemática e isso seria minha responsabilidade. Eu pedi para ele continuar, que ia fazer alguma coisa, eu estava com medo que isso chegasse na coordenação ou que alguém falasse que eu não estava dando conta da sala. Um dia teve jogos Interclasse na escola e eu sabia o que fazer. Os alunos estavam se arrumando pra jogar bola, eu peguei minha roupa de futebol e me arrumei também. Eles me perguntaram seu eu ia jogar e eu falei para eles arrumarem um time pra mim. Eu joguei com os alunos e o clima começou a melhorar.

Eu tinha alunos sendo presos, alguns morreram. Na escola me explicaram que no diário de classe eu podia coloca CPF cancelado se o aluno morresse. Morrer ali parecia ser ‘normal’. Era outra realidade.

---

<sup>216</sup> Escola pública municipal localizada no município de Campo Grande, MS.

Minha aula começava às 18h30min, geralmente chegavam às 19h porque muitos deles trabalhavam. Alguns passavam em casa antes de ir para a escola, tomavam banho e iam para a escola sem comer nada. Muitas vezes, eu ficava ouvindo as histórias das 18h30min às 19h. Muitas histórias como: “professor, não tinha ninguém em casa, eu não sabia pra onde ir e alguém me achou na rua. Eu fui pra um abrigo e uma tia descobriu que eu estava no abrigo. Fui pra casa, briguei com a minha tia, e era assim ...”. Eu não ia chorar na frente deles. Eles vivem outra realidade, e eu achava que eu sabia o que era escola de periferia, mas eu não sabia. Foi quando a coisa começou a funcionar melhor com a EJA, eles me abraçaram. Eu via que o que eu sentia na escola de manhã não era tão bom, mas a noite era bem bacana. Na EJA eu aprendi a trabalhar, trabalhei na rede estadual e depois na rede municipal em Campo Grande, MS.

Eu passei no mestrado e fui chamado pra trabalhar no Laboratório de Matemática do município de Campo Grande. Trabalhei um tempo, entrei no mestrado, virei bolsista, fiquei um tempo como bolsista do mestrado, depois voltei pra escola. Fiz o processo seletivo<sup>217</sup> da REE pra pegar aulas no ano de 2020. Eu fiz também o processo municipal e peguei vinte horas no município e mais um pouco no estado pra ter tempo de escrever o projeto de doutorado. Passei no processo e na hora de escolher as turmas eu escolhi turmas da EJA.

Na EJA é onde eu me sinto bem trabalhando e tive experiências boas desde o começo do meu trabalho. Na EJA não eram tantos alunos em 2020, não era a mesma realidade do município, eram menos alunos. Quando eu trabalhava no município, os alunos moravam perto da escola, no mesmo bairro, mas as escolas da EJA da REE, que eu trabalhei, não têm essa realidade. São poucas escolas que ofertam EJA em Campo Grande. Muitos alunos dessa modalidade pegam o ônibus para ir para a escola, suas casas são longe. Eles falavam que tinham que ir embora mais cedo porque o ônibus ia passar.

Tínhamos na EJA alunos diferentes, pessoas de idade e jovens misturados na mesma sala. Pessoas de mais idade que estavam há dez anos, há quinze anos fora da escola, junto com pessoas que estavam há dois anos. A EJA tem esse perfil de alunos, mas por eu ter experiência com essa modalidade, eu preparava o que ia falar na aula porque eu sabia que na sala teria conflitos de gerações. Tem atividades que você passa, um aluno resolve em cinco minutos, mas outro aluno demora cinquenta minutos para fazer. Esses alunos que fazem as atividades mais rapidamente começam a perturbar os alunos que demoram, e os que demoram começam a não

---

<sup>217</sup> Processo Seletivo Simplificado realizado em dezembro de 2019, visando a formação do banco de reserva para a contratação de professores temporários para atuarem nas unidades da Rede Estadual de Ensino (REE) durante o ano de 2020 e 2021.

se sentir bem na sala de aula e, às vezes, acontece a evasão. Os que estavam há dez anos sem estudar, desistem de novo e ficam mais dez anos sem entrar em sala de aula.

Para os primeiros dias de aula, eu me preparava, fazia os combinados com os alunos, se eles terminassem a atividade, eu pedia para esperar uns minutinhos que eu ia ajudar todo mundo. Eu avisava que ia dar sequência das atividades assim que todos terminassem. Isso acontecia pra deixar um clima legal, e aquele aluno que terminava em dez minutos, tentava ajudar o companheiro que ainda não tinha terminado. E deixei de preparar vinte exercícios, comecei a preparar cinco ou seis pra conseguir fazer tudo em sala de aula. Eu não dava mais tarefas. A maioria trabalhava muito. Eles saíam do serviço e iam direto para a escola. Eles chegavam em casa, dormiam e iam para o serviço e essa era a rotina deles. Eu preparava a quantidade de exercícios que a gente conseguia resolver em sala de aula, tentando fazer com que eles aprendessem pelo menos o mínimo, dentro do período de tempo que a gente tinha. Esse era o perfil de alunos da EJA.

Em 2020, veio a pandemia<sup>218</sup>. Alguns alunos não tinham nem internet e falavam isso. Eles não conseguiam mexer na internet. Muitos não tinham nem *WhatsApp* e nem sabiam como funcionava direito. Outros eram do grupo de risco e não iam mais na escola.

A escola questionava o que deveria ser feito com a EJA e eu resolvi gravar as aulas com a minha turma, fazer áudios explicando o conteúdo e mandar no grupo do *Whatsapp*. Os alunos deveriam resolver as atividades e mandar fotos pra mim, e a escola adotou essa metodologia de entrega de atividades pra todo mundo.

No começo da pandemia, eu gravei as minhas aulas no *PowerPoint* porque tinha como gravar a voz no *PowerPoint*, mas tinha alunos que não conseguiam abrir o que eu mandava e, por consequência, não conseguiam fazer. Eu fui criando outras estratégias porque entendi que os vídeos estavam ficando longos e eles não conseguiam abrir, ou o pacote de dados deles não era suficiente. A maioria não tinha internet em casa, não conseguia entrar na aula e não conseguia entender os exercícios. Eles falavam que exercícios de Matemática com o professor em sala já eram difíceis, sem professor, as chances de resolução era menores. Eles falavam que iam desistir, e eu pedia para não desistirem. Foi quando eu entendi que dava pra gravar a tela

---

<sup>218</sup> Pandemia provocada por um vírus chamado SARS-CoV-2. Esse vírus é uma terceira modalidade de infecção por coronavírus da classe SARS (com capacidade de transmissão entre humanos) que desencadeia uma doença infecciosa respiratória (a exemplo do SARS-CoV-1 e do MERS) que pode causar no ser humano, - dependendo da carga viral contraída e da capacidade individual do sistema imunológico -, desde um simples resfriado até complicações extremamente graves, como pneumonia, insuficiência respiratória e um conjunto de complicações inflamatórias que, transcendendo aos pulmões, pode atingir todos os órgãos do corpo, levando ao óbito.

do *PowerPoint*, montar vídeo com a tela e gerar um link no *YouTube*. Assim, gravando vídeos e gerando o *link* o aluno assistia, isso consumia menos internet.

Alguns alunos abandonaram a escola, falaram que estava difícil, que não conseguiam entender nada e saíam. Eu mandava alguns exercícios e falava para os alunos que eu estava à disposição para atendê-los. Eles me mandavam áudios perguntando sobre os exercícios, pedindo explicações, e eu gravava vídeos e áudios pelo *WhatsApp* explicando. Eles mandavam de volta os exercícios resolvidos.

Tinha um senhor, que a família dele o auxiliava com as respostas, ele queria tirar fotos das atividades, e às vezes elas chegavam distorcidas. Ele me ligava pelo *WhatsApp* e falava: “professor, Matemática eu não consigo, as outras matérias eu faço, mas Matemática está muito difícil”. Eu falava para ele não desistir por causa da Matemática. E ele insistia, falava que não estava entendendo como calcular a distância entre ponto e reta. Eu tentava simplificar, explicar pra ele usar a fórmula, trocar o x por tanto, y por tanto, para ele fazer ‘só a continha’.

Os alunos da EJA gravaram vídeos pra mandar pra Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul – SED/MS sobre como estavam vivenciando a pandemia. Em um dos vídeos, esse mesmo senhor falou que as outras matérias estavam fáceis, mas a Matemática estava difícil. Ele estudou até o final do ano de 2020, fez tudo do jeito dele, mas fez tudo. A gente conseguiu fazer um trabalho razoável. Alguns alunos não tinham internet e a escola disponibilizou os cadernos<sup>219</sup> a eles. Eles entregavam o caderno respondido pra gente, e eu trazia pra casa para corrigir e a gente foi trabalhando dessa forma.

A EJA é um lugar que eu gostava de estar, um dos poucos lugares assim. Uma vez, dentro da UFMS eu comentei sobre o professor solução e o professor problema. Eu de manhã me sentia um professor problema, achava que eu trazia problemas pra escola. Os alunos não gostavam da minha aula, a direção também queria outra coisa. A direção queria projetos, coisas revolucionárias, e eu me sentia mal porque eu ia pelo dinheiro, porque eu precisava da grana. Eu sabia como me comportar mais ou menos ali, mas sentia esse clima ruim entre professor, aluno, escola e coordenação. Me convidavam para fazer projetos, só que a coisa não fluía muito.

---

<sup>219</sup> Atividade Pedagógica de Curso. Foi ofertado ao estudante, durante o período de pandemia e atividades escolares presenciais suspensas, a Atividade Pedagógica Complementar – APC, que são atividades escolares, vinculadas às habilidades/conteúdos previstos nos documentos curriculares, visando o cumprimento da carga horária anual e dias letivos aos quais ele tem direito. A suspensão das aulas presenciais está prevista no Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020. A Resolução/SED n. 3.745, de 19 de março de 2020, regulamenta o decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020, e a oferta de atividades pedagógicas complementares nas unidades escolares e centros. Fonte: Diário Oficial Eletrônico nº 10.120. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/PaginaDocumento/45996/?Pagina=2> Acesso em: 28 abr. 2021.

Quando eu chegava na sala de aula da EJA, eu me sentia muito bem, via muita verdade. Um dia um aluno falou assim: “não vou mais fazer essa atividade professor, porque eu estou com dor de cabeça, acordei três horas da manhã, não dormi, comi mal. Amanhã eu faço, pode ser?”. Eu concordei e no outro dia ele foi e fez. E a coisa acontecia. Na EJA era um lugar em que eu gostava muito de estar. Eu me sentia mais humano. Acabava a aula, o aluno falava assim: “professor, obrigada pela aula”. Isso me cortava o coração. De manhã, os alunos eram desrespeitosos e a noite eles falavam: “professor, eu entendi essa matéria, muito obrigado, obrigado mesmo!”. Gente com mais idade, alguns com idade pra ser meu avô. Uma vez uma aluna me chamou para fora da sala e quando eu voltei tinha uma mesa arrumada para comemorar meu aniversário. Ela falou que tinha acordado de madrugada pra fazer esse lanche para mim. Eu me sentia valorizado.

Essas experiências com a EJA fizeram com que eu a escolhesse. Ali era o lugar que quando eu chegava, eu falava: “agora eu vou dar aula”. Eu não ia explicar ali que o produto de dois números racionais é o número racional, mas era um lugar onde eu planejava e as coisas aconteciam. Era um lugar em que eu falava, que eu planejava e as coisas aconteciam. O aluno vai fazer, vai tirar dúvidas e eu vou conseguir falar. Eu não era interrompido, ou interrompia-se pouco a aula. Eu sentia essa verdade, essa troca, me sentia professor. Na EJA era esse lugar. Na UEMS também, mas na universidade eu sentia que era um silêncio de medo. Os alunos da UEMS falavam assim: “esse aí pode me reprovar”. Na EJA, o aluno não tinha esse medo, tinha respeito pelo professor. Na EJA era um lugar que eu me sentia bem, se eu puder escolher, vou escolher EJA e eu sempre escolhi EJA.

Na EJA, mesmo à distância, mesmo na pandemia, é um lugar que eu me sentia bem. Eu programava minha aula e tinha retorno. No dia do Conselho de Classe, quando os professores me perguntaram quantos alunos estavam participando na Matemática, eu falei que na minha turma eu tinha quinze participações, e alguns professores falaram que nas aulas deles dois participavam das atividades, aí me perguntavam o que eu fazia, e eu respondi que fazia EJA.

Na EJA, tinha aluno que falava pra mim: “olha professor, eu arrebentei a minha mão trabalhando, não vou conseguir fazer a atividade” e mandava uma foto da mão arrebentada. Eu falava para ele fazer outra coisa, eu criava estratégias e eles faziam. Era um lugar que eu me sentia bem. A EJA foi um lugar que eu posso dizer que me ensinou a trabalhar como o professor, foi onde eu aprendi a dar aula, senão eu tinha desistido ou talvez eu ainda estivesse nesse clima de guerra até hoje. Quando os alunos falaram para eu parar, que não estava legal, certamente ninguém tinha falado isso pra mim. Ninguém, ninguém, quem falou foram os alunos da EJA.

Eles falaram para eu parar que não estava legal. A direção da escola falou do jeito mais difícil, para parar de dar aula, porque não tinha mais aulas para mim na escola.

A prática em sala de aula é muito distante do que eu estudei na universidade. Na verdade, o que eu valorizei nos estudos. Eu tinha professores que já tratavam questões de Educação Matemática, mas eu tinha preconceito com a Educação Matemática. Eu não valorizava a Educação Matemática porque meu negócio era Matemática Pura e Aplicada. Eu tive que aprender a fazer isso na prática, quando eu precisei ser professor, porque eu precisava desse trabalho. Talvez se eu pudesse ter aprendido na sala de aula da universidade, se eu tivesse dado mais atenção, porque o que me chamou atenção na Educação Matemática foi pensar que isso poderia me ajudar a entender como lecionar. Não sei se é bem isso, mas ela podia me deixar mais humano. Eu sentia que eu não era tão humano. Eu não me preocupava se tinha aluno passando fome. Eu não estava nem aí. Eu dava minha aula de Matemática, explicava, fazia meu show e ia embora. Não estava nem aí com a vida dos alunos. Na faculdade era isso que eu sentia. Eu sentia que o professor não estava nem aí porque o professor estava em outro nível e você tinha que chegar naquele nível, independente das dificuldades.

Na EJA, o aluno fala que não está entendendo, que trabalhou o dia inteiro. Ele conta a vida dele. A vida do aluno tem a ver com a minha aula. Eu ouvia cada um deles, porque eu sabia que para eu poder sobreviver na escola, eu tinha que ouvir. E eu os ouvia. Eu chegava na escola municipal e perguntava como tinha sido o dia deles, eles falavam. Quando eu ia preparar minha aula, eu sabia que era pra essa pessoa que tem essa questão, esse problema. Eu chegava na escola Orcírio e também era assim.

Minha dinâmica no primeiro dia de aula era ouvir os alunos. O que eles gostavam de fazer, qual programa de televisão preferido, qual série gostavam de ver, o que eles faziam quando não estavam na escola, se eles gostavam de futebol ou não. Eu ia adaptando as aulas, entendendo o aluno. Nós tivemos formações para professores da EJA, mas essas formações vieram no ‘olho do furacão’ ... Nós professores, temos que fazer as coisas acontecerem no ‘olho furacão’. Não era fácil porque tinha coisas que só quem estava dentro da sala de aula conseguia entender. Eu posso escrever o projeto mais bonito, mas a realidade é diferente, é de cada um e de cada turma, e você vai ter que adaptar a técnica pra realidade da sua turma.

Em relação ao estudante da EJA, se compararmos o do interior com o da capital, há alguns pontos parecidos como, por exemplo, a relação com o trabalho. Mas tem um fator diferente na capital em relação ao interior que é a questão das distâncias da escola até a casa do aluno. Antigamente, a escola do próprio bairro do aluno oferecia aulas na EJA, mas hoje não.

Hoje tem um número limitado de escolas que ofertam e cada vez isso é menor. O aluno atravessa a cidade pra chegar na escola, pois a escola mais perto é uma escola longe. Eles atravessam a cidade de novo para voltar para casa e acordam muito cedo porque seu trabalho também não é perto de casa. Essa é uma questão de Campo Grande, porque em Nova Andradina em cinco minutos você está em qualquer lugar da cidade. Em Campo Grande esse aluno da EJA tem o passe de ônibus para ir para a escola, mas muitos lotavam os carros, combinavam carona, outros iam de moto para a escola. Alguns, às vezes, pediam para sair mais cedo, senão perdiam a carona.

Se eu fosse um professor que acabou de sair da universidade, eu ia falar que a aula não acontece muitas vezes, mas as aulas aconteciam. Em um dia, tínhamos dez alunos na aula e no outro dia tínhamos outros alunos totalmente diferentes daqueles dez. Eu falava: “como assim, eu expliquei matéria para dez e como eu vou continuar com outros dez?”

Uma questão difícil de falar é sobre o ano de 2020 porque o calendário começou atrasado. A avaliação que eu faço, foi que os alunos da EJA foram os que mais absorveram conhecimentos durante esse período da pandemia. Eu trabalhei durante esse período com o ensino fundamental, com ensino médio e com a EJA, e quem mais me deu retorno nas atividades, aqueles que mais perguntavam, interagiam e estavam preocupados com o que tinham que fazer eram os alunos da EJA.

No ano de 2020, a Escola Estadual Orcírio tinha inicialmente quarenta alunos, e no final do período quinze, vinte. Eu tinha três turmas. Comecei o ano dando aulas no Módulo I e Módulo III. No segundo semestre, Módulo II e Módulo IV, agora no início de 2021, retornei pro Módulo I e Módulo III porque peguei aulas da EJA agora também. Antes, na escola, haviam dois Módulos III e agora temos um Módulo III e um Módulo I.

Temos um reflexo da política que envolve a EJA. Os alunos se sentem inferiorizados, eu sinto essa luta. Desde a minha época de moleque tinha o Mobral<sup>220</sup> e o pessoal falava do Mobral sempre com um tom pejorativo e quando eu escuto falar da EJA, geralmente falam também com esse tom. Os alunos se sentem assim: “fiz ensino médio, mas fiz a EJA”. Eles não consideram a EJA como importante. Tem todo um processo político que contribui para que eles tenham essa visão de “fiz, mas fiz na EJA”. Eles acham que o ensino não é de qualidade. Vejo que não existe um investimento nesse setor (talvez por questões políticas) tanto é que foram

---

<sup>220</sup> Mobral – O Movimento Brasileiro de Alfabetização foi um programa criado pelo governo federal em 1970 com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização de jovens e adultos. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar. Fonte: Educa Brasil Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

fechando escolas que ofertam EJA e hoje são poucas escolas que oferecem essa modalidade de ensino na capital.

Eu não consigo ver uma parceria entre escola e trabalho. Eu já cansei de ouvir: “professor, eu não consigo chegar na primeira aula, até conversei com a patroa e ela falou, você escolhe: você trabalha ou estuda”. Essa pessoa precisa comer, e a escolha é meio óbvia. E assim se vão dez anos, cinco anos, até que ela volta a estudar e o problema a acompanha. Eu sinto que ninguém liga muito. Eu já falei que queria escrever um projeto, conversar com os gerentes das lojas, com um projeto podíamos pedir pra esse aluno sair meia hora mais cedo do trabalho, isso podia mudar a vida dele. Em Nova Andradina, a cidade é pequena e todo mundo se conhece. Essa ideia poderia funcionar lá, mas a escola fala que não vai adiantar e eles dão um jeito na situação fazendo a chamada no final da aula.

Muitos alunos da EJA querem levar a escola a sério, não querem só a presença e sim o diploma e aprender. Muitas vezes eles falam: “professor, eu não aprendi, saí empurrado da escola, eu não aprendi, não sei calcular a distância entre ponto e a reta, não sei equação da reta...”. Eu falo que ajudo na prova, mas eles falam que não é isso que eles precisam, que precisam aprender, que não é uma questão de passar. Eles precisam de um olhar político e tudo isso contribui pra que eles cheguem onde eles estão.

Eu acredito que deveria ser feito um mapeamento para entender o que o mercado pede. Eu tinha alunos que trabalhavam em lojas de tinta, que carregavam sacos de cimento, padeiros, açougueiros, alunos com profissões diversas. Fica a pergunta: quem estamos formando? É para o mercado de trabalho? É ensino técnico ou já tem ensino técnico? A EJA é o que? Pra que esse aluno está se formando? Existe um grupo de professores que está entendendo isso? Existe uma formação pra isso? Se vamos fazer uma formação para trabalhar com a EJA, o professor tem tempo para estudar e entender que ele está em um universo diferente? Esse aluno, quando ele vai pra EJA, ele é escutado? Porque esse aluno está ali? Ele só quer o diploma? Ele quer aprender, mas ele quer aprender pra quê? Ele vai fazer uma universidade depois? É difícil responder essas questões porque têm muitas questões subjetivas, cada um está ali por um motivo, eu acho que a gente tem que dar uma atenção maior para a EJA.

O meu pensamento é que a EJA está sofrendo, acabando, virando uma outra coisa. A EJA está virando um curso digital. Eu já ouvi algumas coisas sobre a EJA EaD. De maneira ampla, o que deve ser feito é um mapeamento para entender a EJA. É sentar e dizer: quem é essa clientela? Qual é a faixa etária? Como que a gente pode atuar com essa galera? É até um desabafo, mas eu me senti mal porque tinha gente morrendo na pandemia, aluno comentando

que pegou COVID, que morreram pessoas na família e eu falando log de A na base B, igual a B elevado a C, igual a A. É isso que eu tenho que fazer no momento de pandemia? E fora da pandemia? É isso que eu tenho que fazer? É isso que os alunos esperam? Onde eles vão usar log de A na base B, igual a B, elevado a C igual a A. Onde é que eles vão usar isso? Só que ao mesmo tempo, eu tenho que planejar as minhas aulas, é isso o que o professor mais faz hoje. É planejar, só planejar, planejar, e tenho que aplicar minhas aulas, tenho família, tenho curso de doutorado e minhas coisas. Eu vou parar e vou tentar resolver? Vou dar uma de ‘Rambo’ e sair tentando resolver o problema da EJA? E os meus problemas? É uma série de coisas, e pra não enlouquecer, eu sentava e fingia que nada estava acontecendo. Meus pesares! Morreu? Que triste! E vamos log de A na Base B ... e tocava o barco.

O meu salário caía na conta, hoje eu consigo colocar a cabecinha no travesseiro e dormir porque eu já perdi muito tempo de sono pensando nisso, mas eu precisava também dormir.

Eu trabalho na EJA e ano que vem eu tenho aula? Não sei. Eu sou professor convocado e sempre trabalhei como professor convocado. Não sei nem se vai ter turma no próximo ano. Eu tive toda essa questão de humanização, eu sofri aprendendo, mas, aos poucos, você vai perdendo um pouco disso porque você precisa se desligar dessas questões senão você não consegue sobreviver em sala de aula. É tudo complicado. Tudo isso é bem puxado. É bem difícil.

O sistema sempre culpa o professor. A culpa é do professor. Eu tenho duas aulas de Matemática. Duas aulas de Matemática! Você tem uma lista de conteúdos enorme, com toda complexidade, alunos com dez anos longe da escola, alunos que saem de uma ponta da cidade pra outra para estudar e depois vai de uma ponta à outra para chegar ao serviço, e chegam lá sem comer. Eu tive um aluno que quando colocou comida na boca, quase desmaiou. Eu fui entender o que estava acontecendo, e ele me disse que não tinha comido nada o dia inteiro e quando colocou a comida na boca o corpo sentiu. Ele quase caiu. Esse é o aluno que chega para estudar na EJA, e é para ele que você vai explicar função exponencial, função trigonométrica. E ao mesmo tempo você vai formar ele, um aluno crítico, emancipador e todas essas questões em duas aulas semanais? Em duas aulas sendo que você tem que parar sua aula pra uma merenda, para uma reunião de formatura ou para ele ir embora pegar o ônibus mais cedo porque tem horário do ônibus senão ele não chega em casa. Resumindo, essas duas aulas viram uma aula e meia e ao mesmo tempo você tem que explicar função trigonométrica de uma forma que seja emancipadora e de uma forma que ele consiga entender porque senão, se ele não conseguir entender, ele também sai fora. E você é o professor, tem que se virar. Se o aluno não formar a

culpa é do professor porque o estado deu tudo: teoria e capacitação. E por que você não leu? Por que você não estudou? Por que você não se aprofundou? Você que não conseguiu nessa sua aula e meia? Você tem que se virar para pegar mais aulas porque a gente reduziu seu salário tantos por cento.

A escola não se conversa, na escola não tem conversa. Eu faço um planejamento que, às vezes, não uso. Aí você pergunta: “Alan, você às vezes não usa o seu planejamento?” Eu não, porque tem uma série de coisas que alguém acima me pede, mas que eu não quero colocar para esse aluno. Eu tenho minhas expectativas enquanto professor, a Secretaria de Educação tem outras expectativas, a coordenação tem outra, a direção tem outra, e o aluno tem outra. Nunca esses mundos param pra conversar, eu nem sei se a gente consegue chegar nesse senso comum, mas talvez chegar próximo disso e tentar se organizar e fazer uma coisa que seja minimamente satisfatória pra todos esses números. Quem está lá em cima continua querendo uma coisa, quem está na direção querendo outra coisa, a coordenação outra coisa.

O aluno chega na escola com uma visão e o professor tem outra. Quando eu trabalhei como coordenador eu senti uma ‘pancadinha’ disso tudo, mas eu sinto que o grosso mesmo, a pancada dura, vai para o professor e, esse ‘hematoma’ é gerado no professor. E você vai cicatrizando. Você cicatriza com essa pancada aqui e aprende como funciona, cicatriza.

Esse é um modo de pensar, um modo de sobreviver. Alguns adotam essa estratégia de sobrevivência, fingem que as coisas não estão acontecendo. Alguns fingem que trabalham, os alunos fingem que aprendem, isso pra mim é complicado, porque como eu vou sair de lá? Eu sei que se eu fingir, eu vou tentar dormir à noite e não vou conseguir. Vou pensar que esse dinheiro que está caindo na minha conta é um dinheiro que não é legal. Dentro de todas as possibilidades, eu tento ser útil. Eu explico o básico do básico em trigonometria, mas pelo menos se os alunos ‘tombarem’ com um triângulo retângulo conseguirão tendo dois lados achar o terceiro. Se é isso que eu posso fazer, e vou fazer da melhor forma possível. Eu tenho muito respeito pela EJA. Eu posso até usar essa tática de sobrevivência com outras turmas, mas com a EJA não, porque eu sinto que eles percebem. Não sei se é uma coisa minha, mas eu sinto que eles falam “esse professor está enrolando”.

Eu já deixei de pegar mais aulas porque eu precisava de tempo pra simplificar um conteúdo e explicar da melhor forma possível. Eu tenho materiais que eu criei para explicar melhor, porque se o aluno precisar usar, pelo menos o mínimo ele vai saber. Eles dividem o conteúdo entre fácil, mais ou menos e difícil, e dentro dessas possibilidades de uma aula e meia que tenho na EJA, eu vou tentar explicar pelo menos o básico, do básico. Assim eu saio da aula

e consigo dormir, e pra alguns alunos isso funciona, eles vêm me falar: “professor, eu estou fazendo faculdade. Aquele curso de enfermagem deu certo. O negócio que você me explicou hoje, eu uso no curso”. É assim que eu tento pensar, porque ir na escola pra enganar é muito difícil. É uma questão que pra mim é forte, é bem forte.

O ENCCEJA também é uma realidade presente na escola, mas pela experiência que eu tenho, ENCCEJA e Matemática talvez não combinem. Os alunos fazem ENCCEJA, por diversos motivos, mas essa questão da Matemática é complicada. Eles até conseguem passar em outras disciplinas, mas na Matemática, muitas vezes eles não conseguem aproveitamento e acabam fazendo presencial. Tive alguns alunos que passaram em Matemática no ENCCEJA, mas valorizavam tanto a Matemática que não quiseram ser dispensados das aulas de Matemática. Eu falei que eles não precisavam fazer, mas eles achavam importante estudar Matemática na escola.

No meu mestrado, eu fiz a dissertação sobre cálculo diferencial integral entre 1890 a 1930, com o professor Luiz Carlos Pais, mas no meio do processo eu comecei a observar umas questões entre Matemática e questões raciais, entre Matemática e processos de exclusão, racismo. A minha experiência como cotista começou a fermentar e eu pensei em partir para essa área.

Eu lembro que um professor chegou e me falou assim: “você vai entrar na Educação Matemática e nunca mais vai ser a pessoa que era antes”. Hoje, eu tenho muitas questões, políticas e educacionais das mais diversas que venho estudando. A Deise, uma aluna do doutorado fantástica, que faleceu recentemente, me perguntou sobre o que eu estava pensando para o doutorado, ela me convidou para participar do grupo que ela fazia parte, o GPCEM – Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática e a gente começou a estudar e começou a surgir em mim, questões como: os negros eram educados depois da abolição da escravatura? Como esses negros estudavam Matemática? O quanto a Matemática era importante pra esses negros dentro desse processo histórico? Eu comecei a estudar Foucault e participar de grupos de pesquisa e minhas questões foram aumentando e fui olhando pra sala de aula de uma maneira diferente, para questões sociais, como é a Matemática e meu papel como professor de Matemática, como a minha posição como professor de Matemática é valorizada, e tudo isso junto com meus estudos em Educação Matemática. Eu estou resumindo esse processo de mudança porque foi muito grande porque eu era aquele Alan que até pouco tempo tinha resquício daquele professor que queria se impor por meio da Matemática, que entrava na sala de aula e falava: “sou professor de Matemática, me respeita que eu sei Matemática”. A

Educação Matemática contribuiu para que eu pensasse se meu conhecimento matemático é pra isso, pra que eu estudo Matemática e se a Matemática ajuda outras pessoas. Eu estou lidando com pessoas e a Matemática me trouxe muitas perguntas.

Antigamente eu falava que quando eu fosse pai, que eu ia ensinar muita Matemática para meu filho, e que meu filho ia saber muita Matemática, porque saber matemática te põe acima de qualquer pessoa. Hoje eu já penso de outra forma, penso que Matemática é importante, vejo a Matemática como uma disciplina importante, gosto de Matemática, de vez em quando me pego fazendo continhas. Mas vejo de uma outra maneira, vejo que eu quero compartilhar essas questões da Matemática com o meu filho, mas também deixo ele bem à vontade para seguir outros caminhos.

A universidade para mim é um espaço que você tem uma maior autonomia, existem questões burocráticas da Rede Pública Municipal e Estadual que pra mim são muito difíceis. Talvez eu encontre isso também no ensino superior, porque eu só trabalhei dois, três anos no ensino superior e ainda tinha uma outra visão. Eu era um outro Alan, e depois eu não voltei mais para o ensino superior, mas tem umas barreiras que me incomodam muito. Uma vez um professor falou pra mim: “Alan, para de dar aula, você vai ter uma gastrite. Você não consegue aceitar certas coisas. Tem algumas inquietudes fortes dentro da escola, que me pegam muito e talvez o ensino superior seja um espaço de certa liberdade onde eu vou conseguir atuar.

Eu não consigo ver muito espaço pros meus estudos na escola pública, apesar de aos poucos, ir conseguindo me encontrar, conseguindo resistir e existir dentro dos espaços que são dados na escola. Por enquanto, por questões financeiras, o ensino superior é um lugar mais interessante pra você trabalhar, pra você pesquisar, para grupos de pesquisa e projetos, é uma coisa que me chama atenção, então nesse sentido, ainda prefiro o ensino superior. Daqui um ano, ou dois anos ou meio ano, ou uma semana, talvez a gente tenha uma outra conversa e eu consigo falar que achei um lugar dentro da Rede Estadual que eu vou conseguir uma grana para viver e que é um estado de resistência, é um lugar para eu trabalhar.

Eu via na Escola Municipal Padre Tomaz Ghirardelli, um lugar fantástico para mim. Eu via a galera ali, um espaço, muita vida. Lá tem muita coisa, muita história. Coisas que talvez o ensino superior não tenha porque no ensino superior é uma clientela diferente. Os alunos do ensino superior têm a história deles, mas já passaram toda uma seleção. Não é desprezar, mas tem uma galera que cai antes, e essa galera que cai antes tem uma história muito legal. Vamos tocar esse doutorado, vamos trabalhando e eu nem posso te dizer qual ambiente é o ideal. Talvez o ensino superior, mas não pelos mesmos motivos, por outros.

Eu movo esse meu propósito, uma coisa que permaneceu, foi essa minha inquietude de falar: “como que eu faço pra melhorar esse ensino público?” Ensino público pra mim é um problema e não sei se eu vou solucionar esse problema, possivelmente não, e outros vão surgir. Mas é uma coisa que vou voltar. Eu ouvi muita coisa e a EJA foi um lugar sensacional, um lugar onde eu pude escutar essas experiências de vida e porque era um lugar onde eles trocavam, e eu trabalhava com crianças e não tinha essa troca, e se eu fizesse isso eu ‘perdia a mão’. Na EJA eu conseguia ter essa troca, eu falava vamos estudar um pouco e depois voltar, e acontecia. Foi lá que eu pensei: vai ter muita vida aqui, nessa história!

#### 4. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO GROSSO DO SUL: HISTÓRIA DO COTIDIANO ESCOLAR

Ao produzir movimentos analíticos a partir de narrativas constituídas em momentos de entrevistas produzimos uma história da Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul. O propósito inicial da pesquisa era olhar para o cenário de uma escola a partir de um projeto específico da EJA urbana, o Projeto Conectando Saberes, que teve como início de operacionalização o ano de 2016, a partir de entrevistas de professores que atuavam em sala de aula em 2020. Entretanto, ao questionar as narrativas produzidas, percebemos que os professores narraram tudo o que lhes afetaram durante o seu percurso de vida, passando pela sua infância, formação e por outros anos da EJA para além daqueles nos quais pretendíamos nos debruçar. Eles narraram o que se passou em relação a essa modalidade de educação no decorrer de um tempo, que ao nosso olhar, aconteceu desde o início da EJA como modalidade no estado, a partir dos anos 2000.

Nesse sentido, nossa estratégia de análise foi a produção de uma narrativa que buscasse problematizar a questão: o que pode a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul? Organizamos a narrativa de forma a transitar por uma escola da EJA criada pela pesquisadora, com características das narrativas dos entrevistados. Nela, apresentamos um dia de uma escola, iniciando com a chegada dos estudantes e finalizando com a sirene de saída, onde todos deixam a escola. Nessa invenção, a vivência da pesquisadora também aparece, pois foi também professora da modalidade em duas escolas estaduais do interior de Mato Grosso do Sul<sup>221</sup>. Os nomes dos personagens que trouxemos para a narrativa *Mais um dia de aula* são fictícios<sup>222</sup>, mas são estudantes reais da escola da EJA que a autora deste trabalho lecionou. Eles também são parte da história da EJA em Mato Grosso do Sul.

Entendemos que a criação das escolas como as que temos hoje foi artificial, histórica, onde práticas e teorias sobre como ensinar e para quem ensinar foram inventadas. Nós, professores e professoras da EJA, somos sujeitos que ocupamos e habitamos as salas de aula, e o ambiente escolar como um todo. Somos sujeitos submetidos a políticas, diretrizes, condições de trabalho, carreiras e salários, avaliações, relações sociais e interesses políticos. Somos o

---

<sup>221</sup> Escola Estadual Chico Mendes e Escola Estadual Marechal Castelo Branco –Água Clara, MS.

<sup>222</sup> Onofre, Leonardo Davi, Adão, Martinha, Tiago, Yan.

resultado das tensas relações entre alunos e professores, conexões sobre o que ensinar e aprender, sobre currículo, sobre formação de professores. Somos sujeitos de práticas cotidianas, a todo tempo reinventando, organizando esquemas, ocupando espaços provisórios, e nesse movimento de invenção, de lutas e batalhas, essa escola vai sendo constituída. Não intencionamos esgotar qualquer assunto nesta análise, pois entendemos que essas construções seguem linhas mutáveis que estão a todo tempo sendo renovadas.

Produzimos uma das histórias possíveis sobre a EJA em Mato Grosso do Sul, disparadas a partir das narrativas de 12 professores, 13 por termos incluído as vivências da autora desta dissertação. As textualizações nos possibilitaram olhar para as escolas da EJA, para as particularidades desses lugares diversos dentro de um mesmo estado. Buscamos perceber individualmente cada narrativa, com suas marcas próprias, configurando uma outra narrativa escrita pela autora, a escola da Educação de Jovens e Adultos, o cotidiano dos estudantes, o dia (noite) na escola EJA, desde o momento que o sinal toca da entrada até o momento que o sinal de encerramento da aula bate. Dentro desse intervalo de tempo, tantas coisas acontecem nessa escola ...

### **Mais um dia de aula...**

Como todos os dias, o sino toca às 18h30min. É um alerta de que a aula da EJA vai começar. A escola ainda se encontra vazia, mas já começa a produzir um movimento de chegadas, de encontros de sujeitos tão múltiplos. Os “passageiros da noite”<sup>223</sup> começam a chegar, adolescentes, jovens e adultos que “não fazem percursos individuais. Nem percursos de agora. Sabem-se passageiros de longos itinerários coletivos que vêm de longe”. (Arroyo, 2019, p.29)

Quase ninguém chega à escola<sup>224</sup> às 18h30min. Todos os dias aquela sirene controladora soa alto, imponente, demarcando uma aula que tem hora para começar, sem começar... Um ritual corriqueiro marcando os corpos de sujeitos já determinados pela disciplina do trabalho, pelos discursos normalizantes. É “o controle e o uso de um conjunto de elementos distintos: a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar ‘celular’” (Foucault, 2020, p.

<sup>223</sup> Arroyo (2019), traz em sua obra um educando da EJA como um passageiro da noite, em constantes itinerários, não somente escolares, mas “passageiros-itinerários-humanos”. Um sujeito que percorre vários percursos, tanto de casa para o trabalho, desse para a escola, e muitas vezes, percorrendo longos deslocamentos noturnos do trabalho à EJA e desta para uma moradia distante. Mas também, outros percursos como os sociais, raciais, de classes diferentes.

<sup>224</sup> Algumas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul atendem somente o Projeto Pedagógico de Curso da EJA no período noturno.

148). O horário é disciplinante na escola, no trabalho, na vida, a fim de constituir um ‘tempo integralmente útil’ e totalmente disciplinar.

A escola, ainda desabitada no horário noturno, aos poucos vai ganhando vida com pequenos grupos de alunos ocupando vagarosamente o espaço onde tantas coisas acontecem. A rotina escolar muda para atender uma demanda específica de alunos da EJA. O sinal de entrada não faz muito sentido nesse ambiente para jovens e adultos que já tem em seus corpos marcas do controle disciplinar. A subjetivação<sup>225</sup>, dos estudantes<sup>226</sup> que vivem o mundo do trabalho, não vem, nessa altura da vida da escola, mas sim, do trabalho, uma necessidade diária de garantir a sobrevivência. A escola, na hora da sirene, ‘deserta’, despovoada, produz um ritual normalizante na entrada dos estudantes. Mas há uma “burla à regra” que autoriza o não fechamento do portão no horário previsto. A escola prevê o atraso dos alunos.

Essa escola tolera a demora, permite que esse estudante se organize de forma diferente, pois o trabalho, para o estudantes trabalhador, é prioridade. Ela “normaliza” o atraso, viabiliza a chegada do estudante trabalhador indicando que estudar é hierarquicamente menos importante que o trabalho. Mas há possibilidade de estudar, quando se é adulto, sem colocar o trabalho como prioridade? Para muitos desses estudantes, o trabalho é gerador de renda, meio de sobrevivência, garantia de comida na mesa.

Quem chega primeiro à escola é o Onofre, agente patrimonial. Homem de baixa estatura, andar lento, voz rouca e sempre de barba por fazer. Ele traz sempre a garrafa de água encapada com couro, bordada com uma dupla, cavalo cavaleiro, praticando o *laço comprido*<sup>227</sup>, bomba, cuia e erva de tereré<sup>228</sup>. Ele tem um lugar próprio de ficar na escola, no seu cantinho que muitos chamam de roda de *tereré do Onofre* -lugar de muita prosa, espaço de contar os causos – onde quem chega encontra aconchego e uma boa conversa. Os assuntos são os mais diversos: tempo da infância, época do futebol no campinho (ele era o zagueiro do time Asas Clube), bailes com

---

<sup>225</sup> Usamos esse termo sob uma perspectiva foucaultiana. A subjetivação influenciada por uma série de dispositivos que produzem no sujeito mudanças nas suas formas de ser e estar no mundo. O sujeito como um ser subjetivo que passa por determinados processos de dominação para constituir a sua forma de pensar, de vestir, de se portar, suas limitações e potencialidades.

<sup>226</sup> Entendemos que os sujeitos da escola da Educação de Jovens e Adultos têm perfis distintos. São homens, mulheres, jovens, adultos e idosos que vivem de diferentes formas, no caso desta pesquisa, da EJA em Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, “discutir quem compõe os sujeitos da EJA em Mato Grosso do Sul é compreender essa modalidade na multiplicidade de circunstâncias étnico-raciais, de gênero, geracionais; de aspectos culturais e regionais e geográficos; de orientação sexual; de condições mentais, físicas e psíquicas (PROJETO CONECTANDO SABERES, 2020, p. 13)

<sup>227</sup> O laço comprido é uma modalidade em que o competidor, montado em um cavalo, deve laçar um bovino que é solto dentro de uma arena

<sup>228</sup> Tereré é uma bebida tradicional sul-mato-grossense, feita da infusão da erva-mate em água fria.

sanfona e dança do Chamamé<sup>229</sup>, viagens de trem<sup>230</sup> pelo interior de Mato Grosso do Sul, e o tempo que foi estudante da EJA. Seu assunto preferido é sua história de vida, pois acredita ser um exemplo para outros alunos seguirem os estudos e não desistirem da escola. Uma de suas responsabilidades é acender as luzes da quadra.

A gurizada<sup>231</sup> mais nova gosta de jogar bola antes de entrar para sala. Para eles, o tempo de jogar uma bolinha é a melhor parte da escola. “Sempre dá tempo de jogar uma bolinha não é?” Leonardo Davi fala quando percebe que a inspetora vem chegando perto para ver quem anda pela quadra “cabulando”<sup>232</sup> a aula. Aquele ambiente vai se constituindo com a chegada dos alunos da EJA em um emaranhado de vidas, de histórias, de gerações. Grupos de estudantes chegando, se ajeitam na sala, vão habitando aquele lugar. Alguns alunos esperam uns aos outros do lado de fora da escola para entrarem juntos portão adentro, chegam na sala sempre acompanhados.

O Adão é estudante. Ele vai à escola de bicicleta. Estaciona a sua ‘barra forte’ vermelha na lateral direita do mastro das bandeiras. Ele consegue vê-la, naquele lugar específico, diretamente da sua sala de aula, como um sentinela de olhos atentos e vigilantes. Cumpre todos os dias o mesmo ritual, tira da mochila uma cordinha velha já surrada pelo tempo de uso, desfaz os nós dos guardados, e a amarra minuciosamente para evitar o roubo da sua companheira de vida das antigas, como ele fala. A bicicleta é seu instrumento de trabalho. Com ela, transporta garrafas plásticas de leite que traz do sítio para comercializar na cidade.

Ele já tem muitos cabelos brancos, olhar cansado, pele ressecada de tanto trabalhar ao sol. Muitas vezes fica dias e dias sem aparar a barba esbranquiçada, com fios desalinhados. Veste calça de brim, camisa de algodão de manga curta, na cabeça um inseparável chapéu de feltro cor cinza chumbo desbotado. Ele é um dos primeiros alunos da EJA a chegar na escola, já que a Dona Santa, sua companheira, apesar de sair mais cedo de casa, vem caminhando lentamente acompanhada da neta (que também é aluna da EJA). Ela diz que, se por ventura se atrasar para aula, poderá “embaralhar a rotina”. Ela tem medo de perder a explicação e a ordem dos registros, por isso ela faz com rigor as anotações no caderno brochura. Além disso, escolhe um lugar para sentar “perto da lousa”, de forma a evitar ficar próxima da turma do fundão, que segundo ela, é um lugar de garotos jovens, *sem juízo*, que muito têm que aprender sobre a vida. Ela chega, guarda debaixo da carteira a bolsa com desenhos florais desbotada de tantas

<sup>229</sup> Chamamé é um estilo musical registrado como bem de natureza imaterial de Mato Grosso do Sul.

<sup>230</sup> A primeira linha férrea em Mato Grosso do Sul foi inaugurada em 1912 e o trecho era de Itapura a Corumbá.

<sup>231</sup> Termo utilizado em Mato Grosso do Sul para denominar um grupo de crianças ou de jovens.

<sup>232</sup> Cabular a aula no sentido de usar de cábula (astúcia, esperteza, artimanha) para não cumprir um dever ou obrigação; mandriar.

lavagens, se ajeita na primeira carteira da segunda fileira e fica aguardando a turma acabar de chegar. O tercinho, de sementes de contas de lágrima, fica na mão direita, aproveitando o tempo para a oração, em silêncio.

A Martinha Sorriso chega à escola no ônibus das 18h40min e logo dá notícias de todo mundo que passeia pelo pátio ou, até mesmo, quem está do lado de fora “enrolando o tempo”. Ela, que não tira do corpo a sua calça estampada de verde e preto e o top preto de tricô, leva a camiseta do uniforme na bolsa, caso precise ou a diretora exija que ela esteja igual a todo mundo. Chega na escola tagarelando, contando como foi o seu dia cuidando das crianças na casa da Dona Zeli (a patroa). Seu ônibus está sempre lotado, vem em pé em todo o trajeto, um caminho longo até a escola. Volta para casa sempre apressada, corre para o ponto do ônibus na saída para não perder o tempo porque ainda tem mais uma jornada de trabalho. Arrumar a casa, ajeitar o almoço para o dia seguinte, lavar e passar as roupas, cuidar das suas crianças. O sonho dela é terminar logo o Ensino Médio, voltar para o Maranhão, ficar perto da família, fazer o percurso de volta, tentar conquistar um emprego melhor com o diploma.

Thiago, filho do Louro do bar, é trabalhador da fábrica de móveis. Ele precisa terminar o ensino médio e pegar logo seu diploma. A conclusão do ensino médio, para ele, é uma forma de mudar de salário, subir de cargo, ser mais valorizado. Ele vai para a escola direto da fábrica, fala que se passar em casa não cria coragem de estudar, por isso vai direto, de uniforme e tudo. Ele tem pressa.

São nessas salas de aula tão diversas que já estudaram a Dona Ana do caixa da mercearia, o Sr. Pedro do carrinho do reciclado, a Nilda manicure, a Selma da recepção do hotel, a Célia do MS Capitalização<sup>233</sup>, a Verônica depiladora, a Renata da raspadinha<sup>234</sup>, o Fagundes motorista da ambulância, o Deoclécio do controle de endemias, o Pedrinho da *lan house*<sup>235</sup>, a Rosalina da verdura, a Nilda sacoleira, a Fran do churros, a Dirce desempregada há algum tempo.

O Yan é um jovem estudante que conseguiu se formar na EJA em 2018. Ele era do grupo do *rolê* do skate. Chegava à sala e estacionava seu skate no canto direito perto da lousa. Terminava as atividades antes da turma toda, se levantava, pegava o skate. Fingia fazer umas manobras dentro da sala esperando que alguém falasse para ele que ali não era o lugar para tal. Sua carteira se avizinhou a da Dona Percília, a mais idosa da sala; eles tinham uma convivência

---

<sup>233</sup> É um título de capitalização de pagamento único.

<sup>234</sup> Gelo batido e triturado misturado com suco de frutas.

<sup>235</sup> São estabelecimentos que ofertam locação de uso e acesso a programas e jogos de computador, conectados à Internet.

cheia de encontros e desencontros. Viviam uma harmoniosa ou até, muitas vezes, desarmoniosa relação silenciosa. Se comunicavam com trocas de olhares; ela com seus mais de 70 anos de idade, idosa com muitos saberes da experiência e ele um jovem de 19 anos, cheio de questões próprias ligadas às formas de ser e estar no mundo, representante da *juvenilização* da EJA.

### **A idade**

Por essa escola da EJA também já se passaram estudantes como a Dona Paulina, o Seu Paulo, o Seu Antônio que, como conta a professora Lucreciana<sup>236</sup>, mesmo chovendo, iam para a aula e ficavam sentadinhos esperando a aula começar. Em dias chuvosos, quando tinha poucos alunos, eles perguntavam se a professora ia passar alguma coisa. A resposta dela era sim, pois se eles estavam na escola, era porque tinham se esforçado para estar ali e precisavam da aula. Conforme a professora, os estudantes mais velhos se esforçavam mais para estar na escola em dias assim.

Essa professora relata que passam por suas salas estudantes jovens, adultos e idosos, gente de toda idade: são as relações intergeracionais presentes na EJA. É uma situação desafiadora por parte dos educadores lidar com várias gerações dentro da mesma sala de aula. Os estudantes que se encontram nesse lugar chamado escola buscam objetivos diferentes. Os mais velhos entendem que perderam muito tempo até chegar ali, desejam acelerar seus estudos, vão à aula em busca do tempo considerado por eles como perdido. Eles querem recuperar a oportunidade que em algum momento da vida lhes foi negada e completar seus estudos mais rapidamente. Nessas salas da EJA há também estudantes jovens com variadas expectativas em relação à vida, à escola, ao trabalho. Pessoas de variadas gerações misturadas em uma mesma sala de aula. Alguns mais jovens, como dialoga Silva (2014), acreditam que têm a vida toda pela frente, ingressam na escola por imposição dos pais ou da família que os sustentam. Esses estudantes jovens retornam a essa escola, encontrando-a muito parecida com aquela que ele frequentava e que provocou sua “expulsão”. Uma escola parecida com a escola regular, na forma, nas pedagogias, na rotina, nos processos, apenas ofertando um outro projeto de ensino de uma modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Uma escola com rotinas capazes de docilizar tais corpos jovens, produzindo uma coerção que esquadrinha os espaços, o tempo e o movimento (RODRIGUES, 2018).

Pensar nessa escola para esse jovem exige conhecê-los. Saber quem são esses sujeitos que a ocupam, como pensam e sua condição juvenil. Quais condições sociais, políticas e sociais

---

<sup>236</sup> Lucreciana Alves de Souza Santos, professora de Matemática na Escola Estadual Leme do Prado, Ladário/MS.

afetam as formas desse viver e como eles chegam até ali? Arroyo (2019, p.225) trata esses jovens como vítimas de uma transição escolar não feita, “pensados como parados nessa transição. Logo, a EJA atua como retomada do curso, percurso do trânsito não feito”. Para esses estudantes jovens a própria volta à escola não são “ritos de passagem”, mas “ritos de impasse”. “Passagens” para esses jovens cada vez mais barradas. Sujeitos de repetidas passagens, de ritos de impasses, de volta aos mesmos percursos, “percursos uns e outros não de transição, mas de repetências, nos mesmos lugares, nos mesmos trabalhos, nas mesmas séries. No mesmo lugar social, racial” (ARROYO, 2019, p. 226).

Atualmente, na EJA, os estudantes têm perfis mais jovens. Essa é a percepção da professora Mônica<sup>237</sup>: “de cinco anos para cá, a gente percebeu essa mudança” (MONICA, 2021). No livro *Diálogos com a Juventude*, organizado por Silva (2014), podemos encontrar algumas concepções sobre a rejuvenescimento da EJA que vão ao encontro da fala da professora Mônica. Essa autora discute alguns motivos da mudança da faixa etária dos estudantes da modalidade. Dentre eles, uma economia em crescimento gerando postos de trabalho em larga escala (período do estudo foi anterior a pandemia de 2020), onde muito jovens foram atraídos pelas oportunidades de trabalho. Aqueles que alcançaram as vagas de emprego acabaram por abandonar a escola movidos por atender seus anseios pessoais, para ajudar no sustento da família ou até mesmo pela incompatibilidade de horários ou cansaço físico. Ao regressar à escola, voltam aos bancos da EJA com intuito de concluir a escolaridade para atender as exigências impostas pelo mercado de trabalho. As empresas começaram a exigir certificados de qualidade e nível educacional mínimo aos funcionários.

Dados de Mato Grosso do Sul, especificamente trazidos no texto do Projeto Conectando Saberes (Urbano), indicam que a EJA no estado passa por esse processo de *rejuvenescimento*. No ano de 2019, havia um percentual de 60,1% de jovens (idade de 18 a 25 anos) matriculados frequentando a EJA urbana, acenando a *rejuvenescimento* na modalidade em MS (SED/MS).

Um outro problema acomete essa geração de estudante, conforme Silva (2014), é a inadaptação ao modelo escolar dos dias atuais. Esses jovens são “expulsos” dos turnos escolares diurnos nos quais estavam matriculados, ou transferidos de outras escolas por questão de inadaptação às normas disciplinares, por dificuldades de aprendizagem, insatisfeitos com as práticas pedagógicas utilizadas por seus educadores. O professor Adriano<sup>238</sup> (2021) nos mostra que alguns comportamentos reforçam a inadaptação escolar desse estudante em salas da EJA.

---

<sup>237</sup> Mônica Angélica Frares, professora de Matemática na Escola Estadual Padre Nunes, Coxim/MS.

<sup>238</sup> Adriano Franca Mariano, professor de Matemática na Escola Estadual Eneil Vargas, Coronel Sapucaia/MS.

“Esse tipo de aula do ‘batidão’, de você estar sempre em sala de aula copiando do quadro, fazendo resumo, isso pode funcionar para aluno que ‘está fresco’, para o aluno que está novo. Eu até compreendo que ainda tenha professores do ensino regular que pensam dessa forma, o que infelizmente é muito comum. Mas o nosso aluno da EJA não aprende mais assim. Eles não encontraram na sua escola perspectivas para aquilo que foram buscar, não conseguindo avanço, acabando sendo excluídos dos estudos e seguindo outros caminhos, sendo mais uma vez, privados dos seus direitos (ADRIANO, 2021).

Jovens como o Yan, ao chegar à Educação de Jovens e Adultos, trazem consigo uma “leitura de mundo que implicará o desenvolvimento de uma melhor aprendizagem nas práticas relacionadas ao meio em que vive. Reconhecer esse fato é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade que incorpore esse jovem de maneira justa e igualitária” (SILVA, 2014, p. 32). O educador da EJA torna-se desafiado a equilibrar desejos, expectativas, realidades tão diferentes em uma mesma sala de aula. E como conseguir equilibrar tantas experiências de mundo em uma sala de aula?

O professor Alan<sup>239</sup> (2021) nos conta que a EJA foi a experiência ‘mais louca’ que viveu. “Cinquenta ou sessenta alunos na sala de aula, gente com mais idade que queria estudar e alunos que não estavam ‘nem aí’. [...] havia alunos de todos os tipos em uma sala de aula, alunos com problemas com drogas, havia ex-presidiários e pessoas que acordavam de madrugada e estudava à noite” (ALAN, 2021). Esse professor entende que, para atingir seu objetivo educacional, precisa criar vínculos, criar afetos, estabelecer relações de confiança, promover condições de encontros. E foi assim que ele fez em um dia de jogos Interclasse na escola. Ele disse que sabia o que fazer: “os alunos estavam se arrumando pra jogar bola, eu peguei minha roupa de futebol e me arrumei também. Eles me perguntaram se eu ia jogar e eu falei para eles arrumarem um time pra mim. Eu joguei com os alunos e o clima começou a melhorar” (ALAN, 2021). Estabelecer vínculos e relações de pertencimento ao ambiente escolar provocam uma mudança estrutural e cultural nessa modalidade. Essas mudanças vão além da linguagem, da forma de vestir ou de agir, sendo percebidas pelos jovens, adultos e pelos idosos que estão no processo.

As relações intergeracionais configuram estudantes com várias idades em uma mesma sala de aula, “desde o moleque que tem dezoito anos, que é o mais novo, e o senhor de setenta/oitenta anos. [...] A convivência entre eles dentro da sala de aula é complicada porque

---

<sup>239</sup> Alan Pereira Manoel, professor de Matemática da Escola Estadual Orcírio Thiago de Oliveira, Campo Grande/MS.

enquanto o novo está em um ritmo, o mais velho está em um ritmo mais lento” (ADRIANO, 2021). Se por um lado essa diferença de idade pode causar inúmeros atritos, tendo esses sujeitos objetivos diferentes, também pode gerar possibilidades de aprendizado, diálogos entre saberes, reconhecimento da experiência. É um desafio lidar com esse tipo de conflito em sala de aula, “sempre tem uma coisa diferente, alguma coisa que você precisa correr atrás e buscar trabalhar todo mundo junto. Algumas habilidades são exigidas do professor como lidar com o ritmo de cada um, “trazer para junto aquele que está mais ‘atrasadinho’ e fazer com que a convivência fique harmoniosa” (ADRIANO, 2021).

O professor Maurício<sup>240</sup> explica uma de suas experiências sobre as questões geracionais dentro da escola que trabalhou: “os alunos mais velhos têm vontade de aprender. O aluno de idade mais avançada tem mais dificuldade na pronúncia e muita vergonha de perguntar. Às vezes, quando ele faz uma pergunta, os alunos mais jovens caem na gargalhada e fazem deboche. Muitas vezes, o aluno de mais idade fica com vergonha e não pergunta mais. Isso acontece uma, duas, três vezes e na quarta vez não acontece mais porque ele desiste de perguntar. Falo isso porque tem professor que não entende isso, porque para entender o que acontece com esse aluno esse professor tem que ser muito habilidoso” (MAURÍCIO, 2021).

Quando as relações intergeracionais acabam virando conflitos geracionais, a experiência do professor da modalidade faz toda a diferença. Para o professor Alan (2021) nas salas da EJA tem “alunos diferentes, pessoas de idade e jovens misturados na mesma sala. Pessoas de mais idade que estavam há dez anos, há quinze anos fora da escola, junto com pessoas que estavam há dois anos” (ALAN, 2021). Ele criava novas possibilidades pedagógicas como: organizar a rotina em sala de aula de forma que, quando os alunos com mais facilidade acabassem as atividades antes dos outros, eles ajudariam os seus companheiros. Dessa forma, os alunos mais velhos se sentiam bem em sala de aula, e ele, enquanto professor, incentivava os estudantes a não desistirem da escola frente a qualquer dificuldade. Os estudantes mais velhos, como diz o professor, têm um outro ritmo, até mesmo porque alguns ficaram muitos anos longe da escola, até decidirem ou terem oportunidade de retornar. Esse cenário, no entanto, pode ser outro, já que nem sempre são os mais velhos os estudantes que tem mais dificuldades.

Criar condições ao invés focar no problema pode ser um meio de mobilização de situações onde a diferença de idade é reconhecida como algo positivo. Quando Alan (2021) traz sua experiência, fazendo combinados no início do período escolar, entendemos isso como uma

---

<sup>240</sup> Maurício Soares de Magalhães (em memória), foi professor de Matemática da Escola Estadual Dr<sup>o</sup> João Ponce de Arruda, Ribas do Rio Pardo/MS

tática. Os combinados fazem com que os estudantes se sintam mais seguros em relação ao que vai acontecer em sala de aula, de forma que a partir do momento em que o professor explica a eles sua rotina pedagógica, pactua isso com os alunos. Ele garante naquele momento, principalmente ao estudante idoso, o acolhimento, mostrando que o tempo de cada um vai ser respeitado. O professor explicita que entende que existe diferentes sujeitos em sala de aula, que todos serão atendidos quando precisarem, que a experiência de vida de cada estudante também contribui para a formação de todos ali.

Ademais, criar formas de atender esses estudantes jovens, adultos e idosos dentro de uma sala de aula é um desafio para educadores da EJA. A idade não pode ser tratada como um problema. Muitas maneiras são organizadas pelos professores entrevistados para tentar produzir com essa diferença: trabalhando com projetos, reunindo com outros professores afim de desenvolver atividades interdisciplinares trazendo a realidade desses estudantes para a sala de aula, compartilhando experiências, incentivando a relação dialógica nas aulas. Em sala de aula da EJA “todo santo dia é um desafio” Adriano (2021).

### **O tempo**

No portão da escola, que fica aberto até às 19h, a coordenadora da EJA se faz presente com a sua observação atenta. “A hora de início das aulas é marcada pela escola, mas dificilmente os estudantes chegam antes das 19 horas” (LUCRECIANA,2021). É essa a rotina da escola desde quando os primeiros projetos da EJA foram autorizados. Sempre alguém aguarda os alunos no portão de entrada. A primeira aula do noturno é considerada mais ‘curta’, não em relação ao tempo/relógio, mas no tempo dos estudantes. Os professores não iniciam a aula na hora do sinal. Na EJA é assim, a primeira aula do dia não começa na hora marcada pela escola, como explica o professor Moacir, da Escola Estadual Maria Corrêa Dias. “A escola tem um horário mais flexibilizado para os estudantes da EJA e ainda assim, há aulas que não aparece ninguém. Então, você tem que estar lá à disposição da escola, por uma questão profissional, uma questão de compromisso seu” (MOACIR, 2021).

O planejamento feito pelo professor para essa primeira aula quase nunca é realizado, o tempo mal dá para atender as dúvidas da aula anterior. O docente passa algumas atividades, ou apenas conversa sobre a vida. Não é possível trabalhar novos conceitos nessa primeira aula. Os motivos dos atrasos são diversos, mas estão principalmente ligados ao mundo do trabalho. “Acontece muito de aluno chegar atrasado, porque ele estava trabalhando ou trabalha até tarde e acaba vindo pra escola um pouco mais tarde. Se o portão fechasse às 18h30min, vários alunos

ficariam de fora. Caso ele chegue depois disso ele passa pela coordenação para explicar o porquê de ter chegado atrasado; depois disso a coordenação o encaminha para a sala de aula”. (ADRIANO, 2021). Se a direção da escola ‘seguisse à risca’ a norma e determinasse o fechamento do portão às 18h30min, vários alunos ficariam de fora.

Essas práticas podem ser percebidas como “invenções cotidianas” que, de acordo com Michel de Certeau (2015), são “artes de fazer”. Uma forma de fazer que vai alterando os códigos e objetos, estabelecendo uma reapropriação do espaço e do uso, do jeito que a escola entende que poderá atender melhor seus estudantes. Práticas escolares com uma proposta de uma inversão de perspectivas, um deslocamento dos produtos recebidos para uma criação anônima. São as relações consideradas pelo autor como “as burlas” dos consumidores de tais políticas, mais especificamente as invenções da escola no sentido de interpretar as políticas educacionais as suas maneiras de fazer a lógica do cotidiano. Embora esteja previsto no Projeto Pedagógico de Curso da EJA o cumprimento da carga horária diária para implementação do calendário escolar, a escola mobiliza táticas para atender o estudante, principalmente, quando este é trabalhador e não tem a opção de sair mais cedo do trabalho. Ele, muitas vezes, chega atrasado à escola.

Na escola da EJA, que professora Mônica (2021) lecionava, essa prática estava incorporada a rotina escolar. Ela conta como a escola se articulava para atender esse estudante: uma organização ‘normalizada’ desde o porteiro, a cozinheira, estudantes, direção e professores. Tornou-se um costume organizar a rotina escolar dessa forma naquela escola, onde toda a comunidade educacional buscava um modo para operar devido a especificidade da modalidade. “Os alunos já estavam acostumados com aquela rotina. Os alunos que estavam ali entendiam como era a rotina. A gente tinha um porteiro que entendia que o aluno da EJA poderia chegar atrasado. A gente tinha a cozinheira que servia a merenda em tal horário e que sabia que tinha que fazer uma merenda melhor, mais gostosa pros alunos” (MÔNICA, 2021).

A organização do tempo das aulas da EJA é assim: duas aulas, um intervalo e depois de 20 minutos, outras duas aulas. Pode ser que “algumas escolas organizam o horário de outras formas, fazendo intervalos mais reduzidos, ou lanches na entrada dos alunos com a intenção de melhor atender esse estudante” (LUCRECIANA, 2021) mas, em geral, é assim que o tempo é organizado.

## **O curso**

A oferta<sup>241</sup> da modalidade em Mato Grosso do Sul é feita por projetos e a forma da organização curricular do Projeto Pedagógico de Curso da EJA (urbana) autorizado<sup>242</sup> pela Rede Estadual de Ensino (REE/MS) é modular. “O aluno a cada seis meses faz um módulo. Ele faz o primeiro módulo, que é o inicial, depois ele se matrícula no meio do ano, faz a matrícula novamente pra ir até o final do ano em outro módulo. No ano seguinte ele se matricula novamente pra fazer o módulo final” (LUCRECIANA, 2021).

A abertura de novas matrículas acontece no primeiro semestre do ano letivo vigente, momento que, normalmente, são ofertadas turmas dos módulos I e III. Se a escola tiver demanda, excepcionalmente, a Rede Estadual de Ensino (REE/MS) oportuniza abertura de turmas dos módulos III e IV (em escolas dotadas de atos autorizativos para ofertar o projeto Conectando Saberes). A professora Camila (2021) menciona que o projeto de curso da EJA traz a seguinte disposição: o conteúdo de Matemática organizado por módulos e na etapa do ensino médio são chamados por módulos finais I, II, III e IV. Nos módulos finais I e II, o conteúdo é referente ao primeiro ano e parte do segundo ano do ensino médio. Os módulos finais III e IV referem-se aos conteúdos do segundo e terceiro ano do ensino médio (comparando o referencial curricular do ensino regular com o referencial teórico da EJA). Os módulos são semestrais, distribuídos em 95 dias letivos cada (CAMILA, 2021).

“O Projeto Conectando Saberes é de 2016 [...] mas o que levamos em conta é a equipe. Ano passado, nós tivemos uma equipe excelente que buscou. A gente foi atrás. A gente consulta o Projeto Conectando Saberes para saber a estrutura curricular das disciplinas e dos conteúdos. Por exemplo, no Módulo I: ‘o que eu vou ter que trabalhar com esse pessoal?’ Eu vou lá, olho os tópicos. É basicamente isso, o resto é cumprir as metodologias e o conteúdo, senão a gente acaba ferindo a condição imposta, que é de cumprir a base curricular prescrita. O projeto é como um romaneio para saber que conteúdo a gente tem que aplicar” (ANDERSON, 2021).

O projeto vigente é um documento que “traz, à cena, a reestruturação da Educação de Jovens e Adultos na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul – REE/MS, uma vez que configura uma modalidade de ensino que se diferencia pela diversidade de seus estudantes.” (PROJETO CONECTANDO SABERES, 2020, p.7).

---

<sup>241</sup> A oferta das vagas para a EJA é feita de acordo com a demanda de matrícula de cada unidade escolar, onde a direção da escola solicita à Central de Matrículas da Rede Estadual de Ensino (REE) a abertura de novas turmas e a continuidade das demais. A Rede Estadual de Ensino oferta prioritariamente, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, educação básica etapas correspondente ao Ensino Médio; as redes municipais assumem prioritariamente a oferta da Educação de Jovens e Adultos etapas correspondentes ao Ensino Fundamental

<sup>242</sup> Em 2020 e 2021 o projeto da EJA – urbano autorizado foi operacionalizado por 57 municípios em 62 escolas estaduais.

## A prática

Na primeira sala do corredor está a professora Nadir<sup>243</sup> (2021). Ela aguarda a chegada dos estudantes na porta, pois a sua aula está prestes a começar. Ela conversa, cumprimenta a todos e descobre como foi o dia de cada um deles. Comenta: “já trabalho com EJA há seis anos e acho gratificante porque os estudantes da EJA são pessoas que têm vontade de estudar, mas que têm muitas dificuldades também. [...]Eu não vou te falar que são só maravilhas, porque tudo que fazemos têm os pontos positivos e negativos, mas os pontos positivos superam os negativos. Agora quando se fala em Educação Jovens e Adultos, você tem que estar preparada para todo tipo de situação” (Nadir, 2021).

Ela organiza a aula com elementos que os alunos se interessam em estudar, explica que ao basear-se na realidade dos alunos “eles conseguem se desenvolver melhor na escola”. Ela opera o planejamento de um projeto interdisciplinar, chamado “Fazenda Sustentável”, feito coletivamente por todos os estudantes da turma e por outros professores da EJA da Escola Estadual 13 de Maio. “Os estudantes escolheram por meio de votação o que eles queriam trabalhar. O tema mais votado por eles foi “Fazenda Sustentável”: plantio de soja, milho e confinamento de bovinos [...] Mas foi uma surpresa muito grande, sabe por quê? Os alunos fizeram uma maquete da fazenda” (NADIR, 2021).

Nessa aula, a sala é organizada em grupos de trabalho e cada um dos grupos é designado a fazer o custo de produção de um determinado tipo de lavoura agrícola ou de um confinamento do gado. Os estudantes sabem que a tarefa de cada um influencia diretamente no resultado final do trabalho, isto é, na verificação da viabilidade ou não do projeto de investimento (mesmo que fictício) da “Fazenda Sustentável” e até mesmo para a identificação de qual tipo de produção era considerada mais rentável. Um projeto escolhido pela própria turma, identificado como uma atividade dialogando com a realidade dos estudantes. Eles encontram, naquela atividade pedagógica, um motivo prático relacionado a realidade deles para estudar a Matemática.

“A realidade da tal fazenda era o plantio de soja e milho, e eles calcularam os custos para preparar a terra, quanto de semente iam gastar e o custo do plantio. Calcularam todas as despesas com base na quantidade de sacas de milho por hectare. Na hora de vender, eles pegaram os valores de venda com base o ano de 2018 sobre os valores da saca negociada. A partir desses dados o que que eles fizeram? Calcularam o valor bruto, descontaram os custos

---

<sup>243</sup> Nadir Maria de Moura, professora de Matemática da Escola Estadual 13 de Maio, Sete Quedas/MS.

com a preparação da terra, a despesa com veneno, preparação da semente e descobriram o valor líquido” (NADIR, 2021).

Incentivar a produção de dados, a resolução dos problemas, a discussão de questões interdisciplinares, a produção coletiva são práticas cotidianas - “*artes de fazer*” - desenvolvidas nessa sala da EJA. “Às vezes, a gente acha que não tem como trabalhar, mas quando você trabalha dessa forma com eles, eles não faltam à escola. Os alunos vêm para a escola; pode estar chovendo que eles vêm para participar porque não querem ficar para trás. Eu aprendi muito trabalhando com a turma dessa forma” (NADIR, 2021).

Olhando para essa prática pedagógica podemos entender que é assim que: “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”? “É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”? (FREIRE, 2020, p.25). “É ensinando matemática que ensino também como aprender e como ensinar, como exercer a curiosidade epistemológica indispensável à produção do conhecimento”? (p.122). São esses alguns dos saberes que parecem indispensáveis à prática docente de educadoras e educadores críticos, abordados por Freire, nas discussões em seu livro *Pedagogia da Autonomia*?

O professor Adriano (2021) reafirma que é essencial que o professor da EJA se preocupe em trazer para dentro da sala de aula a história do aluno e tente compreender que ele é um ser em formação, que tem uma história de vida, família, filhos. Precisa trabalhar essa vivência, o conhecimento que ele tem e aprender com isso; trazer esse conhecimento para dentro da sala de aula, adequar o conteúdo e metodologia para que eles se sintam bem. “Isso pode evitar a evasão do aluno da EJA” (ADRIANO, 2021). Para compreender, é preciso escutar. Assim, “é escutando que aprendemos a falar *com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele [...]. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com ele* (FREIRE, 2020, p. 111)

## **O intervalo**

Vinte minutos separam as quatro aulas da noite: é o intervalo. A equipe que trabalha na cantina serve a refeição e prioriza servir os estudantes da EJA antes dos demais estudantes da escola. Uma fila próxima a janela da cantina começa a se formar e muitos dos estudantes da EJA, após serem servidos, voltam à sua sala de aula optando por fazer ali mesmo a merenda. A

Dona Santa costuma terminar o jantar antes de todos. Ela, habitualmente, espera os colegas terminarem para recolher os pratos e talheres, levando-os de volta à cantina.

Naquele mesmo intervalo, na sala de professores há conversas diversas. O professor Adriano (2021) explica sobre um projeto que ele desenvolveu juntamente com o professor de Educação Física. Eles elaboraram jogos matemáticos que usavam nas aulas de Educação Física com os alunos. Dentre eles jogos de boliche e vários outros jogos. Ele comenta que costuma trabalhar interdisciplinarmente também com o professor de Ciências/Biologia do Ensino Médio calculando IMC - Índice Massa Corpóreo, e com professores de Biologia, Química, Física usando várias atividades que envolvem cálculos (ADRIANO, 2021).

Um outro projeto desenvolvido na Escola Estadual Edwards Côrrea e Souza, pelo professor José Paulo<sup>244</sup>, insere no conteúdo da Matemática rodas de conversa. Ele leva seus alunos para a sala de tecnologia e para a biblioteca. Pesquisam sobre a Matemática do Egito, sobre a Matemática da Mesopotâmia e sobre a Matemática na Pré-História. O objetivo da atividade era produzir uma percepção no aluno de que a Matemática foi aperfeiçoada de acordo com as necessidades do homem. Um trabalho interdisciplinar envolvendo temas como o Sistema Sexagesimal, da contagem nas cordas dos dedos, da importância do rio Nilo e das Pirâmides (JP, 2021).

No cenário da sala de professores, na hora do intervalo, no cotidiano da escola, nos focamos também a vislumbrar uma questão trazida pela professora Patrícia<sup>245</sup> (2021) sobre o perfil dos professores da Educação de Jovens e Adultos. Para ela há um perfil para trabalhar com a modalidade: “a EJA é diferente” (PATRÍCIA, 2021) e o professor também requer habilidades específicas para trabalhar com a modalidade. Em face dessa questão, há uma lacuna quando o assunto é a contratação de professores para a modalidade. No processo seletivo da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, especificamente nos dois últimos editais do processo<sup>246</sup>, não foi previsto a seleção de professores da modalidade levando em consideração o perfil desse professor e suas experiências. Mesmo sendo a EJA uma modalidade de educação com todas as especificidades mencionadas pela LDBEN n. 9.394/1996. Segundo a Resolução CNE/CEB 1/2000<sup>247</sup> a modalidade da educação deve considerar situações, perfis dos estudantes, faixas etárias e um modelo pedagógico próprio com componentes curriculares face às necessidades desse alunado.

---

<sup>244</sup> José Paulo Rodrigues, professor de Matemática da Escola Estadual Edwards Côrrea e Souza, Três Lagoas/MS.

<sup>245</sup> Patrícia Roberta Martins Ferreira, professora de Matemática da Escola Estadual Luiz da Costa Falcão, Bonito/MS

<sup>246</sup> 2019 e 2021

<sup>247</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para a Educação de Jovens e Adultos. (BRASIL,2000)

A lotação de professores para trabalhar em projetos da EJA é feita prioritariamente por profissionais da educação contratados e uma preocupação desses professores é o processo seletivo. A professora Lucreciana (2021) explica que ela é uma professora convocada, não efetiva na Rede Estadual de Ensino (REE), que sempre trabalhou com convocação desde quando terminou a faculdade. “A EJA é um projeto que eles não abrem vaga para professor efetivo. Professor efetivo só pode complementar sua carga horária e não pode assumir a carga horária de efetivo” (LUCRECIANA, 2021).

No Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da EJA é previsto que o professor, para ministrar aula na modalidade, precisa ter um perfil específico. Entretanto, seria coerente que o processo seletivo de professores da educação básica da REE tivesse uma preocupação em contratar professores com esse perfil definido pelo PPC da EJA? Seria importante que as Universidades colocassem na grade curricular das licenciaturas (com exceção o curso de Pedagogia que já prevê uma disciplina obrigatória sobre a EJA) disciplinas de formação de professores voltadas as especificidade das modalidades de educação? O professor da EJA, formado ao longo da sua carreira docente (pela experiência e pela formação continuada), deveria ser valorizado na hora da contratação por suas experiências, quando esta contratação fosse para ministrar aulas em projetos de modalidades específicas da educação?

### **As Exclusões**

Mais um dentre tantos desafios da modalidade é a evasão escolar. Há um grande número de estudantes que, mesmo depois de voltar à escola, desiste novamente de continuar sua trajetória na educação formal. Muitos deles não conseguem finalizar as etapas, se matriculam, começam a frequentar a escola, mas abandonam. Intencionamos chamar esse movimento de *Processos de Exclusão* (RODRIGUES, 2015).

Rodrigues (2018) nos instiga a considerar que os processos de exclusão ocorrem para além daqueles praticados contra alunos com deficiência. Para o autor, outros estudantes passam por situações análogas nas escolas, como no caso de jovens, adultos e idosos que não puderam estudar na idade adequada. Esses processos não são destinados somente as pessoas com condições biológicas, físicas e sensoriais distintas, mas são atribuídos a qualquer um que se distingue socioeconômico e culturalmente dos padrões de normalidade socialmente aceitos. Essa escola, segundo Rodrigues, inspirado em Foucault (2005), “é uma instituição disciplinar e por isso insere o corpo humano em uma maquinaria que o esquadrinha, o desarticula, o recompõe e que tem o objetivo, a partir da punição, de produzir corpos dóceis, que podem ser

submetidos, utilizados, transformados, aperfeiçoados” exclui quem não se enquadra em seu padrão (RODRIGUES, 2018, p.130).

Esses *Processos de Exclusão*, que estudantes passam em escolas de ensino regular, acabam se reproduzindo nas escolas que ofertam cursos da EJA, pois há uma certa tendência de reprodução de modelos escolares da educação básica nas escolas de jovens, adultos e idosos. Os mesmos processos que afetaram esses estudantes no ensino regular, que os excluíram da escola, os afetam novamente quando voltam à escola.

A escola não é projetada para atender alunos adultos. Muitas delas possuem carteiras e cadeiras com tamanhos inadequados para corpos adultos que a frequentam, as bibliotecas são fechadas durante a noite, os professores e/ou técnicos que atendem os laboratórios de informática não são contratadas especificamente para atender no horário noturno, professores não são contratados levando em consideração as especificidades da modalidade. Há sinalizações das rotinas por uma sirene disciplinadora, as aulas são cronometradas e divididas por componentes curriculares, os cursos de licenciaturas não ofertam disciplinas específicas para formação de professores da EJA, na formação inicial, com exceção o curso de Pedagogia.

A Matemática também produz *Processos de Exclusão* na escola da EJA. É o que Anderson (2021), assim como outros professores de Matemática, explicita na sua narrativa: “tenho alunos que falam: ‘professor eu sou muito burro, eu não entendo Matemática’”. Percebemos, pela fala desse professor, que esses estudantes colocam a Matemática em um lugar inacessível a eles, uma disciplina que só os “inteligentes” podem aprender. A Matemática fabrica *Processos de Exclusão* entre aqueles que não a compreendem. Esses alunos se auto responsabilizam pelo próprio fracasso, vivenciam esse não aprender a Matemática enviesado a um discurso de que são estudantes menos inteligentes, incompetentes, fracassados, lentos, preguiçosos, cabeça dura, desinteressados, que não correm atrás, que fazem corpo mole, etc. um “rol de motivos para o fracasso atribuídos ao sujeito” (RODRIGUES, 2015, p.176).

Tais discursos percorrem o cotidiano da EJA e reforçam a existência de um abismo entre a Matemática e o aprender a Matemática. Os estudantes que chegam às escolas que ofertam a modalidade, muitas vezes trazem consigo uma concepção previamente definida, abismos criados pela e na escola que o excluiu. *Processos de Exclusão* são normalizados quando professores da escola corroboram com discursos que bons estudantes são os que sabem calcular, medir, operar com os números, e os que não aprendem Matemática são outros ou aqueles que ‘não querem nada com nada’. Mensagens que reforçam que a Matemática é para “alguns que, agraciados pelo “dom” ou com certo esforço individual” aprendem, e “os outros, classificados

como os que não dão contam, que não passam pelo filtro social dos “gênios” (RODRIGUES, 2015).

A professora Regiane (2021) traz uma frase proferida tantas vezes, não só em sala de aula, mas em outros lugares quando o assunto em pauta é a Matemática: “Matemática para o aluno da EJA é um ‘bicho de sete cabeças’”. Esse estudante da EJA nunca se enquadra nessa classificação de “gênio”, de modo que para tais discursos cristalizados “gênios” nunca reprovam, seus históricos escolares não são marcados pela repetência, nunca evadem da escola, concluem a escolaridade no tempo adequado, não são ‘periféricos’ e não estão em salas de aula da EJA. Rodrigues (2015) amplia esse debate ao compartilhar a existência de discursos que tonificam os *Processos de Exclusão*: “pessoas com aptidão em Matemática são “gênios” ou agraciados por algum “dom”. Esta ideia está ligada a uma concepção recorrente de que a Matemática é uma ciência para poucos e de que é preciso ser dotados de um “espírito virtuoso” para ser capaz de compreendê-la (RODRIGUES, 2015, p. 174).

A professora Regiane<sup>248</sup> (2021) colabora ao apontar que “os alunos têm um certo receio em gostar da Matemática. Eles têm receio, eles têm esse receio mesmo. Parece que tem uma barreira entre o professor, a disciplina e eles” (REGIANE, 2021). Ela apresenta mais uma vez como esses discursos estão cristalizados na e pela escola da EJA. O estudante carrega em sua experiência, a existência de um limite entre ele e a Matemática, de modo que essa disciplina, para ele, é um labirinto sem saída.

Na EJA, a Matemática é motivo de reprovações, exclusões desses estudantes. O professor Alan (2021) discorre sobre o desafio de ser professor dessa Matemática que produz exclusões. Ele cria táticas para operar com esse problema, um movimento na contra mão dos discursos dominantes. Entre as histórias contadas pelo professor Alan, há um diálogo que ele trava com um de seus alunos. Ele insiste para que o Senhor (assim ele nomina o estudante) não renuncie seu processo de aprendizagem e que não desista da escola por causa da Matemática. Organiza condições para que esse estudante estabeleça uma nova relação com o componente curricular. Há uma negociação na conversa entre eles: “professor, Matemática eu não consigo, as outras matérias eu faço, mas Matemática está muito difícil. E eu falava para ele não desistir por causa da Matemática. E ele insistia, falava que não estava entendendo como calcular a distância entre ponto e reta. Eu tentava simplificar, explicar pra ele usar a fórmula, trocar o x por tanto, y por tanto, para ele fazer ‘só a continha’” (ALAN, 2021).

---

<sup>248</sup> Regiane Bussolo Barbosa, professora de Matemática na Escola Estadual Tancredo Neves, Dourados/MS.

Há uma negociação entre professor e aluno, uma preocupação em produzir novas experiências a esse estudante para que se desmistifique a concepção de que a Matemática não se aprende depois de uma certa idade. O professor cria novas propostas, muda de metodologia, apresenta outras possibilidades de aprendizado. Produz, em suas *artes de fazer*, táticas para que esses alunos não desistam de estudar durante o percurso da EJA. “Eu já deixei de pegar mais aulas porque eu precisava de tempo pra simplificar um conteúdo e explicar da melhor forma possível. Eu tenho materiais que eu criei para explicar melhor, porque se o aluno precisar usar, pelo menos o mínimo ele vai saber”. A desistência não é uma possibilidade, porque se esses estudantes “desistem de novo, ficam mais dez anos sem entrar em sala de aula” (ALAN, 2021).

Há outras questões, colocadas em suspensão, que envolvem a complexidade da discussão sobre os *Processos de Exclusão* que ocorrem na escola como: uma escola da EJA ainda marcada pelo modelo da escola tradicional, relações de conteúdos atribuídos aos componentes que muitas vezes não dialogam com a realidade do estudante, oferta mínima de condições para o aprendizado, carga horária reduzida destinada a cada componente curricular, uma escola que muitas vezes não consegue ser criativa e nem pedagógica, sobrecarga de trabalho dos professores que não são professores só da EJA, contratação de professores sem exigência de perfil previsto pelo projeto, uma oferta de cursos da EJA em escolas longe das moradas dos estudantes e somente no horário noturno (no caso do Projeto Conectando Saberes (urbano) e, no caso específico da oferta da EJA pela Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, nem em todos os municípios ofertam a modalidade no estado.

O sistema tem cobrado desse professor em relação ao currículo, ao planejamento, aos conteúdos ministrados em sala de aula da EJA. Os apontamentos de Rodrigues (2018) e as narrativas dos nossos entrevistados, nos permitem pensar que os mecanismos existentes na escola estão baseados em um modelo feito para excluir, com materiais e práticas que não atendem as especificidades desses alunos. A escola que se conforma hoje, não é produzida para receber todos, nem celebra as diferenças.

Trazemos mais elementos para essa discussão, novamente com a contribuição do professor Alan (2021), relatando que sente uma pressão enquanto professor, que “o sistema sempre culpa o professor”!(ALAN, 2021). Entretanto, há toda uma complexidade em uma escola da EJA que precisa ser discutida para além de culpabilizar esses professores de Matemática pelos insucessos dos estudantes na escola. Ele relata que tem apenas duas aulas de Matemática por semana e uma lista de conteúdo enorme para trabalhar “conteúdos com toda complexidade” (ALAN, 2021).

Essa Matemática escolar que, segundo Rodrigues (2015), tem conteúdos que o estudante não vai utilizar na sua prática diária e que, os professores só conseguem responder as perguntas do tipo “para que serve ou onde vão usar esse conteúdo” com respostas do tipo “vão precisar para fazer a prova, vão precisar para passar no vestibular ou vão precisar se forem fazer um concurso”. Essas respostas “além de não explicar nada aos alunos, são intimidações que fazem com que os alunos entendam que a função dada a Matemática em nossa sociedade é de ‘determinar’ o futuro das pessoas, isto é, se não aprender Matemática ‘vai reprovar na escola’, ‘vai ficar de recuperação’, ‘não vai passar no vestibular’, ‘não vai conseguir um emprego público’” (RODRIGUES, 2015, p. 77).

É para esse estudantes da EJA , dentre eles, “alunos com dez anos longe da escola, alunos que saem de uma ponta da cidade pra outra para estudar e depois vai de uma ponta à outra para chegar ao serviço, e chegam lá sem comer” (ALAN, 2021), que o professor também vai precisar explicar que determinados conteúdos da Matemática escolar serão trabalhados em sala de aula de modo que “vão precisar para fazer a prova, vão precisar para passar no vestibular ou vão precisar se forem fazer um concurso”(RODRIGUES, 2015,p.77). Será que faz sentido, essa explicação para um estudante “que quando colocou comida na boca, quase desmaiou”? (ALAN, 2021).

### **O perfil**

O professor Alan (2021) conta um pouco mais sobre essa experiência em sala de aula. “Eu fui entender o que estava acontecendo, e ele me disse que não tinha comido nada o dia inteiro e quando colocou a comida na boca o corpo sentiu. Ele quase caiu. Esse é o aluno que chega para estudar na EJA, e é para ele que você vai explicar função exponencial, função trigonométrica” (ALAN, 2021). Esse é um dos perfis de estudantes que chegam para estudar na EJA, e é nesse cenário que o professor é cobrado para formá-lo como “um aluno crítico, emancipador e todas essas questões em duas aulas semanais? Em duas aulas sendo que você tem que parar sua aula pra uma merenda, para uma reunião de formatura ou para ele ir embora pegar o ônibus mais cedo porque tem horário do ônibus senão ele não chega em casa” (ALAN, 2021).

O professor Alan (2021) ainda complementa sua reflexão trazendo pontos para pensarmos sobre o que e como estamos produzindo em nossas salas de aula da EJA, em nossas escolas, nesse cotidiano escolar: “eu tenho minhas expectativas enquanto professor, a Secretaria de Educação tem outras expectativas, a coordenação tem outra, a direção tem outra, e o aluno

tem outra. Nunca esses mundos param pra conversar, eu nem sei se a gente consegue chegar nesse senso comum, mas talvez chegar próximo disso e tentar se organizar e fazer uma coisa que seja minimamente satisfatória pra todos esses números. Quem está lá em cima continua querendo uma coisa, quem está na direção querendo outra coisa, a coordenação outra coisa” (ALAN, 2021).

De acordo com Rodrigues (2018), para termos uma “escola para todos”, mudanças profundas deverão acontecer no atual modelo escolar. Uma escola inclusiva não é somente aquela organizada por processos como: matricular alunos com deficiência, implantar salas de recurso ou desenvolver material didático especializado. Sobretudo, para acontecer uma escola que inclua, respeite, coopere, solidarize e dialogue, é urgente pensar em uma escola outra “onde as diferenças sejam celebradas e a exclusão não exista” (p.130).

Trazendo o mundo do trabalho para as discussões sobre os *Processos de Exclusão* dos estudantes jovens, adultos e idosos, professores sinalizaram que os alunos que são trabalhadores precisam exercer um certo esforço a mais para conseguir terminar os estudos. Há sempre negociações envolvidas, dentre eles os horários de chegada na escola, os horários de pegar o ônibus na saída, o cansaço do corpo que as vezes não consegue corresponder às exigências cognitivas, uma barganha com alguém da vizinhança ou da família para cuidar dos filhos, e até mesmo uma negociação com a empresa, para aquele estudante trabalhador, que precisa sair mais cedo do trabalho para conseguir pegar as primeiras aulas. A professora Regiane (2021) traz uma situação peculiar que acontece nos meses que antecedem as festas natalinas na escola que ela trabalha, que são meses de provas finais, de fechamento de notas, de entregas de trabalhos avaliativos. “Quando chega o mês de novembro, muitos alunos começam a trabalhar mais e até mais tarde, devido ao final do ano [...] é um rodízio de alunos” (REGIANE, 2021).

Para o professor Moacir<sup>249</sup>, os estudantes fazem a opção para estudar na EJA porque precisam ter o tempo diurno disponível para o trabalho: “já tive uma determinada turma do ensino médio que tinham média de idade para estudar no matutino, mas não estudavam porque tinham que trabalhar, principalmente no comércio. Muitos já são pais de família e trabalhar é a única opção que eles têm (MOACIR, 2021). Nos projetos da EJA, ofertados pela Rede Estadual de Ensino, a idade dos estudantes matriculados é a partir de 18 anos completos. Estudantes que, mesmo com pouca idade, já passaram por outros processos de exclusão na escola, pois ao se matricular na EJA já não estão mais em idade da Educação Básica obrigatória (dos 4 aos 17 anos).

---

<sup>249</sup> Moacir Nunes da Silva Junior, professor de Matemática na Escola Estadual Maria Corrêa Dias, Anastácio/MS

Esses estudantes que trabalham são marcados por essa rotina laboral, seja ela formal ou informal, ou ainda pelo desemprego. Eles passam jornadas longas do dia trabalhando, e chegam à escola com seus corpos marcados pelo cansaço, pelas dificuldades da vida, até que não conseguem chegar mais à escola. De acordo com Arroyo (2020), ao trazer dados do IPEA para a cena dos seus textos, aponta a alta no número de desocupados, desalentados, subocupados. Esses dados apontam um crescente número de contratos de trabalho parcial e informal, e uma diminuição de possibilidades de mudança de categorias de trabalho informal para a formalização.

É nesse cenário onde a taxa de desocupação aumenta e a renda diminui, que esses afetos são trazidos para a escola da EJA, refletindo em abandono escolar. São esses os jovens-adultos ameaçados pela infrequência e pelas desistências nas incertezas do trabalho que voltam para a estatística<sup>250</sup> dos que foram novamente expulsos do ensino básico no Brasil. É nessa mesma EJA que passam tantos corpos precarizados, marcados pela fome, sofrimentos, por múltiplas violências, doenças, desemprego e subemprego. É nessa EJA que se faz necessário pensar nesses sujeitos que passam por ela com e na diversidade<sup>251</sup>.

O professor Adriano (2021), da Escola Estadual Eneil Vargas, discorre sobre os estudantes que vêm “da periferia, das vilas mais externas da cidade que vem estudar na nossa escola. Esse aluno é, em muitos casos, extremamente pobre, de classe financeira baixa [...]” Esses estudantes “chegam cansados em casa, que trabalham o dia inteiro e acabam desistindo, desestimulados de vir para a escola, achando que a escola não vai dar futuro. Eles acabam desistindo do próprio futuro. Tem pessoas que já abriram mão do futuro, abriram mão de ter um sonho. Infelizmente é verdade, parece que abriram mão de ter sonho (ADRIANO, 2021). Arroyo (2020), em seu livro *Vidas Ameaçadas*, fala sobre a presença de milhões de estudantes vivendo em corpos precarizados, obrigando interrogando reinventar outras pedagogias dos corpos. Ele propõe uma discussão sobre esse pensar: quais pedagogias garantem os direitos desses corpos?

Na narrativa do professor Alan (2021), percebemos como esses corpos, de estudantes que trabalham, chegam à EJA: “o aluno fala que não está entendendo, que trabalhou o dia inteiro. [...]Eu tinha alunos que trabalhavam em lojas de tinta, que carregavam sacos de cimento, padeiros, açougueiros, alunos com profissões diversas. [...] Aquele aluno que atravessa a cidade

---

<sup>250</sup> No Brasil (Censo 2020) temos 55% de brasileiros sem concluir o ensino médio.

<sup>251</sup> A diversidade se constitui das diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros.

pra chegar na escola, pois a escola mais perto é uma escola longe. Eles atravessam a cidade de novo para voltar para casa e acordam muito cedo porque seu trabalho também não é perto de casa. [...] alunos que saem de uma ponta da cidade pra outra para estudar e depois vai de uma ponta à outra para chegar ao serviço, e chegam lá sem comer” (ALAN, 2021). Quais pedagogias trabalhar com esses corpos marcados por tantos *Processos de Exclusão*? Corpos marcados pelo cansaço, pelo trabalho pesado, por problemas cotidianos de adultos, por preocupação com filhos. Corpos marcados por tantas faltas. E assim, o professor Alan prossegue sua narrativa contando como faz em suas *artes de fazer*: “eu não dava mais tarefas. A maioria trabalhava muito. Eles saíam do serviço e iam direto para a escola. Eles chegavam em casa, dormiam e iam para o serviço e essa era a rotina deles. Eu preparava a quantidade de exercícios que a gente conseguia resolver em sala de aula, tentando fazer com que eles aprendessem pelo menos o mínimo, dentro do período de tempo que a gente tinha” (ALAN, 2021).

A professora Mônica (2021) retrata a história de um estudante pedreiro, trabalhador que labuta “no sol quente, das sete da manhã às cinco da tarde [...]e não tem ânimo pra ficar até dez e meia da noite na escola. Ele ia embora, e tudo bem, a gente entendia o lado dele. A gente sempre falava: “o importante é você não desistir” (MONICA, 2021), como se a escola não estivesse o excluindo.

O mercado de trabalho não sinaliza preocupação alguma com o modo como esse sujeito vai conseguir o seu certificado de conclusão de curso, desde que ele o tenha quando for solicitado. Há uma exigência de comprovação de escolaridade, mas percebemos na explicação do professor Alan (2021) que o como esse estudante vai conseguir, não é problema “do trabalho” e sim dos que ainda não concluíram; e quem sabe quando vão conseguir comprovar a escolaridade? “Eu não consigo ver uma parceria entre escola e trabalho. Eu já cansei de ouvir: “professor, eu não consigo chegar na primeira aula, até conversei com a patroa e ela falou, você escolhe: você trabalha ou estuda”. Essa pessoa precisa comer, e a escolha é meio óbvia. E assim se vão dez anos, cinco anos, até que ela volta a estudar e o problema a acompanha. Eu sinto que ninguém liga muito” (ALAN, 2021).

Arroyo (2011), no livro *Miguel González Arroyo – Educador em diálogo com nosso tempo*, nos convida a entender e reconhecer esses estudantes jovens e adultos como sujeitos de direitos. Considerando-os, para além das carências e das lacunas no percurso escolar, como jovens e adultos em trajetórias humanas. Esse autor sugere uma reconfiguração ao lidar com esses sujeitos, construindo “um olhar que os reconheça como jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos” (p.98).

## O corpo que experiencia

Esses jovens, adultos e idosos que frequentam as escolas da EJA são pessoas de lugares diferentes, com suas histórias, suas experiências, suas preocupações, seus dilemas, com jeitos de ser, viver e pensar que se misturam. Histórias tantas, formando uma espécie de mosaico das diferenças. São pessoas tão diferentes entre si, e transformam a sala de aula, a escola da EJA em um lugar de encontro das diferenças. No decorrer dos tempos e intervalos, a escola da EJA torna-se habitada pelos estudantes, uma escola para além de prédios e estruturas, uma escola ocupada por pessoas, passando por ela um conjunto de relações, de ações que tem a ver com certo tipo de trabalho do conhecimento (DUSSEL, 2020). Corpos humanos que lutam pelo seu viver, e nessa escola da EJA seus corpos estão lá.

Durval de Albuquerque Junior (2021) acrescenta algo sobre o pensar a invenção das histórias como sujeitos de corpos e sentidos. Ele, a partir de Foucault (1973), “o saber é feito para cortar”, nos faz pensar essa indissociabilidade entre corpo e sentidos como um campo potente para produzir a historiografia. Estando o corpo no centro da reflexão sobre o pensamento. O corpo que sente, que produz afetos, que é atravessado pela experiência. O pensamento tem a ver com corpos, com sentimentos, com sensibilidades, com estranheza, com estremecimento, com emoção. O corpo está no centro da experiência, em sua totalidade humana.

É com o corpo que o sujeito chega à escola e produz as suas experiências. Ao falar da sua experiência docente, os professores Adriano e Nadir (2021) relataram sobre o cotidiano da EJA nos limites do estado de Mato Grosso do Sul. As escolas em que eles são professores, fazem fronteira<sup>252</sup> com o Paraguai<sup>253</sup>, e recebem estudantes que moram e trabalham do outro lado da divisa. Na Escola Estadual Eneil Vargas, muitos estudantes são provenientes do Paraguai - conforme ressalta o professor Adriano (2021), que em suas salas de aula têm torno de 60 a 70% de “brasiguaios”<sup>254</sup>. Esses estudantes têm muitas dificuldades com a comunicação, não

---

<sup>252</sup> O estado de Mato Grosso do Sul possui 79 municípios, sendo desses sete cidades chamadas cidades-gêmeas, que são aquelas cortadas pela linha de fronteira, seca ou fluvial. Coronel Sapucaia é uma delas fazendo fronteira com Capiton Bado. E Sete Quedas faz fronteira ao sul com Corpus Chiristi Paraguai.

<sup>253</sup> Rogers Barros de Paula (2019) em sua tese questiona: quais efeitos da inserção de estudantes estrangeiros no sistema educacional brasileiro? Ele traz uma discussão das particularidades da Educação na fronteira, no caso do seu estudo, de escolas “no entre” Brasil e Bolívia (Corumbá, MS).

<sup>254</sup> O termo "brasiguai" adquire alguns sentidos na zona de fronteira. De uma maneira genérica geralmente é usado para se referir a todos os brasileiros que vivem no Paraguai (ALBUQUERQUE, 2010).

falam o português e o professor não fala a língua Guarani<sup>255</sup>. Os alunos vêm buscar o estudo no Brasil, e o professor acha que está explicando, conversando com eles, mas eles estão olhando com ‘cara de paisagem’ porque simplesmente eles não fazem ideia do que o professor está falando (ADRIANO, 2021).

Essa escola precisa se organizar nesse local, nesse cotidiano, na convivência com esse estudante que fala pouco a língua portuguesa em uma escola brasileira, com um professor que precisa se adaptar, se comunicar; e que vai entender pouco o que esse aluno tem a dizer. Esse professor precisa ensinar, é seu ofício ensinar. É nessa mesma escola, nesse mesmo lugar que se convive com o tráfico de drogas, com a atividade econômica do plantio da maconha<sup>256</sup>, com a violência da fronteira. Municípios<sup>257</sup> de Mato Grosso do Sul que possuem índices altos de violência. Para estudantes e professores, frequentarem a escola no período noturno é desafiador. Atravessar a fronteira no período noturno para estudar no Brasil pode ser perigoso.

O plantio e o processamento da maconha é uma atividade econômica ilícita que exige que esses alunos se ausentem por um período da escola, mas essas são atividades que mais empregam nessa localidade. Os alunos frequentemente param de ir à escola porque trabalham no plantio, colheita ou prensa da maconha. Isso acontece de dois a três meses da vida escolar desse estudante que mora na região de fronteira com o Paraguai. O aluno passa esse tempo fora da escola lidando com a droga, “ele nem usa a droga, mas o pai trabalha como plantador e ele tem que ajudar o pai no trabalho, porque o salário do pai é um salário quase de fome e se ele não ajudar, eles acabam passando fome” (ADRIANO, 2021).

Professores da fronteira criam modos próprios para lidar com esse estudante que, ora está na escola, ora precisa se ausentar para trabalhar no país vizinho, ora está desempregado, ora está submetido a um trabalho que não é considerado lícito no Brasil, que ora não entende a língua do professor, que, por sua vez, também não entende a língua desse estudante. Esse professor é indagado em sua prática a inventar pedagogias que possam produzir com essas diferenças, que possam abrigar esses corpos marcados pela *invisibilidade*, pelas situações não reconhecidas pelas normas legais, a margem. Situações essas não discutidas em formações de

---

<sup>255</sup> O guarani foi reconhecido como língua nacional no Paraguai em 1967, mas somente com a Constituição de 1992 e a Reforma Educacional de 1994 passou a ser uma língua oficial e obrigatória em todas as escolas e graus de ensino do Paraguai (ALBUQUERQUE, 2010, p.586).

<sup>256</sup> O Paraguai emprega mais de 20 mil trabalhadores nas atividades ligadas a maconha no país, e que algumas fontes extra oficiais indicam que pode haver até 20 mil hectares em plantações nesse território. Disponível em: <https://ponte.org/maconha-o-brasiguai-que-inunda-a-america-latina/> Acesso: 25 out. 2021.

<sup>257</sup> Coronel Sapucaiaé líder do ranking da violência no país. Segundo o mapa da Violência é considerada em primeiro lugar em número de homicídios em termos relativos. Disponível em: <https://www.douradosagora.com.br/noticias/brasil/coronel-sapucaia-e-lider-do-ranking-da-violencia>. Acesso: 25 out. 2021.

professores, reconhecidas somente pela experiência adquirida em práticas escolares tão próprias, pela vivência cotidiana.

De acordo com Moura (2008), a maioria dos professores da EJA não possui uma formação específica para atuar na modalidade. Trazem para a sala de aula da EJA as práticas utilizadas em seu processo de ensino para determinar as metodologias usadas nas salas de aula, na maioria das vezes, sendo que essas práticas não atendem o estudante específico da EJA, que não está no currículo da formação inicial do professor fundamentos que lhes permitam incluir referenciais teórico-metodológicos próprios à modalidade e que possibilitariam pensar sobre a complexidade desse trabalho com esse estudante específico. Na formação inicial desse professor não há discussões sobre características e especificidades dos alunos nos aspectos antropológico, histórico, filosófico, cultural, psicológico, sociolinguístico.

É o que nos apontou estudos feitos por Cordoval (2020), que salienta a amplitude dos desafios que se apresentam na Educação de Jovens e Adultos na prática, principalmente quando observado que os professores que lecionam, também, no ensino regular comum, tendem a repetir os mesmos procedimentos pedagógicos na modalidade de ensino EJA, desconsiderando as características educacionais específicas do estudante jovem, adulto e idoso. As pesquisas de Jensen (2008) também sinalizam sobre essa carência de formação específica de professores da Educação de Jovens e Adultos, reafirmando pelas falas dos entrevistados da sua pesquisa que há um cenário ainda frágil em relação a formação dos educadores.

Há, também, uma preocupação por parte dos professores aqui entrevistados em relação a essa não formação específica para ministrar aulas na Educação de Jovens e Adultos, visto que “na graduação, nas aulas de Didática, você não tem nenhuma matéria que diz como agir com aquele aluno que saiu há muitos anos da escola, que perdeu muitas coisas e muitas noções (REGIANE, 2021). Nesse mesmo contexto, o professor Adriano (2021) relata que é a “formação acadêmica muito falha. A Universidade não te prepara para o mercado de trabalho e nem para as dificuldades que você vai enfrentar em uma sala de aula. A gente sabe que as dificuldades aparecem com o tempo, mas você não tem um backup, um suporte para enfrentar o que você vai enfrentar. A nossa formação, principalmente na área das exatas, é muito técnica e parece que estamos na época do ‘Arme e Efetue’, onde tudo é mecânico: “você precisa aprender! Porque sim! Porque você tem que saber que funciona desse jeito” (ADRIANO, 2021).

Soares (2008), aponta que a formação inicial dos educadores da EJA é um campo pedagógico específico que requer a profissionalização de seus agentes. “As ações das universidades com relação à formação do educador de jovens e adultos ainda são tímidas se

considerarmos, de um lado, a relevância que tem ocupado a EJA nos debates educacionais e, de outro, o potencial dessas instituições como agências de formação (SOARES, 2008). Maria Margarida Machado (2000), também, sinaliza que “há um desafio crescente para as universidades no sentido de garantir/ampliar os espaços para discussão da EJA, seja nos cursos de graduação, seja nos de pós-graduação e extensão” (MACHADO, 2000, p. 16).

A formação vem sendo debatida como um meio para avançar na qualidade da educação dessa modalidade, entretanto, nos parece que o tema não tem avançado muito, como apontam alguns estudos sobre formação de professores (SOARES, 2006) e as narrativas produzidas nesta pesquisa. O professor Moacir (2021) compartilha suas percepções “sobre a formação específica para atuar na EJA. Não há na Universidade e nem na formação dos professores uma diferenciação, não há uma diferenciação na formação específica para se trabalhar com a EJA ou com o ensino regular” (MOACIR, 2021). Adriano (2021) percebe que a “formação falha neste tipo de coisa. Eu acho que a nossa formação deveria ter uma parte psicológica mais ampla, não só na Psicologia da Educação, mas uma formação para ajudar o professor a acompanhar melhor as dificuldades dos alunos” (ADRIANO, 2021).

Arroyo (2006), em seu artigo *Formar educadoras e educadores de jovens e adultos*, discute a relevância de criar parâmetros sobre o perfil do educador de jovens e adultos. Uma formação desse educador que sempre esteve “pelas bordas”, sendo que “uma das características da EJA, durante muito tempo, construir-se um pouco às margens, ou “à outra margem do rio”. Consequentemente, não vínhamos tendo políticas oficiais públicas de educação de jovens e adultos (ARROYO, 2006, p. 17).

Mas quais aspectos poderiam ser trabalhados na formação inicial com o futuro professor? Poderíamos pensar que, como a Regiane nos disse, o professor precisa desenvolver habilidades como “planejar as aulas para a realidade dos estudantes”, ou ainda, pensar como a Mônica, que declarou que o professor deve saber “compreender o conteúdo e perceber que ele vai ser importante para sua formação”. Para a Patrícia, o professor da EJA tem que ser criativo, produzir aulas diferenciadas, falar a linguagem do estudante. E a Camila acrescenta que “o professor da EJA tem que ser um professor com olhar mais humanizado e tem que ter mais empatia e o conteúdo tem que ser menos tecnicista”. A experiência do Alan fecha essa reflexão: o professor da EJA tem que ser um professor solução.

No calendário escolar dos cursos de EJA, especificamente do Projeto Conectando Saberes, é previsto dois dias por módulo destinados aos Períodos de Estudos, que são momentos de formação continuada do professor que está lotado em salas de aula da modalidade. Eles

ocorrem, preferencialmente, no início de cada módulo e após 50% (cinquenta por cento) de sua oferta, com uma carga horária de 4 horas cada. Esses momentos são destinados “ao aprimoramento das práticas pedagógicas do corpo docente, assegurando momentos para estudo, análise, reflexão e planejamento de ações que visem à superação dos desafios apresentados na rotina escolar” (PROJETO CONECTANDO SABERES, 2020, p. 23).

Para alguns professores essa formação continuada também não alcança objetivos esperados. É o que ressalta o professor Adriano (2021) que diz: “mesmo que nós tenhamos essa formação continuada, eu acho que ela é pouca, falha e precisa ser melhorada. Ela precisa ser aprimorada, é sempre corrido e você precisa parar um dia para fazê-la e tem professor que não participa” (ADRIANO, 2021). A professora Mônica acrescenta que o que aprendeu “você tem que aprender sozinha. Você tem as formações que o Estado oferece, as formações continuadas que eles falam, mas na minha humilde e sincera opinião, isso não prevalece, não serve pra absolutamente nada. As formações da REEMS não valem pra nada, é muita teoria e pouca prática. Eu acho que se eles viessem aqui praticar, eles entenderiam melhor as coisas” (MONICA, 2021).

No sentido de tentar suprir essa rachadura percebida na formação dos professores, percebemos nas suas narrativas como eles mobilizam em suas *artes de fazer*, táticas para se desenvolverem profissionalmente na prática, formando as habilidades necessárias para trabalhar com a modalidade. O educador da EJA vai se modificando com o saber da experiência, seres únicos, singulares, próprios, provisórios e finitos. Sujeitos que produzem questões sobre as suas formações, sobre o seu ser e estar professor, se produzindo em movimento. Formação e experiência como algo inseparável. Conforme nos apresenta Larrosa (2020), não há como separar saber e experiência, e nessa direção podemos pensar nessa educação da escola da EJA pelo par *experiência e sentido*.

Esse autor sugere que ao atuar no campo pedagógico, podemos explorar as possibilidades de pensar a educação sob outro ponto de vista. Basear nas possibilidades de um pensamento da educação elaborado a partir da experiência, onde duas coisas deverão ser feitas: “reivindicar a experiência e fazer soar de outro modo a palavra experiência” (LARROSA, 2020, p.38). Reivindicar a experiência, colocá-la em um lugar importante, entendê-la como algo que produz conhecimento e ciência. Dignificar e reinvidicar a experiência no sentido de defendê-la como válida, como possibilidade de produzir ciência, mesmo como algo subjetivo, incerto, provisório, finito. São esses atributos dados a ela que a configura tão potente. Experiências que não estão dissociadas ao sujeito, a seu corpo, ao espaço que ele ocupa.

A professora Camila<sup>258</sup> (2021) expressa o sentimento de professora que vai se formando a partir do viver o cotidiano da escola e da experiência. Ela explica: “quando eu entrei na escola, era minha primeira experiência sozinha dentro da sala de aula e eu lembro de ficar vendo vídeo sobre a primeira impressão e de como se portar, aliás eu faço isso todo ano. O sentimento é de que todo ano é uma turma nova e eu tenho novas expectativas” (CAMILA, 2021). Ela ainda acrescenta: “tem que praticar. É claro que eu mudei a minha visão desde que eu comecei até hoje, e vou mudar outras vezes porque estou sempre buscando me aprofundar. Eu tenho que buscar um jeito de mudar, de entender melhor porque eu acho que, às vezes, algumas coisas não funcionam e eu tenho que buscar um outro jeito, mudar. O primeiro ano lecionando foi transitando entre séries e vivendo várias experiências, boas e ruins” (CAMILA, 2021)

Professores vão se formando ao trabalhar com esse estudante jovem, adulto e idoso que traz para a sala de aula sua História de Vida. Vão construindo metodologias apropriadas, formas particulares de dar aula, reinvenções do fazer pedagógico para a modalidade. Professores com saberes indispensáveis à prática docente, mas que também se modificam a partir de sua prática educativo-crítica. Na direção dos pensamentos de Freire (2020, p. 25), em *Pedagogia da Autonomia* esse professor é formado também em sua prática “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado [...]. Não há docência sem discência [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. ”

São professores formados pelas experiências e práticas, e/ou com conversas com outros professores e chamamos isso de *mentorias*. Professores como a Camila e o Anderson (2021) dividem suas experiências sobre essa relação de *mentoria* que existe na escola, uma prática invisível, quase anônima no cotidiano daquele lugar, porém aparente nos bastidores, nas conversas nas salas de professores, nos corredores produzindo discursos sobre a modalidade da EJA. Outros professores aconselharam a professora Camila (2021) com um discurso de que ela teria que trabalhar mais leve com os estudantes da EJA, entender que na sala de aula tem estudantes com idades diferentes, falar uma linguagem mais clara e mais direta, explicar mais e não usar tantos termos, procurar sempre trabalhar na sala de aula, evitar mandar coisas para o estudante fazer em casa (CAMILA, 2021). O professor Anderson (2021) elucida a prática cotidiana da *mentoria*: “esses professores falavam sobre a EJA assim: ‘a EJA é difícil trabalhar, é ruim de trabalhar, porque eles são lerdos, eles são difíceis de entender’. Mas tinha também

---

<sup>258</sup> Camila Cristina Mendes da Silva, professora de Matemática na Escola Estadual José Garcia Leal, Paranaíba/MS.

outros professores, do mesmo tempo que eu, que aplicavam metodologias novas, e trocamos experiências” (ANDERSON, 2021).

Esses jovens professores em início de carreira docente relataram que os mais experientes trazem até eles suas concepções do como são os estudantes, sobre práticas na escola e na sala de aula para a modalidade, sobre como dar aula na EJA. Gaspar (2015), escreve na sua dissertação intitulada, *A Mentoria na Formação de Professores que Ensinavam Matemática: Uma Instituição (?), Diversas Experiências na Cidade de Campo Grande/MS de 1980 a 1990* sobre a relação de mentoria entre professores de uma escola em Campo Grande. Ela foca em uma perspectiva de discurso pautado em um poder central, que vem de “cima para baixo” e o segundo busca articular discursos e contra discursos sobre essa prática evidenciando linhas de forças multidirecionais.

O professor da EJA vai se tornando professor ao longo da sua vida, através de suas vivências, de suas relações com outros professores, com os estudantes e com o mundo. A legislação prevê, segundo o Parecer CNE/CEB nº 11/2000, que o preparo do docente voltado para a EJA “deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino” (BRASIL, 2000, p.56). Nesse sentido, esse professor precisa estar preparado para aulas que que atenda as especificidades do estudante, acolha com respeito a sua trajetória já constituída, uma formação “com conteúdos trabalhados de modo diferenciado com métodos e tempos direcionados ao perfil deste estudante. Também o tratamento didático dos conteúdos e das práticas não pode se ausentar nem das especificidades da EJA e nem do caráter multidisciplinar e interdisciplinar dos componentes curriculares” (BRASIL, 2000, p. 58).

Mas ele vai se formando é na própria prática para trabalhar nessa escola. Alan (2021) descreve uma cena de um primeiro dia de aula na EJA, onde ele elabora uma tática com a sua experiência professor: “minha dinâmica no primeiro dia de aula era ouvir os alunos. O que eles gostavam de fazer, qual programa de televisão preferido, qual série gostavam de ver, o que eles faziam quando não estavam na escola, se eles gostavam de futebol ou não. Eu ia adaptando as aulas, entendendo o aluno” (ALAN, 2021). A escola é um lugar onde inúmeras coisas acontecem em um mesmo dia e “nós professores, temos que fazer as coisas acontecerem no ‘olho furacão’”. Não é fácil, pois tem coisas que só o professor que está dentro da sala de aula consegue entender. “A realidade é diferente, é de cada um e de cada turma” (ALAN, 2021).

É preciso entender quem são esses sujeitos que chegam até as escolas, seus direitos, sua realidade, as interrogações que poderão fazer sobre o currículo, sobre a escola. Seria possível,

ao interrogar esses estudantes, trazer à escola propostas pedagógicas ajustadas a realidade? Os currículos poderão se tornar outros? O perfil do educador poderá ser outro? A formação do educador será outra? Professores da EJA poderiam se deixar interrogar por esses estudantes? Ser interrogados para entendê-los e criar pedagogias para o jovem, o adulto e o idoso respeitando suas convicções, vivências, histórias, lutas? Uma pedagogia para sujeitos tão diversos, que ocupam espaços de adultos, com “um olhar que os reconheça como jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos. Percursos sociais onde se revelam os limites e as possibilidades de ser reconhecidos como sujeitos dos direitos humanos” (ARROYO, 2011, p. 98).

Vê-los como sujeitos tão diversos, reconhecer seu protagonismo, vê-los jovens e adultos em suas trajetórias humanas, não apenas em suas trajetórias escolares marcadas pela evasão ou como defasados idade-série, mas em suas condições humanas, homens, mulheres, idosos, jovens com suas histórias de vida trazidas à escola. Vê-los como sujeitos de direitos porque a educação “na medida em que se tornou um direito e não um favor, isto se torna um instrumento de cidadania” (SILVA, 2014, p.23).

### **A certificação**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) torna a Educação de Jovens e Adultos uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufruindo assim de uma especificidade própria que, como tal deveria receber um tratamento consequente. Ela passa a garantir e assegurar gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais [...] mediante cursos e exames (BRASIL, 1996). Como fica explícito nos termos da LDBEN, o sistema educacional deve oportunizar estratégias que possibilitem acesso a esse jovem e adulto, que rompeu com seus processos de escolarização, a educação ao longo da vida, mediante a cursos regulares ofertados pelas escolas e por exames certificadores.

Em Mato Grosso do Sul, essa oferta da educação para jovens, adultos e idosos se dá por meio de cursos de EJA ofertados por projetos, sendo eles: *Projeto Conectando Saberes* urbano, o *Projeto Conectando Saberes* campo, *Projeto Conectando Saberes* prisional e o *Projeto Acesso ao Saber*, sendo esse último ofertado nos dois Centros de Educação de Jovens e Adultos (CCORF/SED/MS). Os Exames da EJA são a outra estratégia para garantir as oportunidades educacionais, que de acordo com a LDBEN, em seu artigo 38, são realizados no nível do ensino

fundamental para maiores de quinze anos e no nível médio para maiores de dezoito anos (BRASIL, 1996).

No ano de 2002, o Ministro da Educação Paulo Renato Souza, instituiu o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) que é o exame certificador da EJA em vigência nacional nos dias atuais. Ele “surge no contexto do compromisso de elevar a escolaridade do país” (SANTOS e SANTOS, 2021, p.42), inspirado na criação do ENEM, atendendo os seguintes argumentos de que, para além de estar inserido no contexto das avaliações nacionais, seguia a razão de “dupla finalidade: promover a certificação de jovens e adultos nos moldes determinados pela LDBEN em 1996 e criar um sistema de avaliação da EJA que pudesse servir como parâmetro de discussão de qualidade nessa modalidade de ensino” (CATELLI JR; GISI; SERRAO, 2013, p.726).

Para Santos e Santos (2021) “os exames possibilitam que os aprendizados adquiridos fora dos espaços institucionais, como, por exemplo, no trabalho, na comunidade, por meio de experiências ou pelos autodidatas, também possam ser reconhecidos (SANTOS e SANTOS, 2021, p.38). Contudo, na mesma época da criação dos exames, os Fóruns de Educação de Jovens e Adultos<sup>259</sup> se manifestaram por meio de um documento em audiência realizada com o Ministro da Educação, atestando que o exame desmobilizaria a lógica de constituição do direito à educação nos sistemas públicos de ensino, desobrigando o Estado de tal oferta (CATELLI JR; GISI; SERRAO, 2013). Em resposta a isso, havia a alegação que a realização de tais exames poderia combater as fraudes promovidas pelos cursos supletivos, tendo um discurso de tal exame era “do interesse (...) daqueles que não tiveram a oportunidade de estudar na idade adequada e são ludibriados por cursinhos que fazem propaganda enganosa e fraudam o sistema” (GOIS, 2003).

Um outro argumento contra a implantação dos Exames da EJA, era que sua oferta constituiria um incentivo do poder público para que os alunos deixassem a escola e optassem somente pela certificação. Ou que eles fossem constituídos apenas como uma estratégia neoliberal que investe em avaliação e coloca em segundo plano o investimento direto nos serviços educacionais.

Nesse sentido, nas narrativas da professora Lucreciana (2021) permeiam relações entre a oferta dos cursos da EJA - por projetos de curso, presencial, com exigências de frequência regular mínima de 75% -, e o exame da EJA - ofertados uma vez ao ano pelo INEP, realizado

---

<sup>259</sup> Os fóruns de EJA apresentam-se como espaço de interlocução e discussão entre vários segmentos interessados na educação de jovens e adultos e buscam propor ações que contribuam na construção de políticas públicas que efetivem o direito à aprendizagem ao longo da vida.

em um único dia, com provas por componentes curriculares e uma redação e exigência de uma pontuação mínima para aprovação. Essa professora pondera que esses exames impactam na escola da EJA: a) na evasão: o estudante que estava matriculado na escola da EJA presencial, ao optar por fazer o Exame de certificação, evade no meio da trajetória escolar; b) na empregabilidade do professor da EJA: os estudantes, ao optar por fazer os Exames de certificação, evadem e esvaziam as salas de aula no meio do período letivo e o professor perde, conseqüentemente, as aulas da turma fechada; c) no caráter de precarização e aligeiramento do aprendizado produzido pela oferta desses Exames de certificação: qual o aprendizado formal do estudante que opta por esse tipo de Exame?

Nas palavras da professora Lucreciana (2021): “o ENCCEJA tirou esse aluno da escola. [...] Esse aluno, no começo, ele procurava estudar, tinha interesse, mas agora não. O aluno ficou desinteressado”. Ela ainda acrescenta sobre o comportamento do estudante da EJA que estava na escola e que faz a opção por fazer, no meio do semestre letivo, os Exames certificadores: “com toda a sinceridade, mudou para pior. Infelizmente, a realidade na Educação de Jovens e Adultos é essa. O aluno começa na EJA para terminar o ensino fundamental, o ensino médio e levar o diploma, mas ele interrompe esse ciclo e faz o ENCCEJA (LUCRECIANA, 2021).

Ela reafirma, conforme Catelli Jr.; Gisi; Serrão (2013), que esses exames se caracterizam somente “restringindo-se a oferecer uma oportunidade de certificação para aqueles que não concluíram a educação básica na chamada idade própria definida pela LDB” (CATELLI JR.; GISI; SERRÃO, 2013, p.726). Ela, ainda, declara preocupação com a qualidade do ensino, denunciando uma precarização da valorização do conhecimento formal, e uma orientação tão somente para o mercado de trabalho prevista pelo Exame. Ela explica que “o aluno regrediu. [...]Esse aluno da EJA começou a ter essa visão que precisa estudar e se dedicar e veio logo em seguida o ENCCEJA e parou ele. Porque ele faz essa prova e é considerado apto. [...]” E ela interroga esse processo de certificação. “Ele vai lá: “eliminei essa matéria”. “Tudo bem, você eliminou essa matéria, mas você vai precisar dessa matéria pra fazer um concurso. [...]Eu pergunto pra você que fez ENCCEJA e passou: “como que você vai conseguir aprendizado, se você nem frequentou a sala de aula?” Porque acontece isso, eles passam em todas as disciplinas” (LUCRECIANA, 2021).

A professora Mônica (2021), também, sinaliza sua atenção sobre a oferta desses exames. Ela enfatiza que eles geram situações desafiadoras no cotidiano escolar da Escola Estadual Padre Nunes, município de Coxim, MS. Segundo sua narrativa, a oferta dos Exames impacta na evasão escolar. As escolas da EJA estão se esvaziando, e não mais produzem uma educação

de qualidade. O motivo, ela coloca à mesa, é que os estudantes começam a frequentar a EJA, mas no meio do ciclo desistem, se inscrevem para a prova de certificação e “abandonam” aquele ciclo de aprendizagem<sup>260</sup>. “Os alunos dessa modalidade se evadiram demais, foi por causa também do ENCCEJA que deu ao aluno uma outra alternativa, porque se ele não passar aqui, ele passa no ENCCEJA. E passa, porque você já viu o ENCCEJA? Fala pra mim, como que eu vou exigir mais do que o ENCCEJA exige do meu aluno?” (MÔNICA, 2021)

Os estudantes que optam por esses exames muitas vezes evadem, são considerados pelo sistema escolar como desistentes, atribuindo, na maioria das vezes, à escola a responsabilidade desse quantitativo reduzido de estudantes em salas de aula. Salas com número reduzido de matriculados são passíveis de fechamento, ameaçando a empregabilidade desse professor contratado, visto que os Projetos de Curso são passíveis de descontinuidade. Nessa direção, professores contratados temporariamente podem perder seus contratos se as salas de aula forem descontinuadas. Os projetos da EJA não habilitam objetos de concurso, sendo esses passíveis de autorização por Resoluções que os aprovam e Atos Autorizativos que licenciam as escolas ofertantes, ficando assim, a oferta de projetos sujeitos a lotação das salas de aula nos atos de matrículas, ou fechamento de salas afetadas pela evasão dos estudantes. Na direção de manter as salas ativas, a equipe escolar, muitas vezes, faz buscas ativas e mobilizam táticas para manter esses estudantes frequentes.

A professora Mônica (2021) enaltece que se preocupa com a situação da oferta da modalidade em relação ao aligeiramento e precarização do aprendizado dos estudantes: “a EJA se transformou em um ‘tapa buraco’. O ENCCEJA é um exemplo disso. Eu tinha alunos que não sabiam nada, absolutamente nada de Matemática, fizeram o ENCCEJA e passaram. “Qual foi o aprendizado deles?”. “Nenhum!”(MONICA, 2021). Ela sinaliza uma experiência de uma estudante que optou por fazer os Exames da EJA. Ao descobrir que tinha obtido aprovação no Exame, ela “entrou em desespero ao saber que tinha conseguido aprovação mas não tinha conhecimento para tal [...] professora: “como que eu vou prestar um vestibular, fazer uma faculdade, se eu não sei absolutamente nada?” (MONICA, 2021).

A professora se posiciona frente ao desespero da estudante, e explica “você quer fazer um ENCCEJA, mas se você está pensando em estudar, em fazer uma faculdade, não corra atrás do ENCCEJA. Continue assistindo as aulas presenciais, tirando dúvidas com os professores,

---

<sup>260</sup> Entendemos como ciclo de aprendizagem aquele correspondente às etapas de ensino da educação básica no Brasil que, de acordo com a LDBEN 9394/96 são: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

porque é a melhor maneira de estudar. A partir do momento que você faz o ENCCEJA, você elimina as disciplinas e não poderá nem assistir as aulas dentro da escola” (MONICA, 2021).

Alguns estudantes chegam a fazer o exame da EJA, são aprovados, mas não comunicam a sua escola de origem que se certificaram, para assim poderem continuar frequentando as aulas. “Alguns alunos falavam assim: ‘não vou nem apresentar o certificado se eu não passei em tudo. Não vou apresentar o certificado e vou continuar assistindo aula normalmente’” (MONICA, 2021). No protocolo vigente da Rede Estadual de Ensino, a escola só comprova o avanço das etapas de ensino do estudante se ele comunica a secretaria escolar que ele avançou pela aprovação no Exame da EJA. Se o estudante preferir não informar a secretaria escolar sobre o seu avanço, ele permanece na lista da escola como estudante matriculado, como não concluinte da etapa ou como evadido. Isso acaba gerando uma sombra estatística na base de dados da Rede Estadual de Ensino, de modo que a escola possa ter inúmeros estudantes que constam na sua bases de dados como evadidos/desistentes, e mesmo assim tendo eles já concluído a etapa via Exames da EJA.

Eles precisam voltar à escola de origem para comunicar a sua situação, mas muitos não voltam. No final do mês de dezembro de 2021, a Rede Estadual de Ensino definiu uma estratégia para tentar minimizar tal problema estatístico, a partir de 20 de dezembro de 2021, todos os municípios do estado têm uma escola certificadora<sup>261</sup>, com o intuito de tentar minimizar essa lacuna. Visto que, no momento da inscrição da prova certificadora do ENCCEJA, o estudante poderá optar por escolher que sua escola certificadora seja a mesma que está seus documentos da vida escolar, assim nesse caso específico a base de dados se integra, tornando esse estudante aprovado no sistema (SED/MS).

Se os estudantes do curso da EJA apresentam a certificação na escola que está matriculado, ele é considerado concluinte, não podendo mais frequentar a sala de aula referente aquela etapa concluída. Entretanto, conforme relata a professora Monica (2021), ainda tem um outro caso específico de estudantes que optam por fazer os Exames da EJA, que são aqueles aprovados parcialmente, isto é, conseguem notas em determinados componentes e em outros não: “no ENCCEJA, os alunos passavam em quase tudo mas ficavam em uma disciplina e ele acabava desistindo. Por quê? Porque ele era obrigado a ir pra escola pra assistir essa disciplina. “Como é que eu vou pra escola para fazer uma disciplina?” A escola não pode fazer um horário

---

<sup>261</sup> Foi publicado no Diário Oficial de Mato Grosso do Sul, n 10713 de 20 de dezembro de 2021, a Resolução/SED no. 3963 que credencia unidades escolares para emitirem certificados do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos/ ENCCEJA/2020.

para beneficiar um aluno. [...], a escola não tinha como organizar um horário diferenciado, e muitos acabavam desistindo por conta disso” (MÔNICA, 2021).

Essa situação destacada pela professora é muito comum. Estudantes fazem o ENCCEJA mas, como não conseguem aprovação em todos os componentes, desistem novamente do seu desejo de concluir a escolaridade. São situações que geram mais exclusões desses estudantes, pois caso ele queira voltar aos cursos presenciais, para concluir aquele componente não aprovado, ele, muitas vezes, não consegue adaptar seu horário àquela turma letiva. O estudante que concluiu alguns componentes, e assim informou a escola, só poderá assistir aquele componente pendente, isto é, o não aprovado. Porém, os horários das aulas não privilegia situações isoladas, podendo o estudante ter em um mesmo dia a primeira aula e depois só a última, ou diversas situações possíveis.

Mas há outros modos de olhar para tais exames, e reverberamos isso com uma narrativa do professor Alan (2021), que conta uma outra forma de percepção, abrindo outros campos e novas discussões. “[...] pela experiência que eu tenho, ENCCEJA e Matemática talvez não combinem. Os alunos fazem ENCCEJA, por diversos motivos, mas essa questão da Matemática é complicada. Eles até conseguem passar em outras disciplinas, mas na Matemática, muitas vezes eles não conseguem aproveitamento e acabam fazendo presencial. Tive alguns alunos que passaram em Matemática no ENCCEJA, mas valorizavam tanto a Matemática que não quiseram ser dispensados das aulas de Matemática. Eu falei que eles não precisavam fazer, mas eles achavam importante estudar Matemática na escola”.

A partir dessa fala inferimos esse outro papel da Matemática na escola da EJA, aquela disciplina que torna um balizador na decisão de frequentar ou não uma aula presencial. O estudante pode optar estudar pelo Exame da EJA ou pelo projeto da EJA por causa da Matemática? Ou seria também uma forma de produzir novos *Processos de Exclusão*, reforçando discursos que os estudantes não conseguem passar na Matemática nos Exames certificadores?

Na contramão da lógica da educação como um direito de todos está o mercado de trabalho exigindo cada vez mais a certificação, a qualificação e a competência, contribuindo negativamente para a visão da educação como um direito de aprender, de ampliar conhecimentos ao longo da vida, e não apenas de escolarizar-se. Muitos estudantes vão para a EJA com o objetivo de certificar-se, atribuindo a modalidade ainda o estigma de perfil compensatório, de reposição de estudos não realizados na infância ou adolescência, tanto

criticado por Freire. Nesse sentido, os estudantes ainda seguem convivendo com práticas como a do ensino supletivo, marcadas pelo aligeiramento.

Há muitas lutas por parte de pesquisadores que estudam sobre a modalidade para que a EJA se estabeleça como uma reparação da realidade, dívida inscrita em nossa história social e na vida de tantos indivíduos, reconhecendo o advento para todos, deste princípio de igualdade (CURY, 2002). Lutas que as funções da modalidade sejam garantidas a todos os estudantes: a função reparadora que é a garantia do direito a uma escola de qualidade; a função equalizadora que é a garantia de mais vagas em escolas para esse estudante jovem, adulto e idoso, em mais lugares e de uma forma que todos os segmentos sociais tenham acesso a escola; a função qualificadora que é garantia de conhecimento para toda vida, “[...] um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade” (BRASIL, 2000). Mas parece, que há mecanismos que operam em outra direção, sob outros interesses, sob outros tipos de jogos de interesses, com outras práticas de exclusão operando.

Rodrigues (2015), em sua tese intitulada *Práticas de exclusão em ambiente escolar*, nos alerta para os mitos produzidos pela incessante busca pela certificação em nossa sociedade, onde as profissões mais valorizadas são aquelas que dispõem de certificados de nível superior. Esse autor interroga se é mesmo o diploma que faz com que a pessoa tenha melhores condições de vida<sup>262</sup>, e como a pessoa que tem um diploma de curso superior passa a ser mais importante do que aquele que não tem, como se isso fosse condição *sine qua non*, e até uma garantia de “sucesso na vida”, inferiorizando profissões que exigem menos escolarização. O indivíduo que trabalha em uma profissão que não exige essas certificações são, segundo esses mitos, na maioria das vezes, nomeados fracassados. De acordo com o autor, os estudantes da educação de jovens e adultos, em sua maioria, são aqueles que exercem funções ditas inferiores e enveredam na busca pelo sucesso (certificação), atrelando à não diplomação de ensino básico e do ensino superior, a culpa por maus salários. Imbuídos por esse sonho em busca desse novo Eldorado chamado certificado, esse estudante, quando trabalhador, se dispõe a enfrentar uma realidade com múltiplas jornadas - trabalho, família, casa, escola - a fim de concluir os estudos e certificar-se. Esse ciclo não termina com a conclusão do Ensino Médio porque a certificação da educação básica também não é suficiente, sendo levado a busca também do ensino superior. Ademais, os exames do ensino público superior se baseiam em testes tradicionais, como é o formato do ENEM, privilegiando aqueles estudantes que tiveram mais tempo para estudar, e

---

<sup>262</sup> Melhores condições de vida relacionada ao resultado salarial e o que ele pode comprar.

que acumulam mais informações de conteúdos escolares (não são os estudantes remanescentes da Educação de Jovens e Adultos). Conforme o autor, “a EJA não coloca seus alunos em pé de igualdade com os seus concorrentes, pois não oferece o mesmo currículo que o Ensino Regular. Obrigando o aluno, que já enfrenta a múltipla jornada, a se preparar para o exame paralelamente à escola” (RODRIGUES, 2015, p. 78).

Porém, essa condição de concorrência em pé de igualdade não é realidade para estudantes da EJA, que na maioria dos casos, quando conseguem ir para as universidades, não passam nas seleções da escola pública. Eles, quando podem, se direcionam às universidades particulares, que aceitam esse estudante por meio de bolsas de estudos oferecidos (não renegando esses instrumentos de acesso da camada mais pobre ao Ensino Superior), ou oferecem uma forma de pagamento facilitada. Essas universidades visando cada vez mais o lucro, sacrificam a qualidade da educação ofertada, e formam cada vez profissionais menos qualificados, mas o certificado é o que importa. “Nestas condições, a busca por melhores condições de vida, não só pelos alunos da EJA, mas de todos que buscam qualificação nestas instituições, pode ser seriamente ameaçada, pois a baixa qualidade destas instituições compromete não só a formação dos profissionais, mas também a sua colocação no mercado de trabalho” (p.78).

Dando sequência a esta discussão, podemos inferir que o que importa é qualidade da educação ou atribuição de parâmetros de certificação que modificam as exigências de saberes necessários para obter um certificado de conclusão de curso? Na direção da segunda condição, produzir uma certificação em massa pode ser alternativa viável afim de reduzir responsabilidades da evasão escolar ao Estado? Quando ocorre as certificações, reduz-se drasticamente um problema que colocava o Brasil em evidência em relação aos índices de analfabetismo absoluto, ou de índices elevados de estudantes que não concluíram a educação básica. Então, o problema não torna-se mais um fardo para o Estado resolver, porque ao certificar, esse problema se transfere para aquele estudante que recebeu a certificação e que não adquiriu a competência exigida pelo mundo do trabalho, criando assim um novo ciclo. O que importa para o Estado, os índices de escolarização adequados aos padrões exigidos internacionalmente, conforme acordos como o Plano Nacional de Educação<sup>263</sup> ou ofertar uma educação que promova os sujeitos críticos, autônomos e emancipados político socialmente?

---

<sup>263</sup> Meta 9 do Plano Nacional de Educação – Alfabetização da população com 15 anos ou mais / Erradicação do analfabetismo absoluto

### **Finalizando a aula ....**

Às 22h40min o sinal da escola anuncia que chegou ao final mais uma noite de aula. A sala da EJA não se encontra mais com todos os alunos que chegaram inicialmente. Alguns estudantes já saíram mais cedo pois não conseguiram ficar até o final das aulas; uns passaram pela coordenação da escola, explicaram que já não conseguiam acompanhar porque estavam muito cansados, porque o trabalho tinha sido muito puxado, ou porque deixaram filhos ou alguém da família que precisava de cuidados em casa, ou porque iam perder a carona. Esse estudante tem pressa, precisa voltar logo para casa. Alguns precisam correr para o ponto de ônibus, o coletivo não vai esperar. Se aguardar o sinal? O último horário do ônibus não espera, e esse estudante precisa chegar ao terminal mais próximo da sua casa.

A última aula do período noturno é assim, nem todos se encontram no final. O sinal bate para poucos porque a aula já terminou antes de terminar oficialmente. Na cidade grande a escola da EJA não fica mais tão perto do bairro onde os estudantes moram; nas cidades menores também não. Depois do sinal ainda há uma nova jornada para o estudante. Afazeres domésticos, tarefas com as crianças, marmita para o dia seguinte, louça para lavar, roupa para passar, contas para pagar, e um dia novo aguardando na manhã seguinte para tudo recomeçar.



## **5. O QUE PODEM OUTRAS HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?**

O que podem outras histórias da Educação de Jovens e Adultos? Intencionamos continuar interrogando essa modalidade de educação, deixando-a sempre em suspensão. Não queremos trazer respostas cristalizadas a essa pergunta, mas sim apresentar novas maneiras de olhar a modalidade e de fazer perguntas que criem potência para nossas pesquisas. Não planeamos que nossas perguntas sejam estáticas, finitas, terminais; mas sim que ampliem nossas possibilidades de perceber a educação e continuar a questioná-la. Queremos continuar construindo novas perguntas, olhando para os textos elaborados em momentos de entrevistas com os professores de Matemática. Aqui, intencionalmente criamos fontes históricas e, a partir delas, fabricamos histórias e poderemos inventar tantas outras mais.

Participaram desta investigação 12 professores de Matemática que lecionavam ou que lecionaram na Educação de Jovens e Adultos no estado, e baseado em suas narrativas contamos uma história sobre “como” a EJA tem sido produzida neste estado, suas particularidades, seus desafios, sua realidade, seu cotidiano, em uma escola tão própria. Para além disso, trouxemos no Capítulo 4, contribuições da autora desta dissertação, que tornou-se a 13ª participante desta pesquisa, contando, em determinados momentos, sobre cenários da escola onde ela lecionou, histórias de sujeitos que passaram em suas salas de aula e na escola, momentos vividos em uma escola que ofertava projetos da EJA em Mato Grosso do Sul.

Esta pesquisa, nos trouxe amplas possibilidades para olhar para o currículo, pedagogias da EJA, políticas públicas, conteúdo, eixos temáticos e como eles são organizados na prática, políticas de inclusão e exclusão, discursos da modalidade, formação de professores. Todavia, ao olhar para as narrativas, podemos criar tantas outras perguntas que ainda não estão no nosso campo de percepção, ou quem sabe lançar novos olhares, novas leituras, novos apontamentos.

Percorremos uma escola da EJA e inventamos uma história possível a partir da oralidade dos sujeitos que a habitam. Em um dia de aula, passamos pelo portão de entrada, pelos corredores, pelas salas de aula, pela sala de professores, pela cantina. Fizemos um movimento de entrada junto com os sujeitos que ali habitavam, percebendo os rituais, passando por pessoas, olhando as relações cotidianas ali presentes. O sinal de saída, marca o final daquele dia de aula. Um sinal, que muitas vezes toca para poucos, marcando uma rotina escolar.

Nesse percurso escolar, tratamos de temas específicos como as relações intergeracionais, as marcações do tempo na escola, a aula de Matemática, *Processos de Exclusão*, saberes das experiências, da relação existente entre a oferta de cursos da EJA e Exames de Certificação da EJA.

Essa modalidade de educação tem se constituído dentro de um cenário tão diverso, produzindo tantas EJAs nos diferentes lugares do estado, fronteira, capital, interior. Lugar onde essa escola singular se compõe no dia a dia, nas articulações dos professores em sala de aula produzindo seu saber da experiência, em suas formações iniciais (onde os professores entrevistados apresentaram que suas formações foram quase inexistentes se tratando da modalidade de Educação de Jovens e Adultos). Se compõe em movimentos de formações continuadas produzidos nos espaços escolares. Também nesse cotidiano escolar temos as experiências vivas e vividas por professores e estudantes, diálogos e *mentorias* em salas de professores e corredores da escola, indagações em relação a que currículo produzimos nessa escola e invenções de pedagogias possíveis. Temos uma convivência entre gerações de alunos que não tiveram a terminalidade da escolaridade básica aos 17 anos, e que trazem para a escola seus fazeres e saberes da vida, suas experiências do mundo do trabalho, do desemprego, do subemprego, da pobreza.

Esse cenário também se compõe por uma rotatividade de professores, onde a lotação desses projetos da EJA é feita majoritariamente por contratados, que não sabem se vão continuar dando aula na modalidade no ano seguinte, ou no módulo seguinte. Os seus contratos poderão não ser renovados, pois, também, serão submetidos a cada dois anos, aos processos seletivos das Redes de Ensino. E mais, esses processos seletivos não levam em consideração as especificidades da modalidade, nem esse perfil de professor que se constrói, nem suas formações continuadas que ele, no decorrer do seu percurso formativo se submeteu. Nesses processos, não são medidos o saber da experiência do professor. Em uma outra direção, a oferta da modalidade poderá ou não, ser autorizada para aquela determinada escola, porque a escola depende de atos normativos para ofertar a EJA, e de um número mínimo de estudantes para compor a turma.

O cotidiano dessa escola se compõe marcado também por estudantes com tantos trajetórias outras, que vivenciam percursos sociais e econômicos e experiências entrelaçados à estruturas, aos padrões de poder e de trabalho, da renda, classistas, racistas, e por professores que se deparam com esses jovens, adultos e idosos, e se fazem indagar por eles com suas estruturas sociais – relações de classe, raça, gênero, lugar e educação, “entre a negação dos

direitos humanos mais básicos e a possibilidade do direito à educação” (ARROYO, 2019, p. 30). E por tantos outros atravessamentos que indagam professores e estudantes, sujeitos da sobrevivência em suas trajetórias de vida.

É nessa escola da EJA que identificamos nos discursos dos professores de Matemática uma preocupação a respeito do futuro da modalidade, visto que, fazer o Exame de Certificação, para o estudante, é muito mais fácil do que cursar o nível de ensino na modalidade. Ela que continua produzindo *Processos de Exclusão* de modo que, muitas vezes reproduz rotinas, rituais, processos e metodologias daquela escola regular que outrora excluiu o estudante que agora frequenta a EJA. Nela que permeia, pelo cotidiano escolar, uma relação desafiadora entre a oferta dos cursos da EJA, por projetos, presencial, com exigência de frequência mínima de 75% e os Exames da EJA ofertados anualmente pelo INEP.

Essa escola da EJA que, a partir da LDBEN n. 9394/1996, passou a ser considerada uma modalidade da educação básica, conformada por um tratamento próprio; que pela Resolução CNE/CEB n.1/2000 a traz como uma modalidade da educação e que deveria, por ser assim, considerar, situações, perfis dos estudantes, faixas etárias e se pautar em um modelo pedagógico próprios com componentes curriculares face as necessidades específicas.

No entanto, é nessa escola da EJA que ainda se praticam aulas que valorizam apenas quadro e giz, que conforma os estudantes dentro de uma estrutura de sala de aula com carteiras enfileiradas; que ecoa uma sirene ensurdecidora indicando que a aula vai começar ou terminar; que se ministra conteúdos, que muitas vezes, não dialogam com a realidade do estudante; que não disponibilizam o transporte gratuito para que esse estudante, principalmente aquele que mora no interior do estado, se desloque até a escola. Essa escola, que oferta uma modalidade que se diz específica, na hora de contratar seu professor não leva em conta essas especificidades, seus saberes produzidos por sua experiência. Essa escola que não oferta a modalidade em todos os turnos (matutino, vespertino e noturno), e nem em todas as escolas da rede, sendo que nos anos de 2020 e 2021 o projeto da EJA – urbano foi ofertado em 62 escolas estaduais de 57 municípios de Mato Grosso do Sul. Sendo o estado constituído político-administrativamente por 79 municípios.

Nessas escolas acontece ainda a evasão, pois os Processos de Exclusão ainda são latentes na modalidade; nela a Matemática também produz exclusões, e seus professores justificam a inclusão de determinados conteúdos na aula de Matemática, que estão na ementa curricular do projeto, com resposta “vão precisar para fazer a prova, vão precisar para passar no vestibular ou vão precisar se forem fazer um concurso”. É essa escola que questionamos se conseguimos

percebê-la criativa e pedagógica, a partir das narrativas dos professores que a habitam? É essa escola que questionamos quais são os resultados de aprendizagem dos estudantes da EJA?

Mas são, também, nessas escolas da EJA, que professores de Matemática criam nas *artes de fazer* táticas diversas para lidar e enfrentar os desafios da modalidade. Esses professores que se organizam para pensar práticas que trazem as vivências desses estudantes buscando dar sentido ao conteúdo, trabalhando com projetos interdisciplinares; que param a aula para escutar o que seu aluno fez durante o seu dia, ou saber se ainda está com fome, ou como foi no trabalho; que elaboram materiais com recursos financeiros próprios para tentar mostrar com exemplos práticos na aula de Matemática para fazer sentido para o estudante, que deixam de pegar mais aulas pois precisa de mais tempo para pensar em materiais pedagógico que vão produzir melhores entendimentos daqueles conteúdos mais complexos.

É nessa escola que oferta a EJA, que os alunos podem chegar mais tarde pois estavam no trabalho, ou cansados, ou com alguém da família doente, ou com um filho pequeno sem ter com quem deixar; que algumas estudantes mães trazem, mesmo sem poder pelas regras e normas da escola, seus filhos e os colocam para dormir no fundo da sala deitados em duas carteiras encaixadas, e tentam naquele momento do sono rápido do filho, se concentrar na aula. É onde estudantes agradecem o professor quando ele aprende, que comemoram em dias de aniversário, juntando um bolo, salgadinho e refrigerante. É nessa escola que o professor se organiza para não dar provas na primeira aula e nem na última, porque fora desses horários podem prejudicar o aluno que não consegue chegar na hora. É essa escola que continuamos a questionar como ela tem se constituído, quais histórias têm se produzido, e como se tem conformado todos os dias. É dessa escola que queremos contar mais e mais histórias produzidas pela oralidade dos sujeitos que a habitam.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, D. M. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2019.
- ALBUQUERQUE, J. L. **Conflito e integração nas fronteiras dos "brasiguaios"**. Cafajeste. CRH, Salvador, v. 23, n. 60, pág. 579-590, dezembro de 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792010000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000300009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 abri. 2021.
- AMARIS-RUIDIAZ, P.; MIARKA, R. **Entre o Estado e o Nômade**: a Produção de um Espaço de Partilha como Possibilidade de Alisamento de Espaços Escolares Estriados. ALEGRAR nº25 - jan/jul 2020 - ISSN 1808-5148. Disponível em: [www.alegrar.com.br](http://www.alegrar.com.br)
- ARROYO, M.G. **Vidas Ameaçadas**: exigências-respostas éticas da educação e da docência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- ARROYO, M.G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. 294 p.
- ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, outras pedagogias**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ARROYO, M.G. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. 5 ed.; 8 reimp. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 374 p.
- ARROYO, M. G. **Miguel Arroyo**: Educador em diálogo com nosso tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 403 p.
- ARROYO, M. Formar educadores de jovens e adultos. In: SOARES, L. (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/MEC/ UNESCO, 2006. p. 17-32
- BARALDI, I. M. Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção. 2003. 240f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.
- BRAGA, A. C. ; MAZZEU, F. J. C. **O analfabetismo no Brasil**: lições da história. RPGE–Revista on line de Política e Gestão Educacional, v.21, n.1, p. 24-46, 2017. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br> Acesso em: 21 jul. 2021.
- BRANDÃO, C.R. **História do menino que lia o mundo**. 3. ed. Veranópolis/RS: Iterra – Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, 2001.
- BRASIL. **Lei 13.632/2018** de 06 de março de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13632-6-marco-2018-786231-publicacaooriginal-154957-pl.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- BRASIL. Lei Federal 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o **Plano Nacional de Educação** - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25 jun. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/17-cooperacao-federativa/31-base-legal>. Acesso em: 01 nov. 2021
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica: **Parecer CNE/CEB Nº: 7/2010**, 7 de abril de 2010, no Conselho Nacional da Educação, em Brasília, 2010. C.

BRASIL. **Lei 11.274**, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores em Educação Básica: **Resolução CNE/CP n.º 01**, de 18 de fevereiro de 2002, do Conselho Nacional da Educação, Brasília, 2002.

BRASIL. **Lei 10.172**, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o **Plano Nacional de Educação** e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Parecer CEB 11/2000. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução Nº. 1/2000, de 3 de julho de 2000**, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos: **Resolução CNE/CEB Nº: 1/2000**, 5 de julho de 2000, no Conselho Nacional da Educação, em Brasília, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9394/1996**, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em: 20 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 5692/1971**, de 11 de agosto de 1971 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em: 01 nov. 2021

BRASIL. **Lei nº 4024/1961**, de 20 de dezembro de 1961 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) Acesso em: 01 nov. 2021.

BRASIL. **Constituição Dos Estados Unidos Do Brasil**, de 10 de novembro de 1937. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm). Acesso em: 21 jul. 2021.

BRANDÃO, W.G. **Matemática em Educação no Campo**. 107f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação Faculdade de Engenharia. Universidade Estadual Paulista, Unesp, Ilha Solteira, SP, 2020.

BRUNER, J. **Fabricando Histórias: Direito, Literatura, Vida**. Tradução de Fernando Cássio. Letra e Voz, São Paulo, 2014.

CATAIA, M. “Quem tem medo das fronteiras no período da globalização” In: **Revista Terra Livre**. n. 40. Ano 29, v.1 São Paulo: AGB, jun./jul. 2013, p. 65-80.

CATELLI JR., R; GISI, B.; SERRÃO, L. F. ENCCEJA: cenário de disputas na EJA. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 94, n. 238, p. 721-744, set./dez. 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CORDOVAL, J.C. **Projovem Urbano: Instrumentos didáticos em análise (2008-2018)**. 155 f. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2020.

- COSTA, D. M. V.; ARAUJO, G. C. . A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos e a atuação de Lourenço Filho (1947-1950): a arte da guerra. In: **XXV Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação e II Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação**, 2011, São Paulo (SP). Cadernos ANPAE. Rio de Janeiro: ANPAE, 2011. v. 11. p. 01-09. Disponível em: <https://bit.ly/3rrInLJ>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONAE), 2010, Brasília, DF. Construindo o Sistema Nacional articulado de Educação: o Plano Nacional de Educação, diretrizes e estratégias; Documento Final. Brasília, DF: MEC, 2010b. 164p.
- CURY, C.R.J **Estado e Políticas de Financiamento em Educação**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 831-855, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/DMfv3ZSwQTsfGQ3DVX7qrFJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021
- CURY, C. R. J. **Parecer CEB 11/2000**. In: SOARES, Leôncio. Educação de jovens e adultos: diretrizes curriculares nacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 29, n. 51, p. 1-17, abr. 2015.
- Declaração de Hamburgo de Educação de Adultos, 1997. Disponível em: <http://www.cefetop.edu.br>. Acesso em: 02 out. 2021.
- Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. UNESCO, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DELEUZE E GUATTARI EM MIL PLATÔS. In: **Kalagatos - Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 11, n. 21, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v11i21.6108. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6108>. Acesso em: 27 set. 2021.
- DELUIZ, N. O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e na educação: implicações para o currículo. **Boletim Técnico Do Senac**, 27(3), 12-25. Recuperado de <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/572> Acesso em: 24 out. 2021.
- DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V.M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. In: **Cadernos CEDES (UNICAMP)**, Campinas, n. 55, p. 58-77, nov. 2001
- DIAS, R. O. Pesquisa intervenção. Cartografia e estágio supervisionado na formação de professores. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.23, n. 2, p. 269-290, maio/ago. 2011.
- DUSSEL, I. Sobre a precariedade da escola. In **Elogios da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- DUSSEL, I. CARUSO, M. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.
- FERREIRA, A. R. C. **A educação de pessoas jovens e adultas em Betim (MG), 1988-2007 : perspectivas de educadores e professores de Matemática**. 2016. 551p. 2 v., enc, il.. Tese. (Doutorado em Educação: conhecimento e inclusão social). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016.
- FERNANDES, F. S.; GARNICA, A. V. M. Metodologia de Pesquisa em Educação Matemática: éticas e políticas na inserção de novos sujeitos, cenários e conhecimentos.

**Perspectivas da Educação Matemática** – INMA/UFMS – v. 14, n. 34 – Ano 2021. ISSN 2359-2842. DOI: 10.46312/pem.v14i34.12785

FERNANDES SARDI, R. A. Perguntas Máquinas. In: **Childhood & Philosophy**, vol. 3, núm. 6, julio-diciembre, 2007, pp. 227-240. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5120/512051707005.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 8ª reimp. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998

FREIRE, A. M. A. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: INEP, 1989. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola. Volume 4)

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler** [livro eletrônico: em três artigos que se completam. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. *Revista Educação, Cultura e Sociedade. Ensino Básico* • Estud. av. 15 (42). Ago 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>. Acesso em: 07 set.2021

GADOTTI, M.; COUTO, S. Reinventar a Educação é Inverter Prioridades: o lugar da educação de adultos como política pública. Em GADOTTI, M.; CARNOY, M. Organizadores Reinventando Paulo Freire. **A práxis do Instituto Paulo Freire**. Organizadores. São Paulo: Instituto Paulo Freire. Lemann Center/ Stanford Graduate School of Education, 2018.

GADOTTI, M. (org). **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GARNICA, A. V. M; SILVA, C. R. M. A História Oral como Abordagem Metodológica Qualitativa em Educação Matemática: Considerações a Partir das Práticas de um Grupo de Pesquisa. In: MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO / ANTÔNIO PEDRO COSTA. (Org.). **Leituras em pesquisa qualitativa**. 1ed.São Paulo: Livraria da Física, 2019, v. 1, p. 145-160.

GARNICA, A. V. M. História oral em Educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral**, 18(2), 35-53, 2015.

GARNICA, A. V. M. O pulo do sapo: narrativas, história oral, insubordinação e educação Matemática. In: D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 181- 206.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. de C; ARAÚJO, J. de L. (Org.). **Pesquisa qualitativa em Educação Matemática**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. cap. 3, p. 87-109.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N. e SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral. **Boletim de Educação Matemática (BOLEMA)**, n. 41, p. 213-250, 2011.

GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, n. 2, p. 29-42, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/134443>. Acesso em: 16 out. 2020

GARNICA, A. V. M. **Manual de História Oral em Educação Matemática**: outros usos, outros abusos. SNHMat-SBHMat, 2007.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. de C. ARAÚJO, J. de L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte, Autêntica, p. 79-100. 2006.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M.C.; ARAÚJO, J.L. (orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Coleção Tendência em Educação Matemática).

GASPAR, V. R. G. **A mentoria na formação de professores que ensinavam Matemática**: uma instituição (?), diversas experiências na cidade de Campo Grande/MS de 1980 a 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). 2015. Programa de Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://ppgedumat.ufms.br/dissertacoes-e-teses/> Acesso em: 26 out. 2021.

GENEALOGIA e HISTÓRIA em Michel Foucault. Youtube. Canal Crítica com Nietzsche e Foucault. 28'12". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X5O-Y6z6ZtI>

GOIS, A. MEC Suspende “provão dos supletivos”. In: **Folha de São de Paulo**, São Paulo, Caderno Cotidiano, p. C4, 8 set. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0809200311.htm> Acesso em: 04 set. 2021.

GOMES FERREIRA, J. P. Máquina de guerra e aparelho de estado: A GEO-FILOSOFIA DE

HADDAD, S. A ação de governos locais na educação de jovens e adultos. In: **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 35 maio/ago. 2007

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos**: consolidação de Documentos 1985/94. São Paulo, ago.1994.

HADDAD, Sérgio. **Ensino Supletivo no Brasil**: o estado da arte. Brasília: Inep, Reduc, 1987, 136 p.

HENRIQUES, R.; IRELAND, T. A política de construção de jovens e adultos do governo Lula. In: **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. Youtube. Canal Matemática Humanista. 1h37'59". 27 mai. 21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v8BjiDbduyo>

JENSEN, J. M. dos S. **Educação de jovens e adultos: fragmentos de práticas ou práticas em fragmentos?** 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSM, Santa Maria, 2008.

KNOLL, J. H. A história das conferências internacionais da UNESCO sobre a educação de adultos – de Elsinor (1949) a Hamburgo (1997): a política internacional de educação de adultos através das pessoas e dos programas. In.: IRELAND, T.; SPEZIA, C. (orgs.). **Educação de adultos em retrospectiva: 60 anos de CONFINTEA**. Brasília: UNESCO, 2014,p. 13-30

- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo, Autêntica, 2020.
- LARROSA, J. **Elogios da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. 319 p.
- MACHADO, M. M; LAGO, S. N. Políticas de Certificação para Jovens e Adultos – o caso dos Exames de Madureza. In: **Rev. Bras. de Educ. de Jov. e Adultos** vol. 7, ahead of print, 2020.
- MACHADO, M. M. A educação de jovens e adultos: após 20 vinte anos da Lei nº 9394, de 1996. In **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 19, p. 429-451, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 04 ago. 2021.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – UNESP, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, SP, 2012.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e Marginalidade**. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.
- MAIOLINO, E. V. de S. **Política educacional para Jovens e Adultos no estado de Mato Grosso do Sul (1999- 2006)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2011.
- MATO GROSSO DO SUL. **Resolução/SED n<sup>o</sup> 3.126**, de 16 de novembro de 2016. Diário Oficial n. 9287, de 17 de novembro de 2016. Disponível em: [https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO9287\\_17\\_11\\_2016](https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO9287_17_11_2016) Acesso em: 21 out. 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. **Deliberação/CEE/MS n<sup>o</sup> 9090**, de 15 de maio de 2009. Diário Oficial n. 7480, de 17 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.cee.ms.gov.br/wpcontent/uploads/2015/08/del-9090.pdf> Acesso em: 20 jan. 2022
- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2.ed.; 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 174 p.
- MOURA, T.M.M. (Org.). **Educação de Jovens e adultos: currículo, trabalho docente, práticas de alfabetização e letramento**. Maceió: EDUFAL, 2008.
- MUYLAERT, C. J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.
- PAIVA, V. P. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- PAULA, R. B. **Educação na fronteira: Um estudo de caso sobre a presença estrangeira na escola**. Rio de Janeiro, 2019. 188p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- PEREIRA, D. F. F.; PEREIRA, E. T. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n.40, p. 72-89, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639807/7370> Acesso em: 24 jul. 2021.
- PINTO, P.T.; SOUZA, L.A.; SILVA, C.R.M. Movimentos político-epistêmicos na produção de histórias da formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul. In **REncima:**

Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v.12, n. 5, ago. 2021. DOI:  
<https://doi.org/10.26843/rencima.v12n5a04>.

PINTO, T. P. **Projetos Minerva**: caixa de jogos caleidoscópica. 2013. Tese (Doutorado em Educação para as Ciências) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2013.

Por Lourenço Filho : uma biobibliografia - organizadores: Carlos Monarcha, Ruy Lourenço Filho. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001. 313 p. : il. - (Coleção Lourenço Filho, ISSN 1519-3225 : v.1) Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me0000323.pdf> . Acesso em: 22 jul. 2021

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Proj. História. São Paulo. N.14. fev.1997

RODRIGUES, T. D. Por que a etnomatemática pode contribuir para o processo de inclusão escolar? In: **Perspectiva em Diálogos**: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí, v.5, n. 9, p. 120-133, jan. – jun. 2018. ISSN: 2358-1840. Disponível em: <https://www.seer.ufms.br/index.php/persdia/oindex>

RODRIGUES, T. D. **Práticas de exclusão em ambiente escolar**. 2015. 243 f. Tese (Doutorado)- Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro.

ROLKOUSKI, E. **Vida de Professores de Matemática – (Im)possibilidades de Leitura**. Unesp, Rio Claro, 2006. 298 p. Tese de doutorado.

SANTOS, R. F., LEITE, M.N., VERA, B. Por fronteiras dobráveis no limiar da linha entre o Brasil e o Paraguai. **Entre Lugar**, Dourados, MS, v. 10 , nº 20, 2019. Disponível em:  
<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/issue/view/406> Acesso em: 02 mar. 2021.

SANTOS, J. O. S.; CRUSOÉ, N.M.C. Formação do Educador de EJA nos discursos das diretrizes curriculares nacionais da EJA e BNCC. In **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/36257>. Acesso em: 04 out. 21

SILVA, K.W.A. **A Educação de Jovens e Adultos na formação de professores de Matemática: expectativas e desafios**. 2012. 221f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, V.T. **A simplificação do conhecimento no ensaio de filosofia no Projeto EJA III em Mato Grosso do Sul (2013-2014)**: análise de um instrumento de trabalho do professor. 139f. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

SILVA, A. **Diálogos com as juventudes presentes na EJA**. Belo Horizonte: Mazza. Edições, 2014. 248 p.

SILVA, C. R. M. da. **Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. 2015. 470f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista – Unesp, Rio Claro.

SILVA, M. S. **O que podem as narrativas na Educação Matemática brasileira**. 2020. 404f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2020.

- SILVA, M. S.; FILLOS, L. M. Alguns modos de operar no Grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática. **RELVA**, Juara/MT/Brasil, v. 7, n. 2, p. 74-98, jul./dez. 2020.
- Silva, V. T. **A simplificação do conhecimento no ensino de filosofia no Projeto EJA III em Mato Grosso do Sul (2013-2014)**: análise de um instrumento de trabalho do professor. Dissertação. Campo Grande, MS: UEMS, 2016
- SILVA, M. S. **Sobre a formação de professores das séries iniciais na região de São José do Rio Preto/SP na ocasião dos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério (CEFAM)**. 2015. 353f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- SILVA, S. **PANORAMA HISTÓRICO DO MOBRAL**: operacionalização no município de Araras. 2012. 261p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.
- SILVEIRA, R.M.H. A entrevista na pesquisa em educação – Uma arena de Significados. IN: COSTA, M (Org). **Caminhos Investigativos II**: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.
- SOARES, M. Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método. In: **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 4, n. 21, p. 98-104, 1998.
- SOARES, Leôncio J. G. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. In: **Presença Pedagógica**, v.2, nº 11, set/out 1996.
- SOUZA, J. A. C. **“No soy de aquí, ni de allí. Yo soy!”**: identidade territorial na fronteira entre Pedro Juan Caballero - Paraguai e Ponta Porã – Brasil. Dissertação de Mestrado. Dourados – MS. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, 2018.
- SOUZA, L. A. de. **História oral e educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões**. 2006. 313f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2006.
- SOUZA, M. A. **Educação de Jovens e Adultos**. 2. Ed. rev. atual. e ampl. Curitiba: Ibpex, 2011.
- STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. Revista **HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010 - ISSN: 1676-2584 55
- THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VARGAS, S. M. **A atuação do Departamento de Ensino Supletivo do MEC no período 1973-1979**. 1984. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1984.

## APÊNDICE A

### Roteiro de Entrevista

Caro(a) professor(a), este roteiro é apenas norteador. Gostaríamos que você ficasse à vontade para falar sobre qualquer tópico, em qualquer ordem.

#### Identificação pessoal, vida escolar e formação profissional

- 1) Me conte sobre você, seu nome, como você deseja ser identificado/a na pesquisa
  - Infância: quando e onde nasceu
  - Família
- 2) Sobre sua formação: o que você gostaria de me contar sobre a sua trajetória escolar?
  - a. Formação na Educação Básica
  - b. Formação universitária – local, período, instituição
  - c. Formação posterior à universitária – local, período, instituição, tema estudado (se pós-graduação)
  - d. Alguma formação na área da Educação de Jovens e Adultos?
  - e. Quando você se percebeu professor/a?

#### Atuação profissional

- 3) Nesse item, gostaria que você falasse sobre sua atuação profissional e sua experiência docente de maneira geral.
  - a. Experiências
  - b. Admissão na Rede Estadual de Ensino – MS e motivos de ingresso na rede;
  - c. Cursos, disciplinas, funções e cargos em que já trabalhou e/ou trabalha;
  - d. Escolas em que já trabalhou e/ou trabalha
- 4) E sobre sua atuação na EJA?
  - a. Como começou a ser professor/a na Educação de Jovens e Adultos?
  - b. A quanto tempo atua em cursos de EJA.
  - c. Tem mais turmas do ensino regular fora da EJA, se sim quais
  - d. Cotidiano dessa modalidade
  - e. Como é a rotina de uma aula da EJA?
  - f. Como são os professores da EJA?
  - g. Como são os estudantes da EJA?
  - h. Currículo de EJA
  - i. Formação do Professor para atuar na EJA

- j. Perspectivas para a EJA
- k. Desafios de ser professor da EJA
- l. O ensino de Matemática na EJA

#### **A EJA na Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso do Sul**

- 5) A organização do ensino para estudantes jovens e adultos na Rede de Estado de Educação de maneira geral;
- 6) A organização da Educação de Jovens e Adultos na escola que você atua.
- 7) O que você poderia me dizer a respeito do Projeto Conectando Saberes?
- 8) Você participa de formações no decorrer do ano? Se sim pode falar sobre elas?

**Há algum ponto que não foi destacado aqui que você queria falar?**

## APÊNDICE B

### Carta de autorização

Campo Grande/MS, 27 de outubro de 2020.

Excelentíssima Secretária de Estado de Educação Professora Cecília Motta,

Meu nome é Lilian Oliveira Daniel, sou mestranda em Educação Matemática do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGEducMat, desde março de 2020. Venho, por meio deste ofício, solicitar à Vossa Senhoria e sua equipe o consentimento para que eu e minha orientadora, Profa. Dra. Carla Regina Mariano da Silva, possamos realizar nossa pesquisa de mestrado na Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso do Sul, especificamente na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA.

O nosso projeto de pesquisa foca em produzir narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, especificamente olhando para o Projeto Conectando Saberes a partir do ano de 2017. Neste contexto, precisamos de autorização da Secretaria de Estado de Educação (SED/MS) para que este projeto seja desenvolvido com os professores de Matemática da Rede Estadual de Ensino. A questão de pesquisa que será investigada é: “O que pode a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul?”.

A partir deste cenário, gostaríamos de solicitar autorização para:

- Obter uma lista de professores de Matemática que atuam e atuaram desde 2017 na Educação de Jovens e Adultos do Projeto Conectando Saberes – Urbano, a partir do seu ato autorizativo;
- Ter acesso ao Projeto Conectando Saberes – Urbano e demais documentos que nos ajudem a produzir uma história sobre a EJA no Mato Grosso do Sul;
- Conversar com professores selecionados a partir da lista;
- Obter relatórios de quantitativos de matrículas de estudantes, professores, escolas, entre outros documentos importantes que ajudarão a compor o cenário da pesquisa, desde 2017.




---

Lilian Oliveira Daniel  
[lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br)  
 Tel (67) 9 9988 3029




---

Carla Regina Mariano da Silva  
[carla.silva@ufms.br](mailto:carla.silva@ufms.br)

## APÊNDICE C

### Termo de consentimento livre e esclarecido

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de Matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Ensino especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconeppropp@ufms.br](mailto:cepconeppropp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o e-mail do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou e-mail [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D

### Carta aos entrevistados

Campo Grande, maio de 2010.

Olá professor(a)

Segue por *e-mail* a documentação referente à entrevista que realizamos com a finalidade de produção de dados para a dissertação vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Professora Dr. Carla Regina Mariano da Silva, sobre a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul.

Solicito a conferência, adequações, correções e complementações que julgar necessárias, as quais devem ser feitas no texto Textualização, o qual será incorporada à dissertação. Se possível solicito a correção desses dados no texto, pois pode ter ocorrido alguma situação que não entendi ao certo algumas palavras ou algumas nomenclaturas.

Estou enviando também uma cópia Carta de Cessão de Direitos e solicito que seja devolvida assinada para meu endereço eletrônico assinado digitalmente conforme enviado pelo programa assinatura digital.

Mais uma vez agradeço sua atenção e qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento, estou à disposição em meu endereço eletrônico ou via aplicativo *Whatsapp*.

Atenciosamente

Lilian Oliveira Daniel

## **ANEXOS**

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 08/06/2021 às 08:13:43 (GMT -3:00)

TCLE\_APROVADO.pdf

ID única do documento: #ced84ba8-bd31-4d44-af08-bfc5b833378a

Hash do documento original (SHA256): ae05a4c24e4e10b32b3e18c995aa0b1f7b1b6c26a62809b8cb68515cb37a0da4

Este Log é exclusivo ao documento número #ced84ba8-bd31-4d44-af08-bfc5b833378a e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 08/06/2021 às 08:22:34 (GMT -3:00)
- ✓ **Moacir Nunes da Silva Junior (Participante)**  
Assinou em 10/06/2021 às 23:06:01 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

08/06/2021 às 08:22:34  
(GMT -3:00)

### Evento

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 45.163.227.16) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

10/06/2021 às 23:06:01  
(GMT -3:00)

Moacir Nunes da Silva Junior (Autenticação: e-mail mnsjunior@gmail.com; IP: 168.228.169.16) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

10/06/2021 às 23:06:01  
(GMT -3:00)

Documento assinado por todos os participantes.

**Data e hora**

08/06/2021 às 08:13:43  
(GMT -3:00)

**Evento**

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 31/05/2021 às 14:36:11 (GMT -3:00)

TCLE\_APROVADO.pdf

 ID única do documento: #68446fcf-01d5-4044-824b-0e08d0ac6451

Hash do documento original (SHA256): 3001302dbcbb4791c1b00e755db109a1a1abb5a4a29b4403c48016f363d1e897

Este Log é exclusivo ao documento número #68446fcf-01d5-4044-824b-0e08d0ac6451 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 14:42:37 (GMT -3:00)
- ✓ **Nadir Maria de Moura (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 14:40:23 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
31/05/2021 às 14:36:11 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
31/05/2021 às 14:40:23 (GMT -3:00)	Nadir Maria de Moura (Autenticação: e-mail nadirmoura56@gmail.com; IP: 187.86.51.6) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
31/05/2021 às 14:42:37 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.183.214.109) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

**Data e hora**

31/05/2021 às 14:42:37  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 08/06/2021 às 12:09:41 (GMT -3:00)

TCLE\_APROVADO.pdf

ID única do documento: #a8c85618-9dd9-4cdb-8d85-31b69887a9f0

Hash do documento original (SHA256): 6ae544bf51b8fd5e1b6f30cbdec3b26c332a5b406de7e92511fb374f39d45882

Este Log é exclusivo ao documento número #a8c85618-9dd9-4cdb-8d85-31b69887a9f0 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lucreciana Alves de Souza Santos (Participante)**  
Assinou em 09/06/2021 às 07:04:40 (GMT -3:00)
- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 08/06/2021 às 12:13:44 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
08/06/2021 às 12:09:41 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
09/06/2021 às 07:04:41 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.
08/06/2021 às 12:13:44 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 45.163.227.16) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

**Data e hora**

09/06/2021 às 07:04:40  
(GMT -3:00)

**Evento**

Lucreciana Alves de Souza Santos (Autenticação: e-mail  
lucrecia.na@hotmail.com; IP: 201.7.3.76) assinou. Autenticidade deste  
documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>.  
Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 29/05/2021 às 15:47:38 (GMT -3:00)

TCLE\_APROVADO.pdf

 ID única do documento: #93dd93b7-16a6-4c49-9c8f-fddea2c9da5e

Hash do documento original (SHA256): 490775173a2316d4bad140b19ce60bd4bf610d94f5d3fae7e516ca66e31e752d

Este Log é exclusivo ao documento número #93dd93b7-16a6-4c49-9c8f-fddea2c9da5e e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

-  **Adriano Franca Mariano (Participante)**  
Assinou em 29/05/2021 às 17:06:34 (GMT -3:00)
-  **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 29/05/2021 às 18:53:55 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

29/05/2021 às 17:06:34  
(GMT -3:00)

### Evento

Adriano Franca Mariano (Autenticação: e-mail profadrianomariano@hotmail.com; IP: 189.113.50.214) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

29/05/2021 às 15:47:38  
(GMT -3:00)

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

29/05/2021 às 18:53:55  
(GMT -3:00)

Documento assinado por todos os participantes.

**Data e hora**

29/05/2021 às 18:53:55  
(GMT -3:00)

**Evento**

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.183.214.109) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 31/05/2021 às 18:21:01 (GMT -3:00)

TCLE\_APROVADO.pdf

 ID única do documento: #ce48c963-7abe-4cdc-8530-a02f628d89ff

Hash do documento original (SHA256): 00d46a055c49364645b09504cc97945518114d901342457d75dfa7aac5d13129

Este Log é exclusivo ao documento número #ce48c963-7abe-4cdc-8530-a02f628d89ff e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 18:24:28 (GMT -3:00)
- ✓ **Anderson José Borges Claro (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 18:36:49 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
31/05/2021 às 18:21:01 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
31/05/2021 às 18:24:28 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.183.214.109) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
31/05/2021 às 18:36:49 (GMT -3:00)	Anderson José Borges Claro (Autenticação: e-mail andersonjbc@outlook.de; IP: 190.111.130.63) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

**Data e hora**

31/05/2021 às 18:36:50  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado em Educação Matemática intitulado **“UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO GROSSO DO SUL”**.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores em MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica a importância do desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto devido ao preenchimento das questões. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa.

A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Será realizado os arquivos das entrevistas após o período previsto para a guarda do material por um período de 5 anos após o término da pesquisa e depois o material será arquivado. Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito desta fonte historiográfica, desde que esses futuros projetos sejam aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 25/05/2021 às 11:41:26 (GMT -3:00)

TCLE.pdf

 ID única do documento: #a655165c-2559-453d-b504-093d6070b46b

Hash do documento original (SHA256): 60dc301e644901bda431d9115efe2c577dfaf8a6b9cb2b40d55ecd9b32d309df

Este Log é exclusivo ao documento número #a655165c-2559-453d-b504-093d6070b46b e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

---

## Assinaturas (2)

- ✓ José Paulo Rodrigues da Silveira (Participante)  
Assinou em 26/05/2021 às 23:41:19 (GMT -3:00)
- ✓ Lilian Oliveira Daniel (Participante)  
Assinou em 25/05/2021 às 11:43:58 (GMT -3:00)

---

## Histórico completo

Data e hora	Evento
25/05/2021 às 11:41:26 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
25/05/2021 às 11:43:58 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 189.59.106.229) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
26/05/2021 às 23:41:19 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.

**Data e hora**

26/05/2021 às 23:41:19  
(GMT -3:00)

**Evento**

José Paulo Rodrigues da Silveira (Autenticação: e-mail josepapt@gmail.com; IP: 187.95.14.130) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 31/05/2021 às 15:21:11 (GMT -3:00)

TCLE\_APROVADO.pdf

 ID única do documento: #7320e5b5-e823-4b2d-920e-5113614145bc

Hash do documento original (SHA256): 8bb24db1afe7b08e38e1fc4be1580a76b4b8aec5ff743593f9d4dbcfb4f7fb0b

Este Log é exclusivo ao documento número #7320e5b5-e823-4b2d-920e-5113614145bc e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

---

## Assinaturas (2)

- ✓ **Regiane Bussolo Barbosa (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 15:40:15 (GMT -3:00)
- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 15:44:02 (GMT -3:00)

---

## Histórico completo

Data e hora	Evento
31/05/2021 às 15:21:12 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
31/05/2021 às 15:44:03 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.
31/05/2021 às 15:40:15 (GMT -3:00)	Regiane Bussolo Barbosa (Autenticação: e-mail regiane_bussolobarbosa@hotmail.com; IP: 191.223.110.199) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

**Data e hora**

31/05/2021 às 15:44:02  
(GMT -3:00)

**Evento**

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.183.214.109) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado em Educação Matemática intitulado **“UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO GROSSO DO SUL”**.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores em MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica a importância do desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto devido ao preenchimento das questões. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa.

A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Será realizado os arquivos das entrevistas após o período previsto para a guarda do material por um período de 5 anos após o término da pesquisa e depois o material será arquivado. Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito desta fonte historiográfica, desde que esses futuros projetos sejam aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 26/05/2021 às 23:18:43 (GMT -3:00)

TCLE.pdf

ID única do documento: #0b369e7c-4b06-444b-8890-a15795cb3b35

Hash do documento original (SHA256): e44175289b7bc0a3b1eb049b318eff77514326b4a653441f59e82f6d81f7a6f

Este Log é exclusivo ao documento número #0b369e7c-4b06-444b-8890-a15795cb3b35 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 26/05/2021 às 23:20:22 (GMT -3:00)
- ✓ **Monica Angelica Frares (Participante)**  
Assinou em 01/06/2021 às 08:36:23 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
01/06/2021 às 08:36:23 (GMT -3:00)	Monica Angelica Frares (Autenticação: e-mail monicafrases@hotmail.com; IP: 45.237.254.5) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
26/05/2021 às 23:20:22 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 189.59.106.229) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
26/05/2021 às 23:18:43 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

**Data e hora**

01/06/2021 às 08:36:23  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 22/07/2021 às 10:25:48 (GMT -3:00)

TCLE\_APROVADO.pdf

 ID única do documento: #b9668eba-7a16-4898-9c0c-3e3408108582

Hash do documento original (SHA256): f7ac5371fef7f88b7ff1bab8459719b80f72e473f38e75c383f88b0fcee7988

Este Log é exclusivo ao documento número #b9668eba-7a16-4898-9c0c-3e3408108582 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Patrícia Roberta Bertocco Arruda Martins Ferreira (Participante)**  
Assinou em 22/07/2021 às 15:31:28 (GMT -3:00)
- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 22/07/2021 às 15:33:09 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

22/07/2021 às 15:31:28  
(GMT -3:00)

### Evento

Patrícia Roberta Bertocco Arruda Martins Ferreira (Autenticação: e-mail patricia\_bertocco@hotmail.com; IP: 177.221.223.103) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

22/07/2021 às 10:25:49  
(GMT -3:00)

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

22/07/2021 às 15:33:09  
(GMT -3:00)

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.95.241.227) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

**Data e hora**

22/07/2021 às 15:33:10  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado em Educação Matemática intitulado **“UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MATO GROSSO DO SUL”**.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores em MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica a importância do desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto devido ao preenchimento das questões. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa.

A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Será realizado os arquivos das entrevistas após o período previsto para a guarda do material por um período de 5 anos após o término da pesquisa e depois o material será arquivado. Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito desta fonte historiográfica, desde que esses futuros projetos sejam aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 19/05/2021 às 09:38:35 (GMT -3:00)

TCLE.pdf

 ID única do documento: #84373b0a-53ee-4939-9b92-5bb7fb848b23

Hash do documento original (SHA256): a8a89e73ca7c46371af0ee4efe66921f9fde5c074eca072bb6bdd923a8b11ecb

Este Log é exclusivo ao documento número #84373b0a-53ee-4939-9b92-5bb7fb848b23 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Camila Cristina Mendes da Silva (Participante)**  
Assinou em 19/05/2021 às 10:54:26 (GMT -3:00)
- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 19/05/2021 às 09:50:17 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

19/05/2021 às 09:38:36  
(GMT -3:00)

19/05/2021 às 09:50:17  
(GMT -3:00)

19/05/2021 às 10:54:26  
(GMT -3:00)

### Evento

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 45.163.226.6) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

Camila Cristina Mendes da Silva (Autenticação: e-mail camilamendesamaral@hotmail.com; IP: 143.0.70.63) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

**Data e hora**

19/05/2021 às 10:54:26  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “UMA RODA, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS! AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MATO GROSSO DO SUL”.

Este estudo será conduzido pela equipe de pesquisa Lilian Oliveira Daniel e Carla Regina Mariana da Silva, cujo objetivo é produzir um conjunto de narrativas com professores de Matemática que atuam e atuaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Mato Grosso do Sul, a partir de 2017, visando entender o cotidiano e os modos de fazer escola tão próprios desta modalidade de ensino. Especificamente esta pesquisa intenciona conhecer o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos e analisar as necessidades formativas docente para atuar na EJA. Participarão desta pesquisa 12 professores de matemática das escolas estaduais que atuam ou atuaram na Rede Estadual de Educação especificamente no projeto Conectando Saberes da modalidade Educação de Jovens e Adultos, a partir do ano de 2017. Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos: gravar, em áudio e vídeo, as falas e depoimentos desses professores

Queremos aqui referendar que poucos foram os trabalhos encontrados em que apresentaram discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul, também, poucos trabalhos que têm no seu contexto a Educação Matemática, a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores no MS. Entendemos ser esse fato mais um fato que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Junto a isso, a necessidade de entender como o profissional que trabalha na EJA é formado e, como produz um modo de vivenciar essa modalidade de ensino.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Sua participação é voluntária e não haverá ônus ou bônus, pois é de responsabilidade do pesquisador se deslocar até você, caso necessário. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, ficando garantida a recusa em responder sobre alguma temática, seja por constrangimento ou não, sem nenhum prejuízo à sua participação. O participante pode recusar-se a participar sem que haja prejuízos ou penalidades em suas atividades laborais.

A participação na pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver constrangimento ou desconforto ao responder alguma pergunta do roteiro da entrevista. O risco é mínimo, mas em caso de danos ou gastos haverá a ressarcimento e indenização aos participantes diante de eventuais gastos ou danos decorrentes da pesquisa. Assim como em qualquer pesquisa, é possível que esta gere algum tipo de ansiedade ou desconforto, no tocante as perguntas a serem realizadas.

No entanto você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder sobre qualquer tema específico sem qualquer punição. Para minimizar tais desconfortos, optamos para esta pesquisa uma apresentação por temas de modo a não obrigatoriedade que o entrevistado tem de falar sobre qualquer tema.

Solicitamos a sua autorização para a gravação de áudio e vídeo na realização da entrevista da pesquisa. A participação é confidencial, em hipótese algum seu nome ou o material produzido nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período previsto para a guarda do material de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Todo o material produzido será de responsabilidade do entrevistador, assegurando-se o sigilo sobre a participação dos envolvidos no projeto, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos).

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Caso seja autorizada a divulgação do material produzido, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem publicados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O destino final do material produzido será seu arquivamento.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo telefone (67) 3345 7187. Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias. Bairro Pioneiros . Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS. O email do Comitê de Ética em Pesquisa é [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br).

Ressalta-se ainda que sua participação nesta pesquisa contribuirá para que possamos explicitar modos de entender a escola dentro das especificidades que essa modalidade de ensino possui, visando contribuir para que políticas específicas possam ser pensadas e produzidas.

Ao ler e aceitar a participar da pesquisa, você e o pesquisador deverão assinar as duas vias deste documento, sendo que uma via permanece com o participante e a outra com o pesquisador. O envio e a devolutiva do TCLE assinado deverá ocorrer, via email da pesquisadora entrevistadora Lilian Oliveira Daniel [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br) que será devolvido após assinado para o email do entrevistado, sendo assinado e posteriormente devolvido e depois arquivado.

Para perguntas ou esclarecimentos sobre o projeto em geral entre em contato por meio dos seguintes dados: pesquisadora Lilian Oliveira Daniel, telefone de contato (067) 999883029 ou email [lilian.daniel@ufms.br](mailto:lilian.daniel@ufms.br). O endereço profissional da pesquisadora é Rua Cosme e Damião 1063, Jardim Paulista, CEP 79.050-390.

---

Rubrica do participante

---

Rubrica do pesquisador

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187. O endereço físico deste Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS é na Endereço Rua Costa e Silva, s/n Prédio das Pró reitorias, Bairro Pioneiros. Caixa Postal n. 549, CEP: 79.070-110, Campo Grande, MS email cepconep.propp@ufms.br,

Assinatura do participante \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 08/06/2021 às 16:32:19 (GMT -3:00)

TCLE\_APROVADO.pdf

ID única do documento: #21002a88-ba13-4b5d-a47b-79c3bbc30652

Hash do documento original (SHA256): a6cac8ce4ac08f8c862351e0d56f8fd81aa6722ebd2360c97a028dce42711189

Este Log é exclusivo ao documento número #21002a88-ba13-4b5d-a47b-79c3bbc30652 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 08/06/2021 às 16:33:07 (GMT -3:00)
- ✓ **Alan Pereira Manoel (Participante)**  
Assinou em 08/06/2021 às 20:41:40 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

08/06/2021 às 20:41:40  
(GMT -3:00)

08/06/2021 às 20:41:40  
(GMT -3:00)

08/06/2021 às 16:33:07  
(GMT -3:00)

### Evento

Documento assinado por todos os participantes.

Alan Pereira Manoel (Autenticação: e-mail alanpmanoel@hotmail.com; IP: 179.49.215.7) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 45.163.227.16) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

**Data e hora**

08/06/2021 às 16:32:20  
(GMT -3:00)

**Evento**

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Moacir Nunes da Silva Junior declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGeEduMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 01/12/2020. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 10/06/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Anastácio, 10 de junho de 2021.

---

RG 1030504 SSP MS

Moacir Nunes da Silva Junior



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 10/06/2021 às 23:19:06 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS Moacir Nunes.pdf

ID única do documento: #41e6b0a9-abf6-4f09-8fe4-b6975cd57d4c

Hash do documento original (SHA256): 236a732a5378077fb75fbe8369c824f52e6370e1a2ed739bc3675e046d5d2adb

Este Log é exclusivo ao documento número #41e6b0a9-abf6-4f09-8fe4-b6975cd57d4c e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (1)

- Moacir Nunes da Silva Junior (Participante)**  
Assinou em 10/06/2021 às 23:23:39 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
10/06/2021 às 23:23:39 (GMT -3:00)	Moacir Nunes da Silva Junior (Autenticação: e-mail mnsjunior@gmail.com; IP: 168.228.169.16) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
10/06/2021 às 23:23:39 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.
10/06/2021 às 23:19:07 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Adriano Marcos Cavalcante da Silva, documento de identidade RG 1140017 SEJUSP MS representante neste ato de Maurício Soares de Magalhães, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGEducMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que foi concedida no dia 04/12/2020 pelo Maurício Soares de Magalhães. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 07/06/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que o nome do Maurício Soares de Magalhães poderá ser divulgado como entrevistado na dissertação, e que por motivo do seu falecimento não assina esse termo, sendo assinado por mim. Declaro estar ciente que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Dourados, 07 de junho de 2021.

---

RG 1140017 SEJUSP MS  
Adriano Marcos Cavalcante da Silva



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 07/06/2021 às 15:39:30 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS Adriano -Maurício.pdf

ID única do documento: #cbaaf00c-4f80-4f0a-b612-9195ebbb2e70

Hash do documento original (SHA256): 837bca05784496383c05e9d0530435abed209ab2708f5dd849be4f556e388577

Este Log é exclusivo ao documento número #cbaaf00c-4f80-4f0a-b612-9195ebbb2e70 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (1)

- Adriano Marcos Cavalcante da Silva (Participante)**  
Assinou em 07/06/2021 às 18:40:23 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

07/06/2021 às 15:39:30  
(GMT -3:00)

07/06/2021 às 18:40:23  
(GMT -3:00)

07/06/2021 às 18:40:24  
(GMT -3:00)

### Evento

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

Adriano Marcos Cavalcante da Silva (Autenticação: e-mail adriano0580237@gmail.com; IP: 177.5.240.95) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

Documento assinado por todos os participantes.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Nadir Maria de Moura, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGEducMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 14/12/2020. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 24/03/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Sete Quedas, 31 de maio de 2021.

---

RG 343403 SEJUSP MS  
Nadir Maria de Moura



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 31/05/2021 às 14:35:10 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PROFESSORA NADIR.pdf

 ID única do documento: #c9f07afe-9e43-4eda-8788-398e036d650c

Hash do documento original (SHA256): 43e6fce5a1ccd608cb86c24e5bacbba3750b5fabfba2dc33498419ba552bdfa

Este Log é exclusivo ao documento número #c9f07afe-9e43-4eda-8788-398e036d650c e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Nadir Maria de Moura (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 14:43:48 (GMT -3:00)
- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 14:41:31 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
31/05/2021 às 14:35:10 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
31/05/2021 às 14:43:48 (GMT -3:00)	Nadir Maria de Moura (Autenticação: e-mail nadirmoura56@gmail.com; IP: 187.86.51.6) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.
31/05/2021 às 14:41:31 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.183.214.109) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

**Data e hora**

31/05/2021 às 14:43:48  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Lureciana Alves de Souza Santos declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGeEduMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 21/01/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 08/06/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Ladário, 08 de junho de 2021.

---

RG 688825 SEJUSP MS

Lureciana Alves de Souza Santos



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 08/06/2021 às 12:07:58 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS Lucreciana.pdf

 ID única do documento: #d3c75c8c-0277-44a7-a7c7-70b79b3606d9

Hash do documento original (SHA256): 1fee3a8c11719b8ed862c229ca02ad563b564198065cdbd68f8142987acb350d

Este Log é exclusivo ao documento número #d3c75c8c-0277-44a7-a7c7-70b79b3606d9 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

---

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lucreciana Alves de Souza Santos (Participante)**  
Assinou em 08/06/2021 às 12:29:05 (GMT -3:00)
- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 08/06/2021 às 12:08:26 (GMT -3:00)

---

## Histórico completo

Data e hora	Evento
08/06/2021 às 12:07:58 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
08/06/2021 às 12:08:26 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 45.163.227.16) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.
08/06/2021 às 12:29:05 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.

**Data e hora**

08/06/2021 às 12:29:05  
(GMT -3:00)

**Evento**

Lucreciana Alves de Souza Santos (Autenticação: e-mail lucrecia.na@hotmail.com; IP: 187.25.47.62) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Adriano Franca Mariano, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGEducMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 22/01/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 29/05/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Coronel Sapucaia, 29 de maio de 2021.

---

RG 789855 SEJUSP MS

Adriano Franca Mariano



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 29/05/2021 às 15:48:47 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS Adriano.pdf

ID única do documento: #5c5fd5c4-edb4-4368-b0d5-bbafc7fc5fd3

Hash do documento original (SHA256): 8ec7ffcfb66b1031b5c5526532062fa20c2fd69f1bf95259b085aa598d3c7cdd

Este Log é exclusivo ao documento número #5c5fd5c4-edb4-4368-b0d5-bbafc7fc5fd3 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Adriano Franca Mariano (Participante)**  
Assinou em 29/05/2021 às 17:05:30 (GMT -3:00)
- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 29/05/2021 às 18:54:22 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

29/05/2021 às 18:54:22  
(GMT -3:00)

### Evento

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.183.214.109) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

29/05/2021 às 15:48:48  
(GMT -3:00)

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

29/05/2021 às 18:54:22  
(GMT -3:00)

Documento assinado por todos os participantes.

**Data e hora**

29/05/2021 às 17:05:30  
(GMT -3:00)

**Evento**

Adriano Franca Mariano (Autenticação: e-mail profadrianomariano@hotmail.com; IP: 189.113.50.214) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Anderson José Borges Claro, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGEducMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 22/01/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 31/05/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Batayporã, 31 de maio de 2021.

---

RG 1464159 SEJUSP MS  
**Anderson José Borges Claro**



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 31/05/2021 às 18:19:14 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS ANDERSON.pdf

 ID única do documento: #3c47f4ae-b92f-4080-a5dd-564fd1dd27c5

Hash do documento original (SHA256): 7078f0697a8b19303c325819463272410c82f0bae45e48f24b7d010519244e61

Este Log é exclusivo ao documento número #3c47f4ae-b92f-4080-a5dd-564fd1dd27c5 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ Anderson José Borges Claro (Participante)  
Assinou em 31/05/2021 às 21:01:38 (GMT -3:00)
- ✓ Lilian Oliveira Daniel (Participante)  
Assinou em 31/05/2021 às 18:23:53 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
31/05/2021 às 18:19:14 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
31/05/2021 às 18:23:53 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.183.214.109) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
31/05/2021 às 21:01:38 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.

**Data e hora**

31/05/2021 às 21:01:38  
(GMT -3:00)

**Evento**

Anderson José Borges Claro (Autenticação: e-mail andersonjbc@outlook.de; IP: 190.111.130.63) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, José Paulo Rodrigues da Silveira, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGeEduMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 01/02/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 24/03/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Três Lagoas, 25 de maio de 2021.

---

RG 001.880.326

José Paulo Rodrigues da Silveira



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 25/05/2021 às 11:43:02 (GMT -3:00)

Termo\_de\_Cessão\_JP.pdf

ID única do documento: #70482b8a-2226-4cb3-b5b3-b8173f3ee591

Hash do documento original (SHA256): c60bcadaf2bd5eeabbe1fb94364da38ca6f84ef0c84a2e660a7f6d7c48ec2169

Este Log é exclusivo ao documento número #70482b8a-2226-4cb3-b5b3-b8173f3ee591 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ José Paulo Rodrigues da Silveira (Participante)  
Assinou em 26/05/2021 às 23:40:16 (GMT -3:00)
- ✓ Lilian Oliveira Daniel (Participante)  
Assinou em 25/05/2021 às 11:43:32 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
26/05/2021 às 23:40:16 (GMT -3:00)	José Paulo Rodrigues da Silveira (Autenticação: e-mail josepapt@gmail.com; IP: 187.95.14.130) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
25/05/2021 às 11:43:32 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 189.59.106.229) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
25/05/2021 às 11:43:02 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

**Data e hora**

26/05/2021 às 23:40:17  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Regiane Bussolo Barbosa, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGEducMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 15/02/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 30/04/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Dourados, 31 de maio de 2021.

---

RG 1577447 SSP PR  
Regiane Bussolo Barbosa



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 31/05/2021 às 15:19:36 (GMT -3:00)

## TERMO PROFESSORA REGIANE.pdf

ID única do documento: #2cd4e087-a13b-4c65-8f81-30b67de68830

Hash do documento original (SHA256): b22b9b5d7169bd1926cfbb70b4cdc34a31884c597b3e0b20abf9ac47de406d56

Este Log é exclusivo ao documento número #2cd4e087-a13b-4c65-8f81-30b67de68830 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 15:24:19 (GMT -3:00)
- ✓ **Regiane Bussolo Barbosa (Participante)**  
Assinou em 31/05/2021 às 15:45:20 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

31/05/2021 às 15:19:37  
(GMT -3:00)

31/05/2021 às 15:45:20  
(GMT -3:00)

31/05/2021 às 15:24:19  
(GMT -3:00)

### Evento

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

Regiane Bussolo Barbosa (Autenticação: e-mail regiane\_bussolobarbosa@hotmail.com; IP: 191.223.110.199) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.183.214.109) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

**Data e hora**

31/05/2021 às 15:45:20  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Mônica Angélica Frares, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGeEduMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 01/02/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 24/03/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Coxim, 26 de maio de 2021.

---

RG 112235 SEJUSP MS

Mônica Angelica Frares



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 26/05/2021 às 23:17:39 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS MÔNICA.pdf

ID única do documento: #51e8fc71-dbe0-4ec9-93a4-43b24ed0a850

Hash do documento original (SHA256): 17fbf53897a0b3e597104a46a83b7d0a1bbffba2055e74d6b20ce0669f5e0b44

Este Log é exclusivo ao documento número #51e8fc71-dbe0-4ec9-93a4-43b24ed0a850 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 26/05/2021 às 23:20:50 (GMT -3:00)
- ✓ **Monica Angelica Frares (Participante)**  
Assinou em 01/06/2021 às 08:38:55 (GMT -3:00)

## Histórico completo

Data e hora	Evento
01/06/2021 às 08:38:55 (GMT -3:00)	Monica Angelica Frares (Autenticação: e-mail monicafrases@hotmail.com; IP: 45.237.254.5) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.
26/05/2021 às 23:17:40 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
01/06/2021 às 08:38:55 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.

**Data e hora**

26/05/2021 às 23:20:50  
(GMT -3:00)

**Evento**

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 189.59.106.229) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Patrícia Roberta Martins Ferreira declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGeEduMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 22/02/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 09/06/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Bonito, 22 de julho de 2021.

---

RG 18506892 3 SSP SP  
Patrícia Roberta Bertocco Arruda Martins Ferreira



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 22/07/2021 às 10:24:36 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS Professora Patrícia.pdf

ID única do documento: #d6abc4b8-a88b-41a4-a5eb-7ca15272369c

Hash do documento original (SHA256): ade229275abd6db7a354603c5ec7ccb5954d90108d770ccd4e80bd6cf9bab141

Este Log é exclusivo ao documento número #d6abc4b8-a88b-41a4-a5eb-7ca15272369c e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Patrícia Roberta Bertocco Arruda Martins Ferreira (Participante)**  
Assinou em 22/07/2021 às 15:29:48 (GMT -3:00)
- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 22/07/2021 às 15:34:38 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

22/07/2021 às 10:24:37  
(GMT -3:00)

22/07/2021 às 15:34:38  
(GMT -3:00)

22/07/2021 às 15:29:48  
(GMT -3:00)

### Evento

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 179.95.241.227) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

Patrícia Roberta Bertocco Arruda Martins Ferreira (Autenticação: e-mail patricia\_bertocco@hotmail.com; IP: 177.221.223.103) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

**Data e hora**

22/07/2021 às 15:34:38  
(GMT -3:00)

**Evento**

Documento assinado por todos os participantes.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Camila Cristina Mendes da Silva, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGeEduMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 23/02/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 06/04/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Paranaíba, 19 de maio de 2021.

---

Camila Cristina Mendes da Silva

RG 001.907.423 SEJUSP MS



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 19/05/2021 às 09:40:42 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS.pdf

ID única do documento: #8f9898b7-86c0-46d6-a57b-3a82186a07cb

Hash do documento original (SHA256): 5b305c9a606a21554052cfccb3be5b0d86fa5b7b0283480d46ed534ec9c516fa

Este Log é exclusivo ao documento número #8f9898b7-86c0-46d6-a57b-3a82186a07cb e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (2)

- ✓ **Lilian Oliveira Daniel (Participante)**  
Assinou em 19/05/2021 às 09:51:12 (GMT -3:00)
- ✓ **Camila Cristina Mendes da Silva (Participante)**  
Assinou em 19/05/2021 às 10:45:39 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

19/05/2021 às 09:51:12  
(GMT -3:00)

### Evento

Lilian Oliveira Daniel (Autenticação: e-mail lilian.daniel@ufms.br; IP: 45.163.226.6) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

19/05/2021 às 10:45:40  
(GMT -3:00)

Documento assinado por todos os participantes.

19/05/2021 às 09:40:43  
(GMT -3:00)

Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.

**Data e hora**

19/05/2021 às 10:45:39  
(GMT -3:00)

**Evento**

Camila Cristina Mendes da Silva (Autenticação: e-mail camilamendesamaral@hotmail.com; IP: 143.0.70.63) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Alan Pereira Manoel, declaro para fins de comprovação, ceder à Lilian Oliveira Daniel, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGeEduMat UFMS, campus Campo Grande, MS, documento de identidade inscrito sob o número 7.641.507 SSP/MG, sob os termos da resolução CNS 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, os direitos da textualização do registro oral, referente a entrevista que lhe concedi no dia 26/02/2021. A pesquisa foi transcrita e textualizada, apresentada a mim e legitimada na data de 09/08/2021 para fins exclusivos da sua pesquisa de mestrado junto a referida instituição. Autorizo que meu nome seja divulgado como entrevistado na dissertação. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização em questão poderá ser utilizada em outros textos, no entanto, sua reprodução integral ou parcial fica condicionada à ética vigente, devendo constar devidamente e obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização faz parte.

De acordo com os termos propostos nesta carta, subscrevo a presente.

Campo Grande, 09 de agosto de 2021.

---

RG 1435958 SEJUSP MS

Alan Pereira Manoel



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 09/08/2021 às 11:10:01 (GMT -3:00)

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS ALAN\_P.pdf

 ID única do documento: #0e78ff24-161f-4670-b07f-32f51a5d55ad

Hash do documento original (SHA256): f9cae994f75a8e7f99b7e352491de0f99e8712ac216f39ab0bd1393eb9b63d75

Este Log é exclusivo ao documento número #0e78ff24-161f-4670-b07f-32f51a5d55ad e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

---

## Assinaturas (1)

-  **Alan Pereira Manoel (Participante)**  
Assinou em 09/08/2021 às 15:55:53 (GMT -3:00)

---

## Histórico completo

Data e hora	Evento
09/08/2021 às 11:10:04 (GMT -3:00)	Lilian Oliveira Daniel solicitou as assinaturas.
09/08/2021 às 15:55:54 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.
09/08/2021 às 15:55:53 (GMT -3:00)	Alan Pereira Manoel (Autenticação: e-mail alanpmanoel@hotmail.com; IP: 179.49.214.10) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.